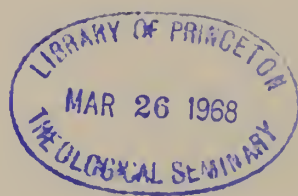
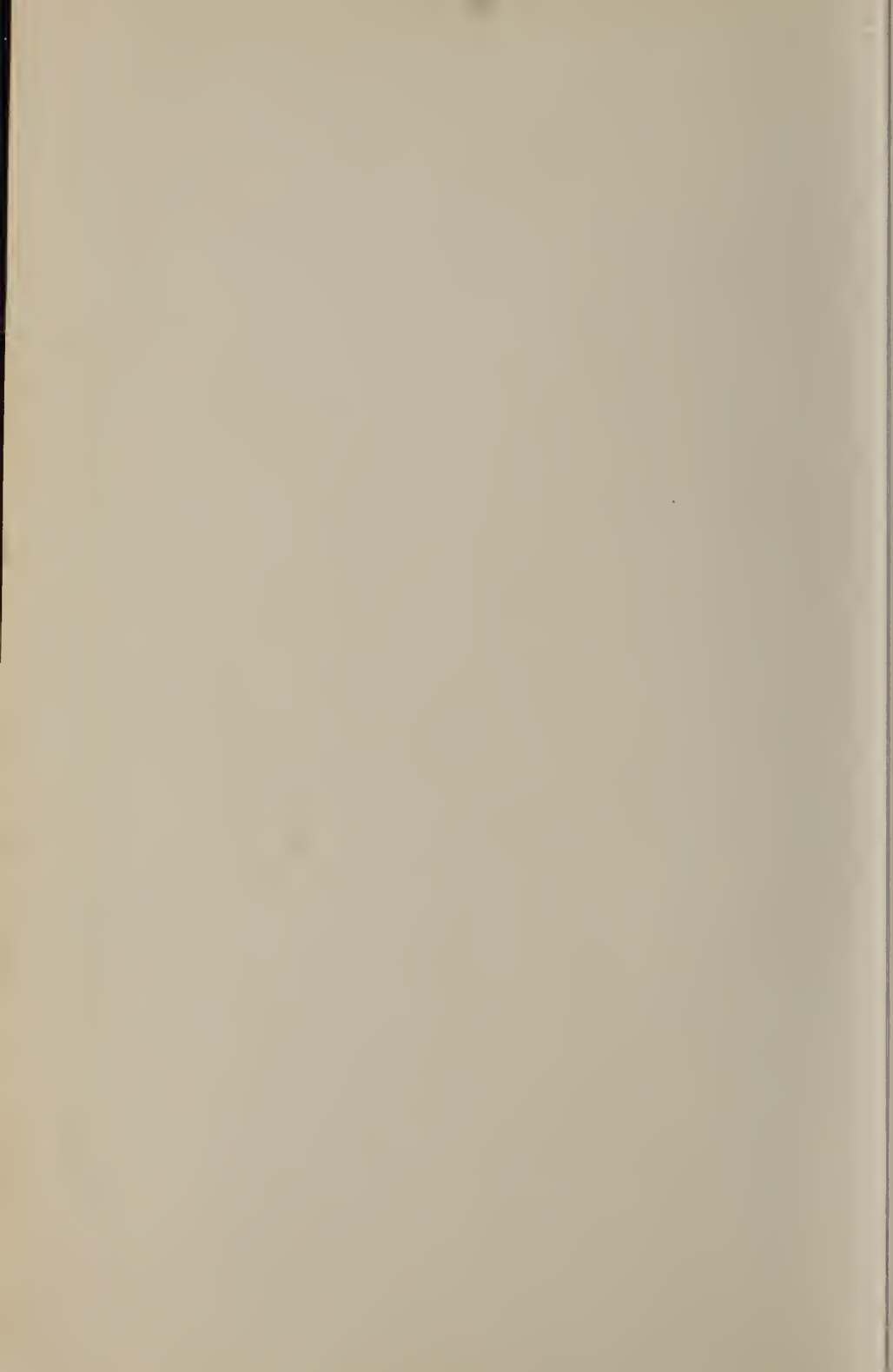
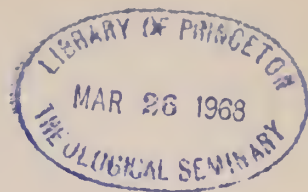
HISTÓRIA
DOS
BATISTAS DO BRASIL

até o ano
de 1906

A. R. CRABTREE

I VOLUME

HISTÓRIA DOS BATISTAS DO BRASIL

História dos Batitas do Brasil

até o ano de 1906

POR
A. R. CRABTREE
Doutor em Teologia e Lente no Seminário Teológico Batista
do Rio de Janeiro

2.ª edição

Êste livro foi escrito e publicado sob a direção do
Departamento de Estatística e História da
Casa Publicadora Batista do
Rio de Janeiro

1962
CASA PUBLICADORA BATISTA
Rua Paulo Fernandes, 24 (Praça da Bandeira)
Caixa 320 — Rio de Janeiro

Aos Amados Pioneiros
Missionários

William Buck Bagby

e

Anna Luther Bagby

em cuja personalidade, engrandecida por mais de meio século de serviço no Brasil, é fundido o espírito do amor, da fé e da esperança dos Batistas Brasileiros, esta história é carinhosamente dedicada.

Prefácio da Primeira Edição

A pedido do Departamento de História e Estatística da Casa Publicadora Batista, A. N. Mesquita e A. R. Crabtree aceitaram a incumbência de escrever uma história dos Batistas Brasileiros até o ano de 1935. Deu a Comissão aos autores tôda a liberdade de seguir o método que julgassem mais conveniente, pedindo-lhes apenas que limitassem a obra a um volume de 450 a 500 páginas no máximo.

Por sugestão do Dr. Mesquita, os autores dividiram o trabalho, cabendo a Crabtree os primórdios do trabalho até o ano de 1906, e a Mesquita do ano de 1907 até 1935.

Ultimados os manuscritos e apresentados à Comissão, reconheceu-se, desde logo, a dificuldade de sintetizar ainda mais e publicar sòmente um volume de 500 páginas. Com apreciação generosa do trabalho feito, a Comissão opinou pela publicação em dois volumes, para que o resumo, em um só volume, não tirasse o valor histórico da obra.

Trabalharam os dois autores independentemente, ficando cada um responsável perante a Comissão e perante os Batistas pela história do seu período. Mas trocaram idéias freqüentemente e o autor da primeira parte deseja registrar aqui o seu reconhecimento pelas boas sugestões que recebeu do Dr. Mesquita.

Quando se trata de um curto período da história de uma denominação num lugar limitado, é difícil avaliar a influência recíproca dessa denominação e os outros elementos complicados de cultura. Há pessoas que dizem que a religião pouco ou nada contribui para o progresso da civilização, mas os historiadores mais criteriosos reconhecem a influência dinâmica e benéfica da religião. Em nossa sociedade complexa o progresso ascendente da ciência tem uma influência poderosa na dissolução de instituições antigas e na formação de novas. O comércio, a educação, as artes e a literatura são elementos civilizadores que se tornam cada vez mais complicados. A religião não é meramente um dos elementos que contribuem para o desenvolvimento do estado social. É o elemento de

cultura humana que tem por fim unir todos os elementos de civilização na suprema vocação de realizar o verdadeiro fim espiritual da vida. Dêsse ponto de vista o cristianismo é totalitário e não o Estado.

Não podíamos, senão ligeiramente, relacionar o movimento batista com as muitas correntes de influência social do Brasil, mas procuramos averiguar quanto possível o valor das instituições batistas na sociedade brasileira para a transformação de pessoas e a modificação do seu ambiente social e espiritual.

Confessamos sem rebuços que o nosso ponto de vista é sectário no sentido de que é batista de convicção. Não poupamos esforços, todavia, para verificar até nos pormenores os fatos apresentados nestas páginas e esperamos que a interpretação dos fatos seja instrutiva e inspirativa. Cremos que na religião o melhor intérprete é o amor. Tentamos expôr fielmente os característicos inerentes da nossa fé. Se esta orientação às vêzes nos levou a fechar os olhos aos mal-entendidos e aos erros de ambição pessoal, ou a cobri-los com o manto de caridade, a nossa justificação é que tais coisas são obras da carne e não o fruto do Espírito, que são passageiras e na soberana providência divina pouco impedem a marcha do reino de Cristo. Quando não podíamos deixar de reconhecer a má influência dessas questões fizemo-lo no espírito de amor fraternal e para não melindrar pessoas cuja sinceridade e vida de serviço merecem a nossa magnanimidade e a gratidão batista.

O método de organizar o material, conquanto nos pareça conveniente, não agradará certamente a todos os nossos leitores. O capítulo introdutório é uma breve análise histórica das doutrinas distintivas dos batistas e portanto explica a origem dos batistas brasileiros do ponto de vista da nossa fé. Os capítulos I e II explicam o fundo histórico do movimento evangélico no Brasil; o III e o IV contam a história do início do movimento batista no Brasil; o V ao XXVII historiam as atividades dos batistas que cooperam com a Convenção Batista Brasileira; XXVIII e XXIX apresentam em resumo a história dos batistas alemães e letos. O último capítulo é breve resumo e perspectiva da Causa Batista em 1906.

A própria História divide-se nos seguintes períodos: Os Começos até 1889; O Período de Alongar as Cordas, *de* 1890 *a* 1895; O Período de Transição, *de* 1896

a 1900; O Período de Expansão, *de* 1901 *a* 1906. *No princípio de cada uma dessas divisões encontra-se um breve resumo das atividades do período. A pessoa que leia êsses capítulos em seguida terá uma idéia geral do movimento batista no Brasil nos primeiros* 25 *anos de sua história.*

Dentro dêsses períodos apresentamos o trabalho, campo por campo, porque cada um dos estados tem a sua história distinta, com seus problemas peculiares. Com esta organização do material o leitor pode escolher os capítulos que tratam do seu campo e ler a história contínua do princípio ao fim.

A história de cada campo é narrada cronològicamente, ano por ano. Os tópicos divisores se referem ao evento ou aos eventos mais notáveis do ano e não à narrativa inteira. Reconhecemos que êste sistema é um tanto arbitrário, mas as vantagens óbvias talvez o justifiquem.

Desejamos exprimir a nossa sincera gratidão às muitas pessoas que direta ou indiretamente cooperaram conosco no preparo desta história. A Casa Publicadora Batista nos tem ajudado de tôda maneira possível. Os diretores, Stover e Cowsert, nunca deixaram de atender a qualquer pedido para facilitar a nossa pesquisa e o progresso do nosso trabalho. Por muitos anos o Dr. Watson tem-se interessado em ajuntar tôda a qualidade de documentos de valor histórico, e desde a organização do Departamento de História e Estatística, D. Rosalie Appleby esforçou-se para aumentar de ano em ano êsse material histórico e arquivá-lo nos cofres da Casa Publicadora. Muito zelou pelo preparo da história dos batistas brasileiros e não descansou enquanto não foi escolhido quem fizesse o serviço. Releva mencionar a cooperação dos outros membros do Departamento e da Comissão de Livros, servindo o entusiasmo dela para que se levasse a têrmo a emprêsa.

D. Edelweiss Regeur e a Srta. Lúcia Pôrto, da Casa Publicadora, datilografaram o manuscrito, fazendo ligeiras revisões no português. O Sr. Moysés Silveira leu com cuidado a obra e muito nos ajudou na revisão final. D. Mabel Henderson Crabtree leu as provas.

É impossível mencionar todos os livros e documentos consultados em nossa pesquisa. Citamos apenas aquêles de mais valor: Evangelical Christianity in Bra-

zil, *pelo Dr. H. H. Muirhead, trata de todo o movimento evangélico no Brasil no período do Império.* The Republic of Brazil *da* World Dominion Survey Series *é um* Survey of the Religious Situation. História dos Batistas em Pernambuco, *pelo Dr. A. N. Mesquita;* História dos Batistas Alagoanos, *pelo missionário J. Mein e* Subsídios para a História dos Batistas do Campo Batista Fluminense, *pelo veterano Pastor J. Lessa, são todos de valor já reconhecido.* An Autobiography, *pelo pioneiro Z. C. Taylor, e* Reminiscences, 25 years in Victoria, Brazil, *por L. M. Reno, revelam o ambiente espiritual dos respectivos campos e épocas e apresentam muitos fatos e incidentes de interêsse histórico. Um manuscrito incompleto de D. Helena Bagby,* Biografia dos Pais, *contém informações que não se encontram em outras fontes. Alguns números de* As Boas Novas, Eco da Verdade, *e* A Nova Vida *nos forneceram material de valor. Lamentamos que não pudéssemos arranjar mais dêsses jornais dos tempos antigos.* The annuals of the Foreign Mission Board of the Southern Baptist Convention, The Foreign Mission Journal *e as cartas e os relatórios dos missionários dirigidos à Junta de Richmond, constituem a fonte mais rica da história batista brasileira até a fundação d'*O Jornal Batista *em* 1901. *Desde aquêle tempo* O Jornal Batista *é um tesouro, mas ainda não deixa de ser suplementado em muitas coisas pelos relatórios sucintos dos missionários, arquivados nos anais da Junta de Richmond. As Atas da Convenção Batista Brasileira vêm enriquecendo os nossos arquivos desde* 1907.

Uma carta que, a nosso pedido, nos escreveu o Dr. Joaquim Nogueira de Paranaguá, em 1925, *constituiu um valioso subsídio para a história dos batistas piauienses. Agradeço também as cartas dos missionários W. B. Bagby, A. E. Hayes, D. Ida Nelson e M. G. White, que por solicitação nossa, nos deram informações sôbre pontos duvidosos.*

Não podemos olvidar as entrevistas pessoais com W. B. Bagby, D. Anna Bagby, Thomaz Costa, A. L. Dunstan, Almeida Sobrinho, Florentino R. da Silva, A. B. Deter, F. de Miranda Pinto, Theodoro R. Teixeira, O. P. Maddox, José Francisco Paranaguá, D. Emma Paranaguá, H. H. Muirhead, R. Pitrowsky, D. Alice Reno e Almir Gonçalves. Êstes irmãos nos ajudaram na confirmação de fatos, mas principalmente com a

lembrança de personalidades, pois a memória é falível e nem sempre concorda com os documentos.

Agradeço a D. Rosalee Appleby, aos Drs. S. L. Watson, Avelino de Souza, H. H. Muirhead, F. de Miranda Pinto que leram o manuscrito e apresentaram valiosas sugestões. O Dr. W. C. Taylor, com a sua experiência de escritor, conhecimentos teológicos e vista de águia, leu cuidadosamente a obra e muito nos ajudou com a sua boa crítica.

Ninguém reconhece melhor que o autor as falhas desta história. Está entregue, contudo, ao público com uma fervorosa prece a Deus que sirva para aumentar a gratidão do nosso povo pelas vitórias alcançadas com a graça de Deus e que inspire a nova geração de batistas com a coragem de ser firme e constante, aplicando-se com o mesmo carinho e desvêlo dos pioneiros à evangelização do Brasil, sabendo que o seu trabalho não é vão no Senhor.

Prefácio da Segunda Edição

É verdadeiramente notável o progresso dos batistas do Brasil desde a publicação desta obra em 1937. *Com tôdas as suas esperanças radiantes do povo batista daquele tempo, teria sido além da sua imaginação o conclave da Aliança Batista Mundial no Rio de Janeiro no ano de* 1960, *com* 12.850 *mensageiros, representando* 67 *países do mundo. A eleição do Dr. João F. Sorem, o terceiro pastor da Primeira Igreja Batista do Rio, como Presidente da Aliança Batista Mundial é uma das maravilhas do progresso do Reino de Deus no mundo (Marcos* 4:26-29).

A leitura do prefácio da primeira edição do livro desperta recordações dos pioneiros batistas, missionários e brasileiros, que prestaram informações históricas sôbre as dificuldades, as lutas e as perseguições de batistas brasileiros nas primeiras décadas das suas atividades. Ao mesmo tempo êstes mensageiros do amor de Deus, da dignidade e do valor infinito do homem, dos princípios da democracia do Nôvo Testamento e da salvação dos homens pecaminosos pela graça de Deus mediante a fé em Cristo Jesus, se regozijavam com o acolhimento destas verdades eternas no espírito faminto e liberal de seus ouvintes. Os pioneiros, missionários e pastôres brasileiros, na sua grande maioria ainda viviam e trabalhavam quando o autor dedicava o seu tempo e o seu interêsse no ajuntamento de material para esta obra.

Apesar das imperfeições do livro, seria muito difícil examinar de nôvo as numerosas fontes da história, no esfôrço de melhorar ou modificar o método de apresentar a matéria. O livro foi escrito na ortografia antiga, e queremos agradecer ao Departamento de Livros o serviço de fazer as modificações necessárias.

Com o progresso dos batistas em quase todos os países do mundo, especialmente no Brasil, é a nossa esperança que a segunda edição desta história dos trabalhos abençoados dos nossos prodigiosos pioneiros ajude a nova geração dos crentes brasileiros a compreender a grandeza da obra que os seus antecessores lhes legaram.

A.R. Crabtree, 26 de julho de 1960

HISTÓRIA DOS BATISTAS DO BRASIL

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO

HERANÇA DOS BATISTAS

PARTE I

O FUNDO HISTÓRICO DO MOVIMENTO BATISTA NO BRASIL

CAPÍTULO I

O INFLUXO DE LIBERALISMO

CAPÍTULO II

O MOVIMENTO EVANGÉLICO NO BRASIL

PARTE II

A ATUAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NO INÍCIO DA OBRA BATISTA NO BRASIL

CAPÍTULO III

O CLAMOR MACEDÔNICO

CAPÍTULO IV

OBEDIENTES À VISÃO CELESTIAL

PARTE III

PRIMEIRO PERÍODO

CAPÍTULO V

COMEÇOS

CAPÍTULO IX

A MISSÃO BAIANA DE 1890 A 1895

CAPÍTULO X

A MISSÃO PERNAMBUCANA DE 1892 A 1895

CAPÍTULO XI

A MISSÃO DA ENTÃO CAPITAL FEDERAL DE 1890 A 1895

CAPÍTULO XII

AS MISSÕES MINEIRA E CAMPISTA DE 1890 A 1895

PARTE V

TERCEIRO PERÍODO

CAPÍTULO XIII

PERÍODO DE TRANSIÇÃO

CAPÍTULO XIV

O CAMPO PERNAMBUCANO, 1896 A 1900

CAPÍTULO XV

O CAMPO BAIANO DE 1896 A 1900

CAPÍTULO XVI

A MISSÃO DO RIO, 1896 A 1900

CAPÍTULO XVII

ESTADO DO RIO, 1896 A 1900

PARTE VI

QUARTO PERÍODO

CAPÍTULO XVIII

O PERÍODO DE EXPANSÃO, 1901 A 1906

CAPÍTULO XIX

O VALE DO AMAZONAS ATÉ 1906

CAPÍTULO XX

O CAMPO PIAUIENSE ATÉ 1906

CAPÍTULO XXI

O CAMPO PERNAMBUCANO — 1901 A 1906

CAPÍTULO XXII

O CAMPO ALAGOANO — 1901 A 1906

CAPÍTULO XXIII

CAMPO BAIANO — 1901 A 1906

CAPÍTULO XXIV

O CAMPO VITORIENSE ATÉ 1906

CAPÍTULO XXV

O ENTÃO CAMPO FEDERAL DE 1901 A 1906

CAPÍTULO XXVI

ESTADO DO RIO DE 1901 A 1906

CAPÍTULO XXVII

O CAMPO PAULISTANO ATÉ 1906

P A R T E VII

BATISTAS ALEMÃES E LETOS

CAPÍTULO XXVIII

RESUMO DA HISTÓRIA DOS BATISTAS ALEMÃES NO BRASIL

CAPÍTULO XXIX

OS BATISTAS LETOS NO BRASIL

CONCLUSÃO

CAPÍTULO XXX

PERSPECTIVA

INTRODUÇÃO

HERANÇA DOS BATISTAS

Os batistas brasileiros mantêm com dignidade o nome que lhes legaram os seus antecessores. Pela sua experiência fervorosa da graça salvadora de Cristo, pelo seu amor natural à Palavra de Deus e pela sua fidelidade à liberdade religiosa, revelam a sua fraternidade entranhável com os batistas de todos os países e de tôdas as épocas, desde os tempos apostólicos até o presente.

DOUTRINAS DISTINTIVAS DOS BATISTAS

O leitor encontrará nesta história diversos exemplos de pessoas que pela leitura da Bíblia foram convertidas e pelo estudo livre do Nôvo Testamento formaram as suas convicções batistas, sem qualquer orientação de fora e mesmo sem saber da existência do povo batista.

Esta experiência religiosa não é peculiar ao povo brasileiro. É batìsticamente típica de tôdas as nacionalidades.

A Sra. Udvarnoki, espôsa do presidente do Seminário Batista de Budapest, contou experiência semelhante ao Dr. J. H. Rushbrooke. [1] Ela descobrira pela leitura do N. Testamento que os crentes nos tempos apostólicos revelavam convicção profunda duma relação pessoal com o Senhor Jesus Cristo; que todos tiveram a experiência de transformação espiritual pelo poder da graça divina; que se sentiam irmãos nas suas relações uns com os outros e assìduamente davam testemunho aos outros da sua experiência preciosa. A Sra. Udvarnoki declarou que sem conhecer tais pessoas nas suas relações sociais ela resolvera orientar a vida pelo Nôvo Testamento ainda que viesse a ser a única pessoa no mundo que o fizesse. Passaram-se alguns anos e ela soube que um pregador da religião bíblica se achava na cidade. Procurou o homem que era o batista Heinrich Meyer, pioneiro da Hungria, fêz a sua profissão de fé e foi uma das primeiras pessoas batizadas por êle.

O Sr. Voronin, o primeiro batista russo, foi convertido e suas convicções estabelecidas pelo estudo do N. Testamento antes de saber alguma coisa da existência de um povo que mantinha os princípios batistas. [2]

---

(1) **The Review and Expositor** de outubro de 1933.
(2) **The Review and Expositor** de outubro de 1933.

Sören Bölle, o primeiro batista da Noruega, quando levado diante do magistrado, porque tinha batizado bìblicamente alguns crentes, declarou: "Eu confesso que nenhuma pessoa me instruiu nesta questão. Nem segui as palavras e o exemplo de outras pessoas, mas fui ensinado por Deus pelo dom do Espírito, e creio agora que só o discípulo de Cristo deve ser batizado. Quanto ao batismo infantil, o meu coração se regozijaria se alguém me pudesse mostrar da Bíblia uma palavra sequer a respeito, porque os nossos atos e as nossas palavras devem concordar com as Escrituras.

Eu não posso fazer coisa alguma sem o apoio das Escrituras, porque algum dia elas me julgarão." ([3])

A COMPETÊNCIA DA ALMA NA RELIGIÃO

Seria fácil citar muitos casos semelhantes de todos os países onde o povo tem o privilégio de estudar sem preconceitos o Nôvo Testamento.

Esta experiência espiritual em resposta ao apêlo do Senhor Jesus Cristo como êle se apresenta a si mesmo nas Escrituras; esta competência da alma de chegar diretamente ao Salvador e de receber dêle a salvação pessoal sem intermediário de espécie alguma; êste reconhecimento da autoridade absoluta de Jesus na vida espiritual; é o princípio distintivo do povo batista. Tôdas as doutrinas que os distinguem de outros grupos religiosos são provenientes do princípio da competência da alma na religião sob a autoridade de Deus.

A competência da alma significa a responsabilidade pessoal diante de Deus. Nem os pais, nem os amigos, nem o govêrno, nem o pastor, nem o padre, nem a igreja, tem o direito de obrigar a quem quer que seja na religião. A competência pessoal significa a liberdade de escolher, a liberdade de ler e interpretar a Bíblia, a liberdade de chegar em adoração e serviço ao trono de Deus, e até a liberdade de renunciar a Deus e morrer. O Onipotente respeita a livre vontade do homem e certamente êle não entrega a qualquer indivíduo ou grupo de indivíduos a autoridade de violar a consciência da criatura feita à imagem divina.

Sempre zelavam os batistas pela liberdade de consciência. Na Reforma outros evangélicos lutavam para ganhar a liberdade para si e quando galgaram posições de autoridade civil tornaram-se logo em seguida perseguidores fanáticos de todos que não concordassem com êles. Desde o princípio os batistas eram os verdadeiros intérpretes da Reforma, mantendo assìduamente o princípio de voluntariedade na religião, zelando pela liberdade

(3) P. Stiansen: **History of the Baptists in Norway**, pág. 32.

do judeu, do ateu, do batista e de todos os demais, por princípio e não por conveniência própria. Sofreram impiedosamente às mãos dos grupos evangélicos que hoje em dia se regozijam com os batistas na proclamação dêste princípio que venceu pelo sacrifício, esfôrço e sangue batista. Muito perseguidos nunca mancharam o seu nome com a perseguição a outros.

É por êste mesmo motivo que os batistas têm sido campeões da doutrina da separação da Igreja do Estado, não por conveniência, mas pela coerência com os seus princípios. A liberdade completa de consciência baseia-se naturalmente na voluntariedade em religião. O Estado pode fazer mártires, hipócritas e ateus, mas nunca pode, pelo poder civil, constranger a consciência do crente livre, nem fazer de herejes e ateus crentes ortodoxos.

A ÚNICA REGRA DE FÉ E PRÁTICA PARA OS BATISTAS É O NÔVO TESTAMENTO

Nota-se que a experiência de salvação que o crente realiza na sua relação pessoal com Cristo nasce da operação direta do Espírito Santo na consciência. Reconhecemos que a chamada divina vem ao coração do pecador por muitos meios, mas é sempre a mensagem de Cristo como êle a apresenta no Nôvo Testamento, e nos casos citados a chamada veio pela leitura da Palavra de Deus. Os batistas, como nenhuma outra denominação, aceitam o Nôvo Testamento como seu único credo para a orientação da fé e da vida eclesiástica, social e espiritual. O Velho Testamento é também a Palavra de Deus, mas foi típica e completamente cumprido no Nôvo Concêrto. Foi o aio para nos levar a Cristo.

Todos os seus princípios de aplicação eterna e universal são conservados no Nôvo Testamento. Cristo é o único Mestre e o único Senhor da consciência cristã. As leis da igreja se apresentam no Nôvo Testamento e não no Antigo. Esta distinção é relevante e é feita sòmente pelos batistas. A igreja cristã, com suas ordenanças, foi fundada por Cristo e não por Abraão. Não temos nenhum direito de mudar ou de modificar coisa alguma que Cristo ordenou, e depois procurou justificar tais mudanças por certos ensinos e instituições do Antigo Concêrto. Não há coisa alguma no Nôvo Testamento que indique por exemplo que o batismo viesse tomar o lugar da circuncisão.

O Nôvo Testamento é autoridade suprema, eternamente viva e suficiente, para a vida cristã. Os batistas não ficam embaraçados por credos antiquados, formulados em outros tempos. É verdade que o cristianismo está firmemente arraigado na história e que os seus princípios são dinâmicos e eternamente aplicáveis.

Mas êstes princípios tão compreensíveis são imperfeitamente apropriados e conservados na vida. O padrão é tão perfeito e o ideal é tão alto que nenhum grupo de cristãos, dos mais profundos intérpretes, é capaz de sondar todos os ensinos do Nôvo Testamento e formular um credo cristão que seja satisfatório para tôdas as pessoas das gerações futuras. O famoso credo de Westminster, tão autoritário para os presbiterianos, já foi emendado pelo menos duas vêzes para incluir artigos sôbre missões e o Espírito Santo e ainda é fraco na compreensão do amor de Deus, a menos que tenha sido emendado neste sentido nos últimos anos. Por que beber da corrente contaminada por preconceitos denominacionais, quando temos acesso à fonte límpida e cristalina do Nôvo Testamento?

Uma declaração de fé tem o seu valor, sem dúvida, mas um credo autoritário é perigoso. Um grupo de batistas, demasiadamente influenciado pela confissão de Westminster, exagerou a doutrina de predestinação até o ponto de pensar que não tinham nenhuma responsabilidade de evangelizar o mundo. O batista, William Carey, com a Bíblia na mão, entendeu a mensagem missionária e acordou não sòmente os batistas como também os outros evangélicos para compreender um dos ensinos fundamentais do cristianismo. Tôdas as grandes reformas religiosas basearam-se em novos e mais acurados estudos do Nôvo Testamento.

A IGREJA

A igreja é composta de pessoas regeneradas, com direitos e privilégios iguais, que reconheçam a autoridade absoluta de Jesus Cristo na administração de todos os seus negócios.

Como diz o Dr. W. C. Taylor: "Os batistas são os menos sacramentalistas de todos os povos cristãos, com a exceção dos *quakers* ('A Sociedade de Amigos'), que não praticam rito nenhum. [4] A justificação é pela fé e não pelo batismo. A igreja é uma organização para os salvos, pessoas regeneradas que recebam a sua comissão de Cristo. Uma igreja batista aceita membros sòmente na condição de uma profissão de fé em Cristo como Salvador. Professam que já foram salvos pela graça de Deus e seu batismo é a ordenança de entrada na Igreja, uma declaração pública de fé, do convertido, da sua morte ao pecado, do sepultamento simbólico com Cristo e da sua ressurreição simbólica para andar em novidade de vida." O Dr. Taylor diz muito bem: "O batismo não salva o pecador, mas salva o Evangelho. Onde se conserva e se entende o batismo bíblico, conserva-se o Evan-

(4) Batismo Bíblico, pág. 234.

gelho na sua pureza. Mas onde o batismo degenera na superstição ou comodismo, o Evangelho se perverte e se perde. É o testemunho da voz da história." O batismo de crianças inconscientes é incoerente e irreconciliável com a doutrina da justificação pela fé. Enche a igreja de pessoas não regeneradas e derruba a distinção entre a igreja e o mundo.

Todos os membros de uma igreja batista gozam dos mesmos privilégios e direitos. O seu govêrno é pura democracia. Não há distinção entre pastôres e os membros quanto à autoridade eclesiástica. Não há hierarquia na igreja batista. A influência de um membro depende da sua capacidade, cultura e espiritualidade. É a igreja e não o pastor que tem a última palavra na solução de qualquer problema. (5)

Tôdas as igrejas batistas são autônomas e, portanto, independentes de tôdas as demais. Nenhuma associação, assembléia, convenção ou junta pode impor a sua autoridade à igreja local. Estas organizações são compostas de mensageiros das igrejas que cooperam nas obras de evangelização, instrução, beneficência e missões.

As igrejas batistas escolhem os seus pastôres e diáconos, os únicos oficiais reconhecidos no Nôvo Testamento.

ANTECESSORES

Como os seguidores de Cristo foram chamados cristãos por zombadores, assim também o povo da nossa fé foi chamado *batista* pelos seus oponentes, porque rejeitou o batismo infantil. Como o nome cristão, embora inadequado, assim também o nome batista, igualmente inadequado, pegou e tornou-se título de honra. O povo desta fé é mais antigo do que o seu nome histórico, por que é da mesma fé e ordem dos cristãos do Nôvo Testamento. As igrejas apostólicas eram verdadeiramente batistas, porque constavam sòmente de *crentes batizados,* porque eram democráticas, e porque respeitavam a consciência e a responsabilidade pessoal. É justamente por esta razão que o Nôvo Testamento é tão poderoso na criação de igrejas batistas.

ORIGEM E INDEPENDÊNCIA DA IGREJA CRISTÃ

Jesus falou muito do reino de Deus, mas apenas duas vêzes da igreja. Êle veio fundar o reino messiânico na vida humana. A participação nas bênçãos do reino é o mais alto privilégio do homem. No sermão da montanha Jesus descreve os característicos dos súditos do reino. O reino é espiritual e invisível. A

(5) Precisa-se distinguir entre autoridade eclesiástica e autoridade profética. Como profeta o pastor tem tôda a autoridade que Deus lhe concede.

igreja é uma organização visível e corpórea estabelecida por Cristo e encarregada da missão de estender o reino no mundo. Esta distinção entre o reino e a igreja é revelante e fundamental.

Os crentes agregados de Jerusalém eram por merecimento judeus e não viram no princípio nenhuma inconveniência em guardar as leis ordenadas por Moisés. Os passos na compreensão mais clara do Evangelho e na separação conseqüente do cristianismo e judaísmo são notados no livro de Atos — a multiplicação dos crentes em Jerusalém; a murmuração das viúvas helênicas e a eleição de diáconos; a pregação de Estêvão e seu martírio; a grande perseguição pelos judeus não crentes e a conseqüente difusão do Evangelho; a evangelização dos samaritanos, do eunuco e de alguns gentios; a conversão do tarsiano e a sua chamada para levar o Evangelho aos gentios; a visão de Pedro e a conversão de Cornélio; a obra missionária de Paulo e Barnabé; o chamado "concílio" de Jerusalém.

O espírito missionário dos seguidores de Cristo, a sua liberdade e democracia, o reconhecimento da autoridade universal de Cristo e da suficiência da graça salvadora oferecida por êle, são os fatôres que determinaram a independência espiritual dos cristãos e tornaram inevitável a sua separação orgânica do judaísmo.

AS IGREJAS DO NÔVO TESTAMENTO

Um estudo cuidadoso e livre de preconceitos das igrejas apostólicas convencerá qualquer pessoa de que elas eram essencialmente da mesma fé e ordem das igrejas batistas de nossos dias. Eis as provas:

As igrejas do Nôvo Testamento constavam sòmente de pessoas crentes, regeneradas e batizadas sob a profissão pessoal de fé em Cristo. É certo que João Batista e Jesus fizeram discípulos antes de batizá-los (João 4:1). Jesus mandou que nós também fizéssemos discípulos antes de batizá-los (Mat. 28:18). Vêde Atos 2:47; 5:14; I Cor. 6:11; Ef. 2:1 e notai também que tôdas as epístolas foram dirigidas a igrejas de crentes.

Não há nenhuma prova sequer em todo o Nôvo Testamento de que o batismo fôsse administrado a qualquer pessoa que não fizera a profissão voluntária de fé no Salvador. A inferência dos pedobatistas de que foram recebidas e batizadas crianças inconscientes nas igrejas baseia-se em dois erros — primeiro, que a igreja cristã é essencialmente idêntica à do Velho Testamento e que o batismo tomou o lugar da circuncisão; segundo, que havia crianças inconscientes em várias famílias do Nôvo Testamento que receberam o batismo.

Eis como o Dr. Taylor fulmina o primeiro êrro: 1. "A premissa fundamental do êrro pedobatista e aspersionista é identificar duas coisas inconfundíveis — a dispensação da Lei e a do Evangelho, o regime cerimonial e o de adoração em espírito e verdade, a assembléia teocrática do povo de Israel e as igrejas do N. Testamento, os direitos nacionais dos que nascem da carne e as prerrogativas espirituais dos que nascem de nôvo, os ritos ordenados por Moisés e os que Cristo estabeleceu. Ter esta premissa como guia da investigação da Bíblia é botar o poderoso ímã do êrro ao lado da bússola da vida e desviar-se cada vez mais da rota da verdade." (6)

Basta dizer quanto ao segundo êrro, que a inferência é inteiramente gratuita e embrulhada nas premissas falsas de fé vicária e que só os adultos podem crer. Se houvesse crianças naquelas famílias, casas ou grupos, eram capazes de crer por si em Cristo como Salvador, porque em todos os casos mencionados é declarado implícita ou explìcitamente que todos ouviram a palavra e creram antes de serem batizados.

2. Eram democráticas as igrejas do Nôvo Testamento. Administravam os seus negócios e não havia nenhuma autoridade eclesiástica que pudessem revogar a decisão de uma igreja. "Se êle recusar ouvi-los, dize-o à igreja; e se também recusar ouvir à igreja, considera-o como gentio e publicano" (Mat. 18:17). Veja também I Cor. 5:3-5; Atos 15:22; II Cor. 8:19.

Receberam membros (Rom. 14:1). Os convertidos uniram-se à igreja a fim de gozar dos privilégios de fraternidade, culto e serviço, e era naturalmente a igreja que julgava se o candidato para o batismo estava em condições de gozar dos privilégios e aceitar as responsabilidades de cooperar no desempenho da missão da igreja. Esta responsabilidade, como o govêrno pelo voto da maioria, é inerente na democracia.

Apartavam-se de qualquer irmão que andasse desordenadamente (II Tess. 3:6).

Restauraram os desviados que se arrependeram (Gál. 6:1).

Elegeram os seus pastôres e diáconos (Atos 6:5; 14:23). O vocábulo *eleger, cheirotoneo,* em Atos 14:23, significa estender a mão (*cheir,* mão e *teino,* estender). Evidentemente os membros votaram pelo modo de estender a mão. Não existe distinção entre o *clero* e *leigos* quanto à autoridade no govêrno da igreja. Não se atribui aos pastôres e diáconos nenhuma função sacerdotal que não pertença igualmente a todos os crentes (Luc. 22:25, 26; Mat. 28:8, 9; Atos 20:28; I Tess. 5:12). O vocábulo *sôbre* da versão brasileira em Atos 20:28 e I Tess. 5:12 é incor-

(6) **Batismo Bíblico,** pág. 69.

reto e significa no original *entre* como se encontra na versão americana revisada. Os bispos ou pastôres se achavam *entre* os rebanhos e não *sôbre* êles.

3. As igrejas do Nôvo Testamento respeitavam a consciência pessoal desde a declaração memorável dos apóstolos Pedro e João: "Se é justo diante de Deus ouvir-vos a vós antes do que a Deus, julgai-o vós, pois nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos" (Atos 4:19). "Mas Pedro e os apóstolos responderam: "Importa antes obedecer a Deus que aos homens" (Atos 5:29). Todos os apelos da religião cristã são dirigidos diretamente à consciência individual e não há nenhum caso em todo Nôvo Testamento de uma pessoa sequer cuja liberdade fôsse cerceada, tolhida ou limitada por qualquer autoridade eclesiástica. (7) Deus mesmo não obriga a vontade livre do homem.

Se a forma democrática do govêrno da igreja e a liberdade de consciência não fôssem claramente determinadas em o Nôvo Testamento, os batistas ainda se sentiriam justificados em manter a sua democracia porque é consentânea com o espírito do cristianismo e o amor inato da liberdade humana.

REFORMADORES

A sucessão apostólica dos batistas não depende da continuação ininterrupta de igrejas batistas desde o tempo apostólico até o presente, mas sim da aceitação e da prática das doutrinas e princípios apostólicos. Erros e corrupção surgiram bem cedo nas igrejas. A interpretação falsa do pecado original levantou dúvidas sôbre a salvação daqueles que morreram na infância e a idéia pagã de sacramentos mágicos ao invés de ordenanças simbólicas abriu o caminho para a doutrina de salvação por batismo. O batismo infantil surgiu destas superstições e resultou na introdução de multidões de incrédulos nas igrejas. O sacerdotalismo usurpou a autoridade e as prerrogativas do Salvador e a "Igreja Católica" afastou-se tanto da norma das igrejas do Nôvo Testamento que parece ser uma religião quase inteiramente diferente da fé pessoal e espiritual do Nôvo Testamento.

Não obstante esta degenerescência geral, havia sempre grupos de cristãos fiéis que zelavam pela simplicidade e pureza do evangelho e procuravam orientar-se pelos ensinos do Nôvo Testamento. Persistentemente perseguidos encontraram muitas dificuldades em manter igrejas e propagar a sua fé nas épocas

---

(7) Há apelos baseados em decisões feitas por igrejas.

escuras do domínio do romantismo. Mas encontramos nas doutrinas de muitos dêsses grupos de reformadores, desde os montanistas do segundo século até os waldenses e anabatistas, doutrinas fundamentais e elementos preciosos do nosso testemunho batista.

BATISTAS INGLÊSES

Documentos indubitáveis estabelecem a prova de uma sucessão ininterrupta de igrejas batistas desde o ano de 1610. Declara o historiador Vedder: "Desde o ano de 1641, no máximo, a doutrina e prática batistas têm sido as mesmas, em todos os rasgos essenciais, que são na atualidade." ([8])

John Smyth, nos seus estudos independentes do Nôvo Testamento gradualmente chegou a compreender e abraçar os princípios batistas. Pelo seu preparo intelectual e a fôrça da sua personalidade êle preparou o caminho para a organização de igrejas batistas em condições de vencer tôdas as dificuldades, triunfar sôbre a perseguição e manter contra tôda a oposição os preciosos princípios da nossa fé.

O primeiro problema que ocupou a sua atenção foi o seguinte: "Quais são as pessoas que devem ser membros de uma igreja?" Chegou a compreender que é contrário às Escrituras contar todos os residentes de uma paróquia, apesar das suas qualificações religiosas, como membros de uma igreja verdadeira. Muitos que foram contados como membros da igreja estadual não tinham experiência alguma da graça salvadora de Cristo. Smyth aceitou o pastorado de uma igreja separatista em Gainsborough. Ainda não era batista, mas já entendia que a autoridade civil e a autoridade eclesiástica não podiam constituir uma igreja espiritual. A regeneração dos membros é fundamentalmente essencial.

A Igreja de Gainsborough foi perseguida porque pregou êste princípio de membros regenerados e foram obrigados a emigrarem para a Holanda, onde Smyth continuou os seus estudos e chegou à conclusão seguinte: se a igreja é composta sòmente de crentes, o batismo infantil é ilógico e absurdo. Examinaram as Escrituras e acharam que não havia nenhum ensino ou prática na igreja primitiva que justificasse o batismo de pessoas inconscientes, sob a profissão de fé por procuração ou de padrinhos. Uma igreja bíblica é de membros regenerados e batizados sob a confissão pessoal de fé no Salvador.

---

(8) **Breve História dos Batistas**, pág. 225. Veja-se também **A Enciclopédia Britânica.**

A igreja então abraçou lògicamente a doutrina da liberdade de consciência, doutrina característica dos batistas através da história, porque surge diretamente da relação pessoal do crente com o Senhor Jesus Cristo. Sôbre êste ponto, Smyth declarou: "O magistrado não pode em virtude da sua autoridade civil intervir na religião ou interpor a sua autoridade nas questões da consciência para obrigar os homens pelo poder civil a abraçarem esta ou aquela forma de religião ou doutrina, mas deve deixar livre a religião cristã à consciência de todos os homens... pois Cristo é o único Rei e autoridade para a igreja e para a consciência." (9)

John Smyth, Thomas Helwys e mais 36 pessoas organizaram a primeira igreja composta de inglêses e distinguida pelo princípio de aceitar como membros sòmente pessoas batizadas sob a profissão pessoal de fé. Esta igreja foi organizada na Holanda.

Depois da morte de Smyth, Thomas Helwys, John Murton e outros membros voltaram à Inglaterra e provàvelmente em 1611 organizaram a primeira igreja batista no solo inglês. É significativo que foi organizada no mesmo ano da publicação da mais famosa versão da Bíblia em inglês, embora sem qualquer conexão com êste evento.

A questão do batismo bíblico foi gradualmente esclarecida, porque, embora importante, não era e não é o princípio formativo dos batistas, como querem pensar alguns dos nossos amigos pedobatistas. A competência da alma sob a autoridade soberana de Cristo nas Escrituras é a bússola da fé batista. A primeira confissão de fé dos batistas inglêses foi publicada em 1644 e a segunda em 1654 nas quais ficaram bem esclarecidos os nossos princípios.

A igreja separatista organizada por Henry Jacob, em 1616, dividiu-se em 1633 e no mesmo ano 16 membros dum dos grupos organizaram a primeira igreja batista particular ou calvinista. Os dois grupos de batistas inglêses surgiram independentes um do outro, e assim continuaram por muitos anos, mas os dois grupos zelavam pelos mesmos princípios que são distintivamente batistas.

OS BATISTAS NORTE-AMERICANOS

Roger Williams chegou a Boston em 1631 em busca de liberdade religiosa, mas encontrou nos puritanos da Nova Inglaterra a mesma intolerância de que tinha fugido na Inglaterra.

---

(9) Dr. J. H. Rushbrooke: **Review and Expositor** de out. de 1933 citado da **A History of British Baptists,** por W. T. Whitley.

A primeira doutrina dos congregacionalistas que êle atacou foi o princípio de uma igreja oficial do Estado. Êle defendeu a liberdade de consciência, *soul-liberty,* no terreno natural como no bíblico. Contra a vontade das autoridades de Massachusetts a Igreja de Salem, apreciando a eloqüência e o zêlo de Williams, chamou-o para seu pastor. As autoridades iniciaram contra êle uma perseguição e para evitar perturbações, êle se ausentou de Salem por algum tempo, mas logo que voltou como pastor da igreja, foi prêso, julgado pelo tribunal de Boston e, em 1635, condenado a destêrro, por *ter levantado e propagado novas e perigosas opiniões contra a autoridade dos magistrados.* Foi acusado de ter pregado: "Que o magistrado não deve punir a infração da primeira tabela, a não ser em caso que se perturbe a paz civil." (10) Na primeira tabela constavam as leis que se referem ao culto divino.

Desterrado, Williams fundou em 1636 uma colônia em Rhode Island a qual chamou *Providence.* Em 1638 os fundadores da colônia assinaram o seguinte pacto: "Nós, cujos nomes estão abaixo assinados, querendo habitar na cidade de Providence, prometemos submeter-nos em obediência ativa e passiva a tôdas as ordens ou agências que se estabelecerão para o bem público da corporação, da ordem, pelo consentimento da maioria dos habitantes presentes, chefes de famílias, incorporados na municipalidade, e tais outros, que serão admitidos na mesma, *sòmente em coisas civis."* (10)

O princípio da liberdade religiosa vigorosamente sustentado por Williams e sua colônia foi finalmente incorporado na carta real por Charles II, em 1663: "A nossa vontade e prazer real é que nenhuma pessoa dentro da dita colônia, em nenhum tempo daqui em diante, seja de alguma maneira molestada, punida, afligida ou chamada a juízo por qualquer diferença de opinião em matéria religiosa, e que não se perturbe atualmente a paz civil da dita colônia." (10) Êste foi o primeiro govêrno do mundo fundado sôbre o princípio da liberdade religiosa.

Continuando os seus estudos, Williams ficou convencido da doutrina bíblica do batismo e em 1639 foi batizado por Ezekiel Holliman e em seguida, êle batizou mais dez pessoas e organizou a primeira igreja batista na terra americana.

John Clark, um médico de Londres, chegou a Boston em 1637. Era homem religioso, conhecedor de hebraico e grego e teólogo de renome. Na ocasião da sua chegada, o povo de Boston estava muito agitado pelos ataques de Mrs. Anne Hutchinson contra a autoridade do clero no govêrno teocrático da colônia.

---

(10) Vedder: **Breve História dos Batistas,** págs. 324 e 325.

Com a eleição do governador Winthrop, Mrs. Hutchinson e vários outros foram banidos da colônia. O Sr. Clark aliou-se com os desterrados e fundou uma colônia dos foragidos na ilha de Aquidnek, Rhode Island. Em 1648 já existia uma igreja batista em Newport, mas não há dúvida de que Clarke tinha pregado ao povo doutrinas batistas por alguns anos. Desde o princípio a colônia gozava de liberdade religiosa e um documento publicado em 1641 declara que foi: "Ordenado que ninguém fôsse considerado delinqüente por motivo de doutrina, com a condição de que não seja repugnante diretamente ao govêrno ou às leis estabelecidas." Com muita persistência e esfôrço, Clark obteve, em 1663, de Charles II a carta patente, de que já falamos, que garantiu para a colônia de Rhode Island a liberdade civil e religiosa. "Foi êle o batista mais preeminente do seu tempo em New England, e o seu nome merece um lugar de honra na galeria dos homens célebres." ([11])

Multiplicavam-se lentamente igrejas batistas em tôdas as colônias americanas, surgindo, às vêzes, espontâneamente e independentemente de tôdas as outras igrejas da mesma fé e ordem. A imigração de batistas zelosos da Inglaterra contribuiu para o progresso do nôvo movimento. Um grupo de igrejas fortes, nas imediações da cidade de Filadélfia, com as suas reuniões freqüentes despertou muito interêsse. Pregadores pioneiros fizeram grandes sacrifícios para viajar, pregar e organizar novas igrejas. O grande avivamento religioso iniciado pelo presbiteriano Jonathan Edwards, e promovido pelo fundador do metodismo, John Wesley, e pelo grande evangelista George Whitefield, concorreu para o progresso dos batistas. O serviço extraordinário dos batistas em prol da independência americana e da fundação do govêrno tão harmonioso com os seus princípios, preparou o ambiente favorável para o seu progresso. Com a liberdade civil o povo chegou a entender a tirania e a vergonha da perseguição religiosa. Mas não devemos esquecer a assiduidade dos batistas na evangelização, o heroísmo e o sacrifício dos pregadores ambulantes, muitos dos quais deram uma parte, se não tôda, de sua vida à obra missionária e para o seu sustento confiavam no povo por êles evangelizado, emulando assim o exemplo do apóstolo Paulo.

Em 1673, 34 anos depois da organização da primeira igreja batista no solo americano, havia 975 batistas numa população de 160.000; em 1701, havia 1.500 numa população de 297.000; em 1750, havia 4.200 numa população de 1.161.000; em 1800, havia 100.000 numa população de 5.308.000; em 1850, havia 850.000 numa população de 23.192.000; em 1900, havia 4.635.719 numa

(11) Vedder: **Breve História dos Batistas,** págs. 328 e 331.

população de 75.994.576; em 1930, numa população total de 122.800.000, havia 9.200.000 batistas.

TRIUNFOS DOS PRINCÍPIOS BATISTAS

Para informações dos leitores que de quando em quando ouvem a crítica de que os batistas são um povo "intolerante, insensato, ilógico e cabeçudo", apresentamos em resumo algumas das suas contribuições para o progresso do reino de Deus e da civilização.

I. NA CAUSA DA LIBERDADE

1. Roger Williams fundou o primeiro govêrno do mundo cujo princípio fundamental foi a liberdade religiosa absoluta.

2. John Clark conseguiu obter de Charles II em 1663 a carta patente para a colônia de Rhode Island, documento que garantiu a liberdade religiosa.

3. O serviço dos batistas do Estado de Virgínia é contado por uma autoridade insuspeita: "O êxito dos batistas de Virgínia em conseguir passo por passo, a abolição de tudo que cheirava à opressão religiosa, envolvendo o desarraigamento da igreja episcopal, cortando a subvenção da Igreja pelo Estado, foi devido em parte ao fato de que os batistas de Virgínia se achavam entre os primeiros que zelavam pela independência americana, e que êles conseguiram a cooperação de estadistas independentes como Thomas Jefferson e James Madison e, em muitos casos, a dos presbiterianos." ([12]) Cumpre acrescentar, que enquanto apreciamos o auxílio dos presbiterianos, devemos reconhecer que foi dado, não por princípio mas por conveniência própria, porque êles sempre mantêm, *onde puderem,* as suas igrejas estaduais. Quando êles não podem dominar, preferem a liberdade para todos.

4. O artigo VI da Constituição Americana sôbre a liberdade religiosa foi introduzido pelo esfôrço unido dos batistas em 1789 ([13])

5. A primeira emenda da Constituição Americana, garantindo a liberdade de livre discussão (*Liberty of Speech*), liberdade religiosa e direito de petição, foi adotada em grande parte pela atividade incansável dos batistas. Êles tomaram a iniciativa numa carta dirigida a Washington e um mês depois a emenda foi apresentada por Madison com o apoio de Washington. ([13])

Washington escreveu a seguinte carta aos batistas: "Eu me

---

(12) Enciclopédia Britânica, **in loco.**
(13) Dr. Geo. McDaniel: **The People Called Baptists,** págs. 14, 21, 155.

recordo com satisfação de que as sociedades religiosas das quais vós sois membros, em tôda a parte da América eram uniformemente e quase que unânimemente os amigos firmes da liberdade civil e promotores da nossa gloriosa revolução." ([13])

Na ocasião de um banquete em Londres, o estadista inglês, John Bright, perguntou ao diplomata americano, J. L. M. Curry, assentado ao seu lado: "Qual é a contribuição distinta dos Estados Unidos para a ciência do govêrno?" Lembrando-se de outras democracias, o Dr. Curry respondeu: "A doutrina da liberdade religiosa." O estadista inglês concordou com as seguintes palavras: "Sim, uma contribuição tremenda." ([13]) E foi preeminentemente uma contribuição batista. O famoso historiador Bancroft declarou: "A liberdade de consciência, a liberdade absoluta, foi desde o princípio o troféu dos batistas." João Locke disse: "Os batistas eram os primeiros propagadores da liberdade absoluta, liberdade justa e verdadeira, liberdade igual e imparcial. ([13])

Declara o hebreu distinto, Oscar S. Straus, na sua biografia de Roger William: "A experiência briosa da pequena colônia desterrada tem levedado a massa de intolerância entre tôdas as nações civilizadas, e gradualmente está fazendo o circuito do globo habitável." ([14])

II. NA CAUSA DA EDUCAÇÃO

1. O batista Henry Dunster, foi o primeiro presidente do Harvard College, o primeiro grande educandário fundado na América do Norte. Pela sua sábia direção, pelos sacrifícios e trabalhos, Dunster desenvolveu grandemente aquela universidade que ainda é a primeira do país quanto à influência e ao poder. Teve que entregar o cargo de presidente porque não quis sacrificar as suas convicções religiosas para manter-se na posição que tanto honrou pelo serviço.

2. Brown University foi fundada pelos batistas. Aí se iniciou o sistema de cursos facultativos para a formatura nas universidades da outra América.

3. Vassar, o primeiro colégio para mulheres, foi fundado pelos batistas.

4. O fundador do sistema de escolas públicas dos Estados Unidos, foi o notável batista, John Clark. A escola pública é um dos esteios mais fortes da democracia americana e tem contribuído maravilhosamente para o progresso do povo americano. É por causa desta influência que foi adotada em vários outros países.

---

(13) Dr. Geo. McDaniel: **The People Called Baptists,** págs. 14, 21, 155.
(14) **Anual of the Southern Baptist Convention,** do ano de 1936, pág. 111.

Estavam mantendo os batistas norte-americanos em 1929, 18 seminários teológicos e 146 universidades e colégios. Diz a Enciclopédia Britânica: "Está fazendo especialmente a Faculdade do Seminário Teológico Batista de Lousville contribuições distintas à *theological scholarship*" (erudição teológica). Uma das maiores contribuições do Seminário de Louisville é a sua fidelidade na interpretação das Escrituras. Os Drs. Broadus, Mullins, Robertson, Sampey, Carver e outros dos professôres têm demonstrado que a maior defesa da Bíblia contra todos os ataques é a interpretação acurada das próprias Escrituras. Sem qualquer embaraço sectário, pelo profundo estudo das línguas originais e pelas regras esmeradas de interpretação, o Seminário de Louisville está incontestàvelmente na vanguarda da educação teológica.

III. NO SERVIÇO INTERDENOMINACIONAL

Por motivos de consciência e também por causa da autonomia da igreja batista local, os batistas não podem unir-se orgânicamente com as outras denominações evangélicas, mas trabalham com elas em tôda a boa obra que contribua para o progresso do reino de Deus no mundo.

1. É geralmente atribuída a fundação da escola dominical a Robert Raikes, mas a escola que êle fundou não ensinava a Bíblia. O fundador da primeira sociedade de escolas dominicais foi um diácono batista, William Fox. Por algum tempo os professôres nas escolas dominicais foram remunerados e o batista William Brodie inaugurou o sistema de professôres voluntários.

2. A Sociedade Bíblica Britânica foi fundada por um batista de Londres, Joseph Hughes.

3. O sistema de lições uniformes das escolas dominicais foi iniciado por um batista de Chicago, B. F. Jacobs.

4. A Sociedade Juvenil (*The Sunbeam Band*) foi fundada por uma senhora batista do Estado de Virgínia.

5. *Daily Vacation Bible School,* Escola Popular, foi organizada pelo pastor batista R. G. Boville.

6. A Junta de Escolas Dominicais de Nashville inaugurou o sistema de preparação de professôres das escolas dominicais e os batistas têm feito mais que qualquer outra denominação para o desenvolvimento e a eficiência dêste serviço.

IV. NA CAUSA DE MISSÕES

Não foi por acaso que William Carey se tornou fundador do movimento moderno de missões. Numa confissão batista pu-

blicada em 1656 o artigo 34 cita o mandamento missionário de Cristo e Atos 13:1-3 sôbre a separação de Saulo e Barnabé para a obra missionária. Os artigos 18, 19 e 20 da mesma confissão fazem uma desenvolvida descrição da obra do Espírito Santo. O historiador inglês, W. T. Whitley afirma que os batistas têm salientado mais do que qualquer outro grupo evangélico a obrigação universal dos crentes de evangelizar o mundo inteiro sem qualquer reconhecimento de barreiras nacionais.

William Carey fundou a *Baptist Missionary Society* em 1792 e no ano seguinte partiu para a Índia como o seu primeiro missionário. O pobre sapateiro pelo seu zêlo e esfôrço extraordinários tornou-se um dos grandes eruditos do século, traduzindo a Bíblia em 48 línguas e dialetos da Índia. Com êste serviço estupendo tornou acessível a Palavra de Deus a uma têrça parte da população do globo. Os negociantes internacionais fizeram muita oposição contra a obra missionária na Índia, mas o serviço do Dr. Carey contribuiu tanto para o desenvolvimento da Índia que êle é reconhecido hoje como um dos maiores estadistas da Inglaterra.

Adoniram Judson e Luther Rice foram fundadores da primeira Junta de Missões nos Estados Unidos. Adoniram, Ana Judson e Luther Rice foram nomeados como os primeiros missionários desta para a Índia. Não eram batistas quando partiram da América, mas pelo estudo do Nôvo Testamento, na viagem, Judson e sua espôsa aceitaram os princípios batistas e chegando à Índia pediram batismo às mãos de um missionário inglês. Por êste ato ficaram sem qualquer sustento no seu trabalho missionário.

Mas o Espírito Santo estava operando também no coracão de Luther Rice e êle experimentou a mesma conversão dos Judson e dedicou a vida à Causa Batista. Êle foi convertido às doutrinas batistas na Índia, mas voltou aos Estados Unidos para organizar uma junta missionária entre os batistas para sustentar os Judson. Êle também organizou a convenção batista e fundou o *Columbian College* especialmente para a educação do ministério batista.

V. TRIUNFO DE PRINCÍPIOS BATISTAS

A doutrina da igreja espiritual, a igreja composta de pessoas regeneradas, conquistou uma aceitação geral entre os pedobatistas, especialmente na América do Norte onde se mantém a separação entre a Igreja e o Estado. As igrejas evangélicas, influenciadas pelos batistas, sentiram-se obrigadas a zelar pela distinção dos membros regenerados e dos membros que entraram por batismo infantil. É verdade que êste princípio pouco pro-

gride na Europa, onde os evangélicos mantêm as suas igrejas estaduais, mas isto é mais uma prova do benefício da separação entre a Igreja e o Estado e da poderosa influência dos batistas na civilização americana.

Quanto ao batismo bíblico, o Dr. Vedder diz: "O resultado tem sido resolvido, e o veredito dos eruditos já foi pronunciado... Nenhum erudito de reputação mundial arriscaria a sua fama, negando que o batismo primitivo fôsse a imersão, e esta ùnicamente... As afirmações a êste respeito de eruditos pedobatistas de todos os países se contam às dezenas e às centenas. Não há vozes contrárias, exceto as de homens de escassa erudição, e a questão já não é mais discutida por alguém que mereça a atenção de uma pessoa séria." ([15])

A separação entre a Igreja e o Estado juntamente com a liberdade de consciência, triunfou tão gloriosamente nos Estados Unidos da América do Norte que é difícil para muitos acreditarem que êste ideal de liberdade é um "troféu dos batistas".

A doutrina batista da autonomia da igreja local tem modificado grandemente a prática entre as igrejas presbiterianas, metodistas, episcopais e outras. Teòricamente estas denominações ainda mantêm o seu govêrno mais ou menos centralizado juntamente com a sua hierarquia de prerrogativas e responsabilidades, mas na prática respeitam ordinàriamente quase como os batistas a autonomia da igreja local, os bispos e autoridades eclesiásticas, achando por bem que as suas decisões devem concordar com a vontade das igrejas na eleição de pastôres e assim em quase todos os negócios que afetam à igreja individual.

---

(15) Vedder: **Breve História dos Batistas**, pág. 462.

PARTE I

O Fundo Histórico do Movimento Batista no Brasil

CAPÍTULO I

O INFLUXO DE LIBERALISMO

A Inquisição chegou ao auge do seu poder e influência na Espanha e em Portugal. Foi também nesses países que o legalismo tradicionalista ergueu intransponível barreira a qualquer reforma. E assim o catolicismo fanático reinava em Portugal no período da colonização do Brasil. Partindo os exploradores e colonizadores de Portugal, sob a dupla proteção da bandeira e do crucifixo, seis padres jesuítas, os primeiros representantes de qualquer religião em o Nôvo Mundo, acompanharam o primeiro governador enviado à Bahia pelo rei de Portugal em 1549. É daí o ter herdado o Brasil da pátria-mãe o tipo mais fanático do romanismo medieval.

O historiador Southey elogiou a Portugal como colonizador. É de fato admirável que a pequena nação se tenha apoderado, por tanto tempo, de um território tão vasto em o Nôvo Mundo. No plano de colonização o govêrno limitou o intercâmbio do povo brasileiro só aos portuguêses. Assim manteve Portugal o seu domínio no Brasil, todavia, pouco contribuiu êste plano para o desenvolvimento da colônia brasileira.

O século XVIII foi uma época escura na história brasileira. Aumentaram as atividades da Inquisição pela legislação restrita, limitou ao mínimo a indústria e a agricultura do país. Em 1720 foi estabelecida uma lei proibindo a entrada de estrangeiros no Brasil. Em 1800 o cientista Barão von Humboldt foi impedido de visitar o Brasil porque poderia, segundo a ordem do govêrno de Portugal ao seu delegado no Pará, envenenar a mente do povo com "novas idéias e princípios falsos".

O historiador Armitage declarou em 1836 que no fim do século XVIII uma das regiões mais férteis e mais bonitas do globo foi privada de tôda a comunicação e comércio com os países da Europa, com exceção de Portugal, e que a condição do povo brasileiro merecia a compaixão das nações mais favorecidas.

Finalmente, aberto o país ao comércio internacional, o inglês

era ainda o único povo da Europa que pôde aproveitar a nova lei por algum tempo, estando os outros nesse período nas garras de Napoleão. Assim por três séculos o Brasil foi isolado do resto do mundo, e o catolicismo era a única religião que podia ser apresentada ao povo brasileiro. Portanto, o catolicismo teve tempo e oportunidade para produzir os seus frutos legítimos.

DESENVOLVIMENTO DO LIBERALISMO

Diversas influências contribuíram para o movimento de liberalismo na política e na religião. Desenvolveram-se paralelamente os dois aspectos dêsse liberalismo, cada um ajudando e acelerando, o outro. Considerado do ponto de vista etnográfico, certas fôrças naturais, como a variedade de topografia e clima, a grandeza do território, a prodigalidade da natureza e o caldeamento de raças, muito contribuíram desde o princípio para o desenvolvimento de um povo naturalmente generoso e liberal. Muitas aspirações dos brasileiros foram abafadas durante os três séculos de isolamento, mas a esperança chamejante não podia ser eternamente sufocada.

Conquanto não seja louvável a fuga de João VI de Portugal na hora de perigo, embora aconselhada pela Inglaterra, trouxe êle para o povo brasileiro um fôlego de liberdade. Os colonos sentiram-se honrados e animados pela presença del-Rei. Por sua parte o soberano reconheceu a justiça das queixas que os brasileiros lhe apresentaram e não tardou em endireitar alguns dos piores abusos. Estabeleceu um banco nacional, rescindiu a ordem que proibia a imprensa no território brasileiro e abriu a porta aos imigrantes. Em 1810 negociou um tratado com Lord Stranford abrindo os portos do Brasil ao comércio estrangeiro. Êste tratado conteve os gérmens de princípios que prevaleceram até 1824, quando foram incorporados na Constituição do Império e mais desenvolvidos nas leis fomuladas em 1861.

O govêrno liberal de D. Pedro II preparou o terreno para o estabelecimento da liberdade religiosa no regime republicano. Êle era patriota generoso, homem culto, tolerante em matéria de opinião e escrupulosamente honesto na administração do govêrno. Contribuiu grandemente para o progresso do Brasil e o seu justo prestígio no exterior.

Os princípios democráticos que agitavam a Europa desde a queda da Bastilha, exerciam a sua influência em tôda a América do Sul. A independência das colônias norte-americanas e o seu govêrno republicano despertaram a imaginação e a esperança do povo brasileiro desde o martírio de Tiradentes.

A vitória na guerra com o Paraguai consolidara o espírito

nacional. Seguiu-se, então, o movimento liberal na vida política, literária e social que produziu homens como Rio Branco, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa e outros.

Apesar da oposição intransigente da Igreja Católica, o liberalismo na política encerrava os princípios de liberalismo na religião. Abertas as portas à imigração, vieram para o Brasil muitos protestantes a fim de povoarem os territórios desabitados. Quando o Marquês de Barbacena convidava os europeus a emigrarem para o Brasil, a única questão que surgia era a necessidade de garantias religiosas. (1) O aumento do número de protestantes vindos da Suécia e da Alemanha levantou para o govêrno brasileiro diversos problemas e exigiu nova legislação sôbre as questões de tolerância religiosa, casamento, registo de nascimentos, cemitérios e propriedades. Antes da evangelização de brasileiros por missionários, a imigração de protestantes preparou o caminho para o desenvolvimento dum ambiente favorável ao evangelho.

No tratado de 1810, o govêrno garantiu aos inglêses residentes no Brasil o privilégio de manter cultos nas suas residências e em capelas que tivessem a aparência de residências, mas expressamente proibiu atividades missionárias entre os nacionais. Mantiveram os luteranos alemães as suas idéias religiosas pelo estabelecimento de igrejas e escolas paroquiais. Grupos dêstes colonos pediram ao govêrno garantias para manter culto nas suas igrejas e suplicaram proteção para as famílias, na prática da sua fé. Era um pedido razoável, considerando-se que já eram protestantes e brasileiros por adoção, em condições de contribuir para o desenvolvimento econômico do país e não se interessavam na pregação da sua fé aos nativos. Durante o longo reinado de D. Pedro II, promoveram os estadistas liberais a legislação que protegia as igrejas da perseguição. O govêrno imperial não só protegia os luteranos da perseguição, como garantia o salário de pastôres para as colônias e fazia doação de terrenos para igrejas e escolas.

As sociedades bíblicas aproveitaram a abertura do Brasil ao comércio estrangeiro e publicaram uma grande quantidade de Bíblias e Novos Testamentos na língua portuguêsa.

Desde a sua organização, em 1816, a Sociedade B. Americana mandou aos negociantes estrangeiros nas maiores cidades do Brasil exemplares para distribuição entre o povo. Nomeou-se uma comissão especial para estabelecer contato com capitães de navios e negociantes para que a distribuição da Palavra de Deus fôsse feita com o máximo proveito. Êsse serviço das sociedades preparou o ambiente para os primeiros missionários evan-

(1) J. C. Rodrigues: **Religiões Acatólicas**, pág. 125,
citado por Muirhead: **Evangelical Christianity in Brazil.**

gélicos. Com a vinda dêstes, em 1836, aumentou-se o serviço das sociedades bíblicas na distribuição das Escrituras. Mais tarde as mesmas sociedades ajudavam também na evangelização, por intermédio de um bom número de colportores, alguns dos quais se desenvolveram em pregadores eficientes do evangelho.

Na década de 1860 a 1870, demonstrou Abreu e Lima que a religião recebia o influxo do liberalismo que se manifestava no sentimento do povo brasileiro.

Era conhecedor dos princípios evangélicos e imbuído do espírito de liberdade religiosa. Havendo tomado parte na guerra da independência das colônias espanholas de Colômbia e Venezuela, ao lado do grande Bolivar, regressou para a sua província natal de Pernambuco, conhecido como "o famoso general do povo". Começou a fazer propaganda dos seus princípios liberais, distribuindo literatura evangélica entre os seus amigos e conhecidos. Esta ousadia do campeão do povo foi logo repelida pelo cônego Pinto de Campos, legado papal, que pelas colunas d'*O Diário de Pernambuco* pretendeu aniquilar de vez o inovador herético. Replicou, o General, pelas colunas d'*O Jornal do Recife*. Como resultado da discussão calorosa e prolongada, o General publicou, em 1867, um livro intitulado: *Bíblias Falsas, ou Duas Respostas ao Sr. Cônego Pinto de Campos, pelo Cristão Velho*. Pode-se julgar a influência do livro ao lado do evangelho pelo fato de ter êle conquistado lugar no *Index Liborum Prohibitorum* da Igreja Católica.

Quando morreu o polemista herético, 1869, o Cônego Pinto de Campos e outros adversários conseguiram do bispo Cardoso Ayres, a proibição de enterrar o hereje no cemitério público, mas os restos mortais do grande defensor da liberdade religiosa acharam repouso no cemitério da colônia inglêsa. Sete dias depois, reuniu-se em redor da sepultura do falecido Gen. Abreu e Lima um grande número de pessoas do melhor elemento da sociedade a fim de homenagear o pranteado batalhador da liberdade de consciência. Assim acataram os princípios evangélicos e desrespeitaram as ordens da maior autoridade católica em Pernambuco. (2)

Se as discussões religiosas confirmam o fanatismo de alguns, por outro lado, contribuem sempre para o melhor entendimento da verdade, pelo povo em geral. A semente espalhada pelo General Abreu e Lima caiu em boa terra para brotar e dar fruto mais tarde. Preparou ambiente liberal e favorável à pregação do evangelho e despertou o povo para pesquisar a verdade. Pela leitura da Bíblia alguns chegaram a compreender e aceitar o

---

(2) **Religiões Acatólicas em Pernambuco**, citado por dr. Muirhead, **Evangelical Christianity in Brazil.**

evangelho, e outros, despertados na consciência, aguardavam a vinda de quem lhes expusesse "com mais precisão o caminho de Deus".

A maçonaria, ainda que sem credo religioso, zela sempre pela liberdade religiosa e govêrno liberal. Estava, por princípio, ao lado do movimento evangélico no Brasil. O govêrno, composto em boa parte de maçons e homens afeiçoados à maçonaria, entrou num conflito com a Igreja Católica que agitou o país inteiro durante os anos de 1872 a 1875.

Na grande festa maçônica, em homenagem ao Grão-Mestre que era o primeiro ministro do govêrno, Visconde do Rio Branco, o orador oficial, Padre Almeida Martins, pronunciou um discurso de tendências manifestamente maçônicas, que foi publicado depois em alguns dos melhores jornais do país.

Exprobrou-lhe o procedimento o Bispo do Rio de Janeiro e afinal o suspendeu das ordens. A maçonaria sentiu-se ofendida e fêz uma campanha pela imprensa contra o Episcopado.

Assumiram feição violenta as lutas no Pará e em Pernambuco. Acusados de abuso do poder e desobediência à Constituição do Império, os bispos D. Vital em Pernambuco e D. Macedo Costa no Pará, foram presos, processados e condenados. Impuseram-lhes pena de quatro anos de prisão com trabalhos forçados, porém o Imperador a comutou em prisão simples. Depois de muita agitação, foi-lhes decretada anistia em 1875.

Mas a questão ainda não ficou resolvida. Foi suficientemente esclarecida pelas muitas discussões que mostraram não ser apenas uma questão entre a maçonaria e a Igreja Católica, mas um conflito de autoridade entre o govêrno brasileiro e o da hierarquia papal.

O govêrno mantinha o direito do *placet*. Rui Barbosa definiu êste direito nos têrmos seguintes: *"O placet*, o direito de inquérito parlamentar sôbre os atos pontifícios e conciliares, que contenham disposições gerais, e interessem à organização política ou civil da sociedade brasileira, estão, sem dúvida nenhuma, expressamente na carta constitucional." [3] A Igreja jamais admitiu tal doutrina, mantendo contra a constituição do país que o govêrno não tinha nenhuma autoridade sôbre as ordens pontificiais.

Esta chamada "Questão Religiosa" agitou o povo brasileiro por muitos anos como estava agitando diversos povos naquele tempo. Diz Rui Barbosa: "No continente americano a agitação não é menos intensa. Acabamos de experimentar-lhe as primeiras escaramuças na luta entre o govêrno imperial e os bispos de

---

(3) **O Papa e o Concílio,** pág. 209.

Olinda e Belém." (4) Diz ainda: "O conflito episcopal, que à maioria da gente entre nós, representa um incidente acabado e estéril, foi apenas o primeiro pródromo das perturbações inerentes ao sistema das religiões oficiais e, portanto, inevitáveis no Brasil, como, em iguais circunstâncias, noutra qualquer parte. A diátese perdura; os sintomas exteriores e recônditos agravam-se aceleradamente; e tudo indica a esta questão no Brasil uma gravidade não remota, não adiável, não secundária, mas urgente, imediata, atual, impreterível, e preponderante a tôdas as questões agitadas hoje no país." (5)

A famosa introdução feita por Rui no livro; *O Papa e o Concílio,* preparou o ambiente para a emancipação recíproca do Estado e da Igreja no regime republicano e a garantia da liberdade religiosa.

O sentimento do povo católico não foi suficientemente desenvolvido para apoiar plenamente e manter em absoluto a liberdade religiosa em tôda a parte do país. Tem-se levantado, portanto, a perseguição em muitos lugares aos protestantes e especialmente aos batistas. Mas, com raras exceções, o govêrno tem mantido fielmente a Magna Carta do país, restringindo ao mínimo a perseguição do povo na prática da sua fé.

Houve em 1925 um esfôrço extraordinário por parte dos partidários católicos para restabelecer a Igreja Católica como a religião do país, salvaguardando os direitos de outras religiões, mas o grande fracasso dêste movimento demonstrou, sem dúvida nenhuma, a fôrça da opinião pública a favor da plena liberdade religiosa, sem favores, mesmo para *a religião da maioria.* Conseguiu o partido católico, no govêrno de 1930 a 1934 e na promulgação da nova constituição, algumas concessões, sem infringir sèriamente o princípio da liberdade de consciência.

---

(4) **Ibid.**, pág. 204.
(5) **Ibid,** pág. 197.

CAPÍTULO II

O MOVIMENTO EVANGÉLICO NO BRASIL

PRIMEIRA TENTATIVA

A pedido do vice-almirante Nicoláu Durand de Villegaignon, chefe da colônia francesa do Rio de Janeiro, a igreja Reformada de Genebra sob a direção de João Calvino, enviou-lhe uma expedição de huguenotes acompanhada dos pastôres Pierre Richier, Guillaume Chartier e catorze estudantes para o ministério. Êstes vieram ministrar às necessidades espirituais da colônia e pregar o evangelho aos índios. Êstes missionários ao continente americano chegaram ao Rio aos 7 de março de 1557. Organizaram uma pequena igreja segundo os princípios da Igreja Reformada de Genebra. O primeiro culto evangélico foi celebrado em território brasileiro, 63 anos antes da chegada dos puritanos à costa de Nova Inglaterra. Villegaignon a pretexto de ter voltado *à verdadeira fé* iniciou uma desenfreada perseguição aos huguenotes, martirizando cinco dos pregadores. Decepcionada e desanimada pela tirania do *Caim da América,* a colônia foi expulsa do Rio de Janeiro em 1567 e assim terminou a primeira tentativa de estabelecer o cristianismo evangélico no Brasil.

SEGUNDA TENTATIVA

Alguns ministros chegaram com os primeiros colonos holandeses em 1624, mantendo, entre o povo, culto evangélico desde o princípio. Chegou em 1637 o erudito pregador da côrte, Francis Plaute, e pouco mais tarde vieram mais oito ministros. Manteve-se com regularidade a pregação do evangelho em todos os lugares centrais. Os ministros com zêlo e denôdo cuidavam dos seus respectivos rebanhos, encorajados pelo nobre príncipe Maurício de Nassau. Notando a superficialidade da obra dos jesuítas entre os indígenas, os pastôres estudaram a língua do povo a fim de ministrar-lhes a instrução nas doutrinas evangélicas. Davilus e Doriflarius destacaram-se neste serviço, pregando êste eloqüentemente em português e nos dialetos indígenas. Traduziram o catecismo para o dialeto Tapuia.

O conde de Nassau tratou os índios com justiça, colocando em cada vila um representante do govêrno para protegê-los da injustiça dos brancos. Êle se interessava em tôdas as atividades dos pastôres, zelando pelo confôrto dos doentes, instrução das crianças e regularidade no culto e na disciplina.

Com a restauração do govêrno português acabaram-se as atividades da Igreja Evangélica Holandesa e os seus templos na Bahia, Olinda e Recife foram apropriados e usados para igrejas e catedrais católicas. A influência que os holandeses exerceram sôbre tribos de índios continuou a manifestar-se por algum tempo.

A IGREJA ANGLICANA

A primeira igreja desta denominação foi estabelecida no Rio de Janeiro, de acôrdo com o tratado de 1810, ùnicamente para os inglêses residentes. Os cultos tinham que ser realizados nas residências particulares ou em capelas que tivessem o aspecto externo de residências. Foram expressamente proibidas quaisquer atividades missionárias entre os brasileiros. O rei D. João VI fêz algumas mudanças na planta da capela para que a casa simples não tivesse nenhuma semelhança de uma casa de culto. O primeiro capelão britânico, o Rev. Crane, chegou ao Rio em 1816. As diversas capelanias estabelecidas no Brasil limitaram o seu ministério aos súditos inglêses.

A IGREJA EVANGÉLICA ALEMÃ

Começaram os alemães a emigrar para o Brasil em 1824. As igrejas da Alemanha não se interessavam no cuidado espiritual dos seus irmãos no Brasil e êsses ficaram destituídos de serviço pastoral por algum tempo. Devido à falta de pastôres algumas igrejas escolheram leigos para o serviço pastoral e êstes raramente tinham a idoneidade e as qualificações morais para tais responsabilidades. O imperador D. Pedro II subvencionou um pequeno grupo de pastôres, mas êsses não podiam ministrar aos numerosos grupos espalhados sôbre uma grande extensão de território.

Atendendo ao apêlo dos alemães brasileiros, a igreja na Alemanha mandou o pastor Borchard para estudar a condição dêsse povo. Como resultado dêsse estudo, organizou-se em Barmen uma comissão com a incumbência de zelar pelos protestantes alemães no Brasil. Desde 1863 os seminários de Basle e Barmen começaram a enviar pastôres para servirem às igrejas na América do Sul.

Há três grupos dêstes protestantes alemães, além dos batistas. O primeiro é a Igreja Evangélica Alemã do Brasil, composta do Sínodo Evangélico do Rio Grande do Sul, o Sínodo do Centro do Brasil e o Sínodo Luterano Evangélico de Santa Catarina, Paraná e outros estados. Êstes, os mais numerosos,

não são estritamente luteranos, nem calvinistas. São da união das igrejas luteranas e reformadas da Alemanha.

O segundo grupo é composto de igrejas evangélicas luteranas. O Sínodo de Missouri, Ohio e outros estados dos E.U.A., organizou o seu trabalho em 1847. Em 1901 organizou um trabalho perto de Pelotas com o fim duplo de ministrar aos imigrantes alemães e estender as suas atividades entre os brasileiros. Êste Sínodo tem trabalho em Santa Catarina, Paraná e no Centro do Brasil.

No Estado do Rio Grande do Sul há diversos grupos de protestantes independentes, com pouca relação uns com os outros.

Êsses diversos grupos evangélicos com os batistas, constituíam em 1937, 55 por cento, mais ou menos, dos alemães brasileiros. Os outros são católicos.

A MISSÃO METODISTA EPISCOPAL

Aos 18 de agôsto de 1835, chegou ao Rio, o Rev. Fountain E. Pitts, representante da Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Metodista Episcopal. Pregou em diversas casas particulares no Rio por alguns meses e depois visitou o Prata. Ao voltar aos E.U.A. deu um relatório tão animador das suas experiências que em março de 1836 embarcou o Rev. R. Justin Spaulding como missionário da Junta no Brasil. Organizou no Rio uma igreja composta de alguns 40 forasteiros e uma escola dominical de 30 alunos, incluindo alguns meninos brasileiros que receberam instrução no vernáculo. Em 1837 veio ajudá-lo o Rev. Daniel P. Kidder. Êste viajou e conseguiu distribuir entre o povo brasileiro muitos exemplares das Escrituras. Punha-se em contato com as melhores classes da sociedade e muitas pessoas cultas receberam a Bíblia com grande satisfação. A assembléia legislativa de uma das províncias recebeu uma oferta de Novos Testamentos para serem usados na escola pública.

Terminou esta obra pioneira em 1842 depois de algumas vitórias brilhantes. A igreja teve uma existência curta, mas algumas famílias mantiveram a fé e aguardavam a vinda de outros missionários para os guiarem no caminho do Senhor. O Rev. James C. Fletcher, como agente da Sociedade Bíblica Americana, viajou muito no Brasil de 1854 a 1856, Kidder e Fletcher produziram uma obra clássica sôbre o Brasil, que despertou grande interêsse entre os evangélicos da América do Norte na evangelização do povo brasileiro.

AS IGREJAS CONGREGACIONAIS

De 1842 a 1855 o movimento evangélico foi representado por imigrantes e um pequeno grupo de crentes convertidos pela

pregação do evangelho ou pela leitura da Bíblia. A Sociedade Bíblica Americana continuou a mandar exemplares da Bíblia para o Brasil, mas o estabelecimento permanente do primeiro trabalho evangélico foi conseguido por um médico, o Dr. Robert Reid Kalley, que chegou ao Rio em 10 de março de 1855.

Tinha dirigido um trabalho evangélico em Madeira e veio ao Brasil preparado para pregar ao povo brasileiro o evangelho no vernáculo. Sem qualquer sustento de fora o Dr. Kalley iniciou o seu trabalho de evangelização. Organizou a primeira igreja congregacional no Rio em 1858. O jovem Sr. J. M. Gonçalves educou-se no Colégio de Spurgeon em Londres e, em 1875, foi chamado para pastorear a igreja no Rio. A igreja no Recife foi organizada em 1873, sendo o Rev. James Fanstone o primeiro pastor.

Em 1892, o Dr. Kalley organizou, na Inglaterra, a *The Help for Brasil Mission,* que mais tarde ficou incorporada na *União Evangélica da América do Sul.* Em 1908 organizou-se a igreja de Lisboa sob os cuidados da sociedade das igrejas congregacionais do Brasil.

A grande personalidade do Dr. Kalley contribuiu para o desenvolvimento da independência e do individualismo. As igrejas são nacionais e foram desenvolvidas sem o auxílio e a influência de missionários estrangeiros. As pesadas responsabilidades econômicas dificultaram o desenvolvimento do espírito missionário das igrejas e conseqüentemente a denominação crescia lentamente, mas sempre exercia uma grande influência espiritual em proporção ao número dos seus membros.

AS DUAS MISSÕES PRESBITERIANAS

O primeiro missionário da Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos da América ao Brasil, Ashbel Green Simonton chegou ao Rio em 12 de agôsto de 1859. Fêz um magnífico trabalho pioneiro e a pedido dêle chegou o segundo missionário, Rev. Alexandre L. Blackford, em julho de 1860, e o terceiro, o Rev. F. J. C. Schneider, no ano seguinte.

Aos 12 de janeiro de 1862 organizou-se na cidade do Rio de Janeiro a Primeira Igreja Presbiteriana que cresceu lentamente no primeiro ano, mas contava mais de cem membros nos meados de 1864. Em outubro do mesmo ano o Rev. Blackford abriu a segunda missão na cidade de São Paulo.

Simonton morreu em 1867 com a idade de 34 anos. Mas graças aos seus planos sábios, igrejas já foram estabelecidas no norte e no sul e o trabalho fundado em bases sólidas continuou na marcha de progresso.

Em 1866, fundou-se em Santa Bárbara, na Província de

S. Paulo, uma colônia norte-americana, composta principalmente de presbiterianos, batistas e metodistas. Por intermédio dêsses colonos as três grandes denominações do Sul dos Estados Unidos interessaram-se na evangelização do Brasil e fundaram as quatro denominações evangélicas mais fortes: a Igreja Metodista do Brasil, a Igreja Presbiteriana do Brasil, a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e a Denominação Batista Brasileira.

Em 1868, os Srs. Edward Lane e G. Nash Morton, a seu pedido, foram nomeados pelos presbiterianos do Sul dos Estados Unidos como missionários ao Brasil. Êles se estabeleceram em Campinas, S. Paulo, e em 1873 os missionários William Leconte e J. Rockwell Smith abriram trabalho no Recife. Em 1869, o Sr. Nash Morton fundou o Colégio Internacional de Campinas, o primeiro colégio estabelecido na América do Sul pelos missionários norte-americanos. Teve uma influência extraordinária na educação de evangelistas nacionais e de homens que se tornaram mais tarde estadistas no regime republicano.

Os dois grupos de presbiterianos esforçaram-se na educação de ministros brasileiros, fundando no Rio de Janeiro, em 1867, um seminário teológico, onde se treinaram alguns pastôres de capacidade excepcional. A missão da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos fundou a *Escola Americana* na cidade de São Paulo em 1870. Êstes primeiros colégios evangélicos tiveram uma grande influência no nôvo sistema de educação adotado pelo govêrno republicano mais tarde.

Em 1888, uniram-se os dois grupos de presbiterianos sob a direção das duas missões para formar o Sínodo do Brasil que desde então foi conhecido como Igreja Presbiteriana do Brasil, com o seu govêrno autônomo. Mas certas divergências permaneceram e estas, agravadas pela questão maçônica, causaram uma nova divisão. Organizou-se então a Igreja Independente dos Presbiterianos do Brasil, em 1903.

A MISSÃO DA IGREJA METODISTA EPISCOPAL DO SUL DOS ESTADOS UNIDOS

Em 1867, o bispo Wightman nomeou o Rev. Junius E. Newman para o trabalho no Brasil. Foi o primeiro pastor da Igreja Metodista organizada entre os forasteiros norte-americanos na colônia de Sta. Bárbara. Em 1874, a Conferência Geral nomeou o Rev. Justus H. Nelson que com o auxílio do Rev. William Taylor estabeleceu um trabalho na Amazônia sob os auspícios da Igreja Metodista do Norte dos E. Unidos. Depois de 40 anos de trabalho êle retirou-se do campo, terminando as atividades desta denominação no país. Assim o Brasil se tornou o

grande campo missionário das denominações do Sul dos Estados Unidos da América do Norte.

O Sr. Ransom começou a pregar em português, em 1878, batizando os primeiros convertidos em 1879. Em 1888 vieram mais quatro missionários: o Rev. J. W. Roger e espôsa, Miss Martha Watts e o Rev. J. L. Kennedy. A obra metodista tem-se desenvolvido em diversos lugares do país. Em 1930, representantes da Igreja Metodista dos Estados Unidos e das três Conferências do Brasil assinaram a Constituição da Igreja Metodista do Brasil. O primeiro bispo do Concílio Nacional foi o Rev. J. W. Tarboux. O primeiro bispo brasileiro, o Rev. Cesar Dacorso Filho foi eleito em 1934.

A IGREJA EPISCOPAL PROTESTANTE DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE

Os primeiros missionários episcopais ao Brasil, James Watson Morris e Lucian Lee Kinsolving, foram comissionados pela *The American Church Missionary Society* em 1889. Limitaram as suas atividades principalmente ao Rio Grande do Sul onde estabeleceram um trabalho florescente. Mais tarde fundaram uma igreja na cidade do Rio de Janeiro. Deram ênfase, no seu programa, à educação, estabelecendo o seu primeiro colégio em 1890. A Missão Episcopal tornou-se notável pela sábia direção do Rev. Lucian Lee Kinsolving que foi consagrado bispo em 1900. O bispo atual é o Rev. N.M.M. Thomas.

OUTRAS ORGANIZAÇÕES

As sociedades bíblicas sempre se achavam na vanguarda das missões evangélicas no Brasil. Enviaram os seus representantes e os colportores, homens arrojados e fiéis, que penetraram nos lugares mais remotos, espalhando a palavra da luz e preparando o caminho para os missionários de tôdas as denominações. O Dr. Tucker, da Sociedade Americana, e o Dr. Telford, da Sociedade Britânica, prestaram um serviço que prende a gratidão de todos os evangélicos. (1) O livro do Dr. Tucker, *The Bible in Brazil*, inspirou os evangélicos e aumentou o interêsse de tôdas as missões na evangelização do Brasil.

A Associação Cristã de Moços abriu o seu trabalho no Brasil com a vinda do secretário pioneiro, Myron A. Clark, em 1893. Relacionou-se no princípio exclusivamente com as denominações evangélicas. Mais tarde, influenciada pelas condições em outros países da América do Sul, mudou de plano, ganhando alguma influência assim em outros países e a perdendo no Brasil.

---

(1) Quando o Dr. Tucker se aposentou, o Dr. Turner o sucedeu no pôsto.

A 1 de agôsto de 1922, o coronel David Miche, suíço, foi comissionado para estabelecer o *Exército da Salvação* no Brasil. Ganhou a confiança das autoridades e fundou um trabalho vigoroso. A conversão de alguns criminosos, e o serviço aos pobres atraíram a atenção e o interêsse do povo para a obra dessa organização.

Há várias outras denominações ativas no Brasil como a dos adventistas, e algumas divisões dos pentecostais que de pouca simpatia gozam entre os evangélicos por causa do seu proselitismo.

PARTE II

A Atuação do Espírito Santo no Início da Obra Batista no Brasil

CAPÍTULO III

O CLAMOR MACEDÔNICO

O estado de desenvolvimento atingido pelos batistas brasileiros, quando o povo percebe em tôda a parte do país as influências benéficas do evangelho, é manifesta e clara para quem sabe ler a linguagem da providência divina, a verdade gloriosa de que foi Deus quem estabeleceu a obra batista no Brasil. É motivo de gratidão a Deus a lembrança de que o início dêste movimento espiritual foi o resultado da atuação do Espírito Santo no coração de homens impulsionados pelo espírito missionário evangélico.

Começou no ano de 1850 a manifestar-se o desejo do Espírito Santo nas deliberações dos batistas do Sul dos Estados Unidos da América do Norte pela escolha das Américas Central e do Sul como lugares importantes onde pudessem trabalhar proveitosamente missionários da sua Junta. No ano seguinte, a Convenção recomendou que a Junta de Missões Estrangeiras estabelecesse missões em qualquer uma ou em tôdas as cidades seguintes: Havana, México, Rio de Janeiro, Valparaíso e Panamá, ou ainda em qualquer outra parte da América do Sul.

Lembra a Junta à Convenção no relatório de 1852, que a evangelização da América do Sul se tornava dificílima em virtude das leis rigorosas dos vários países dominados pela Igreja Católica Romana. No ano de 1857, a Convenção reitera o pedido para que a Junta observe as indicações da providência de Deus que aparentemente apontam o Japão e a América do Sul como campos de vasta importância para os missionários evangélicos.

Apesar da oposição, devida às dificuldades que encontram na manutenção das missões na China e na África, a Junta continua o estudo sôbre o Japão e o Brasil, e no ano de 1859 apresenta um relatório, mostrando muitas vantagens oferecidas pelo Brasil. Nota, entre outras coisas, que o país é nôvo, no sentido de que está emergindo das trevas do domínio do Papa e de Portugal, e está tomando lugar entre as nações progressistas da terra. O povo brasileiro não tem o evangelho e a Igreja Católica não satisfaz às suas necessidades espirituais. A experiência de outras denominações demonstra que não há dificuldade absoluta

no trabalho missionário entre os brasileiros. Cita a declaração de Kidder, em seu livro que despertara profundo interêsse entre todos os evangélicos da América do Norte: "Estou firmemente convicto de que não há no globo outro país Católico Romano de sentimentos tão tolerantes e liberais para com os protestantes." ([1]) Cita também a vantagem de proximidade, notando que os navios fazem a viagem em 40 dias apenas. Salienta a amizade excepcional que existe entre os dois governos e as leis que toleram outras formas de religião, a despeito de ser o Catolicismo Romano a religião oficial do país. A última consideração lembra as mudanças realizadas nos dois países, desde aquêle tempo. "O Brasil, como os Estados Unidos, tem escravos e os missionários enviados pela Convenção Batista do Sul não podiam sentir-se constrangidos a combater a escravatura e assim envolver-se na política do país."

Termina o relatório com três sugestões: "Primeira, a Junta sente profundamente o dever de continuar os seus esforços na evangelização do mundo e com plena convicção da necessidade absoluta de manter vigorosamente tôdas as suas missões existentes, deseja ao mesmo tempo estender os seus labôres, logo que o possa fazer, a outros campos; segunda, entre os campos não ocupados por nós, parece-nos que o Brasil e o Japão se nos apresentam como os mais necessitados e os mais prometedores; terceira, que os secretários fiquem autorizados a fazer uma propaganda por correspondência e publicações, a fim de interessar os irmãos da Convenção nesses dois campos, e que procurem pessoas idôneas e dispostas, dependentes da direção e do poder de Deus, para entrarem e trabalharem nesses países."

A comissão especial nomeada para estudar as recomendações, apresentou o seu parecer favorável, reforçando o apêlo à denominação e terminando com as seguintes palavras proféticas: "A comissão ficou especialmente impressionada com a consideração apresentada pela Junta a favor do Brasil como um campo nôvo. Cremos que os missionários de nenhuma outra parte do mundo cristão poderiam operar tão eficazmente entre aquêle povo como os missionários enviados pelas igrejas da nossa Convenção."

Naquele mesmo ano o Rev. T. J. Bowen e espôsa, que tinham fundado a Missão Batista de Yoruba no oeste da África, apresentaram-se à Junta com o pedido de serem transferidos para o Brasil. Fizeram um bom trabalho na África, mas tinham que abandonar o seu pôsto de serviço por não se darem com o clima do lugar. Certos de que êste pedido era mais um aviso da pro-

(1) **Brazil and the Brazilians**, pág. 148.

vidência de Deus, a Junta alegremente fêz a transferência e assim se começou o trabalho batista na América do Sul.

Foi, porém, apenas um comêço. A saúde dos missionários não melhorou e tinham de voltar à sua terra natal. A Junta ficou plenamente convencida, pelo relatório dos missionários, de que os obstáculos eram tão grandes e tão pequena a esperança de vencê-los, que não se justificava qualquer esfôrço para manter o trabalho missionário na América do Sul. Não resta dúvida de que as nuvens sombrias que pairavam sôbre a assembléia de 1861 influenciaram nas deliberações. Rebentara, havia poucas semanas, a grande guerra entre o Norte e o Sul dos Estados Unidos a qual muito prejudicou o trabalho missionário de tôdas as denominações por alguns anos.

Enquanto o Sul dos Estados Unidos da América do Norte sofria os estragos da guerra e atravessava a era difícil da reconstrução, o Brasil achava-se num período de progresso. A vitória na guerra com o Paraguai consolidara o espírito nacional. Seguiu-se, então, o movimento liberal, de que falamos no capítulo primeiro, na vida política, literária, religiosa e social, que preparou o ambiente para o melhor acolhimento dos missionários evangélicos. O retardar do início da obra missionária batista para tempo mais propício, contribuiu talvez, na providência de Deus, para seu maior progresso.

Algumas famílias do Sul dos Estados Unidos, desanimadas pelos resultados trágicos da guerra, procuraram um lugar onde pudessem principiar de nôvo a vida, recuperar as fôrças e manter as regalias da sociedade de que gozavam antes da guerra. Naturalmente pensaram no Brasil, que nesse tempo atraía a atenção do mundo pelo seu progresso. Com a permissão generosa do govêrno imperial, fundaram uma colônia americana em Santa Bárbara, na então província de São Paulo.

Esta província era composta de famílias evangélicas divididas mais ou menos igualmente entre os metodistas, presbiterianos e batistas. Foi feliz na escolha do lugar para sua habitação, mas as famílias sentiram a grande falta de assistência espiritual de que gozavam nas igrejas de outrora. Enfrentaram com receio a responsabilidade de educar os seus filhos no nôvo ambiente sem o evangelho. Com saudades intensas do culto simples e espiritual do passado, os crentes das três supraditas denominações organizaram as suas respectivas igrejas, compostas exclusivamente de forasteiros e para atender às necessidades religiosas dos seus patrícios apenas, como foram estabelecidas as respectivas igrejas dos franceses, holandeses e alemães com o mesmo fim.

A 10 de setembro de 1871, foi organizada a primeira igreja batista no solo brasileiro. Não obstante a falta de recursos e

liderança para iniciar o trabalho evangélico entre os brasileiros, esta igreja prestou um serviço de valor incalculável para a evangelização do Brasil.

O primeiro apêlo da Igreja de Santa Bárbara dirigido à Junta de Richmond foi votado na sessão de 12 de outubro de 1872, um ano depois da organização. A comissão nomeada pela igreja enumerou as vantagens e as oportunidades maravilhosas do trabalho missionário no Brasil e clamou fervorosamente: *"Passa à Macedônia e ajuda-nos.* Não vos receberemos como foi recebido o grande apóstolo, mas as nossas casas vos serão abertas, o nosso progresso, a nossa influência e os nossos labôres estarão ao vosso dispor. Esperamos que uma boa comunidade batista neste país seja acrescentada à grande família dos Batistas do mundo, ensinando, pregando e praticando *a fé uma vez para sempre confiada aos santos."*

Por motivos financeiros, êsse tocante apêlo não pôde ser atendido, mas não deixou de despertar interêsse. A comissão nomeada pelos batistas norte-americanos na Convenção anual de 1873, para estudar o assunto de campos novos, terminou o seu parecer com a seguinte recomendação: "A vossa comissão recomenda e pede que a Junta envie, logo que fôr possível, um ou mais missionários ao Brasil, dando preferência, a nosso ver, ao pedido dos irmãos do Brasil." Isto, porque o Japão também necessitava de missionários.

O pequeno rebanho de Sta. Bárbara não ficou desanimado, mas continuou por seis anos a reforçar a sua súplica à Junta de Richmond, rogando que fôsse reconhecida como missão da Junta para que o efeito moral de tal união agisse sôbre a igreja e para haver o auxílio material que a igreja queria oferecer à Junta. Prometeu sustentar o seu pastor e contribuir para o auxílio da Junta, querendo apenas que fôsse reconhecida por ela. O Rev. Richard Ratcliffe de Munden, Louisiana, ex-pastor da igreja, tinha regressado aos Estados Unidos e estêve presente na Convenção de Atlanta quando o pedido foi apresentado. Conhecia a igreja e pleiteou a sua causa. Apoiado o pedido pela Convenção, a Junta de Richmond adotou oficialmente a igreja de Sta. Bárbara como sua missão e reconheceu o pastor E. H. Quillin como seu representante, com a condição da igreja sustentá-lo.

A igreja nesse tempo estava imbuída do espírito missionário e desejava trabalhar para ajudar na evangelização do Brasil, mas o pastor não tinha os predicados que inspirassem confiança em sua direção. Apresentou dois planos para o trabalho entre os brasileiros, porém não foram aceitos pela Junta de Richmond.

No primeiro domingo de 1879 a Igreja de Station foi orga-

nizada com doze membros da Igreja de Santa Bárbara. Escreveram para a Junta de Richmond: "Cremos que a nossa igreja ocupará em breve um lugar importante na vossa missão brasileira e que ela ajudará na disseminação do Evangelho." Mas nenhuma das duas igrejas iniciou trabalho missionário entre os seus vizinhos brasileiros, nem sustentou o seu pastor. Os missionários enfrentavam muitas dificuldades e sofriam de nostalgia ou saudades da pátria. Não obstante as suas falhas, o espírito missionário dêsses irmãos merece o nosso louvor e a sua influência no princípio da obra missionária batista no Brasil merece a nossa gratidão.

Os apelos incessantemente dirigidos à nossa Junta de Richmond despertaram de nôvo o interêsse quase abafado dos batistas norte-americanos na evangelização do Brasil. Além de mostrar à Junta a importância do trabalho missionário para o povo brasileiro, estas igrejas deram mais tarde alguns dos seus filhos seletos para o serviço do evangelho. Abrigaram e ajudaram os nossos primeiros missionários e por muitos anos cooperaram com êles na manutenção do trabalho. Deus recompensou a fé genuína dêsses forasteiros que se esforçaram pela glória divina e pela extensão do reino de Cristo na querida pátria adotiva.

Sabendo da história da colônia americana em Santa Bárbara, o general A. T. Hawthorne interessou-se no estabelecimento de outra colônia semelhante no Brasil. Teve entrevista pessoal com o Imperador, D. Pedro II, que lhe deu carta branca para viajar em qualquer parte do país a expensas do govêrno. Na Bahia foi recebido com honras militares como hóspede oficial. Escolheu um lugar para sua colônia no Vale do Jequitinhonha, uns 200 km. ao sul da cidade da Bahia, mas ao regressar aos Estados Unidos a espôsa não estava em condições para fazer a viagem e durante a demora melhoraram as condições econômicas do país e êle finalmente desistiu do plano.

Quando visitara o Brasil ainda não era crente e não se interessava muito pelas condições religiosas do país. Abalado pelo falecimento de sua filha única de doze anos, o General achou confôrto no Senhor, convertendo-se em 1880. A conversão mudou completamente seu rumo de vida. Nunca se esqueceu da bondade e da hospitalidade dos brasileiros. Pensou logo em voltar ao Brasil a fim de pregar o evangelho ao povo que amava sinceramente. Todavia, possuindo já seus cinqüenta anos de idade, julgou que o melhor serviço que podia prestar ao Brasil era ficar e trabalhar nos Estados Unidos pela terra do Cruzeiro do Sul e não tardou a principiar êsse serviço. No mesmo ano da sua conversão apresentou, como relator de uma comissão especial à Convenção que se reuniu em Lexington, Kentucky, a recomendação que definitivamente abriu o trabalho batista para a evangelização dos brasileiros. A Junta adotara a Igreja de Sta.

Bárbara na esperança de iniciar êste serviço, mas já se passara um ano sem que a igreja ou a Junta tivessem feito coisa alguma neste sentido. Parece que a Convenção e a Junta precisavam justamente da animação e dos esclarecimentos do relatório do General Hawthorne e do auxílio que êle podia dar na inspiração das igrejas da Convenção para sustentar, com missionários e com dinheiro, a obra estupenda de que se incumbiam.

O relatório mostra a larga visão que o General tinha da evangelização do Brasil. Mostrou as vantagens mas não procurou esconder as dificuldades. "A vossa comissão pede vênia para submeter o seguinte relatório: É, por certo, motivo de júbilo que, finalmente, prendam a atenção do nosso povo os grandes países da América do Sul e especialmente o Brasil, aquela linda terra do Cruzeiro do Sul. A evangelização dêsse maravilhoso país é obra de vasta magnitude. O Império do Brasil é tão grande como os Estados Unidos e todos os seus territórios, excluindo Alaska, e tem uma população de cêrca de dez milhões. Vasta como pareça a obra, é ainda possível realizá-la e oferece tantas oportunidades e facilidades que a vossa comissão está plenamente persuadida de que a obra, embora grande, pode ser feita e é encantadora. Segundo nossa opinião, não há outro país ao alcance dos labôres missionários que seja mais convidativo, ou que ofereça resultados maiores e mais expeditos com igual dispêndio de dinheiro e trabalho.

"São numerosas e fàcilmente indicáveis as vantagens que êste campo oferece, e também as razões que devem estimular o nosso coração e abrir o nosso bôlso para êsse serviço.

"Primeiro, o govêrno é justo e estável, sàbiamente administrado, oferecendo ampla segurança de vida, liberdade e propriedade; govêrno que reconhece mérito e pune prontamente os criminosos. São recebidos de coração aberto imigrantes industriosos de todos os países estrangeiros e especialmente os dos Estados Unidos da América do Norte, oferecendo-se-lhes tôda a facilidade e proteção necessárias para o seu progresso e prosperidade.

"Segundo, o povo é cortês, liberal e hospitaleiro. Mostra muito boa vontade para com o povo norte-americano e acha-se em condições favoráveis para receber das nossas mãos o cristianismo evangélico que contribuirá para o progresso de seu país.

"Terceiro, o clima é ameno, a terra elevada e salubre, o solo fértil, produzindo todos os produtos variados de diversos climas. Estudando todos os campos, é evidente para nós que Deus na sua providência tem preparado de uma maneira especial aquela pátria e aquêle povo generoso para os exércitos evangelizadores da nossa denominação. Crendo que tudo é propício e que chegou o tempo de nós fazermos neste sentido alguma coisa digna da

nossa capacidade financeira, a vossa comissão faz a seguinte recomendação: '*Que seja autorizada a Junta de Missões Estrangeiras a nomear outros missionários para o trabalho do Brasil.*'"

Tão bem impressionada ficou a Convenção com a personalidade, capacidade e fervor espiritual do General Hawthorne que o nomeou agente da Junta de Missões Estrangeiras no Estado do Texas. O seu trabalho neste particular contribuiu muito para o sucesso da nova missão no Brasil. Encontrou-se o General em uma das suas viagens com D. Ana Luther que queria trabalhar na Birmânia, mas depois de conversar com êle mudou sua idéia em favor do Brasil. O jovem W. B. Bagby já pretendia oferecer o seu serviço para o Brasil, mas foi inspirado e confirmado no seu plano pela influência do General. Os Taylor vieram ao Brasil como resultado direto do trabalho dêsse apóstolo das missões em Texas. Por oito anos viajou naquele Estado, comovendo o coração do povo pelos discursos eloqüentes e o amor fervoroso à Causa do Senhor no estrangeiro e especialmente no Brasil. A êste homem de Deus devem muito os batistas do Texas, os missionários batistas no Brasil e os batistas brasileiros. Interessava-se na evangelização do mundo, mas levava o amado Brasil no coração. Nunca se esqueceu da generosidade dos brasileiros para com êle, e trabalhou abnegadamente para ministrar-lhes os dons espirituais. Os brasileiros abundantemente justificaram a confiança que êle tinha na sua aceitação do evangelho, pois antes de morrer, em 1899 deu graças a Deus pelos quinze missionários batistas no Brasil e pelos 1.500 batistas brasileiros.

CAPÍTULO IV

OBEDIENTES À VISÃO CELESTIAL

O Espírito Santo opera de muitas maneiras e há sempre harmonia em tôdas as suas operações. Na plenitude dos tempos êle preparou os brasileiros para receberem o Evangelho de Cristo e ao mesmo tempo incumbiu os seus mensageiros da grande missão de anunciar ao povo preparado, as Boas Novas de salvação. Quando a Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos chegou à decisão de mandar missionários ao Brasil, o Santo Espírito de Deus já convencera um casal de jovens de que a vontade divina os impelia a dedicar a vida à evangelização no grande Império Brasileiro.

WILLIAM BUCK BAGBY E ANA LUTHER BAGBY

A 5 de novembro de 1855, nasceu em Coryell County, Texas, William Buck Bagby, filho de James Henry e Mary Franklin Bagby. Emigraram os seus pais do Estado de Virgínia, via Kentucky, no movimento pioneiro para a povoação do oeste, movimento que contribuiu para o desenvolvimento do espírito de iniciativas do norte-americano. Corria o sangue dos pioneiros nas veias dêste homem destinado ao trabalho pioneiro batista no Brasil. Primitivo e pitoresco foi o Estado do Texas no período da juventude do Sr. Bagby, ficando bem perto os índios selvagens que de quando em quando invadiam as povoações, incendiando as casas e matando os brancos. O evangelho acompanhou o movimento pioneiro nos Estados Unidos e o jovem Bagby converteu-se no ano de 1866, aos onze anos de idade. Cursou a Baylor University em Waco, Texas, recebendo os graus A.B. e A.M. (Bacharel em Artes e Mestre em Artes). Estudou teologia com o Dr. Carroll. Por algum tempo foi professor público, exercendo na mesma ocasião o pastorado da igreja local. Quando pastoreava a igreja em Corsicana, Texas, o jovem E. Y. Mullins, fêz profissão de fé e uniu-se à igreja.

A 21 de outubro de 1880 casou-se o jovem professor-pregador Bagby com D. Ana Luther, filha de John Hill Luther e espôsa Anne Hasseltine. O pai de D. Ana era missionário aos ex-escravos em Carolina do Sul. A mãe era descendente dos huguenotes, que fugiram da França por causa da perseguição religiosa, e recebeu o nome da espôsa do grande missionário Adoniram Judson, Anne Hasseltine. A jovem Ana Luther sentiu a influência do espírito missionário desde a infância. Era de um

espírito profundamente religioso, companheira corajosa, missionária de vocação, idônea e digna de acompanhar e ajudar o seu marido na venturosa carreira de deitar os alicerces do trabalho batista neste vasto país.

Aceitos como missionários da Junta de Richmond ao Brasil, embarcaram no veleiro Yamoyden no pôrto de Baltimore a 13 de janeiro de 1881. D. Ana era a única mulher que viajava a bordo daquele vapor. A viagem foi longa e penosa. Não conheciam ninguém no Brasil. Não sabiam falar palavra alguma no vernáculo do povo e nada sabiam das condições que tinham de enfrentar. Com corações transbordantes de saudades dos queridos e da pátria que deixaram, enfrentavam o futuro desconhecido cheios de fé e confiança, crendo na promessa preciosa de Jesus: "Eis que estou convosco todos os dias até o fim do mundo." A 2 de março, depois de uma viagem de 48 dias, chegaram ao Rio de Janeiro.

A primeira carta escrita pelo novel missionário, na noite daquele dia, à Junta, revela a exuberância de espírito, a apreciação da beleza da cidade do Rio e o sentimento de profunda responsabilidade pela sua grande incumbência e termina com uma oração fervorosa e profética sôbre o êxito de sua feliz missão.

"Após viagem de 48 dias de Baltimore, estamos ancorados esta noite nas águas quietas do Rio.

É o mais lindo panorama que os meus olhos já contemplaram. Não posso descrever a beleza desta auréola de montanhas, enroupadas de verde e entremeadas de vilas e capelas. Nunca vi a baía de Nápoles nem a (Golden Horn) de Constantinopla, mas esta certamente deve ser rival das paisagens encantadas do mundo. Olhando, porém, esta noite para o lindo panorama de luzes cintilando à beira do mar, ao lado das montanhas e quase confundindo-se com as estrêlas, entristece-se o meu coração por haver aqui milhares de almas *sem Deus e sem esperança,* sob a sombra triste de um eclipse! Ó Deus, conceda que a tua verdade, *como está em Cristo Jesus,* encha esta terra, de norte a sul, e do Atlântico aos Andes!"

Teve na cidade do Rio uma experiência que ficou eternamente gravada na sua memória como ilustração e penhor do cuidado de Deus para com os seus mensageiros, em terra estranha, em dias de provas e de dúvidas. Não conheciam pessoa alguma no Brasil e ninguém fôra avisado da sua vinda. Deixando a espôsa no navio, o Sr. Bagby foi ao gabinete do dentista americano, Dr. Coachman para quem tinha uma carta de apresentação do General Hawthorne. Qual não foi sua decepção, porém, quando soube que o dentista havia regressado aos Estados Unidos.

Entra nesse momento o Sr. Slaughter, de Santa Bárbara, e quando se apresentam, êste se lembra de que tem uma carta

para o Sr. Bagby. E lendo a carta verifica que é um convite a êle dirigido por D. Mary M. E. Ellis, de Santa Bárbara, oferecendo hospedagem aos novos missionários até que decidissem o lugar onde começariam os seus trabalhos.

D. Mary tinha recebido *por acaso* notícia da vinda dos missionários e sem saber quando chegariam, enviara a carta pelo Sr. Slaughter que *por acaso* fôra ao Rio nesse dia encontrando-se *por acaso* com o Sr. Bagby. Voltando ao navio, disse o Sr. Bagby à espôsa: *Recebi uma carta enviada do céu.*

Nada souberam os habitantes da grande cidade do Rio de Janeiro da missão do casal de missionários estrangeiros que a 2 de março de 1881 chegou ao pôrto no pequeno veleiro Yamoyden. Nada foi publicado nos diários sôbre o significado do princípio do trabalho batista no Brasil. Que ousadia a dêsse casal solitário de forasteiros! Mas os habitantes de Filipos também não souberam coisa alguma dos quatro estrangeiros, Paulo, Silas, Lucas e Timóteo, que saíram da Ásia para evangelizar o continente Europeu. Os grandes movimentos missionários têm sempre princípios humildes. "Não por fôrça nem por poder, mas por meu espírito, diz Jeová dos exércitos."

Parece que tudo concorria para a felicidade dêsses mensageiros de Deus. Tiveram bom companheiro de viagem até São Paulo na pessoa do Sr. Crashley, negociante inglês do Rio e amigo de estrangeiros. Encontraram no trem entre S. Paulo e Santa Bárbara bom companheiro na pessoa de um padre. Mrs. Ellis tinha mandado cavalos para os missionários e um escravo para carregar a bagagem. "É deveras agradável", escreve o Sr. Bagby, "acharmo-nos aqui nesta terra longínqua entre amigos e batistas."

Não acharam, porém, os venturosos tudo a seu gôsto. Tiveram naturalmente decepções. As duas pequenas igrejas batistas da colônia achavam-se fracas e desanimadas. Os membros estavam espalhados e poucos assistiam aos cultos. Um dos pregadores batistas da colônia tinha abandonado a fé, arrastado pelas doutrinas dos espíritas. Outro, ainda fiel, pouco podia fazer, porque sofria da enfermidade da velhice. O Rev. E. H. Quillin que fôra nomeado para representar a Junta de Richmond, dirigia um colégio para manter seu sustento e êste trabalho absorvia quase todo o seu tempo.

Encontraram, porém, motivos que os encorajaram. Comoveu o seu coração e confirmou a sua fé na bondade de Deus, a hospitalidade graciosa dos seus patrícios e especialmente dos irmãos batistas. Dedicaram um ano ao estudo da língua da pátria adotiva antes de poderem trabalhar efetivamente entre os brasileiros, mas o serviço que podiam prestar às igrejas dos seus patrícios satisfazia ao desejo ardente de fazer alguma coisa

na Causa do Mestre enquanto estudavam o português e se adaptavam aos hábitos e costumes do povo brasileiro.

O sucesso dos esforços dos metodistas e presbiterianos na pregação do evangelho em diversos lugares era prova de que os brasileiros estavam preparados para ouvir com simpatia e interêsse a mensagem do evangelho.

Revela a primeira carta escrita de Santa Bárbara a 12 de março, a larga visão que o Sr. Bagby tinha desde o princípio do trabalho e seu profundo interêsse na evangelização do Brasil. Sua confiança nos homens e fé em Deus são verdadeiramente profecias do êxito dos esforços batistas que se iniciavam. Fala do plano de examinar cuidadosamente o campo a fim de abrir o trabalho nos lugares mais estratégicos. Outra nota que repercutiu nas cartas por muitos anos foi o pedido dirigido à Junta para que mandasse outros missionários. "Seria de muita vantagem", escreve êle, "se pudéssemos começar o nosso trabalho com diversos pregadores. Não será possível mandar, em breve, outros para êste campo? O trabalho é urgente. Muitas cidades ao alcance das estradas de ferro nunca ouviram o evangelho na sua pureza. Onde está o irmão Z. C. Taylor? Precisamos dêle aqui."

Para melhor estudar o português, o casal mudou-se, a 16 de abril, para a cidade de Campinas, onde tinham os presbiterianos uma missão florescente entre os brasileiros. O contato com os missionários de experiência e brasileiros crentes foi de muito valor no estímulo e no preparo dos nossos primeiros missionários batistas para seu trabalho.

Em maio aceitou o Dr. Bagby o pastorado das duas igrejas, Santa Bárbara e *Station*, pregando duas vêzes por mês em cada uma. Dirigiu em junho uma série de conferências na Igreja de Santa Bárbara o que resultou no batismo de seis membros novos e avivamento espiritual da igreja. Uma dúzia de outros convertidos uniu-se aos metodistas e presbiterianos. No fim do ano pregou quatro sermões em português.

Z. C. TAYLOR E KATE CRAWFORD TAYLOR

A 4 de março de 1882 chegou ao Brasil o segundo casal de missionários batistas. O Sr. Z. C. Taylor nasceu em Jackson, Mississippi, em 1851. Mudou-se para Texas em 1865. Uniu-se à Igreja Batista de Liberdade de Houston County, batizando-se com a idade de dezoito anos. Estudou nas universidades de Waco e Baylor, formando-se em 1879. Estudou algum tempo no Seminário de Louisville. No dia do Natal, 1881, casou-se com D. Kate S. Crawford, do Texas. Era ela de uma família piedosa. Um tio era missionário na China e ela já tinha o desejo fervoroso

PIONEIROS

de servir ao Mestre no estrangeiro quando se encontrou com o Sr. Taylor. Por doze anos foi auxiliadora abnegada e fiel no trabalho árduo de seu marido no Estado da Bahia. O amor que revelou aos brasileiros fê-la conquistar o coração das brasileiras batistas que ergueram na sua sepultura um memorial de eterna gratidão. Foram nomeados missionários no dia 3 de janeiro de 1882 e partiram de Baltimore na barca *Sirene* a 12 de janeiro. Chegaram a Campinas no dia 9 de março e o Sr. Taylor pregou na igreja de Santa Bárbara no domingo seguinte.

Apresentaremos nas páginas dêste livro as atividades do missionário Z. C. Taylor na evangelização do povo que êle tanto amou. As suas obras revelam o zêlo e o amor de seu coração e a grandeza de sua alma. Disse a emérita escritora brasileira, Archimínia Barreto, na palavra dedicatória de seu livro *Mitologia Dupla*:

"Os que não vos conhecem de perto, não podem compreender os sacrifícios que tendes empregado no espaço de 19 anos, para uma obra tão útil; mas aquêles que podem apreciar a vossa honestidade e a generosidade do vosso coração, são forçados a confessar que o evangelho que pregais é o mesmo que produz em vós os frutos de uma vida santa, qual o evangelho dos verdadeiros apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo."

O irmão Bagby já estava pregando no vernáculo brasileiro e logo depois da chegada do Sr. Taylor, começaram os missionários a fazer os seus planos para a abertura definitiva do trabalho batista entre os brasileiros. Ficaram cada vez mais impressionados, e em certo sentido oprimidos pela grandeza da tarefa que enfrentavam, como se vê na seguinte carta do Sr. Bagby: "O campo desocupado é por si um vasto império. Os missionários (de outras denominações) são poucos e separados por longas distâncias. Das vinte e uma províncias do Império, apenas quatro estão de qualquer maneira ocupadas. Milhares, sim, milhões nunca ouviram a voz das Boas Novas. Estão realmente sem Deus e sem esperança no mundo. Minas Gerais, a província ao norte de nós, com dois milhões de almas, está quase abandonada. Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, ao sul, estão desocupados e brancos para a ceifa! Oxalá tivéssemos uma dúzia de missionários para entrarem nesta vasta região, onde almas estão perecendo por falta do pão da vida!"

Mas, diante de um território tão vasto e um trabalho tão gigantesco, êles não se desanimaram. Em um dos seus primeiros apelos o Sr. Bagby revelou a sua compreensão não sòmente da magnitude da tarefa como também de um plano bom e sábio de levá-la a bom têrmo. Depois de apresentar as sugestões para um programa de educação, diz êle: "Tais colégios prepararão o caminho para a marcha das igrejas... Colégios fundados

nestes princípios, triunfarão sôbre todo o inimigo e conquistarão a boa vontade até dos nossos próprios adversários. Mandai missionários que estabeleçam colégios evangélicos, e o poder irresistível do evangelho irá avante na América do Sul e a terra do Cruzeiro do Sul brilhará com a luz resplandecente do Reino de Cristo." É de lamentar que tivesse tardado 20 anos o esfôrço sério de estabelecer entre os batistas brasileiros um programa de educação evangélica.

ANTÔNIO TEIXEIRA DE ALBUQUERQUE

Raiava, no entanto, a visão celestial no espírito do P. Antônio Teixeira de Albuquerque. Pouco tempo depois da sua chegada a Santa Bárbara, o Sr. Bagby teve a felicidade de encontrar-se com um ex-padre que abandonara o sacerdócio e se casara no norte do Brasil. Devido à perseguição subseqüente, refugiou-se na província de S. Paulo, onde teve o privilégio de ouvir a pregação do evangelho pelos metodistas. De fato, unira-se àquela igreja, mas era batista de convicção. Apresentou-se, pois, mais tarde à igreja batista da colônia americana e foi batizado pelo Rev. R. P. Thomas, então pastor da igreja. Ao que nos consta, Antônio Teixeira de Albuquerque foi o primeiro batista brasileiro. Êle se regozijou pelo princípio da missão batista no Brasil e disse ao Dr. Bagby que estava ao seu dispor no trabalho do Senhor e pronto para acompanhá-lo e ajudá-lo em qualquer campo.

Era seminarista católico romano em Olinda, quando achou, por acaso, uma Bíblia italiana, na biblioteca do convento. Lendo sôfregamente aquela Bíblia, descobriu que ela não concordava com os ensinos dos seus professôres. Achou-se, portanto, em um dilema. Devia êle aceitar o que os professôres lhe ensinavam ou os ensinos da Bíblia? Tendo ouvido que os protestantes usavam a Bíblia para os seus ensinos, conseguiu uma entrevista secreta com um dêles. Ficou ainda mais indeciso e perturbado. Completando os seus estudos no Seminário, voltou para sua cidade de Maceió, para exercer o ministério de sacerdote. Mas não achou no serviço da igreja alívio para a sua consciência ainda agitada. O serviço de padre não lhe dava a satisfação e a paz que esperara. Resolveu fazer um estudo cuidadoso do Nôvo Testamento em grego, comparando as versões diferentes, para verificar, se de fato, as Bíblias protestantes eram falsificadas. Notando que tôdas as versões se baseiam no grego, ficou completamente convencido de que as Bíblias falsas não existiam. Diz êle: "Abalado na razão e na consciência, tive uma hora feliz; compenetrei-me do dever de estudar séria e cuidadosamente a Palavra de Deus, ora confrontando as diversas versões,

para certificar-me se havia Bíblia falsa, ora meditando sôbre cada mandamento de Deus, ensino e preceito de Jesus Cristo. Fiquei surpreendido, pois tôdas as versões vinham do mesmo original (grego) e eram iguais. Não havia Bíblia falsa. Estas coisas eram inteiramente novas para mim." [1] "Não tenho expressões bastante claras que possam significar o gôzo de que minha alma se acha possuída desde aquêle momento em que aceitei o meu Salvador, Jesus Cristo; em que abri as portas do meu coração para êle entrar e o Santo Espírito fazer a grande obra da regeneração de minha alma."

Quando deixou a batina, sua família deserdou-o e seus amigos condenaram-no ao ostracismo, mas na providência de Deus encontrou-se com os missionários batistas e teve o privilégio de voltar e pregar o evangelho na sua cidade natal.

Acompanhou os missionários na mudança para a Bahia, como auxiliar dêles. Homem culto e preparado, sua pregação e escritos, imediatamente prenderam a atenção do povo. Seu folheto publicado nessa época usa-se ainda hoje com muito proveito. *Três Razões Porque Deixei a Igreja de Roma* tem sido impresso muitas vêzes e espalhado através do país, despertando o interêsse de milhares de brasileiros no poder encantador do evangelho de Cristo.

---

(1) **Três Razões Porque Deixei a Igreja de Roma.**

PARTE III

PRIMEIRO PERÍODO

CAPÍTULO V

COMEÇOS

Ficou satisfeita e animada a Convenção Batista dos Estados Unidos com o primeiro relatório do missionário Bagby. Não tinha estatística impressionante para relatar, mas transmitiu alguma coisa de seu entusiasmo e confiança no futuro da Missão Brasileira. No parecer da Comissão sôbre *Missões Brasileiras,* encontram-se estas palavras proféticas: "Se não nos enganamos, o nosso Pai Celestial abriu as portas do Brasil. Êle nos chama para ocupar a terra. Homens de Deus já se acham no campo. Teve o nosso missionário, logo no princípio de seu trabalho, o privilégio de levar homens ao Cordeiro de Deus, e sepultá-los com Cristo no batismo. Parece que a bênção do Altíssimo paira sôbre a Missão. A vossa Comissão é de parecer que a obra nesse grande império deve ser aumentada e estendida. Ao invés de quatro missionários, devemos ter vinte." (1)

ESCÔLHA DA BASE DE OPERAÇÕES

Os missionários imbuídos do espírito de servir, nas mãos de Deus, de arautos de Cristo na pátria brasileira, sentiram profundamente a responsabilidade de principiar sábia e dignamente uma obra cujas bênçãos haviam de trazer muitos filhos à glória celestial durante o seu ministério aqui na terra, e ainda nas gerações vindouras, depois de todos êles passarem para a presença do Senhor a fim de descansarem das suas obras e receberem a recompensa da sua fidelidade. Fizeram os missionários uma longa viagem por diversas províncias a fim de estudar de perto os campos; e depois de consultar missionários de outras denominações sôbre os campos mais necessitados, os batistas decidiram ficar na antiga cidade da Bahia. As considerações que determinaram a escôlha da antiga capital do país, foram apresentadas pelo Sr. Bagby e incorporadas no relatório da Junta de Richmond:

"Cremos que o melhor lugar para principiar é a Bahia. Com exceção do Rio de Janeiro, é a maior cidade do Império.

---

(1) A Convenção de Greenville, S. C., de maio de 1882.

Escolhemos a Bahia por diversas razões: Primeiro, pela sua grande população, sendo o número de habitantes mais ou menos 200.000. Encontramos ali as massas do povo ao alcance imediato. Segundo, a região que cerca a cidade é muito povoada. É campo de lavoura e mui produtivo. A população é mais sedentária que a de vida pastoril. Terceiro, é ligada pelo mar com outros pontos importantes; por baías e rios com grandes cidades e vilas e por duas linhas de estrada de ferro com muitos lugares no interior. Quarto, teremos também na Bahia um campo quase desocupado, enquanto no Rio se acham seis ou oito missionários de outras denominações evangélicas. Na Bahia há dois apenas e êstes dos Presbiterianos do Norte dos Estados Unidos. Não há qualquer obreiro nacional na província da Bahia, se não nos enganamos, enquanto que nas províncias do Rio de Janeiro e São Paulo, há um bom número de missionários e obreiros nacionais... Assim, a Bahia com a região em redor, está mais necessitada do que as províncias do sul." (2)

ORGANIZAÇÃO DA PRIMEIRA IGREJA BATISTA NACIONAL DO BRASIL

A Bahia era, nesse tempo, a capital eclesiástica do país, sendo a sé do arcebispo e a cidade mais fanática em todo o Império. Os novos missionários receberam algumas cartas insultuosas e cheias de ameaças e outras de bem-vindos e votos pelo êxito de sua Missão.

Cêrca de 1805 o famoso missionário Henry Martyn, no caminho para a Índia, tocou o pôrto da Bahia e passou alguns dias na cidade, observando as condições religiosas do povo. Visitou os conventos e, com a Vulgata na mão, pregou aos frades o evangelho do Nôvo Testamento. Comentou no seu jornal: "Cruzes há em abundância, mas quando será pregada a doutrina da cruz? Quem será o missionário feliz que anunciará o verdadeiro evangelho a essas pessoas nas trevas?" (3)

Chegaram os dois casais de missionários e o ex-padre Antônio Teixeira no mês de agôsto de 1882, para ajudar na realização final do sonho do grande missionário. Por três meses as três famílias ocuparam uma pequena casa; cada família usava uma sala e todos aproveitavam a mesma cozinha.

Alugaram o velho edifício do colégio dos jesuítas, Rua de Baixo nº 43, no centro da cidade. Ocuparam o segundo e terceiro andares onde havia bastante lugar para as três famílias, além das três salas espaçosas utilizadas para o trabalho da Missão.

---

(2) Convenção de Waco, Texas, de maio de 1883.
(3) **Autobiography Z. C. Taylor,** pág. 21.

Uma servia para depósito de livros, outra para escola anexa e o salão nobre, que acomodava 200 pessoas, foi reservado para os cultos de pregação.

No princípio o Sr. Bagby ocupava o púlpito de manhã e o Sr. Teixeira à noite. Os outros cumprimentavam os visitantes, entregando-lhes folhetos e convidando-os a voltarem. D. Ana tocava o harmônio. Continuaram o estudo de português e visitavam as pessoas que freqüentavam os cultos. Assistiam muitos curiosos e às vêzes os obreiros ficavam bastante animados pelas boas congregações. Mas satisfeita a curiosidade, os assistentes curiosos perdiam o interêsse e, um dia, no fim de três meses, os irmãos realizaram o culto dominical com a presença dos membros das três famílias apenas.

Aos 15 de outubro de 1882 foi organizada a primeira igreja batista nacional do Brasil, constituída do irmão W. B. Bagby e espôsa, D. Ana; o irmão Z. C. Taylor e espôsa, D. Kate; e o ex-padre, o irmão Antônio Teixeira de Albuquerque. Havia duas igrejas batistas em Sta. Bárbara, conforme já notamos, e a Igreja da Bahia era composta de quatro norte-americanos e um brasileiro. Não obstante êstes fatos, a Primeira Igreja Batista da Bahia é pròpriamente reconhecida como a primeira igreja batista nacional do Brasil, porque foi organizada com o fim definitivo de pregar o evangelho ao povo brasileiro e todos os seus cultos eram realizados no vernáculo do povo, e a literatura evangélica foi publicada no mesmo. Muito insignificante parecia, à vista do povo da cidade, aquela humilde igreja a princípio. Mais de uma vez algum bom amigo do Sr. Taylor, que sabia apreciar o seu preparo e sacrifício, ficava com pena dêle e perguntava porque gastava em vão a sua vida no esfôrço de pregar uma religião que o povo não queria aceitar. Mas os missionários não precisavam da pena de ninguém. Na certeza de que o povo carecia do evangelho, confiantes nas promessas de Deus e no poder do Espírito do Senhor, e cônscios de sua vocação divina, não tinham a mínima dúvida de que aquela pequena igreja era o princípio de um trabalho de tão vasta importância que ninguém senão o próprio Deus sabia avaliar.

Além da propaganda feita nas pregações, pela imprensa e pregações ao ar livre, ainda pelas visitas pessoais, chegaram a reconhecer o grande valor da evangelização pessoal. Ganharam para Cristo três pessoas nas suas respectivas famílias: D. Emília, D. Francisca, espôsa do Sr. Antônio Teixeira e Miss Mary O' Rorke.

Animados pelo êxito do trabalho pessoal em casa, saíram para pregar o evangelho pessoalmente pelas ruas a quantos ouvintes pudessem achar. Encontrou-se o Sr. Taylor com um latoeiro, João Batista, numa visita à loja do mesmo. Parecia

disposto a ouvir a mensagem de salvação. Depois de muitas conversas e explicações, o Batista foi convertido, uniu-se à igreja e tornou-se batista de verdade como o era de nome. Foi o primeiro homem levado a Cristo pelos missionários. Deus o chamou para o ministério e foi consagrado pastor. Zeloso, consagrado e fiel, serviu à Causa do Mestre na pregação do evangelho até à morte. Êste homem de Deus não tinha muito preparo, mas a beleza do seu caráter cristão e sua mensagem simples, sincera e espiritual soava muito longe no Estado da Bahia nos dias em que poucos eram os que anunciavam as Boas Novas. O nome dêle era uma lembrança de que nasceu no dia de João Batista; mas tornou-se ainda mais significativo pela vida de consagração e serviço, tornando-se um prenúncio do feliz êxito do trabalho batista no Brasil, penhor e promessa de Deus de que o trabalho dos seus servos "não é vão no Senhor".

PRIMEIRA PERSEGUIÇÃO

A assiduidade dos missionários na pregação do evangelho deu bons resultados, mas causou uma grande sensação no meio do povo fanático, e despertou a perseguição aos batistas. Uma carta de D. Ana Bagby conta a história da primeira perseguição. As famílias Bagby e Teixeira saíram para encontrar duas senhoras na praia e ministrar-lhes a ordenança do batismo. Ao chegarem perto do lugar designado para a cerimonia encontraram-se com um grupo de homens e rapazes turbulentos que os acompanhou, assumindo uma atitude hostil e agressiva. Apesar do barulho, resolveram realizar os batismos, e as senhoras que haviam trazido lençóis começaram a fazer um enconderijo para proteger as batizandas da vista dos escarnecedores.

Anoitecia e a lua iluminava pouco. Rebentou de repente uma nova gritaria entre os perseguidores, uma voz clamando mais alto que as outras contra *os hereges* e queixando-se de que não ficavam satisfeitos com a permissão de realizar os seus cultos em casa, ainda queriam perturbar a ordem, escolhendo lugares públicos na praia, violando propositadamente as ordens e as leis do país. Aumentou o vozerio e os perturbadores excitados clamaram mais alto. Atemorizada, D. Ana tomou a criança nos braços e chamou o marido, mas quando chegou, já estava prêso, e calmamente anunciou que não podia fazer os batismos naquela noite. O chefe dos invasores era a polícia do bairro que viera às ordens do padre.

O padre desgostara-se e ficara furioso porque os batistas entraram nas casas de mulheres da sua freguesia, pregaram-lhes as heresias e elas iam batizar-se naquela noite. Êle persuadiu o povo a levantar-se contra os batistas e deu ordens ao oficial

para impedir o batismo no lugar público e prender o chefe dos hereges. Além de uma bofetada no Sr. Bagby, ameaças e insultos, aflição de espírito cerceado na liberdade e direitos, nada mais sofreram. A polícia levou o Sr. Bagby e família para casa, recusando ouvir a leitura da Bíblia ou qualquer outra explicação dos seus direitos. Depois de admoestá-los a não pregar mais na paróquia daquele padre e nos lugares públicos, deu-lhes liberdade.

Terminou D. Ana a carta aos pais: "Não temais, se Deus quiser que um dos ministros morra pela Causa, ou que uma das mulheres perca um bom e nobre marido, estamos prontos para o sacrifício." Era êste o espírito que dominava os obreiros batistas naquele tempo de lutas e perseguições.

Poucos dias depois do dito incidente, os Taylor e o Sr. Teixeira visitaram o mesmo lugar. Os perseguidores quebraram os vidros e atiraram pedras e areia dentro da casa, causando muita confusão. O mesmo oficial veio, queixou-se e fêz muito barulho. Foi chamado, porém, à ordem depois, e recebeu instruções para proteger os pregadores protestantes nos seus direitos. O chefe de polícia prometeu proteção na ocasião de batismos, se os fizessem em lugares afastados. Diversos jornais da cidade falaram em favor dos missionários e a pequena perseguição realmente contribuiu para chamar a atenção ao seu trabalho.

A PSICOLOGIA E OS RESULTADOS DA PERSEGUIÇÃO

Foi leve esta primeira perseguição no tempo do Império em comparação com as estúpidas e cruentas que os batistas sofreram mais tarde. Tinha, porém, todos os elementos psicológicos dos mais ferozes. São três as classes de perseguidores: o povo, as autoridades políticas e os padres da Igreja Católica Romana. O povo é sempre induzido pelos padres, que aproveitam, em geral, o pior elemento, os sadistas que gostam de praticar a crueldade em nome da religião. Há também fanáticos sinceros, porém mal orientados, que pensam estar servindo ao Senhor na perseguição de hereges. Felizmente é pequeno o número de pessoas que segue a vontade dêsses padres. São muito poucas as autoridades públicas que cooperam com os padres na perseguição. A posição dêles é difícil. Têm a obrigação de proteger os protestantes nos seus direitos, mas não querem desagradar aos padres politiqueiros, que têm muita influência e podem prejudicá-los ou prestar-lhes auxílio aos planos políticos. Nem todos os padres são perseguidores. Muitos são mais cristãos e mais tolerantes que o romanismo que professam. São os ciumentos, egoístas, intolerantes e perversos que perseguem e êstes são

geralmente astutos, escondendo-se atrás das pessoas que usam como agentes e confederados.

Dois mil anos da história do cristianismo são suficientes para provar a futilidade e o fracasso da perseguição religiosa. Desde a dispersão dos crentes de Jerusalém até as mais recentes perseguições aos batistas no Brasil, a perseguição em regra geral tem difundido os ensinos dos perseguidos ao invés de propagar os dogmas dos perseguidores. Como disse o grande Tertuliano: "O sangue dos mártires é a semente da Igreja."

A perseguição forçosamente tem que fracassar pela própria natureza da verdade, da religião e da consciência. O culto sincero do coração tem que ser por natureza livre e voluntário. É por esta razão que a fôrça e a violência não podem servir os fins da religião, da justiça e da verdade. A análise psicológica revela a desconfiança dos próprios perseguidores. Aquêles que sabem que os seus princípios se impõem pela sua grandeza e o seu poder espiritual não podem lançar mão à fôrça para defendê-los. A análise ética da perseguição revela a indignidade dos princípios dos perseguidores tanto quanto se baseiam neste método de propaganda. Quantos homens nobres, observando a crueldade dos perseguidores fanáticos, têm declarado: "Se êste é o cristianismo, eu não quero saber mais nada dêle."

O famoso historiador eclesiástico, Schaff, diz: "Tôdas as igrejas estaduais (igrejas oficialmente reconhecidas e ligadas com o govêrno e sustentadas por êle), desde o tempo dos imperadores cristãos de Constantinopla até o tempo dos czares da Rússia e das repúblicas da América do Sul, têm perseguido, mais ou menos, os não conformistas em violação direta dos princípios e da prática de Cristo e dos apóstolos. (4) A perseguição sempre revela a falta de reconhecimento da voluntariedade e espiritualidade da religião.

As fôrças sociais geralmente contribuem para o fracasso da perseguição. A operação destas fôrças verifica-se na história da perseguição no Brasil como em muitos outros países. Os perseguidores geralmente se embrutecem, perdendo a simpatia e o apoio dos mais nobres da religião que representam. A perseguição desperta logo o interêsse do povo pelos princípios e ensino dos perseguidos. Quer saber quais são os princípios tão preciosos para os perseguidos que os defendem com a vida. Unifica e fortalece os perseguidos. Refugiando-se nas promessas divinas ficam mais convencidos de que não podem falhar e tornam-se invencíveis. Dizem com resignação: "Podem matar-nos como mataram a Jesus Cristo, mas não podem matar a verdade cristã que nós representamos." Quando os perseguidos são dir-

---

(4) **Church History.**

persos tornam-se mais numerosos os focos de propaganda. Quantas vêzes se verificou isto aqui no Brasil. A coragem e a fé dos perseguidos são intensificadas e a nobreza do seu exemplo ganha outros discípulos.

A AURORA DO NÔVO DIA

Aos 13 de dezembro de 1882 escreve o Sr. Bagby no seu relatório: "Durante o trimestre próximo passado preguei doze sermões em português, seis na capela dos presbiterianos e seis em nossa casa. Traduzi um catecismo batista para crianças e estou traduzindo agora uma história dos batistas." No dia 15 de janeiro de 1883 escreve o Sr. Taylor: "Estamos ocupadíssimos em imprimir os nossos livros, *A Bíblia sôbre o Batismo* e *O Manual de Eclesiologia*. Temos um estoque de Bíblias no valor de quinhentos dólares." Assim reconheceram logo no princípio, a necessidade imperiosa de literatura. Usavam a versão Figueiredo da Bíblia, fornecida pela *British and Foreign Bible Society*.

Escreve o Sr. Bagby, em fins de março de 1883: "Domingo à noite tivemos mais ou menos 70 pessoas presentes. Parece que está aumentando a nossa influência. Muitas pessoas lêem os folhetos que estamos distribuindo. Os padres nos denunciam pùblicamente e admoestam o povo contra nós, mas apesar de tudo isto ainda muitas pessoas vêm assistir aos nossos cultos."

O êxito do trabalho durante o ano de 1883 na Bahia foi muito animador e é a aurora gloriosa do futuro. Foram batizadas vinte pessoas, e matriculadas trinta e cinco na escola dominical. Era muito natural o entusiasmo dos missionários e o seu desejo de aumentar o trabalho. É bem verdade que vinte pessoas representam pouca cousa, mas êste número de conversões tem sua grande significação porque revelou o intêresse do povo e o poder do evangelho na conversão dos brasileiros. Escreve o missionário Bagby: "Graciosamente Deus nos habilitou para levar muitos ao caminho da vida, e nos deu fôrça e saúde para manter todos os departamentos do nosso trabalho. Batizamos vinte, e a igreja fraca do ano passado já cresceu num corpo forte de 25 obreiros zelosos que trabalham entre seus amigos e parentes, induzindo muitas pessoas a ouvirem o evangelho. Estamos pregando seis a oito sermões por semana em seis lugares da cidade, e conversamos diàriamente com muitos interessados. Há doze pessoas atualmente que parecem buscar a salvação com sinceridade. Algumas destas são mulheres, duas das quais, filhas de padre. O padre conversou com diversos membros de nossa igreja sôbre a religião e há poucos dias pediu a um dos nossos membros, amigo dêle, que orasse em seu favor. Tudo isto nos enche de esperança. O interêsse na escola dominical cresce cada vez mais.

"Os nossos artigos nos jornais e os nossos folhetos, abriram os olhos de muitos e conseguiram bons resultados. Os brasileiros lêem muito e a imprensa é um grande poder. Precisamos de um fundo para publicações, porque não há literatura batista em português e temos que publicar tudo que precisamos."

Um mês depois, escreve: "O Senhor está abrindo maravilhosamente o coração dêste povo ao evangelho. Disse um homem na rua que nunca ouviu tantas pessoas falando e conversando sôbre a Bíblia, a religião e o evangelho. Em tôdas as partes da cidade e do Estado da Bahia se discutia sôbre os batistas, as suas doutrinas e o seu modo de pregar e batizar." O predileto assunto das palestras semi-públicas dos bondes, dos trens, como dos cafés, das lojas e das casas particulares, é a Bíblia, a religião e especialmente o evangelho. Um distinto empregado do govêrno, numa reunião pública, chegou a declarar: "Êstes homens que vêm da América do Norte, nos estão ensinando a verdadeira religião de nosso Senhor Jesus Cristo: êles não procuraram nosso dinheiro, como fazem os padres, porém pregam-nos a salvação da graça por meio do Senhor Jesus Cristo. Esta é a verdadeira religião." Uma senhora convertida destruiu as suas imagens que naquele tempo valiam mais de um conto de réis.

A Junta de Richmond também ficou muitíssimo satisfeita com os resultados dos esforços no Brasil e transmitiu o entusiasmo dos missionários à Convenção. Diz no seu relatório para o ano de 1883 (5): "Repetidas vêzes insistiram êstes irmãos em abrir uma missão no Rio de Janeiro, onde pudessem ministrar à igreja de Santa Barbara, que tem 45 membros sem pastor. A Junta acedeu ao pedido, e o irmão Bagby e sua espôsa começarão em breve o trabalho naquela grande capital. A Missão clama, em voz alta, por auxílio."

Nos princípios de 1884, os missionários estavam entusiasmados pelo progresso do trabalho na Bahia. As cartas e relatórios freqüentes à Junta de Richmond narram muitas vitórias maravilhosas do evangelho. Em 16 de janeiro, escreve o Sr. Bagby: "O Brasil terá uma grande parte na história futura do mundo. Dia virá em que o seu vasto território desocupado agora será habitado como a Europa de hoje. O que será aquela multidão, religiosamente falando, depende das nossas atividades missionárias no Brasil de hoje. Conquistemos agora o Império para Cristo e êle pertencerá a Cristo nos anos vindouros. Ofereçamos agora o evangelho ao Brasil. Quem virá para nos ajudar?" E no dia 28: "Dez foram batizados durante êste trimestre. Nossas almas transbordam de alegria por estas novas evidências do

---

(5) Convenção de Baltimore de maio de 1884.

poder do evangelho e da bondade de Deus. Avançamos com nova coragem e fé. Cremos que Deus tem muita gente nesta cidade. Os nossos membros novos estão cheios de entusiasmo e atividade." Em março de 1884 escreve o Sr. Taylor: "Estamos num avivamento contínuo desde dezembro, o qual cresce e resplandece mais e mais todos os dias. Teremos, talvez, 40 membros antes da vossa Convenção em maio. Não podemos limitar agora as nossas atividades à cidade. Havendo testificado de Jesus em tôda a parte dela, estamos entrando no interior. Esperamos ansiosamente que a Junta permita a ida do irmão Bagby para o Rio de Janeiro."

O progresso espantoso dos batistas despertou os fanáticos que iniciaram uma campanha persistente de perseguição. "As perseguições nos estão oprimindo em todos os lados agora", escreve o Sr. Taylor. "Os padres deitaram a pena de lado e pegaram na espada. Quatro soldados que freqüentavam os cultos da igreja presbiteriana estão na prisão por um mês, acusados do crime de ler a Bíblia. Inúteis são todos os esforços de libertá-los." Fala também do heroísmo dos novos crentes que se expuseram ao perigo para proteger os pregadores.

Havia na igreja um escravo, um crente zeloso e fiel no serviço do Senhor. Em uma das perseguições foi escarnecido, fustigado e maltratado. Apesar de ser escravo revelou-se livre no Senhor Jesus Cristo e superior em brio e caráter aos seus arrogantes perseguidores.

Uma noite o pastor Bagby estava pregando na plataforma quando os inimigos apedrejaram a casa de culto. Enquanto estava anunciando as Boas Novas de salvação foi atingido por uma pedra e caiu sem sentidos e com a cabeça banhada em sangue. Conservou até o fim da sua vida, a cicatriz daquela ferida, *marca de Jesus,* na fronte.

CAPÍTULO VI

ALARGAM-SE OS HORIZONTES NA BAHIA

Mantiveram durante a maior parte do ano de 1884, não obstante a partida dos Bagby para o Rio, cinco pontos de pregação em lugares estratégicos da cidade e pregavam tôdas as noites. Em todos os bairros aumentava o número de ouvintes nos cultos e anunciava-se admiràvelmente o evangelho em tôda a parte da cidade. O zêlo dos membros da igreja na evangelização pessoal, e os bons resultados no aumento da freqüência às pregações animaram e inspiraram os missionários.

O entusiasmo dêstes na apresentação dos seus planos para com a evangelização de todo o Brasil revelou aos crentes a grandeza da obra na qual se empenhavam. Acompanharam os Bagby na mudança para o Rio com as suas fervorosas orações. Saíam para contar as Boas Novas aos amigos e parentes fora da cidade. O fervor, o zêlo, o sacrifício e a consagração dos batistas impressionaram favoràvelmente a sociedade baiana e criaram um bom ambiente para a proclamação do evangelho. Aumentou ràpidamente a venda de Bíblias e de todos os lados vinham notícias e provas de progresso. Escreve o pastor Taylor, no dia 16 de maio: "O Senhor está abrindo maravilhosamente o coração dêste povo ao evangelho." A convicção e a certeza de que o Espírito Santo dirigia e orientava os batistas na evangelização era indubitàvelmente o segrêdo do seu poder e influência naqueles dias. Venderam durante o ano 1.300 exemplares das Escrituras e distribuíram 50.000 folhetos. Pregaram o evangelho em três cidades e dez vilas, com bons resultados.

1885 — AUMENTAM OS ESFORÇOS

Muito auspiciosas foram as entradas dos baianos batistas para o ano de 1885. "Nasceu sôbre nós o nôvo ano com aurora gloriosa que nos promete tempos melhores", escreve o Sr. Taylor. "Há seis meses saíram os Bagby para abrir uma nova missão na capital federal, mas apesar da sua falta aumentaram os esforços na Bahia." Três moços estavam estudando com o Sr. Taylor e preparando-se para pregar o evangelho. De fato, João Batista, Francisco Borges e Pedro Degiovanni ([1]) já pregavam aceitàvelmente as Boas Novas.

---

(1) A verificação do sobrenome não é absolutamente certa. Devido à escassez de documentos e ao costume de usar o primeiro nome apenas, a verificação dos nomes dos obreiros da época deu muito trabalho.

Progredia a igreja na vida espiritual, especialmente nas contribuições; e no princípio do ano já pagava todo o aluguel da casa de culto.

ORGANIZAÇÃO DA PRIMEIRA IGREJA DE MACEIÓ

Chegaram os folhetos do irmão Antônio Teixeira a Maceió, cidade natal do ex-padre, e criaram, entre os amigos e conhecidos dêle, interêsse pelo evangelho. Umas 50 pessoas começaram a estudar o evangelho e escreveram à Missão da Bahia, pedindo que enviasse alguém para os instruir nas doutrinas evangélicas. O irmão Teixeira visitou a cidade duas vêzes em 1884 e pregou a grandes congregações. Repercutiu por tôda a cidade de 15.000 habitantes a nova de sua mensagem. Achou-se mais notável como pregador batista do que fôra como padre de Roma. Teve a felicidade de batizar os velhos pais, que a princípio se recusaram a recebê-lo em casa.

Teixeira lembra-se do amigo Mello Lins, do Recife, que lhe deu alguma instrução sôbre o evangelho nos dias de luta espiritual e escreve-lhe dando-lhe informações das suas experiências e das doutrinas batistas. Escreve também ao Sr. Taylor, sugerindo-lhe que faça uma visita ao Sr. Mello Lins no Recife a fim de examiná-lo quanto à fé e batizá-lo, caso achasse oportuno. Chegou o Sr. Taylor ao Recife em maio e hospedou-se na casa do missionário congregacional, Rev. James Fanstone, que lhe prestou informações sôbre o irmão Lins. Por oito anos tinha sido crente fiel congregado aos presbiterianos. Não se unira à igreja por não concordar com ela na questão do batismo. Já pregara com êxito o evangelho e o Sr. Fanstone o julgava uma boa aquisição para a Causa do Mestre. Teve o Sr. Taylor uma longa e satisfatória entrevista com Mello Lins sôbre o arrependimento, regeneração, batismo e outras doutrinas bíblicas. Assim aos 6 de maio de 1885 foi batizado o primeiro batista na cidade do Recife.

Passou o missionário por Maceió na volta à Bahia acompanhado pelo recém-batizado e ali organizaram a segunda igreja da Missão Baiana com 10 membros, ficando Lins como membro e Teixeira como pastor. Escreveu o irmão Taylor no seu relatório trimestral: "No dia 17 de maio, depois da oração, organizamos a Primeira Igreja Batista de Maceió, com 10 membros. O Sr. Teixeira, espôsa e filho pediram cartas demissórias da Bahia e o Sr. Mello Lins entrou na organização. No sábado seguinte celebramos a Ceia do Senhor. Pregamos quase tôdas as noites por duas semanas. A pequena igreja teve um princípio auspicioso, empenhando-se em pagar o aluguel da casa de culto,

ESTADOS DE PERNAMBUCO E ALAGOAS

desde a organização. Há uma dúzia de interessados. Peço que Maceió seja incluída na lista de estações." ([2])

Batizaram-se apenas 13 pessoas no ano de 1885, na Igreja da Bahia devido a diversas dificuldades. Houve uma crise financeira, falta de trabalho que perturbou muita gente, mas a causa principal foi uma epidemia de febre amarela que impediu a pregação do evangelho durante alguns meses. Isto não quer dizer que o povo estivesse menos disposto a ouvir o evangelho, pois os dois colportores da Missão venderam 1.900 Bíblias e ao terminar o ano a igreja ficou animada pelo princípio do trabalho evangélico em novos lugares.

1886 — ORGANIZAÇÃO DA PRIMEIRA IGREJA EM RECIFE

Nos princípios de janeiro de 1886 chegaram à Bahia o missionário C. D. Daniel e espôsa, da América do Norte. O pai dêle fazia parte da colônia americana, havendo chegado ao Brasil quando Carlos tinha apenas nove anos. Passou a mocidade na província de São Paulo e tinha, portanto, conhecimento do vernáculo brasileiro. Estudara alguns anos na sua terra natal e voltara bem preparado para o serviço missionário. Foi benquisto entre os brasileiros e bem sucedido durante os poucos anos em que ficou no Brasil. Numa carta datada em 12 de janeiro de 1886 o Sr. Taylor manifesta a sua satisfação pela chegada de novos missionários e pelo plano de ocuparem êles em breve a cidade de Pernambuco.

Uma carta do Sr. Daniel, de 11 de janeiro, apresenta aspectos interessantes do trabalho na Bahia naquela época: "Um dia depois da nossa chegada à Bahia testemunhamos o batismo de duas môças pelo pastor nacional, João Batista. O ambiente era muito diverso do que em geral se encontra em tais ocasiões nos Estados Unidos. Reuniu-se um grande número de pessoas para zombar e escarnecer e o fizeram com muito alarde, rindo, xingando e usando de muitas palavras impróprias. Pretenderam apedrejar-nos, mas avisado, o Pastor Taylor, do plano, apressou o batismo e assim evitou o ataque planejado. Foi uma introdução bastante rude do trabalho da nossa causa e sentimo-nos como num monte gélido, estéril, sem vida, de infidelidade e romanismo."

Dos Taylor escreveu: "Jamais vi pessoas tão sinceras, tão zelosas e tão ativas como o nosso bom irmão Taylor e sua nobre espôsa. Quase não param de trabalhar a não ser o tempo suficiente para comer e dormir. Quando não estão visitando os irmãos e os interessados, estão escrevendo folhetos ou traduzindo

(2) Carta dirigida à Junta de Richmond.

literatura religiosa em português." Escreveu de Pernambuco em 31 de março de 1886: "Deixamos o Sr. Taylor e família gozando boa saúde, com bastante perseguição. No dia 27 de março foi insultado na rua e recebeu uma pancada na cabeça. Felizmente o chapéu alto salvou a cabeça, mas mesmo nôvo como era, ficou completamente inutilizado. Muitas vêzes ouvi aquêle homem de Deus dizer: *"Venha a perseguição, privações, trabalhos, a morte mesmo e a nossa divisa ainda será o Brasil para Cristo."*

Mello Lins foi consagrado ao ministério em Maceió nos princípios de 1886 e voltou a Recife como evangelista. Quando o missionário Daniel chegou a Recife, em 30 de março, já havia alguns interessados e dois homens prontos para o batismo. O missionário batizou os dois candidatos e no dia 4 de abril de 1886 foi organizada a Primeira Igreja Batista do Recife (e do Estado de Pernambuco), com 6 membros: os dois missionários C.D. Daniel e espôsa, o evangelista Mello Lins e espôsa e os dois recém-batizados. Foi eleito pastor o missionário Daniel e o irmão Lins, evangelista. A carta do missionário dirigida à Junta de Richmond, onde conta a história da organização da igreja em Recife foi escrita no dia 9 de abril de 1886. Portanto, não resta mais dúvida nenhuma sôbre a data da organização desta igreja. Termina a carta: "Assim começou o trabalho em Pernambuco com uma perspectiva brilhante."

Alguns meses depois, havendo feito pouco como pastor da igreja em Recife, o missionário Daniel foi chamado para tomar conta do trabalho na Bahia e o irmão Mello Lins foi eleito pastor em seu lugar.

QUATRO ANOS NA BAHIA

Nos fins de 1886, poucos dias antes da sua partida para os Estados Unidos, a 2 de janeiro de 1887, (3) o Sr. Taylor deu um relatório das três igrejas: Bahia, Maceió e Recife. Na Igreja da Bahia mais pessoas estavam freqüentando os cultos como resultado de perseguições. Um rapaz tentou fazer explodir uma bomba na igreja, sendo esta então guardada por uma escolta de soldados durante alguns dias. A casa de culto em Maceió não comportava as pessoas que freqüentavam as pregações. *O pastor Lins trabalhava abnegadamente em Recife e tinha batizado recentemente quatro pessoas.*

Aos 15 de outubro de 1886 a Igreja da Bahia celebrou o seu quarto aniversário. O relatório de quatro anos acusou 93 batismos na Igreja da Bahia e 69 membros. A alguns foram concedidas cartas demissórias para se unirem a outras igrejas, três

(3) Outra prova de que a Igreja do Recife foi organizada no dia 4 de abril de 1886.

membros morreram e nove foram excluídos. Foram consagrados dois pastôres brasileiros e mais dois estavam pregando e preparando-se para o ministério. A Missão tinha empregado dois colportores por mais de dois anos. A Missão vendera 6.000 Bíblias e publicara e distribuíra 100.000 folhetos.

A Missão Baiana contava com três igrejas, 10 pontos de pregação, cinco pastôres, dois obreiros, quatro diáconos e 120 batistas.

1887 — INTERESSA-SE O POVO PELO EVANGELHO

Partiu o irmão Taylor para os Estados Unidos, deixando aos cuidados do missionário Daniel a Missão Baiana. Êste mostrou-se trabalhador idôneo, pois numa carta escrita em 31 de março de 1887 falava em mais 7 membros, completando o primeiro cento de batismos na cidade da Bahia. O Sr. Daniel foi acometido duas vêzes pela moléstia beri-beri e mudou-se para o Rio, onde ainda se achava quando o irmão Taylor voltou em junho de 1887.

Depois de chegar ao Rio, escreveu o Sr. Daniel uma carta sôbre a perspectiva do trabalho no Estado da Bahia, que nos revela o interêsse do povo pelo evangelho: "Há grande número de pessoas de tôdas as classes da sociedade ansiosamente indagando o caminho da vida e da verdade. Parece que há um despertamento do interêsse na religião, através do Império, mesmo entre homens que nunca ouviram o evangelho. Antes de partir da Bahia, um médico duma cidade do Rio São Francisco visitou-nos e assistiu ao nosso culto diversas vêzes. Disse que nunca tinha ouvido sermão antes de me ouvir pregar, e que nunca lêra literatura evangélica a não ser a própria Bíblia. Nenhum pregador nem colportor tinha visitado a sua cidade. Encontrou uma Bíblia numa cidade distante e êle e a espôsa foram convertidos pela leitura daquela Bíblia. Convidou então alguns dos seus amigos e conhecidos para assistirem aos seus cultos e estudarem com êles a Palavra de Deus. Aceitaram o convite e mais pessoas foram convertidas. Esta pequena companhia de crentes reunia-se dominicalmente para ler e estudar as Escrituras em culto simples a Deus. Não havendo ninguém para os instruir e organizá-los numa igreja, resolveram tomar a Bíblia como seu guia e assim fazer o melhor possível até que o Senhor lhes enviasse um pastor."

Logo depois da sua chegada à Bahia, o Pastor Taylor batizou êste médico e escreveu a respeito dêle: "Durante vários anos foi romanista zeloso, havendo sido por nove anos o chefe da festa de S. Benedito, honra muito cobiçada. Mudou-se para a Bahia a fim de gozar dos privilégios da igreja. Já antes de

batizar-se, distribuía livros e folhetos. Acho que será um obreiro excelente."

Dentro de um mês o irmão Taylor batizou mais cinco pessoas vindas de diversas localidades, justificando a opinião apresentada na carta do Sr. Daniel. Escreve o Sr. Taylor: "Os nossos irmãos espalhados em diversos lugares estão trazendo outros à luz. Um irmão de Valença, cidade ao sul da Bahia, está aqui hoje com sua irmã, que se converteu e pede batismo. Um vizinho dèste irmão foi levado à prisão por causa da sua fé em Cristo. Uma irmã, duma vila ao norte da Bahia, já levou quatro ou cinco pessoas a Cristo. O padre pediu a Bíblia dela, mas ao invés de mandar-lhe a Bíblia, escreveu-lhe uma carta citando trechos do evangelho."

Foi neste ano de 1887 que o ex-padre, o primeiro batista brasileiro, o primeiro pregador desta nacionalidade e denominação, passou desta vida para sua recompensa eterna. Foi mestre de português dos primeiros missionários, pregador fiel do evangelho, pela imprensa e pela tribuna, pastor por dois anos na sua cidade natal, Maceió, pioneiro e herói da fé.

Com o desenvolvimento do trabalho cresceu também a necessidade de mais obreiros, especialmente para os campos de Pernambuco e de Maceió. O acolhimento e a boa influência da literatura evangélica acentuou a necessidade de uma boa tipografia. Precisavam também de casas de culto nos centros como a Bahia e o Rio.

1888 — O EVANGELHO NO INTERIOR

Depois da morte do Pastor Teixeira, foi escolhido o irmão João Batista para pastor da Igreja de Maceió. Ela já estava desanimada e outros problemas surgiam. Diversos membros afastaram-se dos princípios do evangelho e os inimigos aproveitaram a fraqueza da igreja para iniciar uma nova perseguição e tão perigosa e cruenta foi esta, que o pastor teve de fugir disfarçado em pescador.

Em outra ocasião uma epidemia fatal levou muita gente desta cidade. Raramente uma vítima da peste escapou com vida. Alguns desesperados foram levados para o mato e ali abandonados com um pão e uma garrafa de água para morrer na miséria. Um dêsses melhorou, voltou para a cidade e viveu alguns anos para anunciar o evangelho de Cristo a muitos de seus amigos e conhecidos.

Numa carta escrita por D. Kate S. Taylor, no mês de novembro de 1888, é discutido um nôvo aspecto do progresso da Missão Baiana. Havendo-se mudado diversos membros da Igreja da Bahia para o interior do Estado, êstes iam anunciando o evangelho com bons resultados.

Chegaram às mãos do Sr. Taylor convites urgentes de pessoas do interior, pedindo visitas evangélicas. Êle fêz uma viagem de 45 léguas no mês de dezembro, encontrando e batizando três convertidos na vila do Conde e três em Alagoinhas. Em Timbó, término da estrada de ferro, passou um dia e pregou a um grande auditório. O evangelista Francisco Borges acompanhou o missionário nessa viagem e demonstrou habilidade e poder na pregação do evangelho. No mês seguinte o irmão Borges mudou-se para Alagoinhas, onde era notório o interêsse pelo evangelho.

Animado pelos resultados dêsses esforços e por um convite cordial da vila de Jacobina, a 80 léguas da Bahia, o missionário imprimiu 15.000 folhetos e preparou-se para uma nova viagem pelo interior sonhando com a extensão do reino de Cristo pelo Estado da Bahia e, lentamente, pelo Brasil inteiro.

T. W. Batista foi consagrado pastor para trabalhar na cidade da Bahia. Antônio Marques foi consagrado em Minas e pouco mais tarde voltou à Bahia, seu estado natal, para trabalhar na cidade de Valença.

1889 — UM ANO HISTÓRICO PARA A PÁTRIA E PARA O EVANGELHO

Nos princípios de 1889 chegou um nôvo casal de missionários à Bahia, o Sr. J. A. Barker e espôsa. Êle ficou bem impressionado pelo zêlo e atividade dos crentes brasileiros e o progresso da Missão. Era um homem consagrado e prometia tornar-se um bom missionário, mas teve que voltar para a terra natal, porque a espôsa não podia suportar o clima dos trópicos.

O ano histórico para a pátria foi também um ano histórico para os evangélicos. O estabelecimento da República muito contribuiu para a causa evangélica. Vindicou, em primeiro lugar, os princípios de democracia e liberdade do evangelho. Garantiu a separação entre a Igreja e o Estado e a plena liberdade de culto para os evangélicos que, por favor, até então recebiam apenas os benefícios por tolerância.

Não queremos acentuar demais a influência do evangelho na liberalização dos ideais do povo brasileiro, mas não podemos deixar de reconhecer a sua contribuição, embora humilde, para o movimento liberal que levedara a massa do povo por alguns anos. Muitos católicos liberais, dotados de espírito de justiça, desejavam para os evangélicos a mesma liberdade de culto de que êles mesmos gozavam. Os maçons, que estavam no poder, eram campeões da liberdade política e religiosa. A larga venda de Bíblias por muitos anos exerceu sua influência. Também as perseguições e a queima de Bíblias em diversos lugares in-

fluenciaram muitos espíritos liberais em favor dos evangélicos e o grupo dos brasileiros liberais crescia contìnuamente.

Aristides Lôbo visitou o Dr. Bagby na cidade do Rio poucos dias antes da declaração da República e conversou prolongadamente sôbre a constituição da América do Norte, a separação entre a Igreja e o Estado, a liberdade religiosa e outros assuntos semelhantes. Muito significativa foi aquela visita, fôsse qual fôsse a influência da conversa com o missionário batista no regime republicano.

LUTAS E VITÓRIAS

Foi o 1889 um ano de lutas, trabalhos e sucessos. As igrejas de Maceió e Pernambuco lutaram contra muitos obstáculos. João Batista continuou como pastor em Maceió, mas a igreja estava fraca e desanimada. Houve uma divisão entre os membros da igreja em Pernambuco devido a uma questão de disciplina de um dos membros e quase todos os outros abandonaram a igreja porque não concordaram com a orientação do Pastor Mello Lins. Êste foi substituído por Sócrates Borborema que serviu apenas na capacidade de auxiliar e não como pastor. Pouco fêz a igreja daí até a vinda do Dr. Entzminger, mas não deixou de existir. Era visitada de quando em quando pelo missionário e sempre figurou nos relatórios anuais. Não podendo o missionário visitar a Igreja de Pernambuco e a de Maceió, elas, ao invés de crescerem tornavam-se cada vez mais fracas. Regressando o casal Barker à sua terra natal, o trabalho espalhado numa grande extensão de território sofreu por falta de obreiros.

Mas a nova do evangelho soava cada vez mais longe. Certo homem inteligente veio de um lugar distando 250 km. da cidade, pedindo batismo. Os missionários nunca tinham ouvido falar dêle e foi êle a primeira pessoa convertida em tôda aquela zona. Constituiu motivo de gratidão o saber que a semente estava brotando e dando frutos em lugares desconhecidos pelos missionários.

Escreve D. Kate S. Taylor: "Já ouviram, sem dúvida, da separação da Igreja e o Estado do Brasil. Temos agora inteira liberdade religiosa, o que desejávamos desde muito tempo. Que pena que os trabalhadores sejam tão ocupados que não possam aproveitar as imensas oportunidades que se nos deparam. O Brasil é agora um dos campos missionários mais prometedores do mundo, República imensa que será preenchida por imigrantes."

O The Foreign Mission Journal dos batistas que sustentavam o trabalho no Brasil publicou a seguinte observação: "De tôdas as nossas missões, parece que a providência aponta o Brasil como o lugar onde, acima de todos os outros, nós devemos

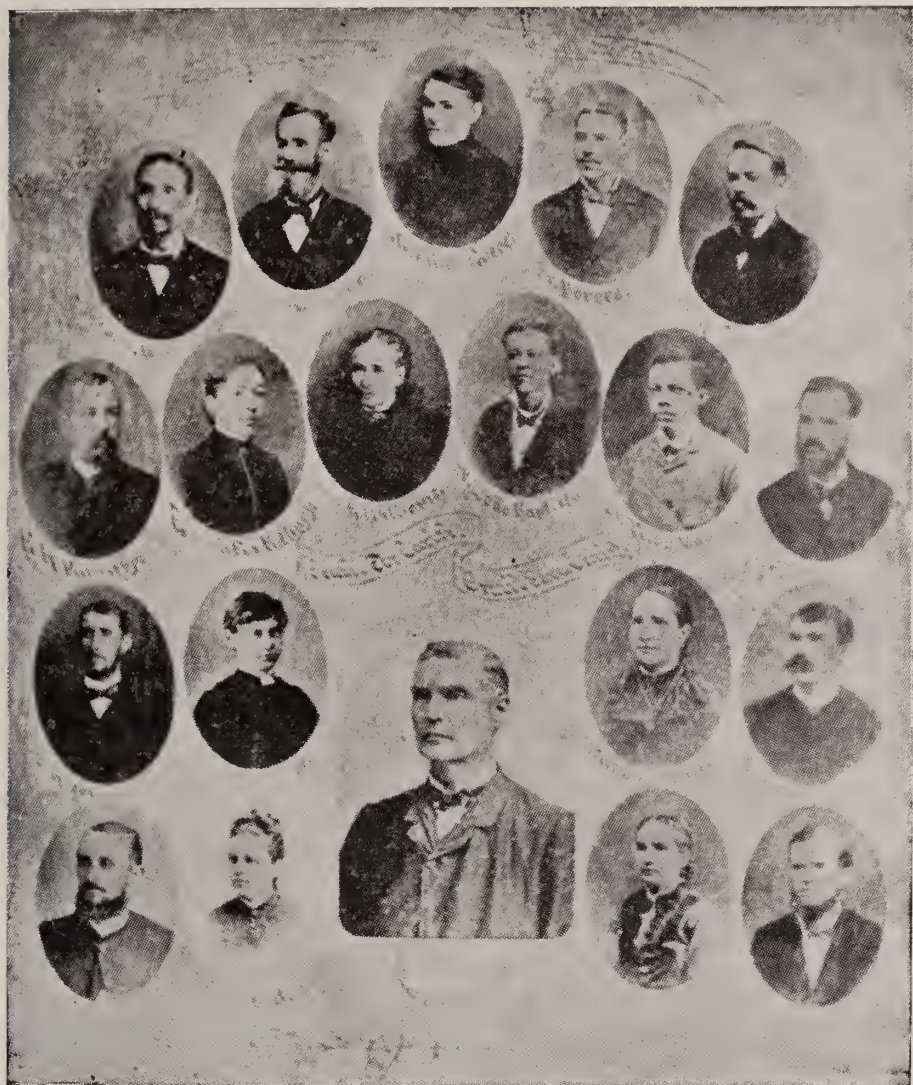
aumentar os nossos esforços até onde possível. A queda da Monarquia e o estabelecimento da República trouxe muitas mudanças, tôdas favoráveis ao trabalho de evangelização."

ESPERANÇAS REALIZADAS

Esperavam os missionários muitas vantagens do regime republicano. Numa carta escrita no dia 14 de dezembro de 1889, D. Kate S. Taylor explica a significação da mudança do govêrno para os evangélicos: "Prezado Jornal: Os nossos queridos leitores já sabem, sem dúvida, dos eventos incandescentes acontecidos recentemente na terra do Cruzeiro do Sul. Nunca foi realizada tão dignamente uma grande revolução — sem violência e sem derramamento de sangue. O govêrno duma nação poderosa mudou dentro duma hora com perfeita paz e harmonia. Palpita de orgulho o meu coração por minha querida pátria adotiva que duas vêzes nestes últimos anos deu exemplo duma grande revolução sem os horrores da guerra que inevitàvelmente acompanha tais mudanças em outros países, isto é, a emancipação dos escravos e a declaração da República. O nôvo govêrno está se mostrando inteiramente digno de confiança e apoio. Todos os seu atos até agora hão de contribuir para a prosperidade do país. Esperamos em breve a separação da Igreja e o Estado, a liberdade religiosa, secularização dos cemitérios, casamento civil e outras reformas.

"O nôvo regime está mantendo perfeitamente a ordem nas ruas da Bahia. A polícia acha-se em tôda a parte e prende imediatamente os trangressores da lei. Já estamos ceifando vantagens desta boa ordem. Antigamente o populacho podia apedrejar nossas casas de culto, abusar dos nossos membros nas ruas e a polícia estava sempre convenientemente ausente."

Era natural que os evangélicos confiassem demais nas vantagens provenientes do regime republicano, especialmente na proteção contra as perseguições, como abundantemente prova a história subseqüente. Mas todos os evangélicos lucraram na mudança. A revolução inspirou e encantou a imaginação do povo não sòmente no Brasil como também no mundo inteiro, e especialmente na América do Norte. Repercutiu o entusiasmo das cartas dos missionários entre os batistas sulistas da América do Norte. Os pedidos fervorosos dos missionários, o progresso do trabalho até então, apesar das desvantagens, o clamor das oportunidades, constituíram um apêlo irresístivel e a Junta de Richmond, reconhecendo a plenitude dos tempos, esmerou-se em aumentar o número de trabalhadores no Brasil. Alguns jovens preparados ofereceram-se para o serviço do Mestre na nova República que apresentava tantas vantagens encantadoras.

OBREIROS NO PERÍODO DO IMPÉRIO

I. Barcelos, Mesquita, Miss Everett Borges, Teixeira.
II. Puthuff, Mrs. Puthuff, Mrs. Williams, João Baptista, Tito Baptista, Lins.
III. Soper Mrs. Soper, Mrs. Daniel, Daniel.
IV. Bagby, Mrs. Bagby, Hawthorne, Mrs. Taylor, Z. C. Taylor.

CAPÍTULO VII

ABERTURA DO TRABALHO BATISTA NA ENTÃO CAPITAL FEDERAL

O dia 11 de junho de 1884 é significativo no calendário batista. Foi naquele dia que os Bagby partiram da Bahia com autoridade da Junta de Richmond para abrir a Missão na então grande capital da pátria brasileira, Rio de Janeiro. Depois de uma visita pastoral à igreja em Santa Bárbara, chegaram ao Rio no dia 24 de julho, mas não foram muito cordialmente recebidos pelas outras denominações evangélicas porque estas viam errôneamente nos batistas, uma seita restrita e arrogante.

Chegados ao Rio, hospedaram-se num hotel até conseguirem alugar uma casa que servisse de residência e tivesse uma sala para a pregação. Mas a providência de Deus favoreceu os nossos primeiros missionários. O missionário Bagby encontrou na rua um amigo de Santa Bárbara, o Sr. John Miller, pensionista da Sra. Elizabeth Williams, que morava no morro de Santa Tereza. Ela era membro da Igreja Batista do Tabernáculo de Londres, da qual o famoso ministro Charles Haddon Spurgeon era pastor. Era uma senhora distinta, consagrada, piedosa e fiel ao serviço de Cristo. O Sr. Bagby foi logo visitá-la e recebeu um convite cordial para usar a casa dela como sala de pregação.

Alugou mais tarde uma casa na rua Senador Cassiano, onde foi organizada a Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro no dia 24 de agôsto de 1884. Entraram quatro membros nesta organização: o Sr. Bagby e sua espôsa D. Anna, Miss Mary O'Rorke, com cartas demissórias da Igreja Batista da Bahia, e D. Elizabeth Williams, com carta demissória do Tabernáculo Batista de Londres. Vieram de longe estas pessoas para formar a Primeira Igreja Batista do Rio. Representavam os quatro membros três países do mundo, e não se achava entre êles nenhum brasileiro. Mas, como a Igreja da Bahia, foi esta também organizada para a evangelização do povo brasileiro. Os nomes bíblicos das mulheres são sugestivos: Anna, Mary e Elizabeth (Ana, Maria e Isabel).

Poucos dias depois uma senhora escocêsa, D. Joana, uniu-se à nova igreja. Mais tarde forasteiros foram convertidos e uniram-se ao rebanho pouco tempo depois: Sr. George Gooda, Srta. Young e Sr. Law, animando e fortalecendo a pequena igreja que

adotara os artigos da fé de Filadélfia e nutria a esperança de crescer como crescera a Igreja da Bahia.

No dia treze de dezembro escreve o Sr. Bagby: "Tenho um desejo ardente de batizar o primeiro brasileiro aqui no Rio, mas por enquanto não há nenhum indício de interêsse especial entre os brasileiros que assistem aos nossos cultos."

Era natural que os missionários sentissem o isolamento da sua posição e o pêso da responsabilidade perante as multidões. Escreve o Sr. Bagby, nos fins do ano: "Sinto profundamente a minha responsabilidade nesta grande cidade, onde milhares estão perecendo e onde tôdas as formas de êrro existem. Estou aqui sòzinho (humanamente falando) para representar a verdade como os batistas a entendem — as doutrinas do Nôvo Testamento sem acréscimo de tradições.

"Muito preciso de auxiliar, sim, agora mesmo, no princípio do trabalho. Como já disse diversas vêzes, devemos ter novos missionários para êste campo e agora a necessidade é maior do que nunca com o princípio desta Missão. Esperávamos que algum jovem viesse ajudar-nos neste nôvo trabalho. Não poderá vir alguém? Não há alguém que possa vir? Escrevo, prezado Doutor, para fazer um apêlo especial para que enviem um obreiro para o Rio de Janeiro. Preciso de um, imediatamente! Um homem nôvo poder-me-ia ajudar de muitas maneiras logo que chegasse, mesmo antes de aprender a falar o português! Faça o obséquio de apresentar o meu apêlo à Junta e insistir para que me enviem um homem imediatamente. O caso é de fato urgente, e eu espero que Deus inspire nalgum irmão jovem, o desejo ardente de vir agora para me auxiliar." Êste pedido tocante indicaria que os missionários estavam bastante desanimados, se não continuasse o invencível Bagby na mesma carta: "São pequenas ainda as minhas congregações, e assim hão de ser por algum tempo, porque para atrair um bom grupo de pessoas da voragem desta metrópole, ainda tenho muito tempo e esfôrço para empregar. Há muita indiferença por todos os lados, e o pecado tem um poder terrível, com seus prazeres e variedades de tentações. Ainda não sei de nenhum brasileiro que se interesse especialmente na salvação de sua alma.

"Esperamos muito no futuro da capital. O trabalho agora está *no dia de coisas pequenas,* mas confiamos em que o Senhor há de manifestar o seu poder dentro em poucos meses. Um auxiliar me é de grande necessidade e espero que o apêlo não seja em vão."

Por algum tempo manteve correspondência com o jovem E. Y. Mullins e numa carta dirigida à Junta disse: "O coração dêle (Mullins) arde com o desejo de ganhar almas para Cristo no Brasil."

1885 — RAIOS DE LUZ

O desejo fervoroso do missionário de ver os brasileiros convertendo-se e entrando na igreja, foi finalmente realizado. No último dia de janeiro de 1885, o pastor Bagby batizou o Sr. Mesquita na Baía de Guanabara, à noite. Êsse irmão tinha trabalhado por 14 anos com outra denominação evangélica. Era um obreiro zeloso e sincero, uma boa aquisição para a causa batista. Mais tarde o irmão Bagby escreveu elogiando a fidelidade dêste irmão em pregar, visitar e escrever para publicações. Era bom orador e os seus patrícios escutavam-no com muito interêsse.

O pastor Bagby e seus auxiliares abriram pontos de pregação em diversos lugares da cidade do Rio. Um inglês, E. H. Soper, que havia dirigido uma missão para marinheiros, uniu-se aos batistas e trabalhou eficientemente com a Missão por alguns anos. Foi pastorear a Igreja de Santa Bárbara, pagando a Junta de Richmond, uma parte do seu ordenado.

Vieram nesse ano de 1885, graças aos apelos comoventes dos missionários, três novos obreiros enviados pela Junta de Richmond: E. A. Puthuff e espôsa e Miss Nina Everett. Escreve o irmão Bagby: "Transbordaram de alegria os nossos corações pela chegada de cinco missionários, mas só Miss Everett ficou aqui no Rio e logo começou o estudo da língua. Foi acometida de febre amarela mas escapou sem ficar sèriamente prejudicada.

Já provara a Missão da Bahia, o grande valor da literatura em despertar o interêsse do povo pelo evangelho. Aproveitando essa experiência, a Missão no Rio, desde o princípio, espalhou muita literatura evangélica. Publicou dois novos folhetos que despertaram a curiosidade e o interêsse do povo: "Quem É o Povo Batista" e "O Que Crêem os Batistas". Usou também com ótimos resultados *As Três Razões,* de Teixeira, e *O Nôvo Nascimento,* de Taylor.

Aos 15 de novembro de 1885, o pastor Bagby batizou a primeira senhora batista brasileira do Rio, D. Castorina Adélia Soares. Ela ainda vivia, em 1937, e quatro dos seus cinco filhos, um professor, um diácono e uma médica, sendo trabalhadores ativos nas igrejas do Rio. Ela ainda se lembrava dos arrojados obreiros Mesquita, Barcelos e Irvine, que trabalharam com zêlo e denôdo para o progresso do evangelho quando tinham que lidar com muitas dificuldades.

Pregou o missionário Bagby desde o princípio a responsabilidade que o crente tem de evangelizar e contribuir para o sustento do evangelho. A pequena igreja, organizada com quatro membros, no segundo ano da sua existência estava pagando as

despesas de um colportor para vender e distribuir muitos exemplares das Escrituras e milhares de folhetos, e sustentava ainda uma senhora inglêsa para ensinar ao povo as Escrituras. Zelosa e fiel, ela muito ajudou no desenvolvimento do trabalho.

Assim progrediu lentamente e com bases sólidas a nova Missão do Rio. Nesse mesmo ano começou o missionário Bagby a pensar em abrir o trabalho na grande província de Minas Gerais e nas cidades importantes da vizinhança do Rio. Veio em fevereiro um convite urgente para visitar uma vila em outra província e batizar treze pessoas convertidas pelos esforços de um obreiro cristão. No fim do ano de 1885, a Primeira Igreja do Rio contava com 18 membros zelosos, ativos e liberais. Alguns batismos foram efetuados na Igreja de Santa Bárbara, que acusava cinqüenta membros.

1886 — LUTAS E PROVAS

Nos princípios de 1886, o irmão Bagby quase morreu de febre amarela. Escreve sua espôsa, em fevereiro: "O Sr. Bagby manda dizer que espera apresentar pessoalmente o seu relatório à Junta de Richmond. Está convalescente de um ataque severo de febre amarela." Deixou a Missão aos cuidados do obreiro Soper que estava trabalhando em Santa Bárbara e para lá foi o Sr. Puthuff tomar conta da igreja.

Escreve o Sr. Soper uma carta que explica algumas dificuldades do trabalho evangélico no Rio: "Oxalá que as condições do nosso trabalho no Brasil fôssem melhor conhecidas. Creio que muitos têm uma idéia falsa das condições religiosas no Brasil. Não há aqui liberdade religiosa: há apenas tolerância para os não-conformistas. Fora dos nossos lugares de culto não temos liberdade alguma. Ia entregar um jornal a um marinheiro inglês na sala de estrangeiros do hospital e fui impedido de o fazer, pelo sacerdote. E a Inglaterra ajuda no sustento daquela mesma sala. Todos os vapores que entram no pôrto têm que pagar para o sustento do hospital. Por causa da minha religião, fui proibido de visitar no hospital uma crente, escrava que foi comprada e liberta por um dos nossos missionários."

O irmão Mesquita pregou durante o ano uma média de 30 sermões por mês, esgotando de tal forma as suas fôrças, que desmaiou uma vez no púlpito. Os colportores foram elogiados também pelo bom trabalho que fizeram no Rio.

Esforçou-se muito o missionário Soper para despertar entre os inglêses algum interêsse pela religião, mas gastou as energias quase que inùtilmente.

Apesar de tôdas as dificuldades, 17 pessoas foram batizadas na Igreja do Rio. Foi considerado um ano próspero e o zêlo dos

irmãos muito prometia para o futuro. Não havia mais dúvida de que a nova Missão ia crescer e prosperar, como estava crescendo e prosperando a Missão da Bahia. O número crescente de convites dirigidos aos missionários, era prova suficiente de que o trabalho batista poderia ser estabelecido em qualquer parte do Brasil, se houvesse trabalhadores.

A pequena Igreja de Santa Bárbara, dirigida nesse tempo pelo pastor Puthuff, estava fraca e desanimada. Uma das razões por que a igreja ia enfraquecendo, era a falta de um pastor permanente.

1887 — A VOLTA DOS BAGBY COM UMA NOVA OBREIRA

A febre amarela prostrou o irmão Soper que dirigira a Missão do Rio na ausência do Sr. Bagby, e o trabalho sofreu por falta de direção. Quase todos os nossos primeiros missionários foram vítimas dêsse horrível flagelo, mas poucos morreram da moléstia. A varíola grassou também nequeles dias de um modo muito grave. Escreveu o Sr. Bagby em junho: "Chegamos em tempo de escapar da febre amarela e encontrar a varíola."

Antes de partir da cidade do Rio para a província de São Paulo, onde o clima era mais favorável, tornou-se real a preciosa esperança que o irmão Soper nutrira por muito tempo — um grande avivamento entre o povo da colônia inglêsa. Transbordou de alegria o coração dêste consagrado obreiro quando em resposta à oração fervorosa e importuna, cinqüenta pessoas de denominações diversas manifestaram o desejo de receber mais da graça e amor de Deus na vida cristã e no serviço ao próximo. Muitos de fora ficaram interessados e o missionário tinha esperança de que a consagração dos inglêses tivesse uma boa influência na evangelização dos brasileiros que freqüentemente criticavam seu proceder.

Veio com o missionário Bagby e espôsa uma nova missionária, Miss Maggie Rice, do Estado de Missouri. Ela fêz muito progresso no estudo de português e prometia tornar-se uma obreira zelosa e eficiente.

Apesar de tantos obstáculos, houve um despertamento de interêsse na consagração da Igreja do Rio, que animou os obreiros. Escreve o Sr. Bagby: "Bem fundada é a nossa esperança de grandes bênçãos do Senhor sôbre a nossa igreja. Há muitas revelações de uma obra de graça entre os interessados da nossa congregação, pelo aumento de fé, atividade e espiritualidade dos nossos membros."

Iniciaram no Rio a publicação de um jornalzinho, *O Cristão Brasileiro,* com a esperança de que contribuísse para a propagação do evangelho em muitas partes do império.

1888 — DOENÇA, MORTE E FÉ

O trabalho foi prejudicado pela doença do irmão Soper e de sua espôsa. Êle ficou enfraquecido e ela teve que voltar à Inglaterra para recuperar a saúde. D. Ana Bagby teve febre amarela. A nova missionária, que ganhara a confiança e a simpatia de todos os batistas pelo zêlo e consagração, caiu vítima de febre amarela e os restos mortais dela descansam no cemitério do Cajú, no Rio de Janeiro. Não chegou a fazer muita coisa pela causa do seu amado Mestre, mas o seu espírito de amor e sacrifício revelou o propósito firme daqueles que traziam para o Brasil as Boas Novas do evangelho. Não morreu em vão.

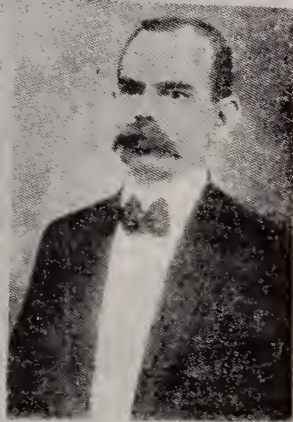
O relatório da Missão do Rio para o ano de 1888 foi animador. O progresso e as possibilidades do trabalho revelaram a necessidade urgente de mais obreiros e de uma boa casa de culto para a Igreja do Rio. Esforçou-se a Junta para satisfazer essas necessidades, transferindo o casal Daniel da Bahia para o Rio e pedindo a volta dos Soper de Santa Bárbara para a capital a fim de ajudar no trabalho que parecia oferecer boas oportunidades. Dirigiu um apêlo aos batistas norte-americanos, pedindo que contribuíssem para a construção de uma casa de culto na cidade do Rio.

O missionário Puthuff estabeleceu um colégio na vila de Santa Bárbara, construindo uma casa própria para êste fim, mas ficou desanimado e nos princípios de 1888 pediu permissão para abandonar o trabalho em Santa Bárbara e dedicar o tempo em serviço mais proveitoso entre os brasileiros nativos. Diversos missionários trabalharam com a Igreja de Santa Bárbara, mas esta nunca prendeu o interêsse dêles tanto quanto a evangelização dos brasileiros natos.

Os militantes Bagby e Soper fizeram algumas viagens curtas à província do Rio de Janeiro e notaram que o povo das vilas e pequenas cidades estava mais disposto a ouvir o evangelho do que as multidões da metrópole. A Junta de Richmond impressionada pelo relatório dessas viagens, chegou a contemplar a mudança da Missão da cidade do Rio para a província do Rio.

1889 — UMA NOVA IGREJA

Tinham pensado os irmãos Puthuff e Daniel por algum tempo em fundar uma missão na grande província de Minas Gerais. Recebendo permissão da Junta, a cidade de Juiz de Fora foi escolhida como centro das suas atividades. Era uma linda cidade com ruas largas e um povo ativo e progressista. As pessoas ouviam com interêsse o evangelho e chegavam às mãos

DO ENTÃO DISTRITO FEDERAL

1ª Reunião de missionarios no Brasil, 1892

dos missionários convites enviados por fazendeiros do interior, pedindo explicações sôbre as doutrinas evangélicas.

Em fevereiro de 1889, foi organizada a Igreja Batista de Juiz de Fora, com quatro membros. Depois da organização, foram batizados mais três convertidos: dois levaram cartas demissórias para outras igrejas e dois foram recebidos por cartas. A igreja, de sete membros, contribuiu liberalmente para o sustento do evangelho. Infelizmente o missionário Carlos Daniel teve que se retirar do Brasil e do trabalho missionário, porque a espôsa não gozava de saúde neste país, sofrendo principalmente de nostalgia.

O irmão Soper teve que se retirar do Brasil porque o seu estado físico não permitia que continuasse no serviço. Os Puthuff voltaram de uma vez para a terra natal, no mesmo ano. Miss Nina Everett que acompanhara os Taylor em 1887 à America do Norte, aí ficou também por causa da fraqueza física. No fim de 1889, para levar avante o trabalho batista no regime republicano, restavam apenas os dois casais Bagby e Taylor, pioneiros do serviço e D. Ema Morton, recentemente chegada dos Estados Unidos.

Uniram-se à Igreja do Rio 17 pessoas por batismo e três por carta, fazendo um total de 89 membros no fim do Império. "Os irmãos são zelosos, abnegados e fiéis — constantes em freqüentar os cultos, entusiásticos nos seus labôres, e liberais nas contribuições", escreveu o Sr. Bagby no seu relatório. Êste relatório animador da Primeira Igreja do Rio justificava a permanência da Missão na Capital Federal.

NO FIM DO IMPÉRIO

A história da Missão Batista no curto período do Segundo Império brasileiro dá para dizer muita coisa. Do ponto de vista prático estava longe de ser animador. A Junta de Richmond enviara ao Brasil, nesses últimos anos do reinado de D. Pedro II, seis homens e nove mulheres. Quase todos êles, senão todos, foram vítimas da febre amarela, varíola, beri-beri ou outras moléstias perigosas daquela época em que a ciência não tinha os recursos de hoje para combatê-las, e a febre amarela era muito mais perigosa para o estrangeiro do que para os brasileiros que eram gradualmente imunizados pela própria natureza. Quatro homens e seis mulheres tiveram que abandonar o serviço missionário no Brasil por causa do estado precário da saúde e uma môça já recebera a sua coroa da vida. Os cinco missionários que continuaram no trabalho sofreram não sòmente as moléstias, como os insultos, ameaças, vilipêndios e perseguição.

Mas, falando do ponto de vista espiritual, muitos motivos inspiraram aquêles que sabiam apreciar *o dia de coisas pequenas.* Os missionários encontraram em tôda a parte amigos do evangelho. De todos os lados vinham convites de pessoas interessadas nos ensinos da Palavra de Deus. Se houve alguns perseguidores, houve ainda mais amigos. Se houve algumas perseguições, o govêrno geralmente era liberal e oferecia proteção aos evangélicos nos seus lugares de culto. Era um grande prazer trabalhar entre o povo brasileiro, de índole boa, hospitaleiro, inteligente, religioso e amável. O sucesso dos esforços missionários, apesar das lutas e dificuldades, a salvação de almas pela graça de Deus e o estabelecimento de igrejas cristãs, eram provas incontestáveis de que Deus estava dirigindo a Missão Batista Brasileira. As 8 igrejas com os seus 312 membros, os 7 pontos de pregação, 56 batismos no ano 1889 e as contribuições liberais das igrejas constituíram um bom prenúncio para os batistas brasileiros. Os 2 pastôres nacionais e 8 obreiros leigos indicavam que a denominação estava tomando raízes no Brasil e manifestando as suas qualidades indígenas.

PARTE IV

SEGUNDO PERÍODO — 1890 A 1895

CAPÍTULO VIII

ALONGAMENTO DAS CORDAS E SEGURANÇA DAS ESTACAS

Ao nascer o regime republicano ia-se arraigando a obra batista na sociedade brasileira. O povo na sua maioria ignorava êste fato relevante, mas o grupo de 312 batistas brasileiros constituiu por si uma prova de que havia espalhados em tôda a parte da República Brasileira, milhares de pessoas em condições de aceitarem as doutrinas evangélicas do Nôvo Testamento e abraçarem os princípios democráticos dos batistas, se lhes deparasse o ensejo de ouvir o evangelho. Mais uma vez foi verificada na história das missões a verdade da Parábola do Semeador. Havia muita gente de coração reto e bom no Brasil representando a terra preparada e esperando a oportunidade de receber a semente da Palavra e dar fruto com perseverança. Gratos a Deus eram os missionários e os batistas brasileiros pelas vitórias alcançadas, e sentiam-se incumbidos de dar ao povo dessa nova República o evangelho na sua pureza.

Os anos do trabalho missionário batista que coincidiram com os últimos anos do Segundo Império constituíram o período de lançar alicerces. Era o período pioneiro, de princípios, de escárnio, de provas, de dúvidas, de persistência, de solidão e de muita responsabilidade para os poucos obreiros. Mas era também o período de venturas, de fé, de esperança, de coragem e de heroísmo. Era o dia de coisas pequenas quando os missionários na presença de tanto indiferentismo reconheciam a insuficiência das suas fôrças e tinham que depender forçosamente do poder e do auxílio do Altíssimo. Mas no fim do Império já não restava mais dúvida nenhuma de que os batistas ficavam permanentemente estabelecidos na terra do Cruzeiro do Sul. Eram ainda poucos, humildes e fracos e enfrentavam uma tremenda oposição, mas tinham uma grande compaixão pelas almas perdidas e uma certeza inabálavel de que Deus os ajudava no desempenho da sua divina missão.

Usando a figura expressiva de Isaías, podemos denominar os primeiros seis anos da República, o período de alongar as cordas e segurar as estacas. De fato êstes têrmos caracterizam tôda a breve história batista brasileira, mas podem ser aplicados a êsse período de 1890 a 1895 de uma maneira especial. A Junta

de Richmond esforçou-se para ajudar a nova Missão tão prometedora nas condições políticas e sociais que de repente se tornaram mais favoráveis ao evangelho. Os irmãos Entzminger, Salomão e diversos outros missionários vieram aumentar as fôrças evangelísticas.

As igrejas da Bahia e do Rio, centros das respectivas missões, cresceram e estenderam a influência das suas operações. No princípio dêste período a Igreja da Bahia recebeu uma quantia de 5.000 dólares da Junta de Richmond e comprou uma casa apropriada para os cultos. Em 1894, a Igreja do Rio recebeu 10.000 dólares e comprou uma boa casa no centro da cidade do Rio. Estas novas casas de culto animaram os membros e atraíram maiores congregações. Assim se seguraram as estacas nestas duas grandes cidades.

As cordas foram alongadas em diversas direções. No fim de 1895 havia 4 igrejas na Missão Baiana com 278 membros e 5 na Missão do Rio com 187 membros. E cada uma dessas missões já teve a sua filha independente e vigorosa. A Missão Pernambucana já contava com 3 igrejas de 71 membros. A Missão de Campos tinha 4 igrejas com 248 membros. Essas duas novas missões tinham prosperado admiràvelmente. As 16 igrejas e 784 membros, 10 missionários e 6 pastôres brasileiros estavam prontos e preparados em 1895 para entrar pelas portas abertas de todos os lados.

As publicações do irmão Taylor na Bahia e as do irmão Ginsburg em Campos contribuíram para o desenvolvimento das igrejas e para a proclamação do evangelho, por meio de jornais, folhetos e livros.

A ASSOCIAÇÃO EVANGÉLICA, DENOMINADA BATISTA DO RIO DE JANEIRO

Foi organizada a Associação em 11 de dezembro de 1894. É uma das mais antigas das instituições batistas no Brasil. Como não podemos arrancar do Nôvo Testamento a doutrina da mordomia cristã, assim também não podemos dissociar o desenvolvimento espiritual da Denominação das suas imprescidíveis bases materiais. O valor material do patrimônio batista brasileiro é indiscutìvelmente um poderoso testemunho do amor dos batistas à Causa do nosso Senhor Jesus Cristo. A liberalidade do povo batista é prova da sinceridade do seu amor cristão (II Cor. 8:8).

O crescimento da Denominação depende muito de templos adequados para as igrejas e de edifícios e propriedades para os educandários, orfanatos, hospitais e outras instituições. Os fundadores da Associação eram homens de visão e de elevados ideais. Lidando inteligentemente com os problemas da época, êsses pio-

neiros da fé deitaram os alicerces em bases sólidas para o futuro da Denominação. Não podemos precisar os nomes dos fundadores, mas sabemos do preâmbulo dos Estatutos da Associação, publicados em 1906, que os irmãos William B. Bagby, William E. Entzminger, Arthur B. Deter, F. de Miranda Pinto, Libeurn C. Irvine, Alberto L. Dunstan, Francisco F. Soren e Salomão L. Ginsburg eram os membros da Associação naquela data.

Muitas igrejas e outras instituições batistas hoje em dia se constituem em *pessoa jurídica,* e como entidades civis e particulares podem dispensar o serviço da Associação. Com o progresso da Denominação outras instituições congêneres foram formadas para atenderem as igrejas dos respectivos campos. Por êstes dois lados é reduzido o trabalho da Associação, mas não obstante êste fato, continua a crescer o valor da propriedade em seu nome.

Da história da Associação Evangélica Denominada Batista do Rio de Janeiro, apresentada pelo incansável presidente, Dr. F. de Miranda Pinto à assembléia ordinária de 27 de junho de 1935, cito o seguinte parágrafo que explica a finalidade da organização:

"A idéia de sua organização nasceu na necessidade de se assegurar às igrejas que estavam sendo organizadas a aquisição de casas, por doação ou compra, onde pudessem ter os seus cultos. A Denominação Batista no Brasil estava lançando os seus fundamentos em um meio que oferecia grandes dificuldades que precisavam de ser contornadas. A Associação foi a entidade civil adequada aos fins. Podemos hoje avaliar a larga visão que tiveram êsses nossos irmãos batistas, pois a sua obra não foi vã; a Associação por êles ideada está à prova. Os primeiros anos de sua vida constituem o período de formação e consolidação da idéia inicial. A semente foi bem lançada em solo propício à sua germinação de modo que a Associação tem crescido sempre à proporção que a Denominação crescia. Mas a sua finalidade é a mesma — servir à nossa Denominação."

A Associação vem resolvendo diversos problemas para as igrejas como questões de fôro, cobrança de impostos e infrações de posturas municipais e contribuindo de várias maneiras para o desenvolvimento da Causa Batista. Portanto, exige dos seus membros, e especialmente do presidente, um serviço assíduo, paciente e perseverante. O Dr. F. Miranda Pinto vem prestando por longos anos êsse serviço de grande valor como presidente da nossa Associação. O seu conhecimento das leis do país, a sua larga experiência na praça como engenheiro e representante da Cia. Leopoldina que tão bem serviu por tanto tempo, e acima de tudo o seu amor e a sua dedicação ao serviço da Causa, constituem um preparo extraordinário para arcar com as responsa-

bilidades pesadas, e às vêzes irritantes, desta organização, Êle sabe apreciar o valor da Associação, a necessidade de trabalhar persistentemente para manter os arquivos em condições e satisfazer às exigências das leis do país.

Entre todos os obreiros batistas no Brasil talvez nenhum outro tenha contribuído tanto, pelo serviço e pela influência, na Junta Patrimonial e em outras organizações da Denominação, para o aumento e para a segurança do patrimônio brasileiro batista como o Dr. S. L. Watson. Como diretor da Casa Publicadora e por muitos anos tesoureiro da Associação, o Dr. Watson concorreu com tudo necessário para o melhor serviço da Associação, cedendo uma sala da Casa Publicadora para o escritório onde se acham arquivados em ordem todos os seus livros e documentos.

"A Associação Evangélica Denominada Batista do Rio de Janeiro é um fator de prosperidade da Denominação Batista no Brasil. Rendemos graças a Deus pelas suas grandes bênçãos e deixamos aqui a nossa saudosa homenagem à memória daqueles que foram pioneiros nesta obra e que já foram chamados."

Dr. F. de Miranda Pinto:
Relatório da Associação Evangélica Denominada Batista do Rio de Janeiro à Assembléia Ordinária de 27 de janeiro de 1935.

ASSOCIAÇÃO EVANGÉLICA DENOMINADA BATISTA DO RIO DE JANEIRO

Estatística de Escrituras com seus valores de aquisição. Anexa ao Relatório apresentado à Assembléia de junho de 1935.

CAMPOS	De 1894 a 1919 inclusive		De 1920 a 1934 inclusive		TOTAL	
	Nº	Valor — Cr$	Nº	Valor — Cr$	Nº	Valor — Cr$
Pernambucano. . . .	1	8.000,00	—	——	1	8.000,00
Alagoano.	1	Doação	—	——	1	Doação
Baiano.	—	——	1	19.000,00	1	19.000,00
Vitoriense (1) . . .	—	——	—	80.000,00	—	——
Fluminense.	7	60.310,00	1	——	8	140.310,00
Federal.	7	533.500,00	31	1.628.568,00	38	2.162.068,00
Mineiro.	2	4.254,00	16	270.150 00	18	274.404,00
Paulistano.	6	52.222,00	2	217.600,00	8	269.822,00
Goiano.	—	——	2	180,00	2	180,00
Matogrossense. . . .	1	500,00	8	42.500,00	9	43.000,00
S. Catarinense. . . .	—	——	3	67.000,00	8	67.000,00
Paranaense.	—	——	—	——	—	——
Rio G. do Sul. . . .	6	3.456,00	3	7.200,00	9	10.656,00
Totais.	31	662.242,00	67	2.332.198,00	98	2.994.440 00

(1) Por correspondência que tivemos com Vitória fomos informados de que há nesse Campo 7 propriedades no nome da Associação(mas não conseguimos ainda os pormenores necessários para o nosso Registro. As escrituras se acham lá.

Rio, junho de 1935. *F. de Miranda Pinto*
Presidente

CAPÍTULO IX

A MISSÃO BAIANA DE 1890 A 1895

A Missão Baiana mantinha trabalho nas cidades de Pernambuco, Maceió, Bahia, Valença, Alagoinhas e diversas cidades menores. T. W. Batista trabalhava na Bahia, Antônio Marques, em Valença, João Batista, em Maceió, Sócrates Borborema em Pernambuco e Francisco Borges em Alagoinhas.

1890 — SERVIÇO NO ESPÍRITO DE CRISTO

Escreve o missionário Taylor: "Embora fraco, espero que o meu trabalho neste ano seja o mais frutífero e o mais abençoado da minha vida." Visitou o seu campo de atividades três vêzes no correr do ano, distribuindo 1.000 Bíblias e 50.000 folhetos. Continuou a publicação do jornal *Éco da Verdade,* que tinha uma circulação de 500 exemplares. Batizaram-se, nas 4 igrejas, 59 membros. O irmão Taylor e espôsa ficaram animados no serviço do Mestre pela conversão do Sr. Chaves e espôsa. Êle era negociante da cidade, homem culto, acatado e capaz de prestar um bom serviço à Causa do Mestre. Escreveu em português elegante um bom folheto, *Das Trevas para a Luz* que foi publicado e usado com bons resultados na evangelização.

Houve na cidade de Alagoinhas, Bahia, uma epidemia terrível de varíola e o espírito de abnegação, sacrifício e caridade dos batistas no socorro dos seus patrícios necessitados, arriscando suas vidas, despertou a admiração e a apreciação de muitas pessoas. O Pastor T. W. Batista, os irmãos, José Domingues, Dalmiro Sampaio, José Vergues e as irmãs Felicíssima Coelho e Máxima Vergues prestaram socorro aos doentes que se achavam quase desamparados. A estrada de ferro concedeu-lhes passagens; as autoridades do govêrno e um médico combinaram auxiliar no plano caridoso dos batistas. O Dr. Taylor levantou mil cruzeiros entre os batistas e amigos para socorrer aos necessitados. Esta manifestação espontânea de sacrifício e amor captou muita simpatia e prestígio para os batistas da Bahia.

Muito se interessou o povo da Bahia nas eleições políticas. Os liberais ganharam uma vitória notável. O arcebispo da Bahia candidato para a câmara dos senadores, foi derrotado por uma grande maioria, não obstante a influência e o esfôrço dos católicos a seu favor.

1891 — AQUISIÇÃO DE SALOMÃO GINSBURG

O evento mais importante do ano de 1891 para os batistas foi a aquisição do Rev. Salomão Ginsburg. Era missionário, com sustento próprio, da igreja congregacionalista. Era judeu russo por nascimento, sendo filho de um rabi. Estudou 8 anos na Alemanha e com a idade de 16 anos foi a Londres *to learn business* (a fim de aprender a negociar). Converteu-se pela leitura do Nôvo Testamento. Foi deserdado e excomungado pela família. Desejando dedicar-se ao trabalho missionário, estudou em *Grattan-Guinness College,* Londres, donde foi enviado ao Brasil como missionário inter-denominacional. Trabalhou assìduamente na igreja congregacional, mas tinha alguma dúvida sôbre a questão do batismo. Fizera um plano para combater os batistas e estudando o Nôvo Testamento sôbre o assunto encontrou certas dificuldades que arrefeceram o seu entusiasmo. Convidou o missionário Taylor para a casa dêle a fim de discutir o batismo do Nôvo Testamento. Sustentou a sua posição no argumento com o irmão Taylor, mas ficou bastante abalado em sua convicção. Continuou o estudo da questão e ficou finalmente convencido de que os batistas interpretavam corretamente os ensinos do Nôvo Testamento sôbre a ordenança do batismo.

Um mês depois do seu regresso à Bahia, o Dr. Taylor recebeu um telegrama do Sr. Salomão, dizendo que ia visitá-lo na Bahia, sem alegar o motivo. O irmão Taylor julgava que o Sr. Salomão desejava batizar-se, e foi êste mesmo o motivo de sua viagem à Bahia.

Logo depois de sua chegada declarou aos missionários que se convencera da doutrina bíblica do batismo e queria obedecer ao Mestre em tudo. Fêz a profissão pública de fé perante a igreja e foi batizado pelo pastor Taylor. No domingo seguinte foi consagrado ao ministério batista, formando o concílio, os irmãos Taylor, Entzminger, Francisco Borges e outro pastor brasileiro. Diz o Sr. Salomão: "Foi o dia mais memorável da minha vida. Não houve muitos assistentes e a assembléia não foi a mais seleta, mas a presença e o poder do Espírito de Deus era visível. Cheio de alegria, novamente me consagrei à tarefa de levar almas ao meu Mestre e Senhor no grande e esquecido continente. [1]

Os missionários Entzminger e Taylor escreveram à Junta de Richmond em palavras proféticas as impressões que tinham do nôvo pastor batista: "Há quatro meses começou o Sr. Salomão o estudo das doutrinas batistas, que resultaram em seu batismo e união à nossa igreja há 10 dias. É favoràvelmente conhecido

---

(1) **Um Judeu Errante no Brasil**, pág. 70.

por todos os missionários do Brasil. Tudo que temos visto dêle só nos agrada. Da experiência cristã que relatou perante a igreja parece forte na fé e ortodoxo na doutrina. Fêz um curso especial em preparo para o trabalho missionário. Tem um dom natural na aquisição de línguas, das quais já fala diversas. Estando no Brasil há pouco tempo, já fala a língua com fluência. Tem dom para a poesia e já publicou uma coleção de hinos em português, que são muito apreciados. É um orador que atrai e agrada e escritor que maneja bem a palavra. É tipógrafo, havendo servido como aprendiz em Londres. Está preparado de um modo especial para o nosso trabalho aqui no Brasil." Na base dessas recomendações e alguns meses de trabalho eficiente, o nôvo pastor foi aceito como missionário da Junta de Richmond.

Nas visitas às diversas igrejas do campo o irmão Taylor visitou 23 cidades e vilas; o pastor Antônio Marques, de Valença, visitou 9 lugares e João Batista, de Maceió, pregou o evangelho em 5 vilas e cidades. A Igreja de Valença, organizada em 1889 ou 1890, estava num período de avivamento, a de Maceió estava mais firme e a de Pernambuco, depois de um período de desânimo, estava mostrando sinais de vida e esperança. A igreja-mãe da Bahia lutava com diversas dificuldades e teve apenas 39 batismos, enquanto que a Igreja do Rio teve 44.

1892 — LUTAS, TRABALHO, DOENÇA E MORTE

D. Kate S. Taylor tinha sofrido por alguns anos de um tumor canceroso na perna o qual se tornava cada vez mais grave. Nenhum médico no Brasil quis fazer a difícil operação que urgia no caso. Os Taylor voltaram aos EE.UU. e a operação quase miraculosa de D. Kate foi feita pelos melhores cirurgiões de Nova York. Foi-lhe amputada uma perna pela juntura da coxa. Ficou boa pela operação e os Taylor voltaram ao trabalho na Bahia em setembro, acompanhados de uma nova missionária, Miss Sallie J. Johns.

Os missionários Entzminger e Ginsburg estavam à frente do trabalho da Bahia enquanto que o missionário Taylor estava de férias. No correr do ano o Sr. Ginsburg viajou 1.600 km., visitando 13 cidades e batizando 48 convertidos. O Dr. Entzminger estava doente a maior parte do ano e pouco pôde ajudar no serviço.

O pastor da igreja de Alagoinhas, Francisco Borges, morreu de paralisia em 23 de novembro de 1892. A primeira espôsa do Sr. Ginsburg, senhora Carrie Bishop, faleceu de febre amarela no mesmo ano. Era enfermeira e prestava bom serviço aos doentes. Ela e Miss Sallie Johnson tinham feito um trabalho abençoado na escola dominical e nas visitas aos doentes, despertando

o interêsse de muitas pessoas no evangelho. Notando a boa influência do serviço dela, o Sr. Taylor esperava que fôsse o princípio do trabalho médico entre os brasileiros.

No fim dêste ano o Dr. Entzminger mudou-se para Pernambuco e o Sr. Salomão para Niterói.

1893 — A ESCOLA INDUSTRIAL

Batizaram-se 69 pessoas nas quatro igrejas da Missão. O trabalho foi aberto em Sto. Antônio, e José Domingues foi consagrado o designado para dirigir o nôvo campo. Serviu, entretanto, por pouco tempo como pastor. Abriu-se de nôvo o trabalho em Alagoinhas um ano depois da morte do pastor Francisco. Os pastôres de Valença e Maceió trabalharam fielmente, com poucos resultados. As duas igrejas levantaram algum dinheiro para o fundo do templo. Uma casa de oração foi dedicada em junho, perto de Maceió.

O nôvo missionário R. E. Neighbor chegou à Bahia em julho. Aprendeu ràpidamente a língua e traduziu alguns hinos para o português. Depois de 2 anos de trabalhos zelosos e eficientes retornou aos Estados Unidos, onde teve uma carreira brilhante no ministério. Miss Sallie Johnson retirou-se definitivamente do trabalho em agôsto. O missionário Joseph Aden chegou à Maceió nos fins do ano.

Houve uma grande celebração do centenário do trabalho missionário batista nos Estados Unidos, o que resultou em maiores contribuições e a aceitação de novos missionários, alguns dos quais vieram trabalhar no Brasil. A Junta também contribuiu mais liberalmente para o sustento das missões no nosso país.

O incansável Taylor fêz uma longa viagem ao rio S. Francisco, pregando o evangelho em muitas cidades e vilas.

Um colportor e o pastor de Valença, Antônio Marques, visitaram duas cidades no sul do Estado. Todos êstes obreiros foram bem recebidos e convidados a abrir trabalho em diversos lugares. Por estas longas viagens levaram o evangelho aos limites do grande Estado da Bahia, prepararam o ambiente para o estabelecimento da obra batista em diversas cidades no futuro.

1894 — A ESCOLA INDUSTRIAL E A LITERATURA

D. Kate S. Taylor não podia ajudar ativamente no trabalho depois da séria operação que sofreu, mas a sua presença, o seu conselho, o seu interêsse e otimismo muito ajudaram para animar aos outros nas suas atividades. Passou neste ano para sua eterna recompensa e todos que a conheceram lamentaram a sua falta.

O nôvo missionário Joseph Aden foi enviado para trabalhar

em Maceió, havendo-se retirado, o pastor João Batista, do lugar, por diversos motivos. O nôvo missionário Neighbor foi limitado nas suas atividades pela doença e pouco conhecimento de português, mas visitou tôdas as igrejas do campo, pagando as despesas da viagem do seu próprio bôlso.

O mexicano José Domingues foi enviado para trabalhar em Vargem Grande. Esforçou-se muito, visitando de casa em casa e batizando 10 pessoas durante o ano. A igreja foi organizada em 1894 com 18 membros. Prosperava desde o princípio, mas não podendo alugar uma casa que servisse para os cultos, o pastor foi transferido para a Igreja de Alagoinhas, um centro na estrada de ferro, 70 km. ao norte da Bahia, onde se notavam sinais de avivamento espiritual.

A Igreja da Bahia passou por uma luta que prejudicou o progresso do trabalho. Houve um cisma que resultou na exclusão das 10 pessoas que organizaram a oposição. Batizaram-se apenas 6 pessoas, mas a igreja sustentou um obreiro por cinco meses do ano.

Em 1894 fundaram um colégio industrial, na cidade da Bahia, que funcionou por poucos anos, mas contribuiu para o progresso da Causa. O obreiro Florentino da Silva foi o professor dos meninos e a Srta. Jacquelina Barreto, das meninas. Matricularam-se 50 alunos no primeiro ano.

Precisava de auxílio para a publicação de literatura. Acentuando a necessidade dêste serviço escreve o missionário Taylor: "Um dos mais nobres dos crentes desta missão foi convertido pela leitura do folheto sôbre o Nôvo Nascimento. O irmão José Domingues que nunca assistira à pregação do evangelho foi convertido pelo folheto *Como Orar*. Uma das irmãs mais santas da Vila do Conde atribui a sua conversão à leitura de um folheto de quatro páginas. Milhares de pessoas conhecem o evangelho sòmente pelos folhetos que nós distribuímos."

Foram publicados 250.000 folhetos e uma edição de 5.000 exemplares do Cantor Cristão com 126 hinos. O Cantor, desde a sua pequena edição de 16 hinos, tem sido um poder extraordinário na proclamação do evangelho em tôda parte.

O Sr. Horácio B. Otoni, sacerdote e cônego da Igreja Católica foi convertido e uniu-se à Igreja da Bahia. Era homem inteligente, bem preparado, orador e escritor de renome. A igreja, os missionários e a Junta de Richmond nutriam muita esperança no auxílio que êle poderia prestar à causa evangélica no Brasil. Ganhou muita simpatia, exerceu uma influência extraordinária por algum tempo, mas não podendo conformar-se com o padrão estrito dos batistas, especialmente nas finanças, foi excluído da igreja, readmitido uma vez, e finalmente desapareceu das fileiras batistas.

1895 — CONQUISTA DE PRESTÍGIO

Escreve o missionário Taylor no seu relatório: "A opinião pública está crescendo constantemente em nosso favor e muitos estão indagando o caminho da vida." O progresso da Missão verificou esta declaração.

Batizaram-se 71 pessoas nas 4 igrejas da Missão, achando-se entre elas um rico fazendeiro, um oficial da cidade, um aluno de medicina, um tenente da marinha e um policial de outra cidade.

João Batista trabalhou com o Sr. Taylor e visitou duas vêzes a cidade de Joazeiro, onde o povo mostrou grande interêsse no evangelho. Batizou 5 pessoas e esperava em breve organizar uma igreja no lugar.

Alguns dos membros de Valença foram arrastados pelo espiritismo. O pastor daquela igreja, Antônio Marques, visitou Vargem Grande onde observou uma mudança notável na atitude do povo para com o evangelho. O trabalho foi abandonado em Alagoinhas porque quase todos os membros se mudaram para outros lugares. Não quer isto dizer que a igreja fôra organizada em vão, porque os crentes zelosos anunciavam as Boas Novas nos lugares para onde se mudavam.

As duas escolas anexas (a escola industrial) matricularam 45 alunos. A Igreja da Bahia pagou as despesas de um obreiro durante o ano todo. Aumentou-se a publicação e a distribuição de literatura.

O trabalho em Maceió, dirigido pelo missionário Joseph Aden, tornou-se independente da Missão Baiana. No princípio do ano, 12 homens foram excluídos, quase todos por "poligamia". Manteve quatro pontos de pregação e distribuiu muita literatura evangélica.

No fim dêste período a Missão Baiana contava apenas com 4 igrejas e 278 membros, e 2 pastôres ativos nacionais. [2] Mas pelo esfôrço titânico do missionário Z. C. Taylor e seus auxiliares, o evangelho fôra anunciado em quase tôdas as cidades e vilas importantes do grande Estado da Bahia e centenas de milhares de pessoas que não tiveram o precioso privilégio de ouvir a voz maviosa dos arautos batistas tinham recebido uma Bíblia, um Nôvo Testamento ou a exposição do plano de salvação num folheto.

---

(2) José Domingues e vários outros foram consagrados ao ministério, mas trabalharam como pastôres ativos por pouco tempo.

CAPÍTULO X

A MISSÃO PERNAMBUCANA DE 1892 a 1895

W. E. ENTZMINGER

W. E. Entzminger, filho do Estado de South Carolina, nasceu aos 25 de dezembro de 1859. Converteu-se com a idade de 12 anos e, aos 20, dedicou-se ao ministério do evangelho. Sabendo que a sua vocação ia ser a de ensinar, desde que se dedicou ao ministério não poupou esforços em aprender. Tinha uma grande paixão pelo estudo, a qual manteve acesa até à morte.

Depois de bacharelar-se na *University of Furman* no Estado de South Carolina, começou seus estudos no *Southern Baptist Theological Seminary* em Louisville, Kentucky, onde se formou com o grau de doutor em teologia. Poucos eram os alunos naquela época que queriam gastar o tempo necessário para fazer êste curso superior, e por alguns anos o Dr. Entzminger foi o único missionário ou pregador evangélico no Brasil doutorado com o grau de Th. D.

Ouvindo, nos princípios de 1891, uma pregação aos estudantes de grego, na dita instituição, por um missionário vindo da China, o jovem Entzminger ficou profundamente impressionado com a idéia de que fôsse da vontade de Deus que êle se entregasse à pregação do evangelho no estrangeiro. A certeza de sua chamada para o serviço missionário reafirmou-se quando leu um folheto, escrito pelo missionário Z. C. Taylor, sôbre *The Land of the Southern Cross.*

Apresentou-se no mês de abril perante a Junta de Richmond e foi aceito para o trabalho no Brasil, sendo consagrado ao ministério no mês de junho seguinte. Aos 16 de julho êle e sua espôsa, D. Graça, foram encontrar-se com os casais J. J. Taylor e J. L. Dowing na cidade de Richmond, donde deviam partir para Newport News a fim de tomarem o vapor para o Brasil. A 11 de agôsto chegaram os novos missionários à cidade do Salvador. Aboletados em casa do Sr. Z. C. Taylor, deram início ao estudo de português.

Em princípios de 1892, o Dr. Entzminger foi acometido de febre amarela e mal acabou de recuperar-se dos estragos desta perigosa moléstia, foi atacado de impaludismo, chegando ao

ponto de pensar que Deus não queria que êle trabalhasse no Brasil. Interpretando, todavia, estas experiências como prova de fé, foi decidido entre os missionários que êle se mudasse para a cidade do Recife a fim de dirigir o trabalho batista no Estado de Pernambuco. No mês de julho de 1892 chegou à Veneza brasileira onde começou sua venturosa carreira de missionário de Cristo na *Terra do Cruzeiro do Sul.*

Não tinha o dom de falar com facilidade e fluência, mas sabia apresentar os seus pensamentos com clareza. A sua pregação produzia bons frutos. Teve a felicidade de fundar muitas igrejas e uma coisa notável é que tôdas elas prosperavam, porque era criterioso na organização das mesmas. É mais conhecido hoje pelos seus trabalhos literários, mas declarou diversas vêzes que o período mais feliz da sua vida foi o dos anos de trabalho árduo na direção do campo pernambucano, *Brioso Leão do Norte.* Enquanto trabalhava na Casa Publicadora, fundou a Igreja do Méier e restabeleceu o trabalho em Niterói.

Aprofundou-se no conhecimento da língua de Camões. Estudou e gostou da literatura portuguêsa e da brasileira. Conhecendo música e poesia, escreveu vários hinos do Cantor Cristão, adaptando e traduzindo muitos do inglês, mas alguns dos melhores e mais populares, são inteiramente da sua lavra. São os hinos originais: "Minha pátria para Cristo" e "Ah! se eu tivesse mil vozes", que mais adequadamente expressam o seu amor pelo Brasil e revelam a grandeza de sua alma.

REORGANIZAÇÃO DA IGREJA DO RECIFE

O campo Pernambucano fêz parte da Missão Baiana até o princípio de 1893. Escreveu o Dr. Entzminger, numa carta dirigida à Junta de Richmond, sôbre a reorganização da igreja no Recife: "Por muito tempo estamos perplexos e tristes pelas condições da igreja em Pernambuco. O Sr. Ginsburg e eu achamos necessário no mês passado visitar a igreja e apresentar-lhe um plano de serviço. Depois de nos informar melhor das condições, julgamos por bem reorganizar completamente o trabalho. Cêrca de 20 dos aprovados e verdadeiros entraram na organização com uns cinco novos. Têm agora um padrão mais alto de pureza cristã e alvo mais nobre para a igreja de Cristo. É rebanho pequeno, todavia, no meio de lôbos ululantes e leões rugidores, não pode existir sem pastor." Assim escreveu o pastor Entzminger sôbre *a reorganização* da primeira igreja pernambucana.

1893 — MUDANÇA DA SEDE DA IGREJA. A IGREJA EM GOIANA [1]

Pregava-se o Evangelho na sede da Missão, 4 vêzes por semana, e 2 vêzes em casas de crentes na cidade e uma vez fora desta. O auxiliar do pastor, Sócrates Borborema, foi excluído da igreja. Mudou-se então a sede da organização para a rua Aurora, 43, para um local excelente e com um bom salão para os cultos.

Dois moços imbuídos do espírito evangelístico, Emygdio Bento Alves e Juvêncio Índio do Brasil, fizeram uma viagem de 90 léguas a pé. Nesta viajem visitaram a cidade de Goiana, sendo os primeiros arautos do evangelho no lugar. Neste mesmo ano o missionário visitou o lugar e batizou 7 convertidos. Em 1893, na segunda visita organizou a igreja, com 9 membros. Houve 23 batismos nas igrejas da Missão durante o ano.

Não conseguiram, porém, estas vitórias, sem lutas. Escreveu o Dr. Entzminger, no *Jornal Batista*: "Parecia que todo o mundo estava de prevenção contra os batistas. Até os evangélicos pernambucanos fugiam de nós como de uma epidemia perigosa." Um jovem católico, comerciante na cidade, Sr. Antônio Lima, serviu-lhe de fiador quando um crente evangélico que lhe prometera assinar o documento, negou-se a fazê-lo com mêdo de arriscar-se com os batistas. D. Graça arranjou o dinheiro entre amigas de South Carolina para mobiliar a casa.

"Melhor apercebidos para o trabalho", escreve o Dr. Entzminger, "os cultos da igreja começaram a se animar, o salão se enchia de ouvintes e os crentes se deixavam tomar de maior entusiasmo. As conversões também tornaram-se mais freqüentes, e as profissões de fé repetiram-se, indício seguro, sem dúvida, da cooperação divina." [2]

1894 — TRABALHO E PROGRESSO

Muitas pessoas freqüentaram os cultos batistas em Recife neste ano. Com o auxílio do diácono João Batista, o missionário Entzminger conseguiu fazer um trabalho magnífico, não obstante a multiplicidade de suas ocupações e diversos ramos de sua atividade missionária. A 2 de abril, abriu um ponto de pregação em Jequié, para as bandas de Areias, ponto que foi mantido durante alguns anos, com ótimos resultados. Visitou a nova

---

(1) Esta história de Pernambuco de 1893 a 1895 baseia-se principalmente numa série de artigos do Dr. Entzminger **n'O Jornal Batista** de setembro e outubro de 1927.

(2) O Jornal Batista de 29 de setembro de 1927.

Igreja de Goiana com o jovem Almeida Sobrinho e seus trabalhos e conselhos concorreram para o progresso da Causa.

Visitou a Igreja de Maceió e pela sua intervenção conseguiu a restauração do ex-pastor Mello Lins. Escreve o Dr. Entzminger sôbre êste incidente: "Pareceu-me, com efeito, um anjo do céu quando num dia de abril apareceu em minha casa, na rua da Intendência, o ex-pastor W. Mello Lins, que chegara de Maceió no dia anterior, onde residia. Numa prolongada conferência, o Sr. Lins expôs o que houvera nos tempos idos, afirmando não ser por culpa sua que fôra pôsto fora do trabalho, e que desejava voltar para o mesmo, pois para êle sentia-se divinamente chamado. O caso era um tanto complicado, não sendo a sua restituição nada fácil; ao mesmo tempo, resolvi encarregar-me da tarefa. O maior obstáculo, sem dúvida, a ser removido seria a oposição do irmão Gualberto Batista, pastor da então Igreja de Maceió, da qual o Sr. Lins fôra excluído. Indo a Maceió, em maio de 1894, visitei o Pastor João Gualberto Batista em companhia do Sr. Lins, e com êle conferenciamos longamente. Em conclusão, o Pastor Batista consentiu que o negócio fôsse levado à presença da igreja para ser resolvido. Era evidente, entretanto, que o irmão Batista estava muito contrariado, por causa do espírito arrogante que o Lins externava em seu trato. Convocada a igreja em sessão, o pedido de reconstituição do ex-pastor foi acolhido com geral apatia, e, se não fôra a minha intervenção, nada se teria conseguido. Afinal a proposta obteve a maioria de votos, e assim findou aquela situação desagradável.

"Removido êsse impedimento, convidei o Sr. Lins, a título de experiência, para ir passar dois meses em Pernambuco, ajudando-me no trabalho. Êle chegou a Recife a 18 de maio de 1894 e começou logo a pregar na igreja, a contento dos irmãos. Nos fins de julho voltou a Maceió a fim de efetuar a mudança definitiva da família para o Recife, vindo fixar residência na rua Imperial." ([3])

O Dr. Entzminger publicou alguns folhetos que foram usados com bons resultados. Assim cultivou também o seu dom de escrever. Êle contribuiu muito para a Causa Batista através dos anos, pelo seu trabalho literário, especialmente como redator d'*O Jornal Batista.*

Em novembro abriu ponto de pregação na rua Santo Amaro, em casa alugada. O bairro era populoso e os cultos desde o princípio tornaram-se animados, se bem que houvesse, de quando em quando, necessidade da intervenção da polícia para conter os perturbadores da ordem.

Um parágrafo da história do Dr. Entzminger mostra-nos o

(3) O Jornal Batista de 29 de setembro de 1927.

valor do trabalho de pessoas humildes e consagradas no desenvolvimento do trabalho batista. Escreve êle: "Entre as mulheres da igreja destacou-se D. Felicidade Cordeiro. Não obstante ser analfabeta e ocupar uma posição humílima, constituía um elemento valoroso para a Causa santa que amava com uma intensidade rara. Seu zêlo pela salvação de almas era impressionante. Muitas das que durante o meu pastorado em Pernambuco foram arrancadas das garras de Satanás e trazidas aos pés de Cristo, foram fruto do labor ingente da irmã Felicidade. Daqueles membros com os quais o irmão Salomão e eu reorganizamos a Primeira Igreja Batista do Recife, ela tomou a primazia entre êles, pois foi a que mais honrou a Causa do Mestre. Na verdade, ela pelejou a boa peleja, acabou a carreira, e guardou a fé." (4) Outras igrejas batistas no Brasil também tiveram a sua Felicidade.

1895 — PERSEGUIÇÕES, LUTAS E VITÓRIAS

Verificou-se o aumento de 9 membros apenas nas igrejas da Missão Pernambucana em 1894, mas isto não quer dizer que os irmãos das duas igrejas trabalharam em vão. Foi um ano de trabalhos, problemas e decepções, um período de prova no qual logo no princípio de 1895 Deus recompensou por uma ceifa maravilhosa, a fidelidade, a oração e a semeadura dos seus servos. Nos primeiros dois meses do ano batizaram-se 19 pessoas, sinal do princípio de prosperidade.

Organizaram os presbiterianos uma igreja na cidade de Nazaré que por diversas circunstâncias adversas ficou completamente abandonada. Alguns dos irmãos ex-membros da igreja extinta dirigiram um apêlo aos batistas do Recife, pedindo uma visita na esperança de que mantivessem a pregação do evangelho no lugar. Aos 15 de março o evangelista Lins e o diácono João Batista partiram em demanda de Nazaré. Ali chegando, foram alegremente recebidos e ficaram impressionados com a oportunidade de estabelecer um ponto de pregação. Duas semanas depois o Dr. Entzminger visitou o lugar, dirigiu algumas conferências e visitou diversas famílias. Continuou as visitas de duas em duas semanas e no dia 21 de julho inaugurou a nova sala de culto, ministrando, na ocasião, o batismo bíblico, que foi assistido por avultado número de espectadores respeitosos. Êste ato simples causou um estrondo no meio dos católicos de Nazaré. Para o vigário da matriz era um escândalo inominável. Instintivamente os católicos tinham mais receio dos batistas que de qualquer outra denominação evangélica. Era natural então que

(4) O Jornal Batista de 29 de setembro de 1927.

os padres ciumentos agitassem os seus emissários contra os batistas. Arrombando uma janela da casa de culto, entraram e ajuntaram os assentos, orgão, mesas, Bíblias, etc., dentro do próprio recinto e, despejando em cima copiosa quantidade de querosene, atearam fogo e fugiram.

Acompanhado do cônsul americano, o Dr. Entzminger dirigiu-se ao enérgico governador Barbosa Lima. Ao saber dos acontecimentos, declarou-lhe que no dia seguinte havia de encontrar na estação de Brum um destacamento de soldados que se acharia ao seu dispor e sem prazo marcado.

Na manhã seguinte, às 7 horas encontraram na estação 7 praças embalados com ordens de garanti-los a todo o transe. Uns 500 homens aguardaram a chegada dos hereges, havendo entre êles um grande grupo de capangas armados de cacêtes, façöes, etc. Vendo, entretanto, que estavam cercados de soldados, a atitude hostil da multidão mudou imediatamente. "O nosso brioso tenente apresentou-nos ao prefeito da cidade, que estava presente, capitaneando às ocultas a perversa maquinação contra as nossas vidas. Compenetrando-se de que, como autoridade suprema da cidade, seria responsabilizado por qualquer ofensa que viéssemos a sofrer, o Sr. Prefeito mordeu os lábios e incontinente, pediu licença para nos acompanhar até a nossa hospedagem, no que foi imitado por tôda aquela multidão, que se convertera numa imponente guarda de honra." ([5])

Naquela mesma noite realizaram uma conferência grandemente concorrida a que assistiu um número avultado da melhor sociedade do lugar. No dia seguinte, João Batista, Mello Lins e outros irmãos, acompanhados do tenente e 5 praças, foram ao Paudalho, em socorro de Bernardo Martins da Silva, que se achava em perigo de perder a vida às mãos de perseguidores, por se ter tornado protestante. O Dr. Entzminger ficou em Nazaré e dirigiu uma série de conferências durante tôda a semana.

O feliz êxito da obra batista despertou o clero romano que instigou os seus adeptos à guerra sem tréguas contra os hereges. Prevendo a campanha de perseguição que durou por alguns anos, o missionário Entzminger escreveu em 1895: "Êste é o lugar mais fanático do Brasil e promete pouco." Apesar do fanatismo e não obstante as perseguições que os batistas haviam de suportar, muita gente liberal aguardava o ensejo de ouvir o evangelho, e o futuro prometia mais do que o Dr. Entzminger esperava.

---

(5) W. E. Entzminger: **O Jornal Batista** de 13 de out. de 1927.

CAPÍTULO XI

A MISSÃO DA ENTÃO CAPITAL FEDERAL DE 1890 A 1895

A Missão do Rio de Janeiro entrou num período de progresso admirável. Durante os primeiros anos de atividade o trabalho dentro da grande capital era difícil e às vêzes desanimador, mas quando os obreiros começaram a pregar nas vizinhanças da cidade, especialmente no Estado do Rio, verificou-se que o povo do sul bem como os nortistas queriam ouvir o evangelho. A Primeira Igreja Batista do Rio alcançou algumas vitórias históricas que contribuíram notàvelmente para o futuro da Causa Batista no Brasil.

1890 — ERGUEM-SE OS OLHOS PARA A CEIFA

O Dr. Bagby mantinha uma esperança fervorosa pela Igreja de Santa Bárbara e apelou à Junta de Richmond, pedindo um missionário para cuidar daquela igreja e fundar o trabalho entre os brasileiros do grande Estado de São Paulo. Visitou duas cidades no Estado do Rio nesse ano. Batizou uma pessoa em Sto. Aleixo e ia estabelecer um ponto de pregação no lugar, mas por causa da perseguição não pôde alugar uma casa.

Foi mais feliz na proclamação do evangelho na cidade de Campos. Pregou quatro vêzes na residência de um patrício, Joseph Beale, amigo do evangelho, e batizou sete pessoas. A Igreja Presbiteriana de Campos, depois de um período de progresso, estava em lamentável desmembramento e um bom número dos membros desanimados pelas condições, mas desejosos de promover a Causa do Mestre, vieram ouvir a pregação do Dr. Bagby. Um brasileiro contribuiu com uma quantia suficiente para alugar uma casa em Campos e o missionário deixou o irmão Domingos de Oliveira para trabalhar na cidade.

O missionário Bagby era criterioso na abertura de novos campos. As suas muitas cartas e relatórios são provas desta afirmativa. Descrevem as vantagens oferecidas pelos novos campos e muitas das cartas são verdadeiramente proféticas. Escreve de Campos: "É uma zona de lavoura, a maior cidade do Estado do Rio com exceção da capital. Está cercada por cinco ou seis cidades importantes e outras menores. Seria um centro ótimo para as operações missionárias da metade do Estado do Rio que tem um milhão de habitantes; de todo o Estado do Espírito

Santo, sem trabalhador sequer de qualquer denominação; e tôda a parte oriental do Estado de Minas Gerais, sem nenhum pregador evangélico. Está cheio de esperança o meu coração por êste grande campo. Oxalá houvesse um missionário pronto para dirigir êste trabalho tão auspicioso para os batistas."

D. Emma Morton chegara ao Rio no ano anterior e com progresso rápido no estudo da língua, começou a fazer juntamente com D. Ana Bagby um trabalho magnífico nas escolas dominicais. Mais tarde traduziu e escreveu literatura para estas escolas o que muito concorreu para o interêsse e progresso no estudo da Palavra de Deus. Casou-se no primeiro dia de agôsto de 1893 com o Rev. Salomão Ginsburg. Na sua autobiografia escreveu o Dr. Ginsburg o seguinte tributo à sua digna companheira: "O que esta boa muher me tem sido, para mim e para o meu trabalho, é impossível dizer. Se não fôsse ela, sua coragem, conselhos e orações, eu nunca teria feito o serviço que o Senhor me tem habilitado a fazer. Quieta e modesta, nunca dando uma nota desanimadora, todavia, só Deus sabe as provações e sofrimentos com que temos labutado. Ela tem estado ao meu lado como uma tôrre na qual tenho descanso. Entre os missionários é ela a pessoa de quem nunca se ouviu uma queixa dos lábios. Que preciosa jóia Deus tinha no seu tesouro para mim. Quão gloriosos são os seus feitos conosco e para nós." (1)

Os batistas contribuíram liberalmente não só para o sustento do seu trabalho, como também para as missões estrangeiras. O desenvolvimento do espírito missionário desde o princípio entre os brasileiros concorreu para o progresso rápido do evangelho no Brasil.

A 7 de janeiro de 1890 foi decretada a liberdade de cultos e a separação entre a Igreja e o Estado. Havia um grande número de pessoas liberais, de tôdas as crenças, que se regozijaram por êste passo relevante do nôvo govêrno. A liberdade de consciência é uma doutrina cardeal dos batistas. Sempre zelaram pela liberdade religiosa para todos sem exceção alguma, como a história batista abundantemente prova. É uma das poucas denominações que nunca mancharam a sua história com a perseguição a outras crenças, embora uma das mais perseguidas. Portanto, a liberdade religiosa no Brasil significava para os batistas mais do que para qualquer outra denominação. Escreve o Dr. Bagby: "Deus nos abençoou êste ano com perfeita liberdade religiosa. A República tem justificado as nossas esperanças mais áureas quanto à liberdade de consciência. A Igreja e o Estado estão completamente desligados. O evangelho tem livre curso em tôda esta vasta República. Tôdas as outras denomina-

---

(1) Um Judeu Errante no Brasil, pág. 96.

ções estão reforçando as suas missões. Os metodistas e presbiterianos têm 60 missionários e nós temos 7. Êles também têm obreiros nacionais treinados, boas casas de culto, edifícios próprios para o trabalho. Nós estamos perdendo por falta de trabalhadores, meios e edifícios. Se não recebermos auxílio em breve, só a eternidade revelará a nossa perda. Agradecemos à Junta por tudo que tem feito para nos ajudar a adquirir uma boa casa de oração. Que Deus incuta no coração dos batistas a dar uma casa na metrópole do Brasil para a pregação do evangelho."

1891 — "GRANDES COISAS FÊZ JEOVÁ POR NÓS, PELAS QUAIS ESTAMOS ALEGRES."

Assim principiou o missionário Bagby o seu relatório anual. Foi o ano de maior progresso da Missão do Rio até então. Organizou uma nova igreja na cidade de Campos. Os membros despertados e zelosos trabalharam assìduamente na evangelização. Abriram-se por todos os lados novas portas de oportunidades pelas quais os batistas entraram com coragem e abnegação.

Consta no relatório do Dr. Bagby uma afirmação animadora com cujo significado nem êle mesmo chegou a sonhar. "Deu-nos o Senhor um auxiliar zeloso na pessoa de um irmão brasileiro, de outro jovem que tem o desejo ardente de pregar, e de um terceiro que foi a Portugal para pregar aos pais, parentes e amigos, o caminho da vida que êle achara no Brasil." O irmão Tomás da Costa converteu-se em 1889; o irmão F. F. Soren, em 1890, e o irmão Teodoro Teixeira em 1891. Êstes três heróis da fé iniciavam a carreira brilhante do serviço ao Mestre! Era natural que o missionário pioneiro ficasse entusiasmado pelas bênçãos que coroavam os seus esforços, mas qual não seria o seu júbilo se soubesse que estava escrevendo de um irmão que seria o pastor da Primeira Igreja Batista do Rio por trinta anos e que seu filho seria o sucessor no pastorado da mesma igreja; que Tomás da Costa seria um pregador pioneiro em muitos lugares do Brasil e por longos anos secretário correspondente de Missões Estrangeiras da Convenção B. Brasileira que ainda não existia; que Teodoro Teixeira seria um grande teólogo e redator por muitos anos de *O Jornal Batista*, que também não existia! O Espírito Santo certamente guiou o Dr. Bagby na escolha daquele versículo do Salmo 126 para encabeçar o seu relatório para o ano de 1891.

A Igreja de Campos foi organizada em 23 de março dêsse mesmo ano e o missionário não sabia que esta mesma igreja havia de se tornar por muitos anos o centro do maior campo missionário do Brasil, mas ficou animado pelo princípio do tra-

balho batista no Estado do Rio como se vê pela seguinte carta que dirigiu à Junta de Richmond: "Fiquei muito animado na minha última visita a Campos. O nosso obreiro tinha feito um trabalho excelente e me escreveu que havia mais 5 pessoas para serem batizadas. Preguei três vêzes a congregações numerosas que prestaram boa atenção. No fim do sermão da primeira noite, 4 pessoas apresentaram-se para fazer a profissão de fé. Depois de um exame meticuloso foi a opinião dos 11 crentes presentes que as 4 pessoas deviam ser recebidas para o batismo. Às 11 horas, naquela mesma noite, descemos ao rio e os convertidos foram batizados, regozijando-se no privilégio de seguir a Jesus." Na noite seguinte, depois da pregação, foi organizada a Igreja de Campos com 10 membros: 3 com cartas demissórias da Igreja do Rio e os 7 que se batizaram na ocasião da visita anterior do missionário. Imediatamente foram recebidos os 4 que foram batizados na noite anterior. Um convertido fêz a profissão de fé perante a novel igreja, foi aceito e batizado às 23 horas da mesma noite, logo após a organização da igreja. Assim começou esta igreja com 15 membros e uma perspectiva brilhante para o futuro. Termina o Dr. Bagby a sua carta, dizendo: "Parti com o meu coração cheio de gratidão a Deus."

1892 — ESPALHA-SE O EVANGELHO

Tôdas as igrejas da Missão iam-se desenvolvendo em liberalidade e atividade missionária. A Igreja do Rio apresentou uma contribuição generosa para missões estrangeiras, além das contribuições liberais para o sustento da Missão.

Foi realizada uma reunião dos missionários que representavam as diversas missões do norte e do sul do Brasil a fim de dividir entre êles o território e promover a evangelização em novos campos. Foi resolvido mudar a sede da Missão mineira de Juiz de Fora para a cidade de Campos. Resolveram também entrar no Estado do Espírito Santo e fundar uma missão na cidade de Vitória. O casal Entzminger foi designado para o campo pernambucano e a família Ginsburg mudou-se da Bahia para Niterói, capital do Estado do Rio. A Missão dos suécos, no Paraná, resolveu entregar o seu trabalho batista aos missionários da Junta de Richmond. O campo mineiro foi entregue aos cuidados da Missão do Rio.

A Igreja do Rio foi ricamente abençoada pelo auxílio dos jovens consagrados ao trabalho de evangelização. Com o auxílio dos jovens Soren, Tomás e Teodoro manteve-se a pregação do evangelho em seis lugares na cidade. Muitas pessoas da metrópole ouviram pela primeira vez e com muito interêsse as

Boas Novas de salvação pelos pregadores da Primeira Igreja Batista.

Organizaram-se duas novas igrejas durante o ano: uma na cidade de Niterói, capital do Estado do Rio, com 30.000 habitantes e a outra na cidade de Barbacena, ao norte de Juiz de Fora, no Estado de Minas. O trabalho de Niterói apresentou uma perspectiva prometedora desde o princípio. No ano anterior diversas pessoas foram batizadas e ofereceram uma casa para a pregação do evangelho. A pequena igreja era zelosa e fiel. Muitas pessoas da cidade ouviram respeitosamente a proclamação do evangelho. Desde a organização, os membros pagaram tôdas as despesas do trabalho. O Dr. Ginsburg tomou a direção da igreja nos fins do ano.

O trabalho em geral foi muito abençoado pela mudança da sede da Missão mineira para a cidade de Campos. Mas não havendo um obreiro para o Estado de Minas, pouco progresso fizeram as igrejas de Juiz de Fora e Barbacena.

Consoante os planos adotados pelos missionários, a Missão do Rio enviou à cidade de Vitória o evangelista José Alves. Segundo os relatórios dêle muitas pessoas das melhores famílias da cidade assistiram às suas pregações e manifestavam interêsse na "nova religião". Continuou a trabalhar em Vitória durante oito meses do ano seguinte, mas sem conseguir resultados permanentes.

Havia em São Paulo três igrejas compostas de batistas russos e alemães que tinham fugido da perseguição na Europa. Eram crentes fervorosos e almejavam cooperar com os missionários no serviço do Senhor. Numa carta dirigida ao Dr. Bagby rogaram que lhes enviasse um pastor. A pedido da Missão do Rio, a Junta de Richmond nomeou o Rev. J. J. Taylor e espôsa para dirigirem estas igrejas e a Igreja de Sta. Bárbara e também abrir trabalho entre os nativos de São Paulo. Chegando ao Brasil, os Taylor tinham que trabalhar por algum tempo no Estado de Minas, onde as igrejas estabelecidas estavam sem obreiro. Mais tarde tiveram o prazer de fundar a Missão futurosa de São Paulo.

A Missão do Rio publicou diversos folhetos e ajudou na publicação do jornal *A Nova Vida,* reconhecido naquele tempo como o jornal dos batistas brasileiros. D. Emma Morton traduziu a série das lições internacionais da escola dominical que foram usadas em quase tôdas as escolas dominicais. Distribuiu-se muita literatura evangélica no território da Missão.

Animados e dispostos a trabalhar, terminaram o ano com 6 igrejas e 137 membros.

1893 — REVOLUÇÃO E NOVA CASA PARA A PRIMEIRA IGREJA DO RIO

A grande revolução de 1893 perturbou o povo brasileiro e naturalmente prejudicou o trabalho de evangelização, especialmente em Niterói e nas vizinhanças do Rio. A prometedora Igreja de Niterói foi completamente abandonada durante a maior parte do tempo.

As Igrejas do Rio, Juiz de Fora, Barbacena e Santa Bárbara, constituíram a Missão do Rio neste ano. O Dr. Bagby e espôsa estiveram em férias durante a maior parte do tempo. O obreiro José Alves deixou o trabalho em Vitória para ajudar a nova Missão de Campos. O missionário S. J. Porter e espôsa moravam na cidade de Juiz de Fora, estudando português, dirigindo a igreja e pregando com dificuldade. O Rev. J.J. Taylor que cuidava dos trabalhos da Missão na ausência dos Bagby, foi acometido de febre amarela que lhe roubou precioso tempo do trabalho.

O Dr. Bagby foi autorizado pela Junta de Richmond a comprar com os fundos contribuídos especialmente para êste fim, uma casa de oração para a Primeira Igreja, na metrópole do Brasil.

Não obstante as muitas dificuldades e o pouco progresso, as igrejas ficaram animadíssimas pelos novos obreiros e pela perspectiva prometedora.

1894 — DEDICAÇÃO DA NOVA CASA NO RIO E A PRIMEIRA ASSOCIAÇÃO BATISTA DO BRASIL

Foi um ano de muito trabalho, muita semeadura, alguma ceifa e progresso substancial da Causa em tôda a parte do sul do Brasil. Fêz falta a retirada do Sr. S. J. Porter e espôsa do serviço no Brasil. O Rev. J. J. Taylor tomou o lugar do Pastor Porter no Estado de Minas, iniciando as suas atividades com intrepidez que se revelava pela esperança de estender os influxos da Missão até o grande vale do São Francisco, onde já mantinha um colportor.

Regozijaram-se os obreiros da Primeira Igreja do Rio na aquisição de uma nova casa de culto no centro da cidade. A casa custou 10.000 dólares que vieram da Junta de Richmond, contribuídos pelos irmãos Levering de Baltimore com algum auxílio das irmãs do Estado de Missouri. A igreja contribuiu liberalmente para mobiliar a casa. Numa festa memorável dedicou-se a nova casa de oração. O grande salão estava repleto de visitantes, ficando muitos de pé durante as três horas do programa. Todos os visitantes mostraram respeito e prestaram

muita atenção aos discursos. Representantes de três outras denominações saudaram a igreja e fizeram votos pelo seu progresso. Os missionários J. J. Taylor e Salomão Ginsburg e os pastôres A. Campos e Antônio Fonseca participaram do programa. O Dr. Luther, pai de D. Ana Bagby, saudou a igreja em nome dos irmãos da América do Norte. Foi uma ocasião auspiciosa e iniciou um período de progresso extraordinário na igreja e em tôda a Missão do Rio.

No mês de agôsto mensageiros das 6 igrejas da Missão reuniram-se na primeira associação batista brasileira. Foi um passo significativo para o desenvolvimento da Causa. O programa salientou a necessidade de cooperar na evangelização do Brasil. As discussões sôbre o sustento próprio e o programa missionário foram animadas e deram bons resultados. As igrejas começaram logo a levantar dinheiro para sustentar um missionário. Esta associação continuou a realizar as suas reuniões anuais por alguns anos e muito se esforçou para o desenvolvimento do espírito missionário e da liberalidade nas contribuições para o sustento das atividades evangelísticas da Missão.

1895 — ANO DE CEIFA

Nos dois anos anteriores, devido a diversas dificuldades, realizaram-se apenas 22 batismos nas igrejas da Missão do Rio. Neste ano batizaram-se 59 pessoas. A revolução, mudanças e doenças tinham impedido a evangelização. A nova casa, a associação e as atividades assíduas dos obreiros contribuíram para a grande ceifa de 1895. De fato tôdas as missões estavam na véspera de um período de expansão.

Manifestou-se a presença do Espírito Santo nas reuniões das igrejas e na conversão de almas. Muitos dos obreiros se sentiram revestidos do Poder do alto. A fé e o zêlo dos crentes prenderam o interêsse das pessoas que freqüentavam os cultos e ouviam com interêsse a exposição do evangelho. Muitos se converteram e uniram-se à igreja.

Batizaram-se três pessoas na Igreja de Niterói. A pequena Igreja de Barbacena deixou de existir devido à mudança da maior parte dos membros. Pouco progrediu a Igreja de Juiz de Fora. Os irmãos daquela igreja mostraram-se fiéis ao serviço e contribuíam liberalmente para missões, para o fundo do templo e para os pobres. O Rev. J.J. Taylor manteve uma livraria em Juiz de Fora, vendendo 300 Bíblias e porções e uma grande quantidade de folhetos. Organizou-se a Igreja de Paraíba do Sul em 19 de junho, com 21 membros. A organização de uma nova igreja naqueles tempos era um grande acontecimento. Vieram representantes das igrejas da Capital Federal, Niterói, Juiz

de Fora, Campos, S. Fidelis e Guandú. O concílio foi constituído dos pastôres J. J. Taylor, Salomão Ginsburg, W. B. Bagby e o obreiro A. Campos. Efetuada a organização, foi eleito pastor da novel igreja o irmão Antônio Vieira Fonseca. Êle fundara o trabalho em 1891 quando era ainda metodista. Na véspera da organização da igreja êle e todo o seu rebanho foram batizados. Depois da organização o obreiro Antônio Fonseca foi consagrado ao ministério e todos os irmãos ficaram animados pela nova igreja de 21 membros e pelo nôvo pastor brasileiro.

CAPÍTULO XII

AS MISSÕES MINEIRA E CAMPISTA DE 1890 A 1895

Por muitos anos o trabalho em Minas sofreu diversas mudanças na direção. Foi considerada uma missão independente no princípio dêste período até os fins de 1892 quando passou aos cuidados da Missão do Rio como já notamos. Os missionários ficaram encantados com as vantagens oferecidas pelo grande Estado, mas lutaram muito, principalmente por falta de obreiros, antes que pudessem estabelecer nêle um trabalho vigoroso e permanente.

Sendo montanhosa, Minas era quase livre daquele formidável flagelo — a febre amarela. A população aumentava ràpidamente, e contava nesse tempo com três milhões de habitantes.

MUITO TRABALHO E POUCOS RESULTADOS

Depois da partida do missionário Daniel, o Dr. Bagby visitou a Missão em Juiz de Fora com um obreiro nacional e batizou 7 convertidos. "Quando o Pastor Soper voltou à Missão, depois de um período de descanso na Inglaterra, em julho encontrou uma igreja ativa de 10 membros." Antes do fim do ano o incansável missionário batizou mais 7 pessoas. Escreveu no seu relatório: "Principiei o nôvo ano cheio de esperança e fé."

Nos fins de 1890, veio designado para o campo mineiro o nôvo missionário, Dr. J. L. Downing. Foi muito recomendado por todos os membros do corpo docente de William Jewell College. Os alunos do referido educandário levantaram uma oferta sacrificial de 500 dólares para a evangelização no campo mineiro.

No ano de 1891 o Pastor Soper manteve três pontos de pregação na cidade de Juiz de Fora e dois fora desta. Pregou 224 vêzes além das palestras na escola dominical. Batizou 7 pessoas. Com tanto trabalho mostrou-se desanimado com os poucos resultados. Desejava ardentemente espalhar as Boas Novas no grande Estado, mas não tendo auxiliar não podia deixar a igreja sem pregador. Ficou alegre e satisfeito com a vinda do Dr. Downing e espôsa no princípio de agôsto para ajudarem na evangelização de Minas. O Dr. Downing começou a pregar ao ar livre e foi sempre perseguido. A pedido do chefe de polícia desistiu, e depois de alguns meses reassumiu o trabalho sem oposição.

O Pastor Soper sofreu uma operação nas costas no mês de setembro e perdeu algum tempo do serviço. Tinha trabalhado àrduamente apesar do estado precário de saúde, pregando o evangelho em Cruz de Alonas e noutros lugares. A espôsa também passou mal de saúde e no fim do ano, receberam a ordem do Dr. Downing para se retirarem definitivamente do trabalho missionário no Brasil. O Pastor Soper recebeu com tristeza esta ordem do médico porque era muito dedicado ao serviço do Mestre. Batizou 15 pessoas durante o ano e deixou 2 igrejas (Juiz de Fora e Barbacena) com 60 membros. A mudança da sede da Missão no fim dêste ano para a cidade de Campos paralisou o trabalho no Campo Mineiro por alguns anos.

1893 — A NOVA MISSÃO DE CAMPOS

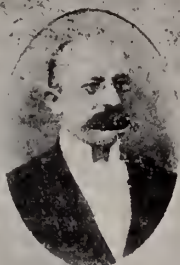
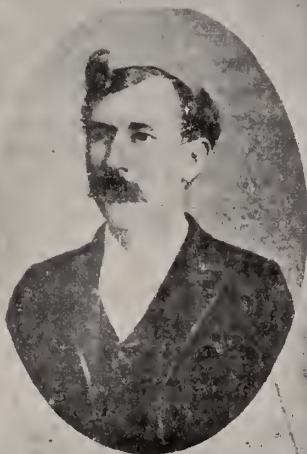
De 17 de julho de 1892 a 26 de julho de 1893, o Dr. Downing foi o pastor da Igreja de Campos. Êle tinha que voltar à sua terra natal por causa da fraqueza física da espôsa. O Pastor Ginsburg tinha que deixar o trabalho na cidade de Niterói por causa da revolução e do bombardeio da cidade. Êle assumiu a direção do nôvo campo. O obreiro José Alves, que trabalhara com o Dr. Downing, voltou à cidade do Rio.

Graças ao serviço dos missionários Bagby, Soper e Downing, o trabalho em Campos já estava bem organizado e a igreja já contava com mais de 30 membros animados e ativos. Com o estabelecimento de um missionário permanente na cidade de Campos, o trabalho batista do Estado do Rio entrou num período de maior desenvolvimento. Recentemente casado com D. Emma Morton, o destemido missionário Ginsburg dedicou-se de nôvo ao serviço de evangelizar o Brasil.

O apêlo do Dr. Bagby dirigido à Junta de Richmond é significativo porque revela o desejo de aproveitar as muitas oportunidades de pregar o evangelho em novos lugares. Os missionários ficaram convencidos de que o seu trabalho principal não era o de pastorear igrejas que fundavam e assim limitar o trabalho ao lugar onde residiam, mas que deviam viajar, abrir trabalho em novos lugares e deixar aos pastôres nacionais o cuidado das igrejas.

1894 — VITÓRIAS E PERSEGUIÇÕES

A Igreja de Campos prosperou desde o princípio. O impávido missionário Ginsburg fêz muitas viagens pelo interior, pregando o evangelho em diversos lugares novos. Batizou 48 convertidos. A Igreja de Campos contava com 122 membros no fim do ano depois de conceder 7 cartas demissórias.

ESTADO DO RIO

REV. SOLOMON L. GINSBURG — MRS. EMMA MORTON GINSBURG — Joaquim F. Lessa — REV. A. L. DUNSTAN — Dr. JOSÉ NIGRO

O irmão Joaquim Lessa achava-se entre os novos crentes da Igreja de Campos. Batizou-se a 3 de dezembro de 1893, dia feliz para os batistas do Estado do Rio e do Brasil. Tornou-se um dos maiores pregadores pioneiros em nosso país. Foi pregador atraente, evangelista fervoroso, pastor competente e organizador eficiente. Foi copiosamente abençoado na sua longa e operosa carreira ministerial no Estado do Rio. Não teve a ventura de educar-se num colégio e seminário, mas sabia cultivar os seus dons naturais pelo estudo profundo da sua Bíblia e a leitura de bons livros. Era homem de fé e também de oração. Foi, portanto, munido das duas qualidades essenciais a um ministro do evangelho — a vocação de pregar e a graça de Deus no coração.

A 27 de julho foi organizada a Igreja de São Fidelis com 6 membros demissionariados da Igreja de Campos. Depois da organização, batizaram-se mais 7 pessoas, voltando uma para Campos. Contava no fim do ano com 11 membros. Prosperou desde o princípio, não obstante as freqüentes perseguições. Eram focos de operações evangelísticas: Cambucí, Pádua e Miracema.

O Dr. Ginsburg sempre gostava de manter o seu jornalzinho. Montou uma pequena tipografia e publicou o jornal *As Boas Novas,* dedicado à disseminação do evangelho. O jornal foi bem recebido e continuou a prestar um serviço de valor na evangelização por alguns anos. Foi reconhecido por algum tempo como o órgão oficial das igrejas batistas do sul e lido por representantes de tôdas estas igrejas. Muitas pessoas se tornaram interessadas no evangelho pela leitura de *As Boas Novas.*

Batizou-se em junho o Sr. Antônio F. Campos, tornando-se logo o membro mais ativo da igreja. Êle organizou a *Associação Cristã de Juventude* que teve no fim do ano mais de 100 membros. Dois têrços dos sócios eram católicos romanos e foram classificados como *auxiliares.* Esta organização teve o ensejo de pregar o evangelho a muitas pessoas na cidade de Campos.

Um evento que perturbou os irmãos do campo foi o encarceramento do Dr. Salomão. Foi prêso enquanto estava trabalhando em São Fidelis. Os católicos iniciaram uma perseguição aos batistas e os três políticos principais da cidade aderiram aos perseguidores. Tudo isto se deu no tempo da revolução quando o país estava em estado de sítio. O delegado mandou o prisioneiro à capital, Niterói, com a acusação de que êle desrespeitara as autoridades e perturbara a ordem pública. Ficou prêso por 10 dias. Durante êsse tempo D. Emma trabalhou dia e noite para libertá-lo e conseguiu finalmente apelar ao presidente do Estado. O presidente mandou buscar o prêso e explicou-lhe que havia sido engano, devido exclusivamente à revolução que assolava aquêle ponto do país. A revolução terminou aos 13

de março com a submissão da frota e o querido Pastor Salomão voltou a São Fidelis no dia 20.

No mesmo dia foi mandado para Campos amarrado e jogado num vagão da estrada de ferro o irmão José de Souza. A irmã Corina Manhães recebeu na ocasião destas perseguições um grande ferimento na cabeça por uma pedrada das mãos dos inimigos.

1895 — VITÓRIA NO MEIO DAS DIFICULDADES

A peste bubônica assolou a cidade de Campos e o Estado do Rio e impediu a evangelização por muito tempo. Veio depois a enchente do Paraíba, destruindo numerosas plantações e empobrecendo muitos lavradores. A condição política e econômica do país estava precária no princípio do ano.

Não se batizaram tantas pessoas na Igreja de Campos como no ano anterior, mas o total dos batismos nas igrejas da Missão foi de 126. No mês de abril a Igreja de Campos comprou um terreno no centro da cidade.

O redator Ginsburg publicou uma edição de 2.000 exemplares de *As Boas Novas*. Os moços da igreja zelavam pela pregação do evangelho nos pontos estabelecidos pela Igreja de Campos e em novos lugares, visitando Gurirí, Travessão, Nogueira e Brejo Grande. Pregavam a mensagem de salvação ao povo faminto, de maneira simples, sendo logo recebidos com interêsse e atenção.

D. Emma Ginsburg abriu para as meninas uma escola que prosperou por alguns anos, atraindo crianças das melhores famílias da cidade, vencendo os preconceitos de muitas pessoas quanto aos batistas e ganhando a simpatia do povo em geral.

A Igreja de São Fidelis cresceu maravilhosamente. Verificou-se uma grande mudança na atitude do povo do lugar para com os batistas. Ao invés de serem desprezados e perseguidos, os membros da igreja ganharam muito prestígio e no decorrer do ano batizaram-se 44 pessoas. Com 18 meses de existência e apesar das perseguições, a igreja contava 56 membros.

A 14 de julho organizou-se a Igreja de Guandú com 24 membros demissoriados da Igreja de Campos. Foi organizada na fazenda do irmão Mendes de Oliveira. Era composta de lavradores no meio de inimigos, mas pregaram o evangelho com tanta sinceridade e tanto zêlo que no curto período de 6 semanas ganharam 28 de seus companheiros para Cristo.

No dia 15 de novembro foi organizada a Igreja de Santa Bárbara com 18 membros vindos com cartas demissórias de Guandú. Compareceram pessoas de influência como a família Guedes e o agente da estação, Carlos Astro de Mendonça, futuro

pastor. A Igreja de Santa Bárbara teve o defeito, como a de Guandú, de ser organizada prematuramente, de crentes neófitos, e sem o devido preparo para dirigir o trabalho.

Não obstante a oposição de alguns membros da igreja, o Sr. A. F. Campos foi consagrado ao ministério em 23 de julho de 1895.

SINAIS DOS TEMPOS NO BRASIL EM 1895

Se no fim do Segundo Império os batistas estavam permanentemente enraizados no Brasil, seis anos depois, no fim de 1895, estavam demonstrando a sua fidelidade, o seu zêlo e o seu poder na extensão do reino de Cristo. O pequeno grupo, desprezado e perseguido por muitos, estava ganhando terreno em tôda a parte. Em diversos lugares, onde havia cinco anos não podiam pregar o evangelho por causa da hostilidade do povo, já se achava uma boa igreja batista, honrada e prestigiada pelo povo e, não raras vêzes, pelos antigos perseguidores. Alguns dêstes já se haviam convertido, faziam parte da igreja e experimentavam a amargura que infligiram a outros.

Não quer isto dizer que o dia da oposição terminara. Em diversos lugares tinham que experimentar ainda a mais infrene perseguição. Em quase todos os lugares novos, levantava-se logo oposição à pregação do evangelho e cessava sòmente quando ficava provada a futilidade da perseguição e impossibilidade de impedir o progresso do evangelho desta maneira. Os batistas demonstraram êste processo em São Fidelis e outros lugares.

Numa carta escrita por Z. C. Taylor em junho de 1895 sôbre "Os sinais dos tempos no Brasil", êle menciona diversas indicações de um dia melhor para todos os protestantes. Havia naquele tempo 100 pregadores no país, 7.000 crentes e uns 20.000 amigos do evangelho. Publicaram e espalharam em tôda a parte do país 7 jornais evangélicos e milhares de folhetos e livros todos os anos. No ano de 1895, as sociedades bíblicas venderam uns 60.000 exemplares das Escrituras. O Colégio Mackenzie, na cidade de São Paulo, com mais de 500 alunos, era o maior educandário em todo o Brasil.

O prestígio dos negociantes evangélicos era notável. Café, remédios e outros mercados vendidos pelos protestantes fizeram concorrência espantosa na praça. Um batista funileiro em Amargosa, embora denunciado constantemente pelo padre como herege perigoso, não podia atender a todos os seus fregueses que sabiam avaliar a honestidade de seu trabalho. Uma modista crente da mesma cidade foi denunciada pelo padre, acompanhado de uma multidão de seus emissários, e o trabalho dela cresceu cada vez mais desde aquêle tempo. O povo em tôda a parte confiava na

palavra do protestante e acreditava na honestidade de seu serviço e trabalho. Um criminoso, aproveitando êste sentimento popular, declarou-se protestante e foi absolvido pelo juri.

Batizaram-se 273 convertidos no ano de 1895, quase duas vêzes o número do ano anterior, indício de que os batistas estavam entrando num período de maior progresso. O Coronel Benjamin Nogueira Paranaguá veio da cidade de Corrente, Piauí, para convidar o missionário Z. C. Taylor, da Bahia, a visitar sua cidade e batizar os crentes do lugar. Foi convertido pela leitura da Bíblia e disse que muitos dos seus parentes, amigos e conhecidos já estavam preparados para o batismo. Nenhum missionário, nem pastor evangélico tinha visitado aquela cidade. Êle comprou e levou consigo uma grande quantidade de Bíblias para o seu povo. Ofereceu-se para pagar as despesas de um missionário dos Estados Unidos para trabalhar no seu Estado.

Os batistas ficaram animados pelo desenvolvimento dos pregadores brasileiros: Melo Lins, de Pernambuco; Luiz Wanderley, de Maceió; João Batista, Antônio Marques e T. W. Batista, da Bahia, Teodoro Teixeira e Tomás da Costa, do Rio; F. F. Soren estava estudando em William Jewell College.

O grande interêsse do povo pelo evangelho era outro sinal do tempo. Cartas chegavam de tôda a parte às mãos dos batistas, pedindo visitas de pastôres e missionários a fim de instruir o povo no evangelho. Escreviam os missionários que todos os estados, tôdas as cidades e vilas estavam prontas para ouvir o evangelho. Quer dizer naturalmente que em todos os lugares havia pessoas dispostas a receber a mensagem do evangelho. Muitos pediam entrevistas com pastôres e missionários sôbre a doutrina bíblica da salvação.

A contribuição média dos batistas brasileiros e o número de batismos em comparação ao número de trabalhadores convenceram a Junta de Richmond de que o Brasil é um dos campos mais frutíferos para a pregação do evangelho. Os longos anos de fidelidade nas atividades evangélicas com os resultados crescentes e cumulativos constituíam um poder irresistível na evangelização do povo brasileiro.

Com todos êstes sinais tão significativos, não devemos concluir que não havia mais problemas sérios e difíceis para os obreiros evangélicos. Ficou provado que a nova constituição com tôdas as suas garantias não resolveu o problema da perseguição. Teòricamente os protestantes gozavam dos mesmos direitos dos católicos. Tôdas as religiões ficaram no mesmo pé de igualdade diante do govêrno, e não devemos menosprezar a importância dêstes fatos para os evangélicos. Não obstante tudo isto, os protestantes, e especialmente os batistas, tinham que sofrer ainda muita perseguição. O govêrno mostrou-se pronto em muitas

ocasiões para proteger os protestantes nos seus direitos, e foram raras às vêzes em que negou esta proteção. As perseguições foram planejadas para evitar o conflito com o govêrno ou para dominar os representantes do govêrno nos lugares onde os inimigos do evangelho tinham êste poder.

O espiritismo, inimigo sutil do evangelho, assolava as igrejas, iludindo o povo com subterfúgios e um bom número de crentes caía nos laços dêste inimigo.

O formidável problema do analfabetismo impedia o desenvolvimento espiritual e a eficiência das igrejas no desempenho de sua alta missão. Era difícil manter as igrejas organizadas. As de Barbacena, de Minas e Alagoinhas da Bahia, foram extintas e algumas outras tiveram nome de que viviam mas estavam mortas. Foi devido em parte à necessidade da mudança dos membros dessas igrejas e em parte ao fato de se multiplicarem elas mais ràpidamente que aumentava o número de obreiros para pastoreá-las.

Desde o princípio a disciplina constituía um problema para as igrejas evangélicas. A percentagem de exclusões era muito grande em comparação aos números de membros. Quase a metade dos membros recebidos em muitas igrejas tinha que ser excluída mais tarde. É difícil para muitas pessoas vindas da Igreja Católica submeterem-se aos princípios da pureza evangélica. Os batistas brasileiros de hoje devem muito aos pioneiros ajuizados que sàbiamente deitaram os alicerces segundo os princípios do Nôvo Testamento. O problema de disciplina ainda está conosco e verifica-se uma tendência entre os batistas para o liberalismo que talvez em parte se justifica, mas devemos lembrar-nos de que para os batistas o seu poder está na pureza da vida regenerada e não no número dos seus adeptos.

PARTE V

TERCEIRO PERÍODO

CAPÍTULO XIII

PERÍODO DE TRANSIÇÃO

A divisão da história, política ou eclesiástica, em períodos, tem que ser um tanto arbitrária, porque a história é de fato uma corrente constante e a transição de um período para outro é gradual. Se escolhemos uma determinada data para marcar um período, é porque nela se realizou o evento que consideramos mais significativo de um movimento de vários anos. Reconhecendo a natureza dêste progresso constante, o estudo da história por períodos pode ser frutífero e interessante.

ACELERADO DESENVOLVIMENTO

Sob diversos pontos de vista, os últimos cinco anos do século dezenove constituem um período de transição na história batista brasileira. Para não desprezar o dia de coisas pequenas, procuramos salientar devidamente a significação dos movimentos do período pioneiro no tempo do império. Com a fundação do govêrno republicano e a proclamação da liberdade religiosa, verificou-se um esfôrço extraordinário para reforçar o pequeno grupo de batistas a fim de fazer jus às novas oportunidades que se lhes deparavam. Considerando a sua grande tarefa de evangelizar o Brasil, parecia insignificante o pequeno grupo de 784 batistas na sociedade republicana de 1895.

Mas os batistas estavam entrando numa nova época. O seu desenvolvimento foi muito mais rápido no período subseqüente do que nos anos anteriores. Nos primeiros 14 anos estabeleceram-se 16 igrejas com 784 membros. Houve um aumento de 1.148 membros neste período de 5 anos, atingindo um total de 1932. Havia mais igrejas, mais obreiros, e portanto muito mais atividade. Com a mudança de batistas de um lugar para outro, multiplicaram-se os focos de propaganda muito além do número das igrejas e pontos de pregação. A evangelização pessoal e a vida exemplar dos crentes preparavam o ambiente em novos lugares para a vinda de um evangelista ou missionário a fim de estabelecer definitivamente o trabalho batista. Muitas vêzes êste ambiente favorável era preparado pela semeadura de lite-

ratura evangélica pelos colportores e missionários. Tôdas estas atividades constituíram um preparo necessário para o período de expansão nos primeiros 6 anos do nôvo século.

INFLUÊNCIA E PRESTÍGIO

É um período de transição também do ponto de vista da influência e prestígio dos batistas. Não quer dizer isto que atingissem o prestígio que os isentasse de desprêzo e perseguição. Nem os 50.000 batistas de hoje têm muita influência na vida social e política da pátria em comparação com a religião da maioria, mas com literatura, igrejas, escolas, colégios e outras instituições aumentam de ano em ano o seu poder e influência. O período de 10 anos de perseguição ferrenha que atravessaram de 1895 em diante é prova suficiente de que as igrejas estavam sendo acrisoladas para a sua grande missão. Institivamente os inimigos notaram com receio o acolhimento dos princípios de responsabilidade pessoal e democracia dos batistas, e julgavam com razão que se não fôssem reprimidos haviam de tornar-se no futuro uma denominação poderosa e perigosa para o romanismo. Mas a perseguição foi em geral contraproducente. Fortaleceu, ao invés de enfraquecer, os batistas que emergiram do conflito com mais prestígio e melhor preparados para o seu mister.

NOVOS MÉTODOS DE TRABALHO

É um período de transição nos métodos de trabalho. No princípio os próprios missionários ficaram muito isolados uns dos outros. Eram poucos e separados por longas distâncias. Mantinham correspondência pessoal e a tipografia da Bahia fornecia literatura para outros campos, mas fora disto havia pouca cooperação. Em 1892 foi realizada uma reunião no Rio de Janeiro entre os missionários para trocar idéias sôbre os métodos e problemas de trabalho, divisão de campos, sobretudo sustento próprio, ministério nacional, cooperação e diversos outros assuntos relevantes. A organização das associações e sociedades missionárias sob os auspícios das igrejas revelou o valor extraordinário de cooperação entre as igrejas, generosas no seu trabalho e nas suas contribuições. Naturalmente a cooperação torna-se mais valiosa com a multiplicação do número dos batistas que podem cooperar.

AS NECESSIDADES DO TRABALHO

Tem que haver o período de propaganda antes do estabelecimento de qualquer instituição social. O progresso exigia novos

planos e as discussões esclareciam as necessidades do trabalho missionário. Felizmente os nossos obreiros pioneiros reconheceram êste fato e começaram imediatamente a publicar folhetos e livros para explicar ao povo as doutrinas batistas. Estabeleceram a tipografia na Bahia que prestou um serviço de valor incalculável naqueles primeiros anos, e foi reconhecida por algum tempo como serva de todos os campos, mas o seu serviço limitou-se em grande parte ao campo baiano, especialmente ao jornal *A Nova Vida*, que tratava principalmente das atividades batistas baianas. O Dr. Ginsburg fundou a sua tipografia em Campos e publicou *As Boas Novas* e outra literatura para as igrejas do sul. Durante êste período todos reconheciam a necessidade de uma casa publicadora batista para fornecer à denominação um bom jornal que servisse a todos os batistas brasileiros e exercesse a sua influência fora da denominação no preparo do povo para receber a mensagem batista. Devia também produzir literatura para as escolas dominicais, folhetos para evangelização e livros para a educação e treinamento dos obreiros batistas.

A escassez da literatura religiosa produzida pelos católicos no Brasil oferece aos evangélicos uma oportunidade extraordinária. O povo brasileiro é por natureza religioso e gosta de ler. Uma literatura vigorosa e varonil dirigida às necessidades espirituais do povo, teria sem dúvida, bom acolhimento. Pela natureza do seu sistema, os católicos não podem produzir livros, a não ser de polêmicas, catecismos e livros de sentimentalismo sôbre a Virgem S. S. que não são lidos senão pelos mais fervorosos adeptos da Igreja. Apesar de estarem crescendo de ano em ano os livros evangélicos, fica ainda muito a desejar.

O VALOR DA EDUCAÇÃO

Era natural que os missionários pioneiros procurassem pregar diretamente ao povo a mensagem de Cristo. O fim de tôda a obra missionária é apresentar o Senhor Jesus Cristo ao povo. É pela experiência de anos de trabalho que os mensageiros do Senhor chegam a reconhecer o valor de um sistema de educação a fim de conseguir resultados maiores e mais permanentes no estabelecimento do reino de Deus em qualquer país. É verdade que o Dr. Bagby reconheceu logo no princípio o grande interêsse dos brasileiros na educação dos seus filhos e recomendou o estabelecimento de escolas como meios de atrair o povo, mas relativamente pouco se fêz antes de 1900 para estabelecer educandários com o fim de educar e preparar os obreiros batistas. Isto é, pouco se fêz quanto aos resultados visíveis. Aprendeu muito, porém, pela experiência. As outras

denominações que tinham trabalhado por mais tempo no Brasil exerciam uma influência admirável pelos obreiros treinados nos seus educandários. Os nossos obreiros não podiam deixar de reconhecer o êxito do trabalho educativo entre os presbiterianos e outros. Diversas vêzes citaram êstes exemplos nos seus apelos à Junta de Richmond em favor de um plano mais ou menos semelhante para os batistas.

Gradualmente as necessidades do trabalho mostraram ao nosso povo que não se pode prescindir de colégios e seminários batistas no desempenho da sua missão. Escreveu o Dr. Bagby em 1894: "Queremos chamar a atenção especial da Junta a um aspecto do trabalho missionário, a saber, o de viajar e evangelizar. Os membros desta missão devem ficar convencidos de que o trabalho principal dos missionários estrangeiros não é o de ficarem estacionados em um ou dois lugares, e ali trabalharem exclusivamente, mas sim, o de pregarem o evangelho em muitos campos, fixando as residências em certos centros, mas viajando e pregando de lugar em lugar. Não sentimos que Deus nos enviou ao Brasil para pastorear igrejas, mas antes para sermos missionários e evangelistas. Se nós aceitamos o pastorado de uma igreja temporàriamente, consideramos isto um trabalho secundário. O nosso serviço principal será sempre e distintamente missionário evangélico."

Os missionários no princípio necessàriamente tinham que arcar com a responsabilidade de todos os departamentos do trabalho. O significado dêste parágrafo está no fato de que até então os missionários ficavam responsáveis pelo pastorado da maior parte das igrejas fundadas até aquela data. Diversos brasileiros pregavam o evangelho com eficiência, mas havia apenas 2 pastôres ativos: João Batista e Antônio Marques. O aumento do número das igrejas mostrava a impossibilidade de cuidarem os missionários de tôdas elas. Mas a carta é significativa, porque o Dr. Bagby sentiu ainda que os missionários ficavam responsáveis pela evangelização do país.

A NECESSIDADE DE EDUCAÇÃO MINISTERIAL

O aumento do número de igrejas em diversos campos e a extensão do território ocupado pelos batistas despertaram cada vez mais interêsse na necessidade imprescindível de pastôres brasileiros. Nos primeiros anos, como em todos os outros campos missionários, os pastôres nacionais tinham que aprender o serviço pastoral pela prática, servindo uma espécie de aprendizagem sob a orientação do missionário, e alguns dêles assim se tornaram pastôres eficientes e poderosos. Cresceu nesse período o número de pastôres brasileiros, havendo em 1900, nove

consagrados e 12 que trabalhavam como colportores e evangelistas. Além dêste grupo de trabalhadores ativos um bom número de jovens tinha o desejo de ajudar na evangelização de seu povo e sentiu a necessidade de estudar e preparar-se para o serviço.

Alguns dos moços zelosos que vieram estudar teologia com os missionários, não tinham a instrução necessária para o maior proveito das aulas. Deus estava chamando os moços para dedicar a vida à pregação do evangelho, e os missionários começaram a reconhecer que era da vontade de Deus que os obreiros e igrejas providenciassem meios de treinar os chamados.

A seguinte carta do Dr. Z.C. Taylor revela diversos aspectos do trabalho nesse período de transição: "Estou estudando um plano pelo qual as nossas 9 igrejas sem cuidado pastoral possam ter os seus próprios pastôres. Primeiro, que a Missão não empregue nenhum pastor nacional; segundo, que se peça e encorage as igrejas a enviarem todos os anos um ou mais membros para estudar a Bíblia comigo, assim preparando-se para o trabalho pastoral, conforme o plano anual de Graves (da China). Creio que um tal plano conseguirá melhores resultados e será melhor para as igrejas. Enquanto empregamos pregadores, as pequenas igrejas dependerão da Missão para fornecer-lhes a pregação, não obstante as nossas afirmações repetidas que a Missão não pode sustentar pastôres nacionais."

Feriu em cheio o problema a seguinte declaração do Dr. Ginsburg: "Uma necessidade urgentíssima é um educandário para o treinamento de jovens nacionais para o ministério. O nosso trabalho neste país nunca pode ser estabelecido em bases próprias até que tenhamos as facilidades para adquirir um ministério competente entre os brasileiros." Mais tarde escreve no mesmo teor: "Mais uma vez chamo a atenção dos irmãos ao importantíssimo assunto da educação de um ministério nacional. Irmãos, se o Brasil há de ser convertido, será conseguido pelos brasileiros. Vamos, portanto, preparar os nossos homens, para que no futuro êles possam tomar os nossos lugares. Eu insisto nisto com todo o meu coração e alma. Olhai as outras denominações. Os presbiterianos e metodistas têm campos imensos ocupados por nacionais que são eficientes e bem sucedidos no trabalho. Olhemos para o futuro. Não somos imortais e a Junta não pode enviar missionários estrangeiros para todo o sempre." Assim a propaganda foi continuada por anos antes de conseguir os resultados almejados.

A NECESSIDADE DE COLÉGIOS

Não se manifestou tanto interêsse no estabelecimento de colégios para o Brasil. O êxito das escolas fundadas em diversos lugares, certamente revelou o interêsse do povo na educação ba-

tista. Estas escolas no princípio foram fundadas e dirigidas sem auxílio financeiro da Junta de Richmond, indício de seu valor e de suas possibilidades no programa batista. Um certo grau de desenvolvimento das igrejas era necessário para o estabelecimento de instituições maiores a fim de produzir os melhores resultados para os batistas. É muito significativo que o maior colégio batista no Brasil neste período foi fundado pela iniciativa do capitão Egydio Pereira, na Bahia, em cooperação com D. Laura Taylor.

Procuramos em vão nos primeiros 15 anos da história batista qualquer referência nos relatórios anuais, na correspondência e nos editoriais do *The Foreign Mission Journal* sôbre um plano definitivo e prático de educação nas missões brasileiras. Os primeiros anos foram dedicados à evangelização como tal. Cumpre dizer que a própria Junta de Richmond naquele tempo não tinha o interêsse pela educação nos seus campos missionários que tem hoje em dia. Os representantes da Junta no Brasil começaram a falar sôbre a chamada de missionários para consagrar a vida ao trabalho de educação, pedindo que a Junta procurasse homens preparados para êste serviço no Brasil, a fim de que os missionários pudessem dar o seu tempo à pregação da Palavra.

A história da organização do Colégio na Bahia, além de revelar o interêsse do povo da cidade no estabelecimento da instituição, mostra também que os missionários estavam chegando a reconhecer o valor da educação para o seu programa evangelístico. Escreve o missionário Z. C. Taylor em 19 de maio de 1898: "Felizmente, tivemos a abertura muitíssimo propícia do nosso colégio nesta cidade. O Congresso Estadual foi representado por uma comissão. O Secretário do Estado, o Cônsul Americano, vários diretores de instituições literárias, representantes da imprensa, e muitos outros amigos assistiram ao programa. Um bom amigo, deputado, fêz o discurso oficial, e um redator fêz um bom discurso..." Depois de escrever prolongagadamente sôbre a inciativa e auxílio do capitão Egydio na fundação do Colégio, os relatórios favoráveis dos jornais, etc., o Dr. Taylor continua: "Muitas pessoas não sabem apreciar a semente do evangelho, mas gostam de seus frutos. Mrs. Taylor estava convencida de que além da educação que o colégio pode ministrar aos filhos dos crentes e outros que o assistem, o colégio muito contribuirá para vencer os preconceitos e as prevenções dos católicos contra os protestantes. O Colégio Presbiteriano preparou o caminho para o nosso. Temos 120 alunos e muitos dêles das melhores famílias da cidade. Podíamos ter 200 se tivéssemos lugar e professôres..." Não há cristãos, pergunta o

Dr. Taylor, que pudessem consagrar a vida à educação cristã no Brasil? Mrs. Taylor precisa de um casal para tomar *a direção desta instituição e dirigi-la com êxito e grande utilidade.*

Desde então até à organização da Convenção Batista Brasileira em 1907, os missionários discutiram planos de educação. Todos reconheceram a influência de colégios evangélicos no prestígio que ganharam para os batistas e a necessidade de treinamento teológico para os pregadores. Mas levou algum tempo para os batistas reconhecerem a necessidade de um sistema de instituições graduadas para a educação dos filhos dos batistas e para facilitar a evangelização da pátria brasileira. Mas, gradualmente os missionários mais entusiasmados pela evangelização sentiram profundamente a necessidade de escolas anexas e de um colégio para o seu campo de trabalho. Aparentemente alguns tinham idéia de que os obreiros nos educandários não se interessavam na obra de evangelização, julgando que êste serviço compete sòmente às igrejas. Hoje em dia felizmente esta questão não nos perturba. Professôres são evangelistas. Um bom número, por necessidade, é de pastôres. Pastôres interessam-se igualmente na educação. Alguns estabelecem escolas para as suas igrejas e ensinam em instituições educativas.

O VALOR DA EDUCAÇÃO NO CONFLITO DE SISTEMAS

É simplesmente impossível que a religião evangélica concorra com o catolicismo sem se munir do poder e da influência de educação. Cada sistema tem a sua ideologia e as suas vantagens. Nós, evangélicos, estamos plenamente convencidos da superioridade dos nossos ideais, mas o povo culto em geral não aceita o evangelho antes de ficar convencido da superioridade da cultura evangélica.

Afinal de contas a evangelização do Brasil implica no conflito dos dois sistemas e o resultado dependerá da possibilidade de demonstrar a superioridade do cristianismo evangélico. Não será fácil no Brasil onde a vantagem do treinamento de séculos está com os católicos. Os ideais, o modo de pensar, as instituições políticas e domésticas, os costumes e hábitos sociais do povo, o coletivismo social, são influenciados e formados pela religião católica, e naturalmente existem até entre os próprios evangélicos os princípios de democracia e individualismo. Não obstante, o poder maravilhoso do evangelho na transformação imediata dos ideais do indivíduo, a superioridade das doutrinas batistas não será demonstrada ao povo brasileiro exclusivamente no campo da evangelização. O povo ficará convencido pelos frutos do evangelho. É justamente no campo de educação que o evan-

gelho produz os seus frutos seletos e superiores, homens preparados para falar com poder à consciência nacional.

O catolicismo tem a sua cultura de longos anos de desenvolvimento que infelizmente limita-se à classe privilegiada. Encerrado na autoridade da Igreja, nas prerrogativas e privilégios especiais do clero, na adoração aos santos, obediência passiva, e dependência dos sacramentos, na doutrina do purgatório e as obras superrogatórias dos santos, é o coletivismo social que apresenta um apêlo quase irresistível ao homem natural, oferecendo justamente as vantagens que contribuem para a indolência individual e parasitismo.

Estão em conflito os dois sistemas como a Reforma abundantemente demonstrou nas seguintes proposições: a supremacia da Bíblia sôbre as tradições; a supremacia da fé sôbre as obras; a supremacia do povo sôbre o clero. Êstes princípios são básicos e têm muitas ramificações. O evangelho encerra os princípios de democracia, individualismo, igualdade de direitos, liberdade intelectual e religiosa. Com a liberdade vai necessàriamente a responsabilidade.

Não é por acaso que nos países onde o catolicisco predomina haja quase sempre maior porcentagem de analfabetismo. O sistema é por natureza anti-democrático. Na autoridade absoluta da Igreja e obediência passiva do povo, o indivíduo é privado de tôda a responsabilidade menos a de submeter-se passivamente à autoridade superior em matéria de religião. Não precisa ler e estudar.

A responsabilidade pessoal diante de Deus implica forçosamente na liberdade individual de ler e estudar a verdade revelada na Palavra de Deus. Sem liberdade não pode haver responsabilidade. O direito do livre-exame e da interpretação privada da Bíblia brota espontâneamente da responsabilidade pessoal.

A democracia política não pode florescer entre um povo sem instrução. O êxito do individualismo evangélico depende também da educação do povo, especialmente no ambiente em que predomina o catolicismo.

CAPÍTULO XIV

O CAMPO PERNAMBUCANO, 1896 a 1900

Uma das páginas mais brilhantes da história dos batistas brasileiros foi escrita no campo pernambucano no período de 1896 a 1900. Os obreiros revelaram espírito de zêlo e amor no evangelizar, de sacrifício no trabalhar e de heroísmo no modo de enfrentar a perseguição.

1896 — NOVAS IGREJAS

Foi assinalada a prosperidade da Missão Pernambucana no ano de 1896 pela organização de duas novas igrejas.

Num capítulo anterior discutimos o princípio auspicioso do trabalho em Nazaré. Aos 16 de janeiro de 1896 organizou-se a igreja com 16 membros, sendo eleito pastor o Dr. Entzminger. Distinguiu-se desde o princípio o casal Borges por sua dedicação à Causa do Mestre, e muito contribuiu para o crescimento da igreja. Batizaram-se 24 pessoas e muitas outras ouviram com interêsse o evangelho da vida. A igreja desde o princípio pagava tôdas as despesas e contribuía liberalmente para fins da denominação. Adquiriram um terreno e deitaram os alicerces da casa de culto. Havia, entre os membros, ferreiros, carpinteiros e pedreiros que ofereceram gratuitamente a mão de obra para a construção, e numa sessão da igreja subscreveram Cr$ 1.500,00, para a compra do material.

Escreveu o Dr. Entzminger n'*O Jornal Batista* sôbre o trabalho em Natal, Rio Grande do Norte: "Alguns membros da Igreja Presbiteriana Natalense, não se conformando com certas medidas tomadas pela mesma igreja, que lhes constrangiam as consciências, separaram-se e fundaram uma congregação independente, sob a direção do Sr. Joaquim Lourival da Câmara, professor público jubilado. Abriram então correspondência com os batistas do Recife, manifestando o seu desejo de serem visitados por um ministro batista, visto que as suas crenças estavam mais ou menos em harmonia com as dos batistas. Deferido o pedido dessa congregação, o evangelista Lins embarcou, a 1 de outubro, com destino à capital nortista, onde se deteve por duas semanas, fazendo conferências na casa de culto da mesma congregação. Logo antes do seu regresso, ministrou o batismo bíblico a 11 pessoas, estando incluído no número o Prof. Lourival." (1)

(1) **O Jornal Batista**, de 13 de outubro de 1927.

Veio então o Sr. Lourival ao Recife onde foi consagrado ao ministério na presença de um grande e seleto auditório.

Nos fins do ano, o evangelista Lins voltou a Natal a fim de animar o nôvo trabalho tão auspiciosamente começado. Batizou mais duas pessoas e organizou a igreja com 13 membros, sendo o Sr. Lourival escolhido para pastor. Embora pequena, a igreja era composta de algumas famílias das mais distintas do lugar, tendo portanto influência e prestígio. O pastor nacional era bem conhecido como professor público por 25 anos, muito acatado e testemunha fiel do evangelho na cidade por alguns anos.

1897 — PROSPERIDADE E ADVERSIDADE

O campo pernambucano abrangia nesse tempo os estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco e Alagoas e tinha 5 igrejas, com quase 200 membros. Nas 5 igrejas batizaram-se no correr do ano 70 pessoas, sendo 13 do Recife, 34 de Nazaré, 13 de Natal e 10 de Maceió. Manoel Lins, diácono, era bom auxiliar naquele trabalho. Juvêncio de Melo, Emygdio Bento Alves e José Manoel, conhecido como Almeida Sobrinho, se decidiram para o ministério. Juvêncio e Emygdio retiraram-se do campo e foram para o Amazonas e José Manoel foi para a Bahia a fim de estudar na classe teológica do Dr. Z. C. Taylor.

São escassas as notícias das atividades em Maceió, mas não há dúvida de que a igreja estava em pleno progresso, julgando pelo número de batismos. Os efeitos do bom serviço do missionário Joseph Aden ainda se manifestavam e o diácono Manoel Lins trabalhava eficientemente. A igreja foi visitada de quando em quando pelo Pastor Mello Lins, Dr. Entzminger e o Dr. Z. C. Taylor.

É interessante êste período de história do ponto de vista das condições políticas e religiosas. O clero romanista preocupava-se com uma propaganda intensa contra os protestantes. O Dr. Entzminger empregou um advogado para representar os batistas com maior vantagem perante as autoridades constituídas. Escreve o Dr. Entzminger: "Em companhia do Sr. Johnson, o cônsul americano e o nosso advogado, Esperidião Monteiro, Lins e eu fizemos uma visita ao palácio do govêrno no intuito de expor ao governador Araújo a situação aflitiva que havia sido criada para os crentes evangélicos, pela maldita campanha padresca, e pedir-lhe as providências que o caso exigia.

"O Sr. Araújo era exatamente o oposto do seu predecessor no govêrno, Barbosa Lima, sendo geralmente reconhecido como grande carola e jesuíta de casaca; enfim, um títere nas mãos de seus senhores espirituais. Tomando a palavra o Governador

Araújo, entrou numa longa defesa do catolicismo, lenga lenga essa que acabou dando a entender que a propaganda protestante não tinha razão de ser e, portanto, não podia êle atender ao nosso pedido. Durante a arenga de S. Excia., o nosso distinto advogado ficou cabisbaixo e um tanto envergonhado do triste papel de um governante republicano, mas nem pio deu em protesto. Retiramo-nos da presença de S. Excia., plenamente convencidos de que um católico daquele jaez era de fato incompatível com o alto cargo de presidir os destinos políticos de um povo livre, em que havia não poucos acatólicos, embora a grande maioria fôsse de católicos." (2)

Sabendo que tinham o apoio e a proteção do governador, os católicos não deixaram de aproveitar essas vantagens. O redator de *A Era Nova,* fôlha clerical em Pernambuco, era inimigo ferrenho dos evangélicos. Dirigiu uma campanha agressiva contra os protestantes, lançando um libelo contra *as Bíblias falsas,* e afirmando que eram "mutiladas, alteradas e corrompidas". Aconselhou o povo a fugir delas como de uma peste perigosa. Pelas colunas d'*O Jornal do Recife,* na seção paga, respondeu o missionário às acusações padrescas, desafiando os acusadores a provarem as afirmações. Foi incumbido pelo clero da cidade o Sr. Cônego João Machado de Melo a aceitar o repto e travar a luta. A polêmica despertou o interêsse do povo de uma maneira extraordinária e o público acompanhou com sofreguidão os argumentos. Um semanário livre e humorístico trazia diversas caricaturas, salientando a natureza da controvérsia e revelando o espírito de imparcialidade, senão de simpatia pelos protestantes. Acusou o recebimento dos artigos do Dr. Entzminger da seguinte maneira:

"HAVERÁ BÍBLIAS FALSAS?

"Oferece-nos o Sr. W. E. Entzminger o seu belo e vigoroso trabalho em resposta a outro de igual assunto do Sr. Cônego João Machado de Melo.

"Não temos vistas de lince para enxergar, tão longe como se acha de nós, o mundo bíblico; mas sentimo-nos com a razão e o direito de afirmar, porquanto lemos atentamente, que o trabalho do Sr. Entzminger é de alto alcance e valor histórico.

"Haverá Bíblias Falsas? é o título do seu livro, título que constitui uma interrogativa, e nós lamentamos não ter elementos para afirmar ou negar o que desejam os combatentes.

"O que afirmamos é que em nossa terra a falsidade existe em tudo, desde a ação à palavra, desde a palavra ao coração, desde o coração ao caráter.

---

(2) **O Jornal Batista,** 13 de outubro de 1927.

"Mas em terreno bíblico recuamos, porque em assuntos transcendentes não conhecemos nada de falsidade ou verdade; mas isso não nos impede de afirmar conscienciosamente que o trabalho é bom e que em certos pontos apertou a barriga do Cônego Machado." ([3])

Tais discussões têm algum valor permanente para a Causa de Cristo. Neste caso revelou-se a sinceridade das convicções dos batistas que é sempre ou quase sempre impugnada pelos católicos. Para os pensadores imparciais revelavam-se os motivos insinceros dos católicos nos seus esforços de envenenar a mente do público contra a Bíblia, a fim de impedir o progresso do evangelho, e ganhou-se simpatia para com os evangélicos. O livro publicado pelo Dr. Entzminger como resultado da controvérsia recebeu acolhimento entre um bom número de católicos.

Encontraram-se no estudo dêste período diversas pessoas de boas qualidades que inesperadamente aparecem e pedem batismo às mãos do missionário, homens sinceros e fervorosos do interior, convertidos pela leitura da Bíblia ou de um folheto que por acaso lhe chegara às mãos. No mês de fevereiro, vindo do interior do Estado, um homem estranho apareceu no Recife, querendo entrar quanto antes nas fileiras batistas. Chamava-se Inocêncio Barbosa Frias, dono da fazenda *Engenho Velho,* no município de Limoeiro. Foi examinado, recebido e batizado. Diz o Dr. Entzminger: "E, com efeito, dali em diante concorreu de modo ingente para que se tornasse conhecido o evangelho de Cristo em tôda a zona em que morava e nas regiões vizinhas." ([4])

1898 — PROSPERIDADE NORMAL

Aos 4 de março foi consagrado na Igreja de Pernambuco, o Sr. Rev. Eurico Nelson que fôra chamado para pastorear a Igreja do Pará recentemente organizada por êle e S. L. Ginsburg. Os missionários Entzminger e Ginsburg, o Pastor Mello Lins e o diácono Sabino constituíram o concílio de exame e consagração do candidato. Foi um evento significativo por ser o princípio oficial do trabalho do grande vale do Amazonas.

No mês de agôsto de 1897 o missionário do campo regressou à terra natal, via Europa, voltando ao Recife no dia 5 de outubro de 1898. Escreve: "Durante êste período, o pastor interino se houvera com denôdo, cuidando do vasto campo conforme as fôrças e recursos de que dispunha. Em Nazaré, João Borges e Pedro Falcão haviam ajudado no trabalho local, ao passo que, na zona de Limoeiro, Inocêncio Barbosa se ativara em espalhar a boa semente." O Dr. Taylor da Bahia visitou o campo pernam-

(3) **O Jornal Batista,** 27 de outubro de 1927.
(4) **O Jornal Batista,** 27 de outubro de 1927.

bucano duas vêzes durante a ausência do Dr. Entzminger. Batizaram-se no ano de 1898, 60 pessoas.

Entre os 32 novos aderentes, que se arrolaram como membros da Igreja do Recife, destacavam-se 11 ex-membros que constituíam um grupo pernicioso por seu modo de obedecer à riscas ao chepe Ermínio Leitão. Nas sessões mensais exibiam o espírito faccioso, opondo-se a tudo que não fôsse da sua iniciativa. "Finalmente, num rasgo de santa indignação, a igreja se levantou e expulsou de roldão os destruidores da sua paz e prosperidade." (5)

Surgiu também uma luta na Igreja de Natal, tornando-se imperiosa a necessidade de excluir 10 membros. A exclusão de faccionários sempre contribui para a prosperidade do trabalho.

1899 — LUTAS E VITÓRIAS DE VÁRIAS QUALIDADES

Escreve o Dr. Entzminger sôbre o movimento nos princípios do ano: "Em dezembro de 1898, o irmão Mello Lins, em companhia de sua família, deixou Pernambuco, indo fixar residência no Estado de Alagoas como pastor da Igreja de Maceió. O irmão Manoel Lins (o irmão *Yoyô*), sogro de Mello Lins, transferiu-se de Maceió para Rio Largo, como dirigente do trabalho nesse lugarejo. Em janeiro de 1899, o Pastor Marques da Silva, com sua numerosa família, mudou-se do campo baiano para o pernambucano, destinando-se mui particularmente ao trabalho do interior do Estado. Ficou morando provisòriamente no Recife, donde fazia viagens demoradas a Engenho Velho, Cachoeira, Ilheitas, Limoeiro, Timbaúba, Bom Jardim e Nazaré. Em todos êsses lugares e redondezas soava a sua voz, captando grande simpatia e despertando muito interêsse pela salvação em Cristo Jesus. Em fevereiro, Marques fêz os primeiros batismos em Ilheitas sendo incluído nesse número Manoel Holanda Cavalcante de Albuquerque, em cuja casa se realizavam os cultos. Por êsse mesmo tempo visitou pela primeira vez Bom Jardim, onde pregou no teatro local ante um auditório de 300 pessoas. Em Cachoeira o evangelho teve grande aceitação. Os cultos se verificaram em casa do nôvo irmão César, que desde a sua conversão se dintinguiu pelo zêlo e atividade com que desenvolvia o trabalho.

"Em 25 de abril, o irmão Marques foi empossado como pastor da Igreja de Nazaré, cidade em que passou a residir, tornando-a centro do seu já extenso campo de ação. Contemplando a seara branca para a ceifa, Marques se entusiasmara sobremaneira e se desdobrava em esforços para fazer jus às oportunidades de ouro que se lhe deparavam.

---

(5) **O Jornal Batista**, 24 de novembro de 1927.

"Nesse tempo, Manoel Felipe Tiago e Pedro Falcão, que haviam resolvido dedicar-se ao santo ministério, eram meus discípulos, a quem eu votava três horas por dia, no intuito de orientá-los nos seus estudos. Outros dois moços, se apresentaram para o mesmo fim, mas logo abandonaram a carreira após terem pôsto mãos ao arado." (6)

O crescimento rápido da obra batista no campo pernambucano, assinalado por muitas vitórias alcançadas, era motivo de gratidão para o casal corajoso de missionários que tinha dirigido o trabalho. O acúmulo de recordações preciosas, amizades formadas, esperanças realizadas durante os anos de serviço e o futuro prometedor, foram salientados por uma crise na vida dos jovens obreiros. Parecia-lhes que já tinham uma porção dupla de tristezas e aflições no sofrimento infligido pela febre amarela e outras moléstias, e mais amargamente ainda na perda dos dois filhos, William Edwin e Margarida. Mas neste ano D. Graça foi acometida por uma moléstia que lhe ameaçava a vida. Receberam dos médicos a ordem de mudança de clima e muito sossêgo. Depois de experimentar o clima de Garanhuns, sem proveito, Entzminger resolveu levar sua espôsa sem detença para os Estados Unidos, retirando-se de uma vez do Brasil. Vendeu os móveis e contratou passagem com destino a Nova York. Mas na véspera da partida, D. Graça declarou-se resolvida a não regressar aos Estados Unidos, nem a abandonar o seu trabalho missionário no Brasil. Embora lhe custasse a vida, não sairia da sua pátria adotiva.

Nesta história é natural que as atividades dos homens sejam mais salientadas, mas o fato é que o êxito do pregador, quer seja missionário, quer seja pastor, é determinado, com raras exceções, pelo apoio e auxílio das nobres e heróicas companheiras em todo o bom serviço. D. Ana Bagby, D. Kate, S. Taylor, D. Emma Ginsburg, D. Graça Entzminger e muitas outras pioneiras da fé batista no Brasil, merecem a mesma honra que os seus maridos, porque trabalharam com êles e com êles sofreram com o mesmo desvêlo e denôdo.

O casal Taylor, informado do estado precário da saúde de D. Graça enviou-lhe um cordial convite para passar alguns meses na sua vivenda na Bahia. No princípio de novembro o Dr. Entzminger levou a família à Bahia e voltou sòzinho para trabalhar em Pernambuco.

Apesar das lutas e tristezas o ano de 1899 foi assinalado por progresso e animação no campo pernambucano. O pastor Lourival trabalhava em Natal, Antônio Marques em Nazaré, Mello Lins em Maceió e Entzminger em Pernambuco. Nas 8

---

(6) **O Jornal Batista,** de novembro de 1927.

igrejas e 6 pontos de pregação batizaram-se 105 pessoas e terminou o ano com 408 membros.

Em princípios de dezembro foi organizada a Igreja em Cachoeira com 38 membros. Irmãos das igrejas de Nazaré e do Recife assistiram à organização que foi realizada na residência do irmão Hermenegildo César; promoveu-se na ocasião uma coleta que rendeu Cr$ 400,00, destinada a auxiliar na construção de um salão para os cultos.

O irmão Hermenegildo carregou tijolos a uma distância de 400 metros e construiu o salão anexo à casa dêle. Dentro em pouco, aquêle dedicado irmão acabou e entregou o salão à igreja.

Deu-se uma luta nos fins do ano entre o Sr. Mello Lins, pastor da Primeira Igreja de Maceió e o Sr. José Espanhol. O Sr. José contratou casamento com a empregada do Pastor Lins. O pastor apresentou objeções ao casamento. Criaram-se dois partidos dentro da igreja e os noivos juntamente com os seus partidários foram excluídos, provocando um escândalo que repercutiu no Estado vizinho. O Dr. Entzminger tentou resolver o caso pacìficamente, mas o Pastor Lins ficou intransigente na sua posição e foi finalmente excluído da comunhão. O incidente foi lamentável porque terminou a carreira prometedora do pastor Lins.

Não obstante as suas falhas, o Pastor Mello Lins era homem de boas qualidades, personalidade atraente, crente de convicções fortes e pregador eficiente. Era o primeiro batista da cidade de Recife e do Estado de Pernambuco. Como pioneiro da fé êle prestou um serviço valioso ao seu Estado, especialmente durante o período quando cuidava de todo o campo, na ausência do missionário Entzminger. O pioneiro Lins mereceu a simpatia, o amor, a gratidão e a honra dos seus irmãos e patrícios, os batistas pernambucanos, pelo serviço que prestou na fundação da obra batista no seu Estado.

1900 — PERSEGUIÇÃO FERRENHA

No princípio do ano, o Dr. Entzminger levou a família a Friburgo com a esperança de que o bom clima do lugar restaurasse sua senhora. Pouco tempo depois de regressar ao Recife rebentou uma perseguição terrível aos crentes de Bom Jardim. Tôdas as igrejas do campo pernambucano prosperavam, graças à orientação do missionário Entzminger e à atividade e entusiasmo do Pastor Antônio Marques e outros trabalhadores.

Fôra aberto pelos crentes de Bom Jardim uma congregação na casa do irmão Primo Fonseca. Êste ato desagradou ao fazendeiro Nicolau Antônio Duarte e ao chefe político local, o Dr.

Mota Silveira. Cada um dêstes inimigos organizou um grupo de capangas para surrar os crentes na ocasião do culto na casa do Sr. Primo Fonseca. Nenhum dos dois sabia coisa alguma do plano do outro. O grupo que representava o fazendeiro, sob a direção de José Cabral, chegou primeiro em frente da casa onde se realizava o culto. Logo em seguida chegou o segundo que representava o Dr. Mota Silveira, dirigido pelo inspetor de polícia, Manoel Joaquim. Supondo o inspetor de polícia que os homens em frente da casa do Sr. Primo fôssem um grupo de crentes, mandou fulminá-los a bala. O grupo de José Cabral, supondo que estava sendo atacado por crentes, respondeu com fogo. Travou-se o tiroteio entre os dois grupos de perseguidores enquanto que os crentes lograram fugir pelos fundos da casa. Só no dia seguinte verificou-se o engano de que em vez de atacar os crentes, como pensavam, atiraram fogo uns contra os outros.

O Jornal do Recife publicou dois dias depois, a seguinte narrativa do acontecimento. "CONFLITO EM BOM JARDIM — Telegrama particular procedente de Bom Jardim noticia que anteontem o templo dos protestantes daquela localidade foi assaltado por um grupo de fanáticos, travando-se entre os assaltantes e as pessoas que se achavam no referido templo renhido conflito do qual resultaram três mortos e diversos ferimentos.

"Chegando, na segunda-feira próxima passada, a esta capital, o meu respeitável colega, o cidadão brasileiro, Sr. Antônio Marques da Silva, que se retirava em fuga precipitada do lúgubre teatro dêsse conflito, soubemos que a tal notícia, em seus detalhes, não é exata.

"Eis a verdade:

"O Sr. Marques, ao chegar em Bom Jardim, na quinta-feira próxima passada, foi logo avisado de que preparavam para êle e a sua congregação uma cobarde e brutal agressão, instigada pelo celebérrimo Arruda, auxiliado pelo infeliz súdito italiano Nicolau de tal; porém, não tendo visto indício nenhum de semelhante agressão, reuniu os seus amigos e irmãos, no próximo domingo, pela manhã, na residência do cidadão Primo Feliciano da Fonseca, no intuito de celebrarem o culto divino. Pouco depois, começaram a aglomerar-se defronte da dita casa grupos de facínoras, armados de cacetes, assumindo uma atitude hostil e agressiva, e ameaçando de morte tudo quanto fôsse nova seita; porém, tendo-se postado na porta e janelas alguns rapazes com o fim de impedirem a invasão dos insolentes sicários, êstes, depois de se terem conservado pelo espaço de duas horas, retiraram-se, prometendo voltar, em maior número.

"O Sr. Primo, confiado no critério das autoridades da localidade, mandou pedir-lhes providências, que foram negadas.

Ali, em pleno dia, à vista de todos, forjava-se um selvático assalto a homens inermes no gôzo de seus direitos constitucionais, não obstante, as autoridades assistirem a tão tremendo agravo, atirado ao Pacto Fundamental que juravam sustentar e defender.

"Na noite dêsse dia, pelas 7 horas, de súbito, avistou-se um numeroso grupo de bacamartes que vinha em marcha acelerada em direção à casa do Sr. Primo, de vez em quando levantando um infernal alarido e sedentos de sangue daqueles que jamais pensavam em ofendê-los.

"Imediatamente, os assaltados fecharam as portas, apagaram as luzes e esperaram pelo desfecho. Os indivíduos que compunham êste grupo se achavam em tal estado de embriaguez que ao seu execrando projeto não puderam dar o brilhante êxito que anelavam. Na ocasião em que passavam defronte da casa gritavam-lhes da retaguarda, o que os fêz virar e ver um outro grupo que dêles se aproximava. Julgando serem os evangélicos, incontinenti fizeram fogo sôbre êles, resultando caírem 3 mortos e ficarem diversos gravemente feridos. Mataram os seus próprios aderentes, sucedendo assim cair a feitiçaria sôbre o feiticeiro. Por entre a confusão que se seguiu, os assaltados, fugindo pelos fundos da casa, conseguiram escapar incólumes."

O Dr. Entzminger assim continua a história:

"Ora, com essa ceifa cruenta de vidas humanas, a sanha dos nossos algozes, longe de se saciar, inflamou-se ainda mais. Com diabólico sangue frio forjaram a tôrpe calúnia de serem os próprios perseguidos os autores dêsse monstruoso crime, e, contra êles, instauraram processo judicial. Na madrugada do dia seguinte, a polícia local estava no encalço dos 12 batistas de Bom Jardim, inclusive do Pastor Marques, a fim de efetuar-lhes a prisão. Quatro dêles, que se haviam conservado em suas casas, nada suspeitando, foram presos e horrìvelmente maltratados para se lhes extorquir a confissão do delito. Especialmente contra o Pastor Marques e Primo Fonseca, em cuja casa se realizavam os cultos, explodiu a fúria dêsses sanguinários. Um a um eram levados perante o tribunal do júri de Bom Jardim e pronunciados. Através de quatro longos anos essa manobra continuou, até que, afinal, todos os acusados foram absolvidos. Nesse iníquo processo, o então missionário do campo, Rev. Salomão Ginsburg, tomou parte saliente, esforçando-se heròicamente em prol dêsses mártires. E, além do trabalho insano que isso lhe acarretou, viu-se obrigado a despender nada menos de quinze mil cruzeiros, com a defesa."

Não obstante a hostilidade dos inimigos do evangelho, o ano estava cheio de atividades em tôdas as igrejas pernambuca-

nas. As perseguições atingiram a quase tôdas as igrejas. O pastor de Nazaré salvou-se por se esconder dos perseguidores. Apesar das perseguições, 19 pessoas uniram-se à igreja por batismo. Quatro membros da Igreja de Cachoeira foram obrigados a fugir da horrível perseguição, e uniram-se à Igreja de Nazaré."

A Igreja de Goiana passou por muitas lutas, mas graças ao espírito de heroísmo e sacrifício do diácono Sabino José Rodrigues, mantinha regularmente os seus trabalhos. Êste servo abnegado andava a pé 30 léguas, duas vêzes por mês para assistir aos cultos e ajudar no trabalho da igreja.

No ano anterior batizaram-se 14 pessoas em Timbaúba no limite de Pernambuco e Paraíba do Norte, e a igreja foi organizada em novembro de 1900, não obstante o perigo dos perseguidores. Um fazendeiro sofreu perseguição e o prejuízo de perder muita cana-de-açúcar por incêndio.

A Igreja de Cachoeira, organizada em 1898, era uma das mais prósperas do campo. O famigerado Padre João Bezerra de Carvalho, o chefe político de Bom Jardim e senador estadual, aproveitando o prestígio da sua posição, ordenou a organização de um grupo de malfeitores para exterminar de vez os crentes do lugar. Graças à coragem de Manoel Olinto Cavalcante os crentes foram avisados do plano nefando dos 400 perseguidores, e fugindo escaparam com vida. Os atacantes, porém, saquearam as casas de Manoel Holanda e Hermenegildo de Brito. Apanharam Manoel Cavalcante quando voltava de sua missão e espancaram-no bàrbaramente, inutilizando quase um de seus braços.

Por algum tempo os crentes não ousaram dormir em casa sem proteção. Uns dormiam enquanto outros velavam, esperando agressão dos inimigos em qualquer tempo. Descreve o Dr. A. N. Mesquita na *História dos Batistas em Pernambuco,* algumas perseguições incrìvelmente cruentas que os nossos irmãos sofreram: "Uma noite, alta madrugada, um grupo calculado em mais de mil pessoas, anunciava em berreiros infernais a sua aproximação. Por onde iam passando, iam semeando a ruína e assolação. Foram derrubadas 14 casas da propriedade do irmão Manoel Holanda Cavalcante, inclusive a casa de farinha com diversos sacos dêste artigo, a que atearam fogo. Chegando à casa do irmão Hermenegildo, botaram as portas abaixo aos gritos de: Mata! Mata! Foi tal o pavor que se apossou de todos da casa que cada um procurou fugir como pôde. Êste irmão deixou no leito a espôsa, julgando que os perseguidores respeitassem uma senhora que há três dias havia dado à luz. Mas assim não aconteceu. Os assaltantes foram quebrando tudo que encontraram, inclusive a mobília da igreja que há pouco havia sido comprada no Recife, por Cr$ 400,00. Chegando ao quarto

onde estava a senhora, despiram-na, chicotearam-na até o sangue correr, e estavam preparando uma fogueira para a queimar quando o filho do delegado interveio e não consentiu que a queimassem, que a surrassem bem e a deixassem ir. Chegando junto da rêde onde dormia o inocente que tinha três dias de nascido, cortaram os punhos da rêde e deixaram que o corpinho da infeliz criança caísse ao chão. A pobre mãe, meio morta já pelo seu estado, já debaixo de chicote, conseguiu sair em trajes de Eva para o mato próximo. Atordoada, na carreira, caiu dentro de um açude junto com a criancinha de onde só pôde sair ao clarear do dia. Parece incrível como pôde resistir a isto. Entretanto, tão abalado ficou o seu estado de saúde que poucos anos depois morreu. Ao amanhecer, o irmão Hermenegildo procurou voltar à casa, não encontrando ninguém, indo depois encontrar a espôsa meio morta dentro do açude onde tinha passado o resto da noite. Arruinados física e materialmente, fugiram para Nazaré, onde oito dias depois enterraram seu filhinho que não tinha resistido aos efeitos da queda.

"Os crentes não se julgavam seguros em parte alguma. Uns emigraram para o sul do Estado, outros foram para lugares distantes. As providências tomadas pelas autoridades foram tardias demais e o mal não podia ser remediado. O florescente trabalho de Cachoeira morreu. Com alguns dos crentes que ficaram ali foi organizada a Igreja de Ilheitas. Em Cachoeira só foi reorganizado o trabalho batista em 1924. O padre perseguidor recebeu o pago de seus muitos crimes, sendo assassinado pelo pai de u'a môça ultrajada por êle. São públicos e notórios os ultrages à honra da família praticados por aquêle famigerado assecla romano. Só um homem daquele quilate seria capaz de feitos tão hediondos. Há pouco morreu o Sr. Leão, membro e diácono fiel da Igreja Batista de Glória de Goyta, o capitão destas hostes agressoras. Tal tinha sido o heroísmo dos crentes perseguidos por êle que sua consciência foi abalada. Felizmente pôde restaurar em parte o estrago feito na sua vida de malfeitor católico." ([7])

Não há quem preze mais a liberdade de consciência do que o povo batista, como também não há quem a tenha pago mais caro, não só aqui no Brasil como também em todo o mundo.

Foi fundada em 1900 no Rio a *Casa Editôra Batista*. Foi nomeado redator do nôvo jornal e diretor da casa o Dr. Entzminger. Aceitou a incumbência sob a condição de que o impávido batalhador S. L. Ginsburg fôsse o seu substituto no campo pernambucano, ao que êste acedeu sem vacilar. A 23 de abril apre-

---

(7) **O Jornal Batista**, 24 de novembro de 1927.

sentou o seu pedido de exoneração do pastorado da Primeira Igreja no Recife. Escreve sôbre a sua partida do campo pernambucano: "Em junho de 1900, após oito anos de lutas incessantes, apresentei as minhas despedidas ao brioso Leão do Norte, para ir desobrigar-me dos sérios compromissos tomados na capital da República. Durante o meu tirocínio em Pernambuco foi-me dada a satisfação de ver sob a bênção do céu o nosso trabalho, começado de modo humilde, prosperar e se estender a olhos vistos, não obstante a lamentável falta de recursos, que nos tolhia a atuação, e a guerra renhida e sem tréguas que nos movia o clero romano. Deixei no campo sete igrejas com um total de uns 500 membros, e cêrca de dez mil cruzeiros, aplicados na aquisição da propriedade, sita na Rua Formosa, 21, que hoje é ocupada pela Primeira Igreja, que foram levantados mui especialmente pelos esforços de D. Graça no nosso Estado nativo de Carolina do Sul.

"A nossa saída de Pernambuco, deixando o trabalho e o povo a que amávamos entranhadamente, causou-nos grande desgôsto, pois a verdade obriga a dizer que em certo respeito era êsse o período mais prazenteiro de tôda a nossa vida. Desligamo-nos, portanto, em deferência tão sòmente às circunstâncias, que claramente nos indicavam que era essa a vontade do Senhor da Seara a quem não ousávamos desobedecer. Contudo, a causa de Jesus não sofreu com a nossa ausência, porque o Mestre enviou outros obreiros para levarem avante a santa obra com o devido denôdo e êxito feliz." ([8])

---

(8) **O Jornal Batista**, 1 de dezembro de 1927.

CAPÍTULO XV

O CAMPO BAIANO DE 1896 A 1900

Ao entrar nesse período o campo baiano contava com 4 igrejas e 278 membros. Terminou o ano de 1900 com 9 igrejas e 516 membros, dobrando o número das igrejas e quase dobrando o número dos membros. É um período cheio de venturas interessantes e de progresso extraordinário.

O Dr. Z.C. Taylor passou o ano de 1895 nos E.U.A. em gôzo de férias. Teve a felicidade de encontrar-se com Miss Laura G. Barton, que tinha servido por cinco anos como missionária da Junta de Richmond no Norte da China. Contrataram casamento e a cerimônia foi celebrada pelo Dr. R.J. Willingham, então secretário da Junta de Missões Estrangeiras de Richmond. A segunda Mrs. Taylor dedicou a sua vida ao trabalho de educação, sendo por muitos anos a diretora eficiente do Colégio Egydio Americano.

1896 — CISMA NA PRIMEIRA IGREJA DA BAHIA

O ano de 1896 marcou a maior prova da Missão até aquela época. Com a redução do auxílio que veio de Richmond, a Missão foi obrigada a reduzir as operações da tipografia. Isto envolveu a necessidade de dispensar uns dois ou três operários. Prevendo as dificuldades, o Dr. Taylor pediu que a igreja assumisse o sustento do Pastor João Batista. Não querendo acreditar na crise financeira da Missão, operários recusaram cooperar e persuadiram a maior parte dos membros a não aceitarem qualquer plano oferecido pelo missionário. Um dos membros da oposição era diácono, outro ex-secretário e outro aspirante ao ministério. De sorte que a oposição foi bastante forte e muito perturbou a igreja e especialmente ao missionário Taylor. Apresentaram diversas acusações contra êle e a fim de evitar maiores dificuldades afastou-se do trabalho da Primeira Igreja, dedicando-se aos outros trabalhos da Missão até o fim do ano. Vendo que o trabalho estava sendo prejudicado por falta de orientação, voltou a assumir a direção da igreja no princípio do nôvo ano. Os chefes da oposição foram excluídos pela igreja e em pouco tempo o trabalho estava em pleno progresso.

Em vários outros lugares do Estado os irmãos se sacrificaram para levar avante a Causa do Senhor. Em Valença e Amargosa as igrejas estavam lutando heròicamente para cons-

truir casas de oração. O Pastor Antônio Marques morava em Sto. Antônio e pregava em Valença, Vargem Grande e Casca. Um irmão construiu uma casa de culto em Vargem Grande, pagando quase tôdas as despesas do seu próprio bôlso. Em Sto. Antônio, ponto de pregação, o irmão Francisco Diniz preparou em uma das suas casas uma sala para os cultos.

João Batista passou alguns meses em Joazeiro, pregando e evangelizando. Batizou sete crentes que se uniram à Igreja da Bahia, fazendo um total de 14 membros naquela cidade.

O Dr. Taylor, João Batista e um colportor fizeram uma viagem de dois meses pelo rio São Francisco, sendo bem recebidos em tôda a parte, pregando o evangelho em edifícios públicos, em casas particulares e nas ruas. Muitas pessoas da melhor sociedade assistiram às pregações e pouco mais tarde dois homens distintos da zona visitada fizeram uma viagem de duzentas léguas à cidade da Bahia, a fim de se unirem à igreja e obedecerem ao Senhor na ordenança de batismo.

Puseram em circulação durante o ano 2.000 Bíblias e porções das Escrituras, muitos livros religiosos e milhares de folhetos.

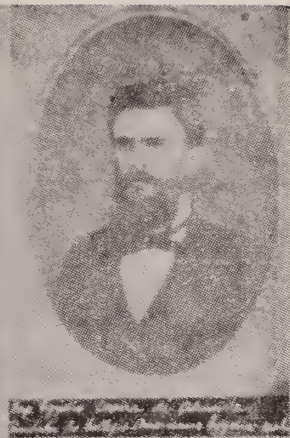
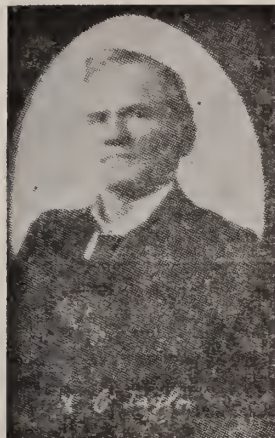
Escreve o Dr. Taylor: "Lamentamos os resultados tristes das dificuldades na Igreja da Bahia, mas há muitos sinais incontestáveis de progresso em tôda a parte e o futuro convidativo nos inspira com esperança."

1897 — UM ANO DE TRABALHO FRUTÍFERO

Declarou o Dr. Taylor no seu relatório anual que o ano de 1897 foi o mais frutífero de todo o seu trabalho no Brasil. Batizaram-se 85 pessoas e terminou o ano com cinco igrejas e 386 membros. O missionário fêz tantas visitas, que estêve fora da cidade cinco meses durante o ano. Visitou tôdas as igrejas duas vêzes. Foi acremente perseguido em dois lugares, mas em tôdas as outras viagens teve boas congregações de pessoas desejosas de ouvir a mensagem do evangelho. Mrs. Laura Taylor acompanhou o marido em uma das viagens, trabalhando entre as senhoras e prestando um serviço agradável com o seu harmônio.

O Pastor Marques continuou o seu trabalho no interior e no primeiro dia do ano de 1898 organizou a Igreja de Sto. Antônio, no salão preparado pelo crente zeloso, Francisco Diniz. A igreja foi organizada com 12 membros.

O Dr. Taylor viajava para a cidade de Vitória (hoje Conquista) que tinha formado uma sociedade de 34 crentes, quando numa severa perseguição recebeu uma pancada nas costas, que

ESTADO DA BAHIA

lhe causou tanta dor e sofrimento que foi obrigado a voltar para casa.

O Capitão Egydio Pereira, tão maravilhosamente convertido havia quatro anos, fazia um bom trabalho entre a vizinha tribo de índios. Sendo Capitão da Guarda Nacional, êle representava o govêrno na proteção dos índios. Um dêles foi batizado, outro pediu batismo e diversos outros se interessavam no evangelho.

O irmão Almeida Sobrinho, que tinha estudado com o Dr. Taylor, foi trabalhar em Manaus, e Florentino da Silva, outro estudante para o ministério, mudou para Campos onde trabalhou por algum tempo, mudando-se depois para o Distrito Federal, onde trabalhava ainda em 1937. Mais dois moços sentiram-se chamados para o ministério. Assim continuou a crescer e manifestar-se êste poder misterioso do evangelho.

Verificou-se mais atividade na Casa Publicadora, reanimando-se *O Eco da Verdade,* que passou a chamar-se *A Nova Vida.* Êste jornal era bem acolhido e tinha influência no desenvolvimento das igrejas, despertando e doutrinando os crentes e evangelizando os não crentes.

1898 — FUNDAÇÃO DO COLÉGIO EGYDIO AMERICANO

Continuou a Missão da Bahia em franco progresso durante o ano de 1898, com 62 batismos. As 6 igrejas da Missão pagavam suas próprias despesas.

O evento do ano que salientou o progresso da Causa Batista no Estado da Bahia foi a fundação do Colégio Egydio Americano, na cidade do Salvador. O abnegado soldado de Cristo, Egydio Pereira de Almeida tomou a iniciativa entre seus patrícios e levantou sete mil cruzeiros para o estabelecimento da instituição. A seguinte notícia apareceu nas colunas de *A Nova Vida*:

ESCOLA

"Temos autoridade de anunciar a fundação de uma escola pelo Capitão Egydio Pereira de Almeida e D. Laura Taylor. O capitão Egydio garante a soma necessária para as despesas da mobília e professôres e D. Laura, como diretora, se incumbe do ensino, empregando o pessoal necessário para uma escola de primeira ordem.

"A mobília já foi encomendada, e consiste em carteiras das mais aperfeiçoadas, com assento de graduação, cartas geográficas e históricas, mapas dissecantes, e em caixa com cilindros movidos por mola, a terra e a lua, pedras e giz, em côres, etc., etc.

"Meninos e meninas se aceitam para o jardim da infância

de 4 a 6 anos; meninos e meninas na escola regular de 7 anos em diante."

O colégio no princípio tinha quatro professôres, além da diretoria. Começou em maio com 11 alunos e terminou com 70.

A morte do capitão Egydio entristeceu os batistas não sòmente da Bahia como de todo o Brasil. Sua conversão gloriosa, consagração e serviço ao Mestre entre os patrícios, ganharam para êle muitos amigos entre tôdas as classes sociais. Era homem rico, de boa família, mas humilde, sincero e acatado por todos. O Dr. Taylor publicou em *A Nova Vida* uma breve história da sua conversão e da sua carreira de crente. É um testemunho do poder do evangelho e uma ilustração de como Jesus vence e transforma em mensageiros de seu amor os próprios inimigos.

"EGYDIO PEREIRA DE ALMEIDA

"Um príncipe em Israel caiu. Nosso irmão Egydio não existe mais neste mundo. Deus o chamou para a morada eterna. Convertido apenas há uns quatro anos, fêz uma obra monumental.

"Sua conversão, em primeiro lugar, foi admirável. Principiou por visitar seu irmão Marciano, de Vargem Grande, com o fim de arrancá-lo do evangelho. Êste seu irmão tinha abraçado o evangelho, queimado seus santos de pau, etc., pelo que Egydio ficou indignado. Ao visitá-lo, e não podendo persuadir a seu irmão a abandonar o evangelho, ameaçou o nosso irmão Madeiros, (instrumento na conversão de Marciano) de mandar decepar-lhe a cabeça por meio de dois índios. A esta ameaça respondeu o irmão Madeiros: *Pode matar o corpo, mas não pode matar a alma!* Foi então chamar o vigário de Sto. Antônio de Jesus, o qual depois de ouvir algumas palavras firmes e acertadas do irmão Marciano, abandonou a emprêsa.

"O Sr. Egydio voltou para casa respirando ameaças, bebendo onde achava bebida. Diz êle que no correr de 20 léguas bebeu umas 14 vêzes. Em mais nada podia pensar senão na desgraça de seu irmão ter deixado a religião de seus pais, para meter-se no protestantismo, na maçonaria, no judaísmo, etc. O bom nome da família deve ser vingado. Que fazer? Quanto mais refletia, sentia o poder e razão dos argumentos de seu irmão Marciano. Em verdade, disse êle consigo, êstes nossos santos são de pau, pintados por homens, e nada podem fazer: são vendidos como bonecos, ou outro artigo do comércio. E no que disse Marciano sôbre os padres achou razão. Ensinam ao povo a adorar ídolos, ensinam da existência de um purgatório imaginário pelo que inventaram a missa que, portanto, nada vale. Muitos outros erros que seu irmão lhe contou, vieram todos à sua mente e suavisaram a sua ira. Começou a orar: Ó Deus,

se esta religião do meu irmão Marciano é tua, faze-mo saber. Começou a examinar uma Bíblia que de há muito lhe mandara um amigo, e ficou cada vez mais confiante na verdade.

"Quando voltou à família tão alegre, julgava-se que êle tinha enlouquecido. Pediram a um vizinho que cortasse o cabelo dêle o friccionasse com algum ungüento. Depois aconselharam dar-lhe óleo de rícino; êle aceitou tudo, sòmente pedindo que lhe não raspassem o cabelo, que o óleo não lhe fazia mal.

"Uma noite quando ia visitar um doente, e enquanto ardentemente pedia a Deus a revelação de sua vontade, ouviu uma como voz do céu: 'Tu estás salvo.' Sentiu a alma estremecer de reverência, de admiração e de alegria. Falou logo, ao doente moribundo, de sua alma e como devia entregar-se a Jesus.

"Suas sãs palavras, amor e perseverança logo conquistaram os corações da família. Nunca vi família tão unânime sôbre o evangelho, ou mais zelosa; à segunda visita de um pastor treze pessoas de sua família e parentes foram batizadas. Com cada visita pastoral mais pessoas se batizavam.

"Uma igreja foi organizada na casa dêle, e êle mesmo dirigia os cultos na ausência do pastor.

"Pregou o evangelho à tribo de índios, a três léguas de distância de sua casa. Em Areia ajudou muito na pregação do evangelho como em diversas outras cidades e vilas. Nas freqüentes viagens que fazia, sempre anunciava o evangelho.

"Era piedoso e constante em oração. Andando a cavalo, muitas vêzes levantava o chapéu em oração. Estando comigo numa perseguição terrível comportou-se como mártir, não oferecendo resistência nem até na palavra, nem pedindo misericórdia, nem depois rogava pragas sôbre o perseguidor.

"Era humilde. Rico e de boa família, não deixava de conversar ìntimamente com pessoas humildes. Retinha a amizade de todos os seus velhos amigos, padres e todos, menos um. Diante de inimigos era corajoso como leão e entre amigos, manso como cordeiro. Gostava do bem pelo bem em si. As virtudes se concentravam nêle. Dos poucos anos de vida cristã avançou em conhecimento espiritual como por saltos.

"Além de ser evangelizador raro, ajuntou um último desejo de educar seus filhos. Sabendo as qualificações de D. Laura Taylor como professôra, propôs-lhe a fundação de uma escola, cuja proposta foi aceita, oferecendo êle Cr$ 5.000,00 de capital para a compra da mobília e garantia às professôras. Outros dois cidadãos ofereceram mil cruzeiros cada um. A mobília mais aperfeiçoada e completa para uma escola foi encomendada e as professôras de quatro línguas contratadas, quando fomos surpreendidos com a notícia da morte repentina dêle no seio de sua família em Casca.

"Desapareceu dentre os mortais um pai extremoso, um cidadão justo e um príncipe em Israel. Louvamos a Deus por uma vida tão santa e uma morte tão gloriosa. Com o juízo perfeito despediu-se da família, deixou recados aos que amava, encomendando a família e sua alma ao Criador, foi ter com seu Salvador." (1)

Descreve o Dr. Taylor, na sua autobiografia, uma viagem que fêz nesse ano ao Rio Salsa, uma das experiências mais agradáveis e mais abençoadas de tôdas aquelas viagens memoráveis pelo grande Estado da Bahia. A linda história revela a doce e preciosa fraternidade de que o missionário Taylor gozava com os baianos que dêle ouviam o evangelho, e o espírito religioso, hospitaleiro e amoroso do povo brasileiro. Ao contar esta história a um dos seus amigos íntimos, nos Estados Unidos, êste lhe disse: "Eu espero ouvir o irmão contar tôda a história do seu trabalho no Brasil lá no céu."

Respondeu-lhe o Dr. Taylor: "Se o prezado irmão lá não me encontrar entre os norte-americanos, pode buscar-me entre os brasileiros."

"VIAGEM AO RIO SALSA — PENTECOSTES — 19 BATISMOS

"Saindo da Bahia no dia 10, cheguei a Canavieiras no outro dia pela linha de vapores costeiros. Dormindo em casa de um amigo, saí no dia seguinte de canoa pelo Rio Salsa. As margens do rio são cobertas de árvores frondosas que pela metade da viagem se intercalam por cima do rio e dão trânsito fácil aos macacos e outros muitos animais que habitam nas brenhas.

"O Rio Salsa corre entre o Jequitinhonha e o Rio Pardo, em cujas margens há a maior cultura de cacau no Brasil. Ali homens de várias nacionalidades ocupam-se tanto da cultura dêste importante produto como em comprá-lo.

"Levei parte de dois dias na canoa, chegando ao meu destino, a fazenda do Sr. Carvalho, irmãos e parentes. Lá fui recebido pela Sra. D. Paulina, mãe de numerosa família, já idosa, natural do Sergipe. E durante uma hora em que me guardei incógnito, ela e suas filhas, as Sras. D. Ignez e D. Joaquina dispensaram-me fidalgo trato, muito indicando assim a nobreza de espírito recebida no berço e na boa educação.

"Quando entraram os homens, entreguei-lhes a carta do convite que me dirigira o principal dentre êles.

"Para compreender bem o que sucedeu durante a semana seguinte deve-se ler o capítulo dez dos Atos, onde Cornélio convidou a Pedro para visitá-lo. O Sr. Carvalho chorou de alegria quando contei como tinha recebido seu convite e como logo viera.

---

(1) **A Nova Vida**, I, Nº 11.

"Imediatamente foram expedidas as notícias a tôda a parentela e interessados e de tarde encheu-se a casa. Principiei a pregar e as palavras foram recebidas com uma inteligência e interêsse que indicavam bom conhecimento da Lei de Deus.

"Há mais de um ano a Bíblia chegou ali pelas mãos de um dos membros da família. Começaram a estudá-la e procuraram obedecer aos seus ensinos. Abandonaram as imagens e logo principiou a perseguição. Viram no Velho Testamento a lei do dízimo e começaram a dizimar as suas rendas. Entenderam que Jesus Cristo é o único Salvador e que os crentes devem confessá-lo pùblicamente pelo batismo.

"Todos os dias, durante uma semana, das oito às dez, reuniram-se por consenso comum e de tarde às seis horas. Cantaram os hinos com alegria. A semana passou como um dia no Paraíso.

"Na manhã do sábado, a Sra. D. Paulina, com a idade de 74 anos, foi a primeira a pedir o batismo com D. Joaquina, sua filha. Depois da pregação e quando examinava a fé dos candidatos, um após outro com lágrimas, até o número de oito, confessaram a Jesus como o seu Salvador. Seguimos ao rio cantando um dos nossos belos hinos. Durante a oração e no ato da administração dos batismos o Espírito de Deus caiu sôbre o povo de u'a maneira que até então não vira no Brasil. Choravam meninos, mulheres, homens velhos como que inconsoláveis. Um se achou salvo naquele instante e apressado veio pedir batismo. Um outro, militar por catorze anos, disse que por ter visto e sabido de tanto mal na sua experiência de soldado achava-se endurecido, mas naquela hora chorava como criança. Ao sair dágua vi um môço muito agitado — banhava-se em lágrimas. Aproximando-se de mim, exortei-o a pôr tôda a confiança em Jesus Cristo, que abandonasse de pronto todo e qualquer pecado. Convidei-o para ali ajoelhar-se comigo e com todos para implorarmos a misericórdia de Deus. O Espírito Santo manifestou-se em todos de u'a maneira maravilhosa.

"De tarde e de noite foi geral o contentamento. No domingo, depois do sermão sôbre as três tentações de Jesus no deserto, dirigido especialmente aos novos crentes, apontei aos outros o Cristo crucificado como a sua única esperança. O Sr. Manoel de Carvalho disse naquela manhã, na hora do almôço, que naquele dia dedicava-se a Jesus. Um ancião, chamado Simeão, depois se apresentou dizendo que seu coração se achava dominado pelo Espírito de Deus, tranqüilo no seu amor, desejoso de obedecer-lhe; mais um velho caboclo, que no princípio foi longe procurar sua família, contou a luta de seu espírito, como Deus o perdoara, que a mulher ainda tinha uma imagem que prometera botar fora; seu filho, já homem, se apresentou; mais

um e mais outro até chegar ao número de dez. Alegres fomos ao rio outra vez e batizei os candidatos, dois a dois, o velho Simeão repetindo, ao ser submergido, as palavras: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo...

"Dias de consolação aquêles que passei, e Deus abençoe aquêles novos crentes."

1899 — LABÔRES ABENÇOADOS

Declara o Dr. Taylor no seu relatório anual que o ano de 1899 foi o mais frutífero dos labôres dêle até então, e isto apesar da sêca, das moléstias, das perseguições e outras dificuldades. Já dissera isto em outros relatórios, mas é fato que nunca tiveram 156 batismos no território da Missão no curso de um ano. E o progresso era maior de ano a ano.

O Dr. Otoni, um dos professôres do Colégio Egydio-Taylor fêz duas viagens pelo interior durante as férias, pregando em muitos lugares a grandes auditórios com magníficos resultados. Era orador eloqüente e muitas pessoas que assistiram às suas pregações por curiosidade de ouvir um ex-cônego, ficaram convencidas pela lógica dos seus argumentos e a beleza das suas mensagens de que os batistas estavam seguros na posse da verdade do evangelho. Batizou seis pessoas em Aramari. Auxiliou o missionário do campo, ensinando no colégio, pregando nas igrejas e escrevendo para o jornal.

Foi organizada no Estado da Bahia no princípio dêste ano *A Sociedade Missionária Batista,* que contribuiu notàvelmente para o progresso do evangelho no Estado. Esta afirmação é plenamente confirmada pelos relatórios publicados em *A Nova Vida* e mais tarde em *O Jornal Batista.* Os irmãos membros contribuíram liberalmente para o sustento do evangelho, pagando pela maior parte do tempo tôdas as despesas de um trabalhador nacional. Além das contribuições liberais, a sociedade prestou um serviço eficiente e de grande valor na pregação do evangelho pelos seus membros. Tôdas as igrejas ficaram animadas ante os resultados dêsses esforços.

A reunião da fundação realizou-se na Igreja da Bahia no mês de dezembro de 1898. O irmão Severo Miguez Pazo foi eleito presidente; Hilário Joaquim Lopes, vice-presidente; Júlio Astolfo, secretário de registro; Ernesto Marques, secretário-correspondente; e o veterano José Domingues, tesoureiro. O compromisso da sociedade revela o espírito que motivou a organização e garante a eficiência do serviço.

COMPROMISSO

"Sob o nome de Sociedade Missionária Batista, nós, membros das igrejas batistas da Bahia, fundamos uma corporação altamente cristã com o fim de espalhar, propagar e difundir pelo nosso país, o evangelho puro de nosso Senhor Jesus Cristo, tal qual como êle se acha contido na Palavra de Deus, visto ser tal instituição de urgente necessidade, pelo estado precário em que se acha, espiritualmente falando, a maior parte dos nossos patrícios, e como nos achamos compenetrados de que só podemos levar a efeito êste nosso intento, concentrando todos os nossos esforços, e unindo os nossos espíritos, num mesmo sentimento de caridade e amor pela humanidade, propusemos adotar para o govêrno e símbolo da nossa organização, os seguintes estatutos, que sob a nossa assinatura prometemos pela graça de Deus cumprir fielmente." ([2])

A sociedade nomeou o seu primeiro missionário no mês de agôsto, que fêz um trabalho magnífico, batizando antes do fim do ano 14 pessoas. Pagou as expensas de diversas outras viagens. Pagou a metade das despesas de uma viagem de João Batista ao Estado do Piauí. Êste subiu o Rio S. Francisco, onde foi severamente perseguido. Pregou em diversos lugares na volta, batizando duas pessoas em Joazeiro.

O irmão Alexandre de Freitas foi consagrado ao ministério pela Igreja da Bahia, constituindo o concílio os irmãos H. B. Otoni, João Batista e Z. C. Taylor. Foi êle o primeiro obreiro escolhido para representar a Sociedade Missionária na evangelização. Antônio Queiroz foi consagrado ao ministério e batizou 54 pessoas em Conquista.

O Colégio Americano Egydio terminou o ano escolar de 40 semanas aos 24 de novembro, pagando tôdas as despesas. Matriculou 136 alunos e tinha freqüência média de 100, indício de que a instituição, com seus cinco professôres e os seus métodos de ensinar, já estava ganhando prestígio.

Batizam-se muitas pessoas em Conquista, Canavieiras e Aramari.

O Sr. E. A. Jackson veio de Aliança para unir-se com os batistas. Fêz a sua profissão de fé e foi batizado pelo Dr. Taylor em 10 de dezembro de 1899. Poucas semanas depois de batizar-se foi consagrado ao trabalho do interior. Aprendeu depressa o português e falava quase como brasileiro nato. Miss Alyne Goolsby veio como missionária da Junta de Richmond.

---

(2) **A Nova Vida**, III, n. 7.

1900 — NOVOS OBREIROS E NOVAS IGREJAS

Durante o ano de 1900 foram fundadas duas igrejas na Bahia. A Igreja de Conquista foi organizada com 55 membros. Começou independente da Missão, pagando tôdas as suas despesas desde o princípio. Os missionários sempre pregavam o evangelho de independência e de sustento próprio e regozijavam-se quando podiam organizar uma igreja nessas condições.

Organizou-se a Igreja de Canavieiras com 33 membros que na mesma ocasião levantou uma boa oferta para o fundo da casa de culto.

Salientou-se o trabalho de João Batista nas cidades onde se organizaram as duas novas igrejas, como também o serviço valoroso do consagrado diácono José Domingues da Igreja da Bahia. Freqüentemente acompanhava o missionário nas suas viagens, e viajando ou trabalhando na igreja, estava sempre pronto para tôda boa obra.

A Sociedade Missionária pagou as despesas de dois obreiros durante o ano. Um dêstes viajava e pregava entre as igrejas do interior, havendo batizado 31 pessoas.

O Dr. Otoni afastou-se do serviço evangélico. Dirigia um negócio na cidade da Bahia mas não assistia aos cultos. O Dr. Taylor evidentemente sentiu a falta de seu trabalho na Missão, e esforçou-se na esperança de ganhá-lo de nôvo para a Causa do Mestre.

A nova missionária D. Alyne ajudou D. Laura na direção do colégio que contava com 130 alunos.

Depois de publicar 300.000 folhetos, a tipografia foi vendida e o capital entregue ao Dr. Entzminger para o estabelecimento da Casa Editôra na cidade do Rio.

A Primeira Igreja da Bahia celebrou o seu décimo oitavo aniversário no dia 15 de outubro. Escreve o missionário: "Em paz, harmonia e atividade a igreja nunca estêve melhor. No correr dêsse período, 438 pessoas batizaram-se como membros da igreja; 10 pastôres e 10 diáconos foram consagrados ao serviço do Senhor e 10 igrejas organizadas dentro do Estado. Houve 140 exclusões, 82 óbitos e 90 cartas demissórias concedidas, deixando a igreja com 172 membros."

Uma irmã da Bahia contribuiu para a Missão com três casas e cinco alqueires de terreno, passando a escritura no dia 10 de novembro, um exemplo da liberalidade do povo batista naquele tempo.

Escreve o missionário Taylor no seu relatório: "Celebrei o meu quinquagésimo aniversário, e enquanto as cargas são às vêzes como montanhas e as nuvens de tempestades rebentam em redor da minha cabeça, vinte anos de serviço têm aumentado

o meu amor para com o trabalho do Senhor, e a fé me traz a alegria constante de que um dia Jesus reinará no Brasil como reina no céu."

Deu-se neste período o falecimento do grande amigo do Brasil, A. T. Hawthorne, no Estado do Texas. Depois de sua conversão dedicou todo o vigor da sua vida cristã à evangelização do Brasil. Nunca teve a Causa Batista no Brasil um melhor amigo ou quem lhe prestasse dedicação mais sincera.

A nova Igreja de Aramari sofreu perseguição que foi fortemente denunciada pelo jornal de Alagoinha, *O Popular*. Uma coisa que impressiona o estudante dêsses tempos é a coragem que alguns jornais manifestavam na defesa dos batistas que sofriam pela Causa de Cristo.

"AGRESSÃO, PEDRADAS E FERIMENTOS

"Desconhecendo os mais comezinhos sentimentos de humanidade, diz-se representante de uma religião que reputa de verdadeira, um grupo de desordeiros que serve à religião Romana no Aramari.

"É simplesmente a supina ignorância e índole perversa de homens cujas entranhas de fera levam a cometer as mais infames vilanias que ali se deram na noite de sábado e no domingo à tarde.

"Convictos de que os evangélicos sofrem tudo por amor de Jesus Cristo, e que por isso não repelem os insultos e agressões a êles dirigidos, êstes desordeiros, na noite de sábado, apedrejaram a casa onde se celebra o culto daquela igreja e no domingo à tarde, quando o Pastor João Batista realizava o batismo de dois crentes, cercado de muitas famílias (dentre as quais as mais distintas de Aramari) e muitos cavalheiros, foi atingido por uma pedrada que o feriu acima do ôlho direito, ficando banhado em sangue."

O artigo continua, denunciando as autoridades que não protegeram as pessoas no exercício dos seus direitos e termina com o seguinte parágrafo que mostra como a perseguição estava gradualmente revelando às pessoas cultas a superioridade moral dos evangélicos:

"Não verão os fariseus que a religião dos protestantes é mais séria, humanitária e moral do que esta composta de assassinos e desordeiros?" (3)

A verdade não pode ser vencida por pedradas e ferimentos.

Um membro da Igreja da Bahia, achando-se sem emprêgo, mudou-se para o Rio Salsa, onde um dos irmãos lhe ofereceu

---

(3) **A Nova Vida**, IV, n. 5.

terreno e o homem ocupou-se na plantação. Nos domingos à noite explicava as Escrituras às famílias dos crentes. Assim passou muito bem entre os irmãos, três mêses, quinze léguas acima de Canavieiras, quando chegou o alferes acompanhado de sete soldados. Antônio Corrêa, cuja casa e família foram violentadas, assim conta a história: "Estando trabalhando no dia 5 de maio, às 14 horas, vi uma tropa de soldados e um alferes de polícia em frente! Encararam-se; o alferes disse: 'Segura êste', e perguntou-me: 'Cadê seu amigo, o padre?' Respondi: 'Não existe tal homem, aqui. Há, sim, um meu irmão em Jesus que prega o santo evangelho de Cristo.' Disse então: 'Mostra-mo.' Eu disse: 'Sim, mostro, pois não somos criminosos. Estamos dispostos a sofrer como Jesus sofreu...' O alferes espancou-me, apanhei tôdas as pancadas no braço esquerdo e ainda me acho sem poder trabalhar (19 dias depois)."

Os braços do irmão Clodoaldo foram amarrados com couro. Conduziram-no à casa de um vizinho, onde fizeram o auto de fé e a inquisição. Com as mãos amarradas e os pés no tronco, teve que passar a noite à beira do rio, onde foi vítima dos borrachudos e mosquitos, sem poder defender-se. Acusaram-no de ser perverso, fanatizando o povo, quebrando imagens católicas, casando irmãos com irmãs, tudo por *ouvi dizer, ouvi dizer.*

De Canavieiras passaram para diversas gazetas da capital o seguinte telegrama: "Canavieiras, 9. Alferes comissionado Vicente Andrade acaba de realizar importante diligência policial no Rio Salsa, onde José Clodoaldo de Souza, sergipano, tintureiro, se intitula pastor batista, fanatizava o povo, quebrando imagens do culto católico, casava irmãos com irmãs e fundando novos canudos. Dispersos fanáticos, sendo inutilizada grande porção de armas, nôvo conselheiro prêso, disposição chefe de segurança acompanhado minucioso inquérito. Parabéns valente brioso oficial benemérito govêrno. — *Virgílio José Pereira.*"

Mas estas artimanhas satânicas foram mais tarde reveladas e tiveram um resultado que os perseguidores não esperavam.

"Chegando à Bahia foi retido um dia até o inquérito, quando foi imediatamente sôlto. Nada tendo feito contra as leis do país, mas sim, vítima da perseguição religiosa, em que o alferes se deixou levar."

Graças à justiça do govêrno o dito alferes foi chamado à Bahia e outro nomeado para substituí-lo.

O irmão Clodoaldo levou à sepultura cicatrizes das feridas; foi surrado como o boi com vara de cafeeiro e com facão.

O JORNAL DE NOTÍCIAS dá a seguinte notícia dezoito dias depois do telegrama de Canavieiras: "Volta para Canavieiras, donde viera ùltimamente prêso, o cidadão José Clodoaldo

de Souza, pastor da seita batista, cercado das garantias necessárias."

O Dr. Taylor visitou o irmão na prisão da Bahia e intercedeu por êle junto ao govêrno. Liberto, foi hospedado na casa do irmão Taylor que viu as feridas pretas infligidas pelos soldados. Foi surrado a ponto de ficar a roupa em trapos. Os irmãos da Bahia lhe compraram um nôvo terno e lhe deram passagem de volta ao Rio Salsa. Diz o irmão Taylor na sua autobiografia: "Foi descoberto, depois, que o padre tinha pago àqueles soldados Cr$ 2.000,00 para executarem aquelas atrocidades."

Assim terminou outro episódio na história da liberdade religiosa, à custa do sangue batista.

A NOVA VIDA

Não seria justo terminar esta parte da nossa História sem dizer uma palavra de apreciação sôbre o jornal *A Nova Vida,* continuação do *Eco da Verdade* que teve uma existência de dez anos. *A Nova Vida* terminou em 1900 com três anos de serviço. Êste jornal, nas suas duas séries, contribuiu consideràvelmente para o progresso da Causa Batista. Era um jornal de oito páginas, maiores que as de *O Jornal Batista*. Se foram todos iguais aos volumes 98 e 99, foi de fato um jornal de primeira ordem. Era ardentemente evangelístico. Impressas, imediatamente abaixo do título do jornal, eram as palavras de Jesus: *"Necessário vos é nascer de nôvo."* Estas palavras se achavam destacadas em tôda a página do jornal. Trazia diversos artiguetes que estabeleciam as doutrinas do evangelho, histórias de viagens bem escritas, descrevendo os trabalhos do pregador, a fé e a alegria dos crentes, o interêsse do povo e a oposição dos inimigos. Sempre trazia artigos de valor. *A Mitologia Dupla* foi publicada pela primeira vez como série de artigos neste jornal pela escritora talhada, Profa. Archimínia Barreto, *Cinqüenta Anos em Cativeiro,* por José Domingues Batista, é uma outra série de artigos que se destacou nesses números. É a autobiografia do servo do Senhor que trabalhou muito na Causa do Mestre. O ex-cônego publicou diversos artigos que despertaram interêsse no evangelho. Cartas, notícias, variedades e outras discussões contribuíram para apresentar um jornal interessante, evangelístico, doutrinário, instrutivo e poderoso.

D. ARCHIMÍNIA BARRETO

D. Archimínia Barreto e sua irmã Jacquelina foram convertidas pela leitura de folhetos que receberam quando aquela dirigia uma escola pública no interior do Estado da Bahia. Vol-

tando à cidade do Salvador, uniram-se com a Primeira Igreja Batista e dedicaram a vida ao serviço do Mestre. Eram filhas legítimas do vigário da Igreja de S. Pedro. Aproveitando-se da biblioteca do pai, D. Archimínia gradualmente se tornou uma escritora evangélica de prestígio naquele tempo.

Escreveu muitos artigos para *A Nova Vida,* combatendo os erros do Romanismo à luz da Palavra de Deus e apresentando com fôrça as doutrinas da graça evangélica. Expôs especialmente os erros e o egoísmo dos padres, e êstes ficaram tão incomodados que procuraram com todo jeito e muitas promessas persuadi-la a voltar à Igreja Romana.

Por muitos anos continuou a escrever para *O Jornal Batista,* contribuindo com artigos valiosos sôbre a vida doméstica, o serviço das mulheres na Causa do Mestre e outros assuntos de interêsse especial para as mulheres. Era estudante da Palavra de Deus e foi escolhida por algum tempo como diretora dos cultos da Igreja de Vila Nova na ausência do pastor.

Era obreira incansável na pregação pessoal do evangelho e levou muitas almas a Cristo, entre as quais o jovem Francisco José da Silva, que dedicou a vida à pregação do evangelho no Estado do Espírito Santo. Os batistas brasileiros devem muito ao serviço prestimoso e à vida nobre de D. Archimínia Barreto.

CAPÍTULO XVI

A MISSÃO DO RIO, 1896 A 1900

Êstes cinco anos constituíram um período de prosperidade para a Causa do Senhor na Missão do Rio. Organizaram-se novas igrejas e abriram-se novos pontos de pregação em lugares onde o povo não tinha ouvido a preciosa mensagem de redenção. Pelos seus estudos e pela dedicação e trabalho constante e fiel na evangelização os obreiros da Primeira Igreja levaram muitas almas sequiosas à Fonte de Água da Vida.

1896 — MANIFESTAÇÕES CONSTANTES DA GRAÇA DE DEUS

No seu relatório anual, o Dr. Bagby fala do trabalho constante e fiel dos seus auxiliares, das muitas provas do favor divino e das manifestações constantes da graça de Deus durante o ano inteiro entre todos os que freqüentavam os cultos da Primeira Igreja.

A nova casa no centro da cidade atraiu muitos assistentes e contribuiu para o progresso da igreja. Ficava na Rua Sant'Ana onde passavam muitas pessoas. Algumas atraídas pelo cântico dos hinos entravam e ficavam para ouvir o evangelho pela primeira vez na vida. Aumentou o número de interessados e batizados. Com cuidado em receber novos membros, 30 pessoas uniram-se à igreja por batismo e no fim do ano tinha 109 membros. Os dois lugares de pregação mantidos pela igreja, um no Rio e outro em Niterói, foram bem freqüentados. Continuaram a pregação em Palmeiras. É impossível avaliar o número de pessoas que ouviram as Boas Novas nesses lugares, ficando interessadas no evangelho, amigas dos crentes e admiradoras da Palavra de Deus.

O irmão José Alves era o único auxiliar que recebia nesse tempo o seu ordenado da Missão, mas a igreja era feliz em ter o auxílio de obreiros consagrados, entre os quais se destacavam Teodoro Teixeira, Tomaz da Costa e L. C. Irvine.

O irmão Irvine era negociante que representava os irmãos *Levering & Cia.,* de Baltimore, batistas de renome nos Estados Unidos, compradores e vendedores de café. Foi membro fiel da Primeira Igreja por muitos anos e trabalhou quase como se fôsse missionário. Ajudava em tôda a boa obra, ensinando na escola dominical e pregando com eficiência o evangelho quase

todos os domingos. Era evangelista fervoroso e levou muitas pessoas ao conhecimento de Cristo. Bom negociante, mas não permitia que o seu negócio lhe roubasse o alto privilégio de servir na Causa do Mestre. Trabalhou na então Capital Federal desde a sua chegada até à morte, um período de 36 anos.

A 1ª Igreja, sempre liberal, pagava as despesas correntes, contribuía para missões nacionais e estrangeiras e ajudava no sustento de um pastor.

O Dr. Bagby visitou a Igreja de Santa Bárbara em São Paulo onde o veterano pregador norte-americano, o Sr. Thomas, continuava a pregar aos patrícios quando o estado de saúde lho permitia.

A Associação da União Batista composta das igrejas do sul do Brasil realizou a sua reunião anual na cidade de Juiz de Fora no mês de agôsto. Tôdas as igrejas mandaram relatórios animadíssimos. Discutiram fervorosamente a necessidade do sustento próprio a fim de ajudar na evangelização do Brasil e do estrangeiro. Ficaram tão entusiasmados pela discussão que votaram unânimemente sustentar um obreiro nacional na África.

Em tôda a parte revelava-se a boa vontade do povo para com os crentes e freqüentemente o desejo ardente de ouvir as verdades da vida. Escreve o Dr. Bagby: "Muitos lugares poderiam ser ocupados se tivéssemos maior fôrça de obreiros."

1897 — ÊXITO QUE INSPIRA GRATIDÃO E ESPERANÇA

É difícil contar o progresso do trabalho na Missão do Rio durante êsses anos, sem uso de superlativos. Escreve o missionário Bagby no princípio do ano de 1898, no relatório do ano findo: "Principiamos o nôvo ano com muitos motivos de profunda gratidão a Deus, pelo sucesso do ano passado e as esperanças brilhantes para o futuro.

"O Brasil está certamente preparado para receber o evangelho como nunca até agora. O povo revela o desejo crescente de ouvir as boas novas de salvação, de comprar e ler livros e folhetos que tratem de religião e de seguir os ensinos dos cristãos evangélicos. Em tôda a parte, nas estações de estrada de ferro, nas cidades, nos lugarejos quietos e nas fazendas, parece cada vez mais aberto o caminho para os mensageiros da cruz, e muitos convites vêm a nós suplicando uma visita em lugares distantes para proclamar o evangelho de Cristo.

"As nossas igrejas em geral são fervorosamente espirituais e divinamente inspiradas com o verdadeiro espírito missionário."

Realizou-se a convenção anual d'*A União Batista* na Igreja de São Fidelis, no Estado do Rio. Reinou, na sessão, harmonia, zêlo e interêsse pelo reino do Mestre. A nova casa de oração

oferecida por um dos membros da Igreja de São Fidelis foi dedicada nessa ocasião. O Dr. Bagby escreveu que se achava presente a maior congregação numa reunião evangélica que êle tinha visto no Brasil até então. Foi deveras significativa a reunião que bem mostrou o progresso da obra batista no sul do Brasil.

Progredia cada vez mais a Primeira Igreja do Rio, graças aos seis ou sete irmãos que cooperavam fielmente com o missionário e seu auxiliar. Dirigiam as suas pregações ao ar livre e em diversos lugares na cidade. A igreja mantinha a pregação no ponto na cidade de Niterói, o qual pagava o aluguel da casa e contribuía liberalmente para missões. Orava para que Deus lhe enviasse um pastor a fim de que o missionário pudesse dar mais tempo ao trabalho do campo.

Além da meia dúzia dos obreiros voluntários, três irmãos da igreja deram todo o seu tempo ao serviço de colportagem, por quatro meses, sem perceber auxílio algum da Missão. Recebiam uma percentagem nos livros que vendiam e assim ganhavam o seu sustento. Venderam em três estados um grande número de Bíblias, Testamentos, Evangelhos e outros livros. Distribuíram milhares de folhetos avulsos. Conversavam com multidões de pessoas, nas estradas, nas ruas e nas casas particulares. Pregavam pùblicamente o evangelho em muitas fazendas, vilas e cidades. Eram bem recebidos em quase todos os lugares que visitavam.

1898 — A VISÃO DA CEIFA

No ano de 1898 houve um crescimento constante, gradual e sólido nas igrejas do campo. A Primeira Igreja do Rio terminou o ano com 150 membros, principalmente operários que possuíam pouco das riquezas do mundo, mas eram riquíssimos na fé e no amor às boas obras. Os pregadores continuavam o seu serviço frutífero de anunciar o evangelho em diversos lugares da cidade. Recebiam instrução nos métodos de anunciar o evangelho numa classe dirigida pelo Dr. Bagby uma vez por semana. Ajudavam na pregação em Niterói, Palmeiras e Paraíba do Sul. O desenvolvimento das igrejas e dos pontos de pregação acentuou a necessidade de outro casal de missionários, e no princípio dêste ano veio o irmão C. D. Macarthy, nomeado pela Junta de Richmond para ajudar na Missão do Rio. Era de Dublin, Irlanda, e tinha trabalhado por alguns anos na Espanha. Numa carta dirigida à Junta, o Dr. Bagby escreveu a respeito dêle: "Aqui no Rio a presença e a pregação do irmão Macarthy tem sido uma bênção e encorajamento para todos nós, e estamos orando e esperando que o caminho esteja aberto para êle ficar

conosco neste campo muito necessitado e prometedor. Parece, de todo o ponto de vista, idôneo e preparado para o grande trabalho no Rio de Janeiro e no Brasil em geral. Vem a nós de Dublin muito recomendado por H. D. Brown e vários outros, batistas e protestantes. Foi por sete anos missionário na Espanha. A Primeira Igreja o chamou para co-pastor, e prometeu pagar Cr$ 150,00 para ajudar no seu sustento. É casado e tem um filho.

O missionário Macarthy, que tanto prometeu e tanto conseguiu fazer no curto período de sua atividade, morreu no ano seguinte, vítima de febre amarela. Ganhara a confiança e simpatia de todos e especialmente de seu colega, o Dr. Bagby.

O missionário fêz três visitas importantes no correr do ano, na esperança de abrir em breve trabalhos em outros campos brancos para a ceifa. Visitou a Igreja de Santa Bárbara, batizou dois candidatos e pregou aos norte-americanos, aos brasileiros e aos italianos. Contava a igreja nesse tempo com 56 membros. Com as grandes congregações e o privilégio de pregar aos brasileiros o Dr. Bagby ficou entusiasmado pela perspectiva e suplicou mais uma vez um missionário para esta igreja de Santa Bárbara e o Estado de São Paulo.

Visitou também a igreja recentemente organizada em Belo Horizonte que estava progredindo admiràvelmente. Era nova a cidade e estava crescendo vertiginosamente e o Dr. Bagby desejava ganhar a nova capital do grande Estado para os batistas. Acentuou a necessidade de um missionário para o lugar e esperava que o Rev. J. J. Taylor que tinha regressado dos Estados Unidos pudesse dirigir a nova igreja de 40 membros e daquele centro levar avante a Causa do Mestre no grande Estado de Tiradentes.

No mesmo ano visitou a cidade de Vitória e pregou em inglês e português, na casa dos irmãos Meriwether de Geórgia, E.U.A. Era outro casal de negociantes que não se esquecera da sua responsabilidade para com o Salvador. O visitante recebeu pelo seu serviço, contribuições que excederam as despesas da viagem, indício do interêsse do povo no evangelho. Mas a coisa mais importante na história desta visita foi o número avultado de brasileiros que assistiu às pregações na casa do norte-americano e ouviu com interêsse a mensagem do Salvador.

Muitos honram o Dr. Bagby, principalmente porque foi o primeiro missionário batista no Brasil. Aquêles que conhecem bem a história batista brasileira honrá-lo-ão como o primeiro no valor de seu serviço. Não chamava muita atenção para si; procurava evitar a perseguição, não era, portanto, muito dramático em seus métodos de trabalhar; mas desde o dia em que chegou ao Brasil teve a visão de evangelizar todo o país e nunca

perdeu aquela visão. Manteve desde o princípio interêsse em todos os departamentos do trabalho: educação, publicações e evangelização. Sempre mostrou interêsse especial no trabalho que estava dirigindo, mas nunca perdeu interêsse nas atividades de outros na evangelização do Brasil. Nem o vasto Brasil limitou o horizonte da sua visão. Contribuiu mais tarde com o seu conselho e auxílio para o estabelecimento da obra batista em Portugal, Argentina e Chile. Deu uma filha ao serviço pioneiro na Argentina e três filhos ao trabalho missionário no Brasil.

Outros há que se sacrificaram mais pelo trabalho, mas êle sabia cuidar da saúde e sempre mantinha interêsse paternal na saúde de outrem. Prestou um serviço de valor incalculável com seus sábios conselhos e boa orientação. Estava sempre examinando as possibilidade de abrir trabalhos em novos lugares. Nesse mesmo ano visitou os estados do Espírito Santo, Minas Gerais e São Paulo e rogou fervorosamente que a Junta de Richmond ajudasse com missionários e meios na evangelização dêsses estados. Entre todos os obreiros na história do serviço da Junta de Richmond creio que é o Dr. Bagby quem pediu o maior número de missionários para o seu campo de trabalho. E quase todos, senão todos êsses pedidos representavam oportunidades estratégicas para a extensão do reino de Deus.

No dia 28 de fevereiro de 1935, 54 anos depois da chegada ao Brasil, o Dr. Bagby e sua digna espôsa, D. Ana, partiram de Vitória, E. Santo, para os Estados Unidos em gôzo de férias. Duvido que haja em tôda a história de missões cristãs, um casal de missionários, que servisse por mais tempo e com resultados tão maravilhosos como êsses veteranos do Brasil. Deus seja louvado pela vida e serviço dêste nobre casal na evangelização da Pátria Brasileira.

A União Batista teve a sua reunião anual na Igreja do Rio e foi bem freqüentada. As discussões sôbre as atividades e incumbências divinas das igrejas despertaram interêsse e inspiraram os mensageiros. Continuaram a dar ênfase às missões e ao sustento próprio como meio de estender a Causa do Mestre.

1899 — O ANO DE MAIOR PROGRESSO

Quanto aos resultados visíveis, foi considerado o ano de 1899 o melhor na história da Missão do Rio até então. Recebeu o maior número de membros por batismo na história do campo e o aumento foi distribuído através do ano inteiro. Os batistas ficaram impressionados pela operação da graça de Deus desde o princípio até o fim do ano. A nova casa de cultos no Rio, com o batistério, continuou a atrair centenas de ouvintes que escutavam com atenção e interêsse a mensagem da vida. Um

número de novos convertidos mostrou o seu zêlo e amor à Causa, tornando-se auxiliar eficiente na proclamação do evangelho. Oito moços da Primeira Igreja ofereceram o seu serviço na pregação das Boas Novas em qualquer lugar. Deram testemunho inteligente, fervoroso e espiritual do poder do evangelho.

O Espírito Santo apoiou os esforços dêsses irmãos consagrados e êles tiveram o privilégio e o prazer de contribuir para o êxito do trabalho em diversos lugares. Escreve o Dr. Bagby: "O nosso consagrado irmão, L. C. Irvine, muito nos ajudou, dirigindo os cultos na igreja e nos pontos de pregação quando lhe pedia. Um pregador leigo como êle é de valor incalculável para qualquer igreja ou campo."

Além das suas atividades regulares na cidade do Rio, o Dr. Bagby pregou em São Paulo, Santa Bárbara, Palmeiras, Belo Horizonte, Campos, Macaé e outros lugares. Continuou a dirigir a classe de pregadores na igreja e êste serviço estimulou e aumentou a eficiência dos obreiros em todo o seu serviço.

Nesse tempo havia na Primeira Igreja, brasileiros, italianos, espanhóis, suécos, austríacos e russos. Declara o missionário no seu relatório anual: "Todos os anos de labor na metrópole acentuam a vasta importância para todo o Brasil de um trabalho agressivo e sólido dos batistas neste centro de vida, atividade e influência. A nossa fôrça, se possível fôr, deve ser aumentada imediatamente. O escritor está sòzinho como missionário e pregador ordenado, desde a morte do irmão C. D. Macarthy, nos princípios do ano.

"Temos por alguns anos a convicção de que os batistas devem tomar parte na evangelização do grande e progressista Estado de São Paulo. Continuamos o nosso trabalho em Santa Bárbara, na colônia norte-americana, mas não temos estabelecido até agora um trabalho entre os brasileiros daquele Estado. Decidimos nos princípios do ano, começar logo que possível uma obra na cidade de São Paulo, e na volta ao Brasil dos irmãos J. J. Taylor e J. L. Downing, ficou decidido que êles fôssem logo para aquela cidade. As môças, Miss Wilcox e Miss Stenger, mudaram-se de Belo Horizonte para São Paulo, e todos êstes começaram a trabalhar ali no mês de junho. Uma igreja foi organizada, e desde aquêle tempo os obreiros estão muito animados pelo trabalho tão prometedor daquela cidade. Organizaram-se em uma nova Missão no fim do ano e o seu trabalho será apresentado no seu próprio relatório." Ao organizar-se a nova Missão Paulistana foram-lhe transferidas as responsabilidades de cuidar da igreja batista em Santa Bárbara.

Escreve também sôbre as necessidades de começar atividades nos estados do sul do Brasil: "Os estados meridionais dêste país são os mais progressistas e prósperos de todos, e

têm um clima ameno e salubre. Dêstes quatro estados, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, temos trabalho sòmente em São Paulo e êste ainda está no princípio. Os outros três compõem um campo largo e convidativo para os trabalhadores batistas, e esperamos ansiosamente o tempo em que possamos principiar uma missão naquela região."

"Há meses veio ao Rio, em trânsito para a Europa, um batista russo, crente zeloso do Estado de Sta. Catarina. Disse-me êle que há uns 250 batistas russos e alemães nesse Estado, imbuídos do espírito missionário e que desejavam ajudar na evangelização dos seus vizinhos brasileiros. Pediram que lhes mandássemos um evangelista para trabalhar com êles nesse serviço. Prontificaram-se a cooperar no sustento de um bom pastor que enviássemos para lhes ajudar na evangelização daquela zona. Estou em correspondência com êsses irmãos e prometi visitá-los e examinar o campo logo que puder. Devemos, se possível fôr, entrar naquele campo durante o ano de 1900. Oxalá tivéssemos já um bom obreiro para labutar com êsses zelosos batistas na obra missionária em Santa Catarina. Parece que Deus nos está chamando para o norte, o sul e o oeste."

1900 — NOVOS OBREIROS, F. F. SOREN

No ano de 1900 houve diversas mudanças no pessoal do campo. Miss Bertha Stenger e Miss Mary B. Wilcox voltaram aos EE.UU. e foram exoneradas do serviço missionário. O Rev. Herman Gartner, metodista, foi batizado pela Primeira Igreja do Rio. Foi chamado para dirigir a Igreja de Paraíba do Sul, que ficara quase inativa por falta de um dirigente. Com as visitas regulares do irmão Gartner a igreja entrou num período de avivamento. Foi reorganizada a Igreja de Niterói em 31 de dezembro com 22 membros. O Dr. Entzminger foi chamado para pastoreá-la.

O Dr. F.F. Soren voltou dos Estados Unidos e aceitou o pastorado da Primeira Igreja Batista do Rio no mês de outubro. O Dr. Willingham, secretário executivo da Junta de Richmond escreveu no seu relatório anual que o irmão Soren ganhara a estima dos irmãos de William Jewell College e do Seminário de Loisville, onde tinha estudado, e que todos esperavam que êle fôsse um trabalhador poderoso na evangelização do Brasil. Era o mais preparado entre todos os pregadores nacionais e foi chamado para o pastorado de uma igreja zelosa, bem organizada e com um bom número de membros treinados no serviço de evangelizar. Por 33 anos dirigiu aquela boa igreja na conquista de muitas almas para Cristo, na organização de diversas igrejas no Distrito Federal e no Estado do Rio. Idôneo, preparado e

dedicado ao serviço do Mestre, o Dr. Soren, assumiu naturalmente uma posição de liderança entre os batistas brasileiros, contribuindo com os seus sábios conselhos e serviço eficiente, para a organização e desenvolvimento da Denominação Batista em todos os seus trabalhos benéficos de estender o reino de Cristo no Brasil e no estrangeiro.

O CAMPO MINEIRO, 1896 a 1900

Durante a maior parte dêste período o campo mineiro foi dirigido pela Missão do Rio de Janeiro. O missionário J. J. Taylor continuou na direção do trabalho, morando na cidade de Juiz de Fora. A Igreja de Barbacena já não existia devido à mudança de diversos membros. Alguns dos ex-membros de Barbacena ajudaram na evangelização em novos lugares. O Dr. J. J. Taylor manteve a livraria que contribuiu para semear a Palavra de Deus no vasto território mineiro. A Igreja de Juiz de Fora passou por diversas provas. Alguns membros adoeceram e outros mudaram-se para a nova capital do Estado, Belo Horizonte. Não obstante as lutas, a igreja contribuiu liberalmente para o sustento próprio e para o fundo do templo. A convenção anual realizou-se na cidade de Juiz de Fora e a igreja ficou mais animada nas suas atividades.

A mudança de batistas para Belo Horizonte facilitou o comêço do trabalho na nova capital. O missionário Taylor visitou a cidade diversas vêzes durante o ano e foi tão concorrida a evangelização que os obreiros nutriam a esperança de organizar em breve uma igreja na metrópole mineira.

A Igreja de Belo Horizonte foi organizada em fevereiro de 1897 pelos missionários J. J. Taylor e W. B. Bagby. O Dr. J. J. Taylor retirou-se em gôzo de férias e o Pastor José Alves foi escolhido para assumir a direção da nova igreja. Dentro de cinco meses, batizou onze pessoas e no fim do ano a igreja contava com 25 membros. A cidade crescia e os batistas ficaram animados e compraram um terreno.

Progredia admiràvelmente a Igreja de Belo Horizonte e no fim do ano de 1898 contava com 40 membros. Escreveu o Dr. Bagby no mês de agôsto: "Acabei de voltar de Belo Horizonte, onde a nossa causa muito promete. O regresso do Dr. J.J. Taylor nos permitirá levar avante o trabalho da igreja e acompanhar o progresso da nova cidade. Já contava com 40 membros.

"Miss Wilcox e Miss Stenger são trabalhadoras consagradas, prontas para tôda a boa obra. Estão alegres em ver completada a sua nova casa que servirá para residência e colégio. Miss Wilcox forneceu o dinheiro para a construção dêste lindo

e confortável edifício. Essas duas môças cristãs farão um ótimo serviço na educação e evangelização, se puderem ficar em Belo Horizonte."

O Pastor José Alves, depois de prestar um bom serviço no desenvolvimento da igreja em Belo Horizonte, manifestou pùblicamente ciúme e oposição contra as duas môças que conquistaram simpatia do povo. Depois de construir o edifício para o colégio, as môças tiveram que retirar-se de Belo Horizonte. Mudaram-se para a cidade de São Paulo e ajudaram no princípio daquela Missão. No ano seguinte a Igreja de Belo Horizonte sofreu pela má orientação do Pastor Alves e teve que ser reorganizada, voltando o dito pastor para a denominação que deixara quando se unira aos batistas.

CAPÍTULO XVII

ESTADO DO RIO 1896 A 1900

A crise financeira no princípio dêste período naturalmente prejudicou a obra evangélica. O povo de Campos sofreu grandes prejuízos com inundações que destruíram propriedades no valor de muitos milhares de cruzeiros. Sofreram ainda mais de febres, resultados de pragas, varíola e outras epidemias. Dois novos membros da igreja que trabalhavam com eficiência e muito prometiam para o futuro, foram levados por estas epidemias.

1896 — PERSEGUIÇÕES E PROGRESSO

Não obstante as lutas e os problemas, a causa batista continuava progredindo no Estado. Campos era o centro da Missão e a nova estrada de ferro ligando a cidade com S. João da Barra contribuiu para o progresso material e facilitou as viagens dos pregadores do evangelho. Os membros das igrejas mostravam-se crentes zelosos, sinceros e fiéis na pregação pessoal. Contribuíam com sacrifício para a construção da casa de oração na cidade de Campos. Com a atividade excepcional dos obreiros, boas congregações freqüentavam os cultos e manifestavam interêsse pessoal no evangelho.

D. Emma Ginsburg mantinha uma escola com freqüência média de 27 alunos. O Dr. Salomão continuou a publicação do seu jornal *As Boas Novas,* apresentando à roda crescente dos seus leitores, 24 números. A livraria que mantinha em Campos deu ótimos resultados na distribuição de livros e outra literatura evangélica. O redator Salomão publicou uma nova edição do Cantor Cristão e uma grande quantidade de folhetos.

O obreiro Joaquim F. Lessa visitou 50 cidades e vilas, tendo vendido literatura no valor de mais de mil cruzeiros e tendo pregado o evangelho a multidões de pessoas. O obreiro M. Souza e Silva, colportor da União Batista, vendeu 517 Bíblias, 710 Testamentos, 2.027 folhetos. Visitou mais de 50 cidades, pregou o evangelho em tôdas elas e batizou 14 convertidos. Escreveu êste colportor: "Acho que já veio uma nova época para o Brasil. Há 18 anos estou trabalhando e durante êsse tempo tive que enfrentar muitas lutas, sendo apedrejado e espancado muitas vêzes. Agora sofro poucas perseguições. Graças a Deus, o povo está abrindo os olhos. Êste trabalhador destemido foi prêso 17 vêzes em Portugal. Faleceu a 5 de janeiro de 1897.

"Notando-se o progresso dos evangélicos, manifestava-se uma pronunciada reação contra êles em quase todos os lugares no Estado onde se pregava o evangelho. Depois de sofrer um abalo, devido à epidemia de varíola, a Igreja de Campos estava se reanimando, quando no culto de quarta-feira em 21 de outubro, na rua Marechal Floriano 13, uma multidão atacou a congregação, atirando uma pedra dentro do salão. Felizmente o movimento foi logo repelido pela polícia de cavaleiros que guardavam a casa do culto. Iniciou-se a perseguição com o motivo de vingar um roubo da Igreja Matriz de Campos que foi feito por gatunos e atribuído aos batistas. Um dos jornais da cidade declarou: "Estamos plenamente convencidos de que não se trata de uma questão religiosa, mas simplesmente de roubo, e que a profanação das imagens não é ato de fanatismo, mas o resultado da precipitação com que os ladrões procuraram despojar as mesmas imagens dos objetos de valor com que estavam adornadas." (1)

A Igreja de S. Fidelis, fundada em 1894, foi perseguida com ferocidade. Muitas pessoas de influência na cidade estavam intransigentemente contra a nova religião, mas não obstante esta poderosa oposição, a igreja triunfou gloriosamente e alguns dos inimigos foram convertidos e tornaram-se membros consagrados e ativos da igreja. Celebrou o seu segundo aniversário com uma reunião ao ar livre, na presença de uma multidão de amigos e admiradores. O Sr. A. Campos era pastor da igreja desde 1895. Com o batismo de 43 pessoas, a igreja contava no fim do ano com 79 membros, depois de dar 11 cartas demissórias a irmãos que passaram para outra igreja.

A pequena Igreja de Guandu sofreu perseguição, muitos dos membros perdendo o seu emprêgo por serem batistas. Continuavam fiéis no meio de provas e sofrimentos.

1897 — NÔVO EDIFÍCIO PARA A IGREJA DE CAMPOS

A pequena Igreja de Santa Bárbara foi organizada entre os empregados de um fazendeiro. O fazendeiro converteu-se, tornando-se um trabalhador zeloso e levando muitos dos seus amigos a Cristo. Novas perseguições se levantaram, as quais foram debeladas pela intervenção do Sr. Alípio Valentim, uma autoridade digna e justa que honrava o seu govêrno.

Além das quatro igrejas, a Missão mantinha a pregação em diversos lugares. Os jovens da Igreja de Campos contribuíam com o seu tempo para ajudar no serviço do Senhor. Como a Primeira Igreja do Rio, Campos tinha também um bom número

(1) Citado pelo Rev. Lessa: **Subsídio para a História dos Batistas do Campo Batista Fluminense,** p. 12.

de pregadores cujo auxílio concorreu para o progresso da Causa de Cristo no Estado do Rio.

No dia 21 de abril colocaram a pedra fundamental do edifício da Igreja de Campos, e no fim do ano a casa estava quase completa. Os membros tinham contribuído liberalmente para a nova casa e a igreja progredia em todos os demais trabalhos. Tinha uma das melhores escolas dominicais no Brasil. Formou uma sociedade de moços para pregar o evangelho. Escreve o Dr. Ginsburg, no Relatório Anual, sôbre esta organização: "Êles estudam nas têrças e pregam nas sextas e domingos. Trabalham assìduamente e se esforçam para me ajudar no serviço. Se não tivéssemos o auxílio dêstes moços não poderíamos ter feito a metade do trabalho que realmente conseguimos fazer."

Em maio de 1897, chegou a Campos o Pastor Florentino R. Silva, da Bahia, onde estudara e trabalhara com o Dr. Z. C. Taylor. Por alguns anos êste corajoso soldado de Cristo cooperou fielmente com os obreiros do campo.

O Pastor Florentino passou a residir em S. Fidelis e por carência de pastor concedeu-se-lhe autoridade de batizar. Os colportores Bento de Souza e Silva, Américo Luciano Senna e Vicente de Moraes espalharam em diversos lugares exemplares das Escrituras e outra literatura evangélica.

Além dos muitos folhetos tão úteis na evangelização, a tipografia publicou as lições para as escolas dominicais, preparadas por D. Emma Ginsburg.

1898 — A IGREJA DE MACAÉ

Para o Estado do Rio o ano de 1898 foi um período de provas, perseguições e progresso. Depois de muitos sacrifícios, a Igreja de Campos completou a sua bela casa de oração. A dedicação dêste edifício ao serviço do Senhor marcou um evento significativo na história batista no Campo Fluminense. O fundador da igreja, o Dr. Bagby estêve presente e pregou o sermão oficial em condições auspiciosas. A pequena igreja progredira além da mais áurea esperança dos irmãos que entraram na organização. Contou com 183 membros. Quase todo o povo da cidade assistiu à cerimônia da dedicação, pois muitos amigos católicos tinham contribuído para a construção do templo. Telegramas de saudações vieram de tôda a parte. O vice-presidente do Estado abraçou o Dr. Ginsburg e fêz votos pelo êxito da causa batista no Estado. O interêsse do público na construção desta casa de culto é contado pelo Dr. Ginsburg nas seguintes palavras: "Um dia achei que devia levar ao conhecimento dos habitantes da cidade o que a igreja estava tentando fazer; beneficiá-la seria beneficiar a cidade. Eu não apelei a ninguém, mas fi-los saber

que receberíamos com alegria qualquer auxílio se alguém se sentisse desejoso de fazê-lo. No dia seguinte o vigário da cidade, padre jesuíta aferrado, publicou um artigo em que denunciava a religião protestante, classificando-a de tudo que era vil e terminou sua tirada com a seguinte conclusão: '*Se alguém auxiliar de algum modo, ou forma, a construção do templo protestante, será* ipso facto, *por aquêle ato, excomungado.*' Aquêle artigo me ajudou a terminar a construção da bela casa de culto, uma das melhores do Brasil. Dia após dia, depois do artigo chegavam-me cartas pelo correio trazendo cheques, dinheiro ou ordem de quarenta e duzentos e mais cruzeiros." (2)

Assinalou-se o grande progresso da Igreja de S. Fidelis pelos 80 batismos no correr do ano, e isto sem pastor residente. Houve na igreja diversos irmãos que se distinguiram pela influência e pela fôrça de pregação. Os irmãos Manoel e Rodrigues Peixoto trabalhavam com desvêlo e denôdo.

A Igreja de Macaé foi organizada em 13 de maio de 1898. Assistiu o Dr. Bagby e participou na organização. O Dr. Ginsburg conta uma longa história da perseguição em Macaé. Falta-nos espaço para citar a sua história interessante. A cidade tinha nesse tempo de 15 a 20 mil habitantes. O chefe político era de uma antiga família aristocrática e dominava a cidade. Tôdas as posições políticas de importância estavam ocupadas pelos parentes e amigos dêle, e, sendo católicos, proibiam a pregação de qualquer outra fé no lugar. O dedicado obreiro Antônio Maia mudou da cidade de Campos e fixou a sua residência em Macaé a fim de pregar o evangelho e fundar o trabalho batista na cidade. Era homem provado, crente fervoroso e trabalhador abnegado. Começou a pregação na sua residência e imediatamente começaram as perseguições. O jornal da cidade publicava artigos vis e baixos contra os batistas e especialmente contra o missionário Ginsburg.

A família distinta de Curindyba de Carvalho ficou interessada no evangelho. A senhora e duas meninas freqüentavam os cultos e as meninas ficaram apaixonadas pelos hinos que cantavam. O Sr. Curindyba não freqüentava os cultos, mas quando sabia de um plano dos católicos de perseguir os crentes sempre se apresentava à porta da casa na ocasião das reuniões. Quando chegavam os perseguidores êle lhes dizia: "Os senhores podem entrar, mas lembrem-se de que minha senhora e minhas filhas estão aí dentro e não sei o que há de ser, se alguma coisa lhes acontecer. Os senhores podem entrar, mas não garanto que saiam com vida." (3) Não entravam, e certa vez um dêles, que

---

(2) **Um Judeu Errante no Brasil**, pág. 100.
(3) **Um Judeu Errante no Brasil**, pág. 119.

ficou de fora e começou a gritar protestos, caiu logo por terra sem se saber quem era o responsável. Começou o Sr. Curindyba a freqüentar os cultos e pouco depois êle e espôsa uniram-se à igreja. Pela boa influência desta família distinta, a igreja por algum tempo foi aliviada de tanta oposição. Mais tarde rebentou outra perseguição ainda mais severa, provocada, em parte, talvez pela atitude de alguns inimigos dos protestantes. O delegado de polícia proibiu então o Dr. Salomão de pregar. Foi uma situação ao gôsto do missionário. Foi com o Dr. Bagby falar ao presidente do Estado, cavalheiro que fizera parte da Assembléia Constituinte da República. Êste garantiu imediatamente ao missionário proteção no exercício de seus direitos constitucionais. Na volta a Campos o Dr. Salomão saltou em Macaé para avisar o delegado que ia pregar o evangelho na praça da cidade no domingo vindouro. Telegrafou então ao presidente do Estado de que a proibição do delegado ainda permanecia, mas êle, contando com a proteção do govêrno estadual, pretendia efetuar a reunião na praça pública na hora marcada.

Chegando à cidade no domingo à tarde, o Dr. Salomão leu nos jornais do dia um telegrama enérgico que o presidente do Estado havia passado ao delegado, mandando que, a todo custo, protegesse os protestantes nos seus direitos constitucionais, e se porventura não tivesse fôrça suficiente avisasse logo ao próprio presidente. Como diz o Dr. Salomão: "Foi uma pílula amarga para o delegado engulir, mas ensinou-lhe a cumprir o dever." (4)

Na hora e no lugar marcado foi realizada a reunião com uma concorrência maravilhosa, e desde então os crentes de Macaé tiveram as reuniões regularmente em paz.

As igrejas de Guandu e Santa Bárbara ficaram fracas devido à mudança de diversos de seus membros. O diácono Guedes teve que entregar o sítio. Mudou para Macaé juntamente com outras famílias de crentes.

No dia primeiro de maio uniu-se à Igreja de Campos, o Sr. T.C. Joyce e no dia 15 do mesmo, foi consagrado ao ministério.

1899 — FALTA DE OBREIROS

O Dr. Ginsburg passou alguns meses nos Estados Unidos e o pastor da Igreja de Campos, T. C. Joyce, exonerou-se do cargo por causa do seu estado precário de saúde. O Sr. A. Campos voltou ao trabalho e aceitou o pastorado da Igreja de Campos. O Dr. Salomão sempre louvava a eficiência e o serviço do seu amigo Campos e êle tinha, sem dúvida, muita influência entre os batistas naquele tempo e contribuiu de algum modo

(4) **Um Judeu Errante**, pág. 123.

para o progresso da Causa. Ao mesmo tempo era sempre polemista e usava linguagem violenta que prejudicava o espírito de harmonia entre os batistas. Pouco mais tarde a sua politicagem causou uma divisão nas fileiras denominacionais que impediu o progresso do trabalho do campo por alguns anos.

Prestara o Pastor Joyce um serviço valioso à Igreja de Campos no treinamento dos membros na pregação do evangelho. Sua classe bíblica foi sempre ativa em todo o bom serviço. Reuniam-se às segundas para os estudos bíblicos e às sextas mantinham a pregação nas residências dos membros e todos trabalhavam dentro da roda de seus amigos e conhecidos. Aos domingos pregavam em diversos pontos e ao ar livre. Quase todos os membros da igreja exerciam o dom de pregar.

A igreja continuou a sofrer pequenas perseguições. Diversas vêzes um grupo de pessoas, incitado geralmente pelo padre, quebrava as janelas e atirava lama em quase tôda a fachada da casa de culto.

Poucas igrejas no Brasil têm progredido tão ràpidamente como a de São Fidelis, especialmente nos primeiros anos de existência. No princípio do ano concedeu cartas demissórias a 34 pessoas para formar uma nova igreja, mas tão ativos eram os membros da boa igreja, dirigidos pelo destemido irmão Peixoto, que no fim do ano contava ainda com 191 membros. Êstes moravam em diversos lugares e havia sete grupos que trabalhavam nas suas respectivas comunidades. No último domingo do mês reuniram-se em São Fidelis para celebrar a Ceia do Senhor e realizar a sessão mensal da igreja. O Pastor Peixoto era muito liberal e por anos serviu à igreja sem qualquer recompensa, o que de certo modo prejudicou o desenvolvimento de liberalidade entre os membros. No mês de outubro o Dr. Ginsburg ofereceu-lhe um pequeno auxílio, o qual, ao que parece, usou no serviço da Causa.

A Igreja de Ernesto Machado foi organizada no mês de janeiro com 34 membros demissoriados de São Fidelis. Mais 7 batizaram-se durante o ano. Era uma igreja zelosa, ativa e espiritual, composta principalmente de lavradores.

O Pastor Florentino da Silva cuidava da Igreja de Macaé. Era muito zeloso e amado pelos membros. Além dos seus trabalhos pastorais, mantinha uma escola anexa para os filhos de crentes. Graças à intervenção do govêrno estadual, a Igreja de Macaé gozava plena liberdade nos seus cultos.

Notou-se algum progresso na vida espiritual da pequena Igreja de Guandu. Os membros eram pobres e humildes, mas ricos na graça de Deus e felizes no serviço do Senhor.

Abriram-se, em todo lado, novas portas de oportunidade. Os obreiros desejavam ardentemente aproveitar o interêsse do

povo e começar atividades em novos lugares, mas não tinham trabalhadores suficientes para cuidar do trabalho já estabelecido. Todos os campos queixavam-se da falta de obreiros, mas nenhuma missão sentia nesse tempo tanto a grande necessidade de pregadores como o Estado do Rio.

1900 — NOVAS IGREJAS — PACIÊNCIA, BOM JARDIM, CAMBUCI E RIO PRÊTO

Com a organização de 4 igrejas e o batismo de 135 convertidos, a Missão Campista terminou o século com 9 igrejas, 9 pontos de pregação e 622 membros.

A Igreja de Paciência foi organizada em 23 de maio pelos pastôres Emílio Kerr, A. Campos e o obreiro Corindyba de Carvalho, entrando na organização 11 membros com cartas demissórias de Macaé e Campos.

Organizou-se a Igreja de Boa Nova (Bom Jardim) em 25 de agôsto na fazenda de João Emerich, com 34 membros, sendo presididos os trabalhos pelo Dr. Salomão.

No dia 31 de maio, em Cambuci, na fazenda do irmão Manoel Rodrigues Peixoto, os obreiros Salomão, A. Campos e Emílio Kerr, organizaram uma igreja de 40 membros demissoriados da Igreja de São Fidelis.

Em 7 de setembro, no município de Campos, os pastôres Ginsburg, Emílio Kerr e A. Campos organizaram a Igreja do Rio Prêto com 41 membros, 32 vindos de São Fidelis e 9 batizados na ocasião.

Em Macaé, no dia 7 de setembro de 1900, foi consagrado ao ministério da Palavra o irmão Joaquim Fernandes Lessa, na idade de 28 anos. Formaram o concílio os pastôres Salomão L. Ginsburg e A. Campos e o diácono Saturnino Nominário. Êste destemido servo de Deus, com os seus 35 anos de trabalho, muito conseguiu para o progresso da Causa do Mestre no seu estado.

Em fevereiro mudou-se de Cantagalo para Campos o jovem obreiro Emílio Kerr, forte e disposto para trabalhar. O Pastor Florentino R. da Silva deixou o Estado do Rio no mês de abril e mudou-se para a cidade do Rio.

Foram organizadas as nove igrejas em três grupos, a igreja principal de cada grupo dirigindo o trabalho geral. O Sr. Manoel Tiago, que estudara em Recife com o Dr. Entzminger, pastoreava a Igreja de Macaé e uma outra e ainda cuidava de um ponto de pregação. As igrejas de Campos, Guandu, Rio Prêto e dois pontos de pregação foram dirigidos por A. Campos, redator de *As Bodas Novas*. São Fidelis, Cambuci e diversos pontos ficavam sob os cuidados pastorais do consagrado pastor evangelista Joa-

quim Lessa. O irmão José Peixoto servia à Igreja de Ernesto Machado e construiu uma casa de culto para o seu rebanho.

Fêz o missionário Ginsburg a seguinte observação significativa no seu relatório anual: "A pequena igreja organizada em Bom Jardim em agôsto, em circunstâncias tão prometedoras, por ser muito isolada, não recebeu a atenção necessária e muitos de seus membros já se afastaram do trabalho. Estamos convencidos de que não vale a pena organizar uma igreja em qualquer lugar sem pastor para cuidar dela."

Foi neste ano que o missionário Ginsburg mudou para a cidade do Recife a fim de assumir a direção do Campo Pernambucano, devido, como já vimos, à necessidade da saída do Dr. Entzminger, daquele campo. Fizera um trabalho magnífico no Estado do Rio. Por algum tempo o campo lamentou sua falta. Pouco tempo depois atravessou um período de agitação que repercutiu em todos os campos do Brasil e prejudicou grandemente a harmonia entre os batistas e o progresso da Causa. Infelizmente a atitude do missionário Ginsburg agravou o problema. Mas, resolvida a questão, a obra batista progrediu ràpidamente na Missão e mais tarde tomou a vanguarda nas fileiras batistas.

PARTE VI

QUARTO PERÍODO

CAPÍTULO XVIII

O PERÍODO DE EXPANSÃO, 1901 A 1906

Os primeiros seis anos do nôvo século, constiuem um período da história batista brasileira especialmente assinalado pela expansão do trabalho. O período anterior preparou o caminho à marcha vertiginosa de progresso, que resultou na organização da Conv. B. Brasileira, em 1907, com todos os meios de cooperar e unificar as fôrças batistas no desempenho de sua divina incumbência. Abriram-se diversos campos novos, dobrando-se assim a extensão do território sob os cuidados dos obreiros batistas. Antes de se organizar a Convenção, os campos de atividade batista abrangiam todo o território brasileiro, exceto os estados de Goiás, Mato Grosso, Paraná, Sta. Catarina e Rio Grande do Sul. Embora fracos em número e recursos para uma tarefa de proporções tão gigantescas, os obreiros sentiram-se incumbidos de prosseguir na obra de evangelizar o povo dêste vasto território. A expansão do território sob o cuidado dos batistas nesse período é uma indicação do seu poder crescente no Brasil.

COOPERAÇÃO

Onde quer que opere o Espírito Santo entre um grupo de pessoas, ali se manifesta o espírito de cooperação. Êste espírito existe entre os batistas desde o princípio da sua história, e a desarmonia só se manifesta quando alguns dêles deixam de se orientar pelo Espírito de Deus e seguem seus próprios interêsses. De fato, parece às vêzes, que havia nos tempos passados mais do espírito de fraternidade e harmonia na denominação batista, que hoje. Mas muitas vêzes, nós nos enganamos pela tendência humana de louvar o passado e desprezar o presente.

É natural que, no dia do nosso aniversário e no primeiro dia do nôvo ano, nos sintamos mais impressionados pelas responsabilidades da vida. A julgar dos relatórios das igrejas, das cartas dos missionários e do primeiro número d'*O Jornal Batista,* os batistas brasileiros no princípio do nôvo século sentiram profundamente o desejo de se desobrigar da sua nobre missão. Desde o princípio sentiram-se imbuídos do amor cristão que

se manifesta sempre no espírito missionário de evangelizar os homens perdidos. Foi justamente êste espírito evangelístico, dirigido pelo Espírito Santo, que conquistou tantas almas para Cristo. O êxito dos esforços batistas na multiplicação de crentes, no aumento do número de igrejas com maior influência e prestígio, naturalmente impôs à consciência batista a responsabilidade imperiosa de maior cooperação.

Aprendera muito pela experiência de cooperar. A Sociedade Missionária da Bahia era notàvelmente bem sucedida no sustento de um, dois ou três missionários para o trabalho do interior, desde a sua organização. *A União Batista* das igrejas do sul do Brasil demonstrara também os magníficos resultados de cooperar no serviço do Senhor. Verificou-se o valor desta cooperação entre o Campo Federal e o Estado do Rio por meio d'*A União Batista* e do jornal *As Boas Novas*. Tanta ênfase se deu às missões e ao sustento próprio, que as igrejas aprenderam gradualmente o valor de unir os esforços e as contribuições para a evangelização do Brasil.

Muitos reconheciam a necessidade imperiosa de cooperar a fim de fazer jus à sua incumbência espiritual. Discutiam por anos o valor de um programa nacional de educação cristã e mais especialmente a educação no ministério; a necessidade de uma imprensa denominacional para publicar a literatura evangélica e um jornal que servisse a todos os batistas. Mas no ano de 1900, não existia em todo o Brasil nenhum órgão, nenhuma instiuição e nehuma organização, com exceção da Associação Evangélica, que pudesse servir a todo o povo batista brasileiro. "A terra por si mesma produz fruto: primeiro a erva, depois a espiga, e por último o grão na espiga." Verificou-se êste princípio no desdobramento normal da denominação batista brasileira.

OS PRIMÓRDIOS DA CASA PUBLICADORA

Usou-se com proveito a literatura no trabalho batista, desde o princípio. Manifestou-se uma curiosidade natural de saber quem é e quais as crenças do povo batista, e êste teve um desejo ardente de transmitir aos brasileiros o ensino bíblico da salvação e as doutrinas puras do Nôvo Testamento. Começou-se logo no princípio a traduzir, preparar, publicar e distribuir entre o povo folhetos, avulsos, catecismos e livros, como um meio de pregar-lhe o evangelho de Cristo. Manifestaram-se por todos os lados os bons resultados dêste método de anunciar as Boas Novas pela palavra impressa. Por meio da literatura assim semeada, muitas pessoas ficaram interessadas na mensagem de redenção. Alguns esperavam que alguém viesse ensinar-lhes com mais pre-

cisão o caminho do Senhor; outros, mais sequiosos pela água da vida, vinham receber dos missionários e pastôres, instruções sôbre a mensagem salvadora de Cristo; outros, tranqüilos na certeza de já terem recebido a bênção inefável da salvação, vinham pedir batismo às mãos dos obreiros e suplicar que viessem proclamar a preciosa mensagem aos seus amigos e conhecidos.

O serviço relevante das duas imprensas batistas até 1900, acentuou a necessidade de uma sociedade publicadora batista que no evangelizar os incrédulos pudesse contribuir de diversas maneiras. Devia produzir literatura evangélica em maiores quantidades para a distribuição entre o povo; método êste já usado com tanto proveito. Devia levar sempre ao povo a mensagem do evangelho impressa nas páginas de seu jornal. Podia ainda pelo jornal mostrar constantemente as oportunidades e as possibilidades de cooperação nesta grande obra.

Os crentes careciam de instrução. Precisavam de conhecer os ensinos fundamentais, as ordenanças, os princípios éticos e as doutrinas verdadeiras do Nôvo Testamento. Deviam ser orientados no estudo da Palavra de Deus. As escolas dominicais careciam de literatura. Com o desdobramento constante da obra batista, a missão de porta-voz da denominação tornar-se-ia mais e mais indispensável.

Escreveu um dos missionários em princípios de 1900: "Estamos constantemente reconhecendo a necessidade crescente de uma imprensa batista para o nosso campo brasileiro. Estamos trabalhando para conseguir isto. Esperamos em breve, unir as nossas fôrças para a publicação de folhetos, avulsos, livros e um jornal." Veremos adiante como foi realizado êste sonho.

EDUCAÇÃO

Plenamente convencidos da necessidade de um programa nacional de educação, os batistas se esforçaram neste período de expansão, para fundar as instituições mais necessárias a êste fim.

Os irmãos J. J. Taylor e Salomão Ginsburg interessaram-se especialmente no preparo de moços que se sentiam chamados para pregar o evangelho. Escreveu o Dr. Taylor, com entusiasmo, sôbre o nôvo edifício que alugaram na cidade de São Paulo: "Estamos preparados para pregar o evangelho a duzentas pessoas de uma vez, cuidar de uma grande escola dominical, uma escola doméstica para meninas, manter uma sala para leitura e estudo, um clínico para tratamento de pobres e uma sala para *uma dúzia de estudantes para o ministério."*

O Seminário Teológico do Recife foi estabelecido em 1902.

O Dr. Z.C. Taylor e o Dr. Entzminger tinham mantido por alguns anos o ensino teológico irregular dos seus alunos, e o bom trabalho que fizeram foi amplamente demonstrado no serviço que êstes prestaram à Causa. O plano do Dr. Ginsburg foi mais ambicioso. Esperava estabelecer um verdadeiro seminário. Escreveu no seu relatório para o ano seguinte: "A escola de treinamento para os pregadores promete grandes coisas para o futuro. Começamos com certo receio, porque apesar de termos pedido a escola há algum tempo, não nos achamos preparados para começá-la. Não tivemos um homem para dar todo o seu tempo ao trabalho. O irmão (Jefte) Hamilton [1] veio ajudar-nos, mas não podia dedicar muito tempo ao seminário, devido às exigências do seu grande campo. Temos alguns alunos prometedores; e com a vinda do irmão Canadá esperamos grandes coisas do nosso seminário."

O relatório do Sr. Canadá para o ano vindouro era animador. Achava que o seminário já havia conseguido muito no despertamento do interêsse e entusiasmo dos alunos, e em deitar os alicerces para o futuro. O irmão Hamilton havia-se mudado para o Estado do Pará e a responsabilidade do seminário caiu sôbre o irmão Canadá que dedicara sua vida a êste serviço. Foi aberto aos 10 de março com 7 alunos e terminou aos 30 de setembro com 10. Escreve o irmão Canadá: "O trabalho feito é motivo de gratidão. A maior parte dos nossos alunos vem a nós com pouco preparo e, além de estudar a Bíblia, são obrigados a continuar os seus estudos literários. Estudamos êste ano o Antigo e o Nôvo Testamento, Teologia, Homilética e Inglês. Fora de seus estudos, os seminaristas prestaram um serviço valioso à Missão pelas suas pregações em quase todos os domingos.

"Temos grandes esperanças para o futuro. É nosso plano desenvolver esta escola até que possa prestar à Causa no norte do Brasil o mesmo serviço que visa o Seminário de Louisville para as igrejas do sul dos Estados Unidos."

No ano seguinte, o Prof. Canadá expressou a esperança de desenvolver a Escola Teológica num colégio cristão de primeira ordem e apelou à Junta de Richmond que enviasse alguns bons professôres. Ficou animado com a conversão do Sr. José Piani e esperava bom auxílio dêle no desenvolvimento da instituição. No ano de 1905 o seminário matriculou 30 alunos, mas nem todos estudaram teologia.

O colégio para meninos foi fundado no ano de 1905 e no ano seguinte matriculou 67 alunos; 48 dêstes, de famílias católicas. Manteve o estudo bíblico para todos os alunos e alguns mostraram interêsse no evangelho.

---

(1) Foi eleito diretor do Seminário, mas ocupou o cargo por pouco tempo.

Melhorou de ano em ano a qualidade do trabalho no seminário e antes de terminar o ano de 1906, quatro dos seminaristas foram consagrados pastôres. Êstes breves relatórios demonstram o desenvolvimento sólido e gradual do Colégio e Seminário do Recife, que tanto tem contribuído para a Causa Batista. As igrejas contribuíram liberalmente para o sustento do seminário.

Durante êste mesmo período, os missionários J. J. Taylor e A. B. Deter estavam se esforçando para desenvolver um seminário para as igrejas do sul do Brasil. O Dr. Taylor teve cinco alunos para o ministério no ano de 1901. Dois desviaram-se antes do fim do ano, mas os outros fizeram um trabalho satisfatório, não obstante a necessidade de dar a maior parte do tempo ao preparo literário, restando pouco tempo para os estudos pròpriamente teológicos. Em 1902, o Sr. Deter tomava conta das aulas, por se achar o Sr. Taylor doente, perdendo por isso alguns meses de trabalho. Esta escola de profetas foi dirigida mais ou menos nas mesmas condições da do norte: um professor, os alunos lutando por falta de preparo necessário e pregando regularmente. Mas não continuou tão persistentemente como o Seminário do Recife, por falta de professôres. Despertou, porém, muito interêsse na educação ministerial e preparou o caminho para o estabelecimento do Colégio e Seminário Batista do Rio em 1908.

O Colégio Americano-Egydio da Bahia, progredia gradualmente, contribuindo para a educação dos filhos dos crentes e preparando alguns obreiros para a seara. O colégio fundado em São Paulo por D. Ana Bagby prosperou constante e sòlidamente, desde o princípio.

Como vimos, as discussões do período anterior prepararam o terreno para a fundação destas instituições; e assim constituíram os alicerces de um sistema melhor e mais adequado de educação no programa, e ainda mais desenvolvido nos períodos subseqüentes.

ORGANIZAÇÃO

Verificou-se um plano definitivo de cooperação em quase todos, se não em todos os campos ocupados pelos batistas. A Bahia e o Rio já tinham as sociedades missionárias que continuaram a servir com eficiência. As igrejas de muitos dos campos organizaram as suas associações ou convenções, com ótimos resultados. Aumentava de ano a ano o número de missionários, pastôres e obreiros preparados para assumir lugares de responsabilidade nas atividades denominacionais. Aumentava também o número de igrejas a serem orientadas na obra de evangelização. Um bom número de obreiros brasileiros destacou-se pelo valor

extraordinário do seu serviço neste período: Dr. F. F. Soren, Teodoro Teixeira, F. Miranda Pinto, Francisco José da Silva, Joaquim Lessa, José Nigro, Florentino da Silva, Herman Gartner, Pedro Barbosa, A. T. Queiroz, E. B. Alves, João Borges, Eloy Correia, Tomaz Costa, Emílio Kerr, Manoel Tiago, Joaquim Benjamim Paranaguá, Antônio Marques e muitos outros cujo trabalho é apresentado na história.

HISTÓRICO DA CASA PUBLICADORA BATISTA ATÉ 1907

Em 1893, com o aumento das contribuições para as missões nacionais, a Junta de Richmond destinou mil dólares para a compra de uma boa tipografia para a Missão Baiana. Esta primeira imprensa batista, deu um nôvo impulso às atividades missionárias, e contribuiu para semear milhões de folhetos em todo o território então ocupado pelos batistas. Cresceram de ano em ano, como resultado dêste derrame de literatura, a influência e o prestígio batistas. Além de folhetos e livros, o Dr. Z.C. Taylor publicou durante alguns anos o jornal *O Eco da Verdade,* que mais tarde tomou o título *A Nova Vida,* um jornal valente e prestimoso na obra de evangelizar os não-crentes e de instruir os crentes.

Escreveu o Dr. Ginsburg, no seu relatório anual de 1894, o seguinte: "Por um esfôrço particular e sem qualquer auxílio de fora, montamos uma pequena tipografia onde publicamos *As Boas Novas,* um pequeno jornal dedicado inteiramente a semear o evangelho. O jornal é bem acolhido e lido por muitas pessoas na cidade e arredores, e serve para preparar boa acolhida nos vários lugares aos nossos mensageiros. O nosso jornal foi escolhido como o órgão oficial das igrejas batistas do sul do Brasil."

Essas duas imprensas batistas continuaram a servir à Causa, até o fim do ano de 1900, publicando os ditos jornais e grandes quantidades de folhetos .O irmão Taylor publicou alguns livros de valor.

ORGANIZAÇÃO DA CASA EDITÔRA BATISTA EM 1900

Em meados de 1900 reuniram-se os missionários W. B. Bagby, Z. C. Taylor, S. L. Ginsburg e J. J. Taylor, na cidade do Rio de Janeiro para discutir planos e métodos de prosseguir a emprêsa batista no Brasil. O assunto que mais ocupou a atenção foi a necessidade de uma casa editôra batista. Com a expansão admirável das atividades batistas, não havia nenhum órgão que servisse tôda a denominação, nenhum esfôrço para consolidar e harmonizar os planos de trabalho e nenhum meio de zelar pela cooperação de tôdas as igrejas na obra de evangelizar esta gran-

de pátria brasileira. Os jornais *A Nova Vida* e *As Boas Novas* prestavam ótimos serviços à Causa Batista, mas a sua influência era naturalmente mais regional do que geral. Para evangelizar os não-crentes, instruir os crentes e defender a Causa Batista, uma emprêsa publicadora tornava-se uma necessidade imperiosa. Ficou resolvido então o estabelecimento de *A Casa Editôra Batista,* para a publicação de um jornal, folhetos, outros periódicos e livros.

Fundiram-se os dois jornais restantes em um de caráter geral a fim de vincular os interêsses, os planos, os esforços e as atividades de tôdas as igrejas e de todos os batistas brasileiros, e assim consolidar o espírito denominacional e mostrar ao povo brasileiro e aos batistas em particular, a grandeza da herança batista e a magnitude da sua missão.

Da redação d'*As Boas Novas,* de Campos, veio uma certa quantidade de folhetos, algumas caixas de tipos e um pequeno prelo manual. O Dr. Taylor vendeu as propriedades d'*A Nova Vida,* que adquirira no correr de anos, graças às ofertas recebidas de amigos nos Estados Unidos e de contribuições particulares suas, feitas com não pequeno sacrifício, e entregou o apurado, cêrca de uns sete mil cruzeiros, ao Dr. Entzminger.

Foi resolvido pedir ofertas mensais de tôdas as igrejas, para o sustento do jornal. Foi eleito para redator do jornal, e para a direção da Casa, o missionário W. E. Entzminger. Êle patenteava singular pendor e interêsse no estudo da língua portuguêsa e da literatura brasileira e já demonstrara a sua habilidade de publicista em vários trabalhos. Desde logo imprimiu no jornal o cunho da sua personalidade e o prestígio da sua erudição teológica.

ESCRITÓRIO E OFICINAS

Nos fins de 1900, chegou o Dr. Entzminger ao Rio. Com o consentimento da Primeira Igreja, de que então era pastor interino, derrubou nos fundos do templo da mesma, à Rua de Sant'Ana nº 25 (depois nº 77) uns quatros velhos para criadagem, erigindo em seu lugar um casebre meia-água, mas bem adequado então para o escritório e redação do jornal, com o que gastou cêrca de cinco mil cruzeiros, dos sete e pouco que recebeu de Z. C. Taylor.

O jornal era então impresso numa tipografia de um inglês, na Rua da Assembléia, hoje Rua República do Peru.

Em pouco tempo, porém, êste escritório se mostrou demasiado acanhado pelo que, em 15 de julho de 1903 foi mudado para a Rua S. José, 60, para junto do escritório e oficinas da

então Casa Publicadora Presbiteriana, onde o jornal começou também a ser impresso.

Em março de 1904, mudou-se de nôvo o escritório para um compartimento do 1º andar do edifício da A.C.M., na Rua da Quitanda, 39, e *O Jornal Batista* e outras publicações passaram a ser feitas nas oficinas da Imprensa Metodista, que ocupava o pavimento térreo do mesmo edifício.

O escritório, entretanto, voltou em julho de 1905, ao edifício próprio nos fundos da Primeira Igreja, Rua Sant'Ana, mas com material tipográfico que o Dr. Entzminger trouxera dos Estados Unidos, foi montada a tipografia numa casa alugada, na Rua Visconde de Itaúna, 17. O primeiro número d'*O Jornal Batista,* publicado nas primeiras oficinas d'*A Casa Editôra Batista,* saiu em 15 de fevereiro de 1906.

ADMINISTRAÇÃO

Nos primeiros anos da sua história a direção d'*A Casa Editôra Batista* era quase que inteiramente individual. O primeiro redator d'*O Jornal Batista* e gerente da Casa, Dr. Entzminger, serviu até os princípios de maio de 1904, quando embarcou para os Estados Unidos em gôzo de férias e em busca de meios para comprar uma imprensa. Foi escolhido para substituí-lo o Dr. Z.C. Taylor, o qual chegou ao Rio em 17 de junho. Não passou bem de saúde no Rio e em 13 de novembro do mesmo ano regressou à Bahia, ficando em seu lugar o irmão A. B. Deter.

Em 30 de maio de 1905 voltou o irmão Entzminger dos Estados Unidos, onde conseguira levantar entre os batistas norte-americanos uma quantia então equivalente a uns quinze mil cruzeiros, com que comprou lá mesmo e trouxe consigo, um grande prelo muito antigo, outras máquinas e regular estoque de tipos. Com a nova imprensa *A Casa Editôra Batista* havia de prestar à denominação um serviço mais relevante. Jubiloso com a perspectiva de passar em breve a poder servir melhor e mais eficientemente à Causa de Cristo no Brasil, qual não foi a decepção horrível do Dr. Entzminger ao verificar no seu rosto, após dias e noites de mal-estar, uma mancha estranha que os maiores médicos especialistas classificaram como sintoma da terrível moléstia morféia. Regressou precipitadamente aos Estados Unidos, deixando outra vez o Dr. Deter a substituí-lo.

O Dr. Deter, dirigindo então a missão do Campo Federal, com tôdas as suas responsabilidades e afazeres esforçou-se extraordinàriamente para dar conta do seu pesado encargo. Havia poucas esperanças de que o Dr. Entzminger se restabelecesse da perigosa enfermidade. Reconhecendo a necessidade da cooperação dos seus colegas, o Dr. Deter, com o apoio de missionários

e obreiros brasileiros, organizou uma diretoria que ficou assim constituída: Presidente, A. L. Dunstan; secretário, Dr. F. Miranda Pinto; tesoureiro, gerente e redator d'*O Jornal Batista,* A. B. Deter.

Em 13 de junho de 1907 o irmão Deter anunciou a organização d'*A Soc. Publicadora Batista,* com a seguinte diretoria: Presidente, W. B. Bagby; secretário, Dr. F. Miranda Pinto; tesoureiro geral, gerente e redator d'*O Jornal Batista,* A. B. Deter; vogais: D. F. Crosland, O. P. Maddox e S. L. Ginsburg. Logo após a 1ª Convenção Batista Brasileira, realizada na Bahia, no mesmo ano de 1907, o Dr. Deter embarcou para os Estados Unidos, e o Dr. Dunstan, regressando da Bahia para o Rio, ocupou o seu lugar. O Dr. Deter prestara um bom serviço, em desenvolver, nesse período, a organização d'*A Casa Publicadora Batista.*

Aos 23 de agôsto, o irmão W. E. Entzminger, após um ano e meio de ausência, voltou ao Brasil, felizmente completamente restabelecido da grave enfermidade que o havia afligido. Foi uma cura maravilhosa, senão miraculosa, em resposta a muitas orações. Ao reassumir a direção da C.P.B., êle entregou ao seu colega Dunstan a responsabilidade administrativa da Casa, restringindo-se ao serviço da redação d'*O Jornal Batista* e outros periódicos. Em novembro, porém, o irmão Dunstan resignou-se de suas funções e o Dr. Entzminger ficou novamente com tôda a responsabilidade da Casa.

O JORNAL BATISTA

O maior serviço que a *Casa Publicadora* prestou à Causa Batista, especialmente nesse primeiro período, foi o da publicação d'*O Jornal Batista.* Apareceu à luz o primeiro número em 10 de janeiro de 1901, com quatro páginas. No primeiro ano foi publicado nos dias 10, 20 e 30 de cada mês. Ganhou logo o apoio dos batistas e o respeito dos adversários. No ano de 1902 passou a ser publicado semanalmente, nas sextas-feiras, pelo mesmo custo da assinatura anual de cinco cruzeiros. Em 1903, passou novamente a ser publicado três vêzes por mês, porém de oito páginas em vez de quatro.

O primeiro editorial do primeiro número constitui uma entusiástica saudação, um manifesto e uma profecia. A saudação é feita à Pátria Brasileira, à imprensa evangélica, a todos os crentes em Jesus e aos irmãos batistas. O manifesto é o do espírito, do caráter e do propósito d'*O Jornal Batista.* E a profecia é a de "uma longa e venturosa carreira".

"Estamos em princípios do século, do ano, do mês e também da nossa vida jornalística. Por certo, ser-nos-á permitido desejar que o aparecimento do nosso modesto periódico seja a madrugada de uma longa e venturosa carreira.

"Saudamos, pois, à Pátria Brasileira, por cujo engrandecimento oramos e trabalhamos.

"Cordialmente saudamos à imprensa evangélica brasileira da qual esperamos benévolo acolhimento e com a qual procuraremos cultivar as mais cordiais relações, evitando quanto nos fôr possível, que o róseo da nossa amizade seja salpicado de inconvenientes polêmicas com ela travadas.

"Saudamos a todos os sinceros crentes em Jesus, sejam quais forem o seu nome e grêmio, rogando-lhes que se dediquem fervorosamente para que a terra do Cruzeiro do Sul seja quanto antes anexa ao reino de Cristo.

"Afinal, saudamos aos irmãos batistas a quem temos a excelsa honra de representar. A vosso respeito permiti-nos que nos apropriemos das palavras do Psalmo 137:5 e 6: Se eu me esquecer de ti, ó Jerusalém, esqueça-se a minha destra de si mesmo. Se me não lembrar de ti, apegue-se-me a língua ao meu paladar; se não prefiro Jerusalém à minha maior alegria."

A terceira página do primeiro número é dedicada ao tópico: "Como dirigir ou redigir *O Jornal Batista*". Os irmãos S. L. Ginsburg, J. J. Taylor, J. E. Hamilton, A. Campos e o redator, W. E. Entzminger apresentaram artigos de grande valor que contribuíram para orientar *O Jornal Batista* no desempenho da sua missão. Apresentamos alguns dêstes conselhos que *O Jornal Batista* aceitou com muito proveito:

1. Fornecer aos leitores uma variedade, de modo que todos possam alcançar uma educação evangélica.
2. Colhêr e publicar notícias das igrejas de todos os campos do Brasil e as mais importantes notícias religiosas do mundo.
3. Trazer em cada número, artigo de fundo que seja da redação.
4. Expor e defender assìduamente as doutrinas bíblicas.
5. Realçar o dever dos crentes de não só evangelizar o Brasil como também o mundo.
6. Tratar cortêsmente a todos, até aos adversários.
7. Trazer em cada número o esbôço de algum sermão.

CASA PUBLICADORA BATISTA

8. Abrir espaço a perguntas sôbre religião.
9. Dar às crianças alguma leitura inteligível e instrutiva.
10. Fazer tudo como quem tem de dar contas a Deus, de tudo que faz, exemplificando o espírito de Cristo a cada passo.

O Jornal Batista é indubitàvelmente um dos melhores jornais religiosos em tôda a América do Sul. Tem uma história invejável no serviço do Mestre. Podia ser melhor, não há dúvida, mas é impossível avaliar a sua grande influência para os leitores dentro e fora da denominação.

Não se pode pensar n'*O Jornal Batista* sem se lembrar do seu redator, o irmão Teodoro Teixeira que tem trabalhado com êle desde a sua fundação, por algum tempo como redator-auxiliar e por muitos anos como redator-chefe.

O irmão Teodoro converteu-se em 1891 e desde o princípio é crente fervoroso e trabalhador consagrado. Foi um dos pregadores da Primeira Igreja que muito contribuiu para o seu progresso maravilhoso naquele tempo quando os batistas eram desprezados e vilipendiados. Pouco depois da sua conversão, voltou a Portugal para pregar o evangelho aos venerandos pais e teve o prazer de levá-los ao Salvador. Era membro da classe organizada na Primeira Igreja pelo Pastor F.F. Soren para o estudo de inglês a fim de que pudessem ler as melhores obras teológicas nessa língua. O Pastor Soren não podia ter imaginado como seu bom amigo havia de realizar a grande visão.

Mas o irmão Teodoro (dom de Deus) é melhor conhecido pelos editoriais d'*O Jornal Batista* e o departamento de perguntas e respostas. Os editoriais tratam oportunamente dos interêsses e problemas batistas e da Causa Evangélica. A sua ortodoxia e fidelidade às Escrituras são largamente reconhecidas e apreciadas. O seu espírito cristão é o espírito que orienta *O Jornal Batista*. As respostas claras, sábias, coerentes, ortodoxas, às inumeráveis perguntas que êle recebe dos irmãos e às vêzes dos inimigos, revelam a cultura e a fina educação teológica dêste servo destemido do Senhor.

Crescia de ano em ano o serviço e o prestígio do nosso bem acolhido jornal. Os editoriais, as notícias das várias igrejas e campos, a correspondência, as perguntas e respostas bíblicas, a exposição de doutrinas e das lições da escola dominical, a seção infantil, a variedade de artigos, poesias e outra literatura interessante e boa, prendiam os seus leitores.

OUTRAS PUBLICAÇÕES DA CASA

Com diversas mudanças de administração e as dificuldades incidentes aos primeiros anos de atividade, a Casa não podia

atender plenamente às necessidades da Causa, na publicação de folhetos, periódicos e livros. Cresceu tanto a procura de literatura que os recursos não davam para publicar tudo o de que as igrejas precisavam. Não obstante tudo isto, a Casa fêz um trabalho admiràvelmente satisfatório nestes primeiros anos.

Chegou a publicar num só ano um milhão de páginas de folhetos. E procurou aumentar a quantidade e melhorar a qualidade desta literatura de ano em ano.

Em 1903 apresentou ao público uma nova edição d'*O Cantor Cristão* de seis mil exemplares. Tão útil e tão popular êle se tornou que em 1907 a Casa teve que publicar outra edição de dez mil exemplares para o que recebeu uma boa contribuição de H. C. Taylor, Blackridge, Virgínia.

Publicou alguns livros de valor. *Fiat Lux,* da autoria do Dr. Entzminger, foi escrito em defesa do batismo bíblico contra os ataques dos outros evangélicos. *Como Trazer Homens a Cristo,* tradução do livro de R. A. Torrey, pelo irmão Teodoro Teixeira, redator auxiliar d'*O Jornal Batista,* livro que foi muito bem recebido. Venderam-se no ano em que saiu do prelo mais de 400 exemplares. *Estudos Bíblicos,* uma tradução, e *O Poder do Alto,* pelo Dr. Entzminger, foram publicados neste período.

Saiu em abril de 1903 o nôvo periódico, *O Infantil.* As primeiras duas páginas continham historietas e gravuras para interessar e instruir as crianças e nas outras duas havia exposições simples das lições de escola dominical. Êste periódico despertou o interêsse dos pais crentes na educação e no treinamento religioso dos seus filhos. Prendia o interêsse não sòmente das crianças como também dos pais que liam as histórias, poesias e exposições. Publicavam-se 18 a 20 mil exemplares anualmente.

Em 1907, a Casa começou a publicação d'*A Revista de Adultos*. O Dr. O. P. Maddox preparou as primeiras lições. Apresentava as explicações e comentários do ponto de vista ortodoxo e de uma maneira simples, prática, interessante e reverente. O bom acolhimento da primeira revista dominical foi um prenúncio do grande êxito da Casa Publicadora na provisão de uma literatura melhor e mais adequada para a denominação, que então entrava numa nova época de desenvolvimento.

CAPÍTULO XIX

O VALE DO AMAZONAS ATÉ 1906

O vasto e misterioso vale do Amazonas desafia constantemente o espírito aventureiro do homem. Tem a forma de lira e o encanto das suas maravilhas ameniza ao aventureiro a rudeza do ambiente. Não obstante os magníficos panoramas e os fabulosos recursos do grande Estado do Amazonas, são poucos os homens que se abrigam em seu seio. Com a superfície de 1.800.000 quilômetros quadrados, tem apenas 500.000 habitantes, ou menos da quarta parte do número das pessoas que moram no Estado da Guanabara.

EURICO E IDA NELSON

Dos confins da terra vêm os aventureiros e cientistas para conhecer as plagas amazonenses. Mas o homem que mais viajou nos seus rios, lagos, lagoas e igarapés, e sentiu mais entranhadamente as vibrações de sua exuberância, foi *o apóstolo da Amazônia,* Eurico Nelson. Nos quarenta e cinco anos de vida ativa, viajou talvez 200.000 kms. na grande bacia do Orellana, pois em alguns anos atingiu a vigésima parte desta distância.

Nasceu na Suécia. O seu pai abandonara a igreja oficial do Estado para seguir as convicções de consciência e unir-se ao pequeno grupo de batistas, então desprezados e perseguidos. Para gozar a liberdade de consciência e praticar a fé batista, a família emigrou para o Estado de Kansas, ao oeste dos Estados Unidos, quando Eurico tinha a idade de 7 anos. O rapaz converteu-se aos 14 anos e uniu-se à igreja fundada pelo pai e outros pioneiros da fé naquela nova terra. Cinco anos depois, entregou-se ao serviço de vaqueiro nas planícies de Oklahoma, Colorado e Texas. Se nesse período de seis anos, afastou-se das influências da igreja e do lar cristão, desenvolveu, no desempenho de suas pesadas responsabilidades ao relento, um corpo forte e resistente e uma voz poderosa para ser usada mais tarde no serviço de Cristo, na evangelização do Amazonas.

Desgarrado por alguns anos, voltou à igreja com a qual se reconciliou, com grande satisfação. Dias depois acordou de madrugada com a mensagem de Deus a Abraão ressoando aos ouvidos: "Sai-te da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai para a terra que te mostrarei." Meditando sôbre êste texto,

foi chamado ao culto doméstico, e o pai, abrindo a Bíblia, leu o mesmo trecho. Deus estava falando à consciência do jovem e no coração respondeu: "Seja feita a tua vontade."

Começou logo a anunciar o evangelho ao povo da vizinhança e numa viagem evangelística encontrou-se com D. Ida Lundberg que era voluntária do trabalho missionário na China. Mas aquêle encontro, sob a providência divina, destinou-a para o Vale do Amazonas.

Falava-se muito, naquele tempo, da nova República Brasileira e o jovem aventureiro resolveu levar a mensagem de Cristo ao povo do Amazonas. Despediu-se da família sem qualquer meio de sustento e saiu em demanda da terra do Cruzeiro do Sul. Foi uma aventura de fé. Não obstante as dificuldades de viajar sem dinheiro, chegou finalmente aos 19 de novembro à cidade de Belém, no Pará, com apenas dezesseis dólares no bôlso. No dia seguinte um capitão pediu-lhe que pregasse a um grupo de marinheiros, encalhados na cidade e sem meios de viajar. Alguns dêstes forasteiros achavam-se acometidos de febre amarela e outras moléstias, e sentiam-se desamparados, na miséria. Depois de trazer-lhes a mensagem confortadora do evangelho, o coração do pregador, transbordante de compaixão para com os pobres marinheiros, resolveu logo fundar para êles, um asilo na cidade. Outra aventura de fé. O asilo foi sustentado por ofertas voluntárias.

Na sua solidão tinha muitas saudades da môça em Kansas. Escreveu-lhe uma carta onde derramava o coração num apêlo tocante para que viesse ajudá-lo no serviço do Senhor. Ela não pôde resistir à chamada; preparou-se sem detença e fêz a longa e penosa viagem de Kansas a Belém, na confiança de que cumpria a vontade de Deus e de que êle lhe guiaria os pés ao caminho do serviço. Se as neves e os ventos frios de Nova York zombavam da afoiteza da môça solitária no meio das multidões, e o mar revôlto mofava de sua esperança, eram provas apenas da sua fé inabalável. No fim da viagem a brisa suave que lhe levava o perfume das flôres de Belém tocou a harpa do coração que vibrava de alegria. Achava-se com o noivo.

São quase incríveis as lutas e o sofrimento que o casal teve que enfrentar nos primeiros cinco anos no Brasil. Minoravam as necessidades dos marinheiros quando às vêzes êles mesmos tinham que passar fome. Como colportor da Sociedade Bíblica Americana o Sr. Nelson distribuía as Escrituras entre o povo e pregava-lhe o evangelho de Cristo. Deus certamente tinha para êste casal tão disciplinado e tão desejoso de sacrificar-se, um serviço maior.

A PRIMEIRA IGREJA BATISTA DO VALE DO AMAZONAS

Desempenhando-se das responsabilidades que se lhes deparavam, os arrojados obreiros preparavam-se para um trabalho mais frutífero na realização do sonho de levar avante a evangelização do povo amazonense. O Dr. Ginsburg escreveu em *Um Judeu Errante no Brasil*: "Através do pequeno jornal *As Boas Novas*, eu me pus em contato com o irmão E. A. Nelson que trabalhava heròicamente no vale do Amazonas, tentando pregar e manter a família pela colportagem. Diversas vêzes êle insistiu comigo para visitá-lo e auxiliá-lo a organizar a Primeira Igreja Batista naquela região, visto não ser êle um obreiro consagrado... Êle residia em um porão muito ruim, transformado a parte da frente em salão de cultos. Os bancos eram feitos dos caixotes em que recebia as Bíblias da Sociedade Bíblica. Anexa à sala de cultos, havia uma alcova escura sem nenhuma ventilação onde êle, sua espôsa e filhos dormiam. Não me admiro de que ambos, êle e sua senhora tenham sido acometidos duas vêzes de febre amarela; minha surprêsa foi que não morressem... Êle dominava as multidões, especialmente quando tocava violino e cantava alguns hinos de sua lavra. Tivemos diversas conversões e foi uma alegria batizar pela primeira vez na História alguns convertidos no grande Rio Amazonas e organizar a Primeira Igreja Batista naquela região." [1]

A igreja foi organizada em fevereiro de 1897. Entraram na organização 10 membros e antes do fim do ano batizaram-se mais 8. O irmão Nelson foi chamado ao pastorado. A igreja batista mais próxima era a do Recife, numa distância de cêrca de 600 léguas, à qual pediram que o consagrasse ao ministério. O trabalho do vale do Amazonas foi dirigido por algum tempo pelo missionário do Recife e o Pastor Nelson foi encarregado do serviço.

PRINCÍPIO DO TRABALHO BATISTA NO ESTADO DO AMAZONAS

Há poucas notícias do trabalho dos Nelson nos dois ou três anos seguintes. No seu relatório anual de 1898, o missionário de Pernambuco, o Dr. Entzminger, louvou a fidelidade do Sr. Nelson e da sua consagrada companheira, declarando que tinham demonstrado as qualidades de verdadeiros heróis. Sabemos por uma carta do irmão Nelson, que em 12 de setembro de 1897 foram realizados os primeiros batismos no grande Estado do Amazonas. O Pastor Nelson batizou, no Rio Negro, 5 convertidos

(1) Págs. 126 e 127.

da cidade de Manaus. O irmão Almeida Sobrinho tinha chegado a Manaus um pouco antes do Sr. Nelson. Êle era batista, mas recebeu o seu sustento do Coronel Manoel Pereira Cavalcanti de Araújo, membro naquele tempo de uma igreja metodista. O Sr. Almeida trabalhava na zona como evangelista; depois da vinda do obreiro Nelson, cooperou por algum tempo com êle, sustentado ainda pelo consagrado Coronel Araújo. Foi depois trabalhar na Igreja do Pará durante o ano de 1898 e no fim do ano a Igreja de Belém contava com 35 membros.

A cidade de Manaus tinha 50.000 habitantes e crescia ràpidamente. Entre as muitas pessoas vindas do sul, em busca de emprêgo, havia alguns crentes batistas que cooperavam com a pequena congregação de batistas, dando um nôvo impulso ao trabalho. Seis pessoas batizaram-se no correr do ano de 1898, achando-se entre elas um dos homens de maior influência da cidade. O Sr. Nelson vendeu muitas Bíblias em diversos lugares. Estabeleceu ponto de pregação em Castanhal e vendeu 400 Bíblias na cidade de Santarém.

Passaram os Nelson o ano de 1899 nos Estados Unidos, para recuperarem a saúde gasta pelos 6 anos de moléstias, lutas e trabalhos. Deixou o obreiro Almeida na direção da Igreja de Belém. Êste era instável e semeou discórdia entre os crentes, tendo como resultado a divisão da igreja. O irmão Almeida tinha o dom de pregar e era evangelista eloqüente, mas se deixava fàcilmente seduzir por novas doutrinas.

ORGANIZAÇÃO DA IGREJA DE MANAUS

Voltaram os Nelson à cidade de Manaus a 4 de junho de 1900, como missionários da Junta de Richmond, bons de saúde e dispostos a satisfazer às grandes oportunidades de evangelizar o vasto território. No dia 5 de outubro de 1900 organizaram a Primeira Igreja de Manaus com 20 membros, sendo chamado ao pastorado o missionário Nelson. No fim do ano a igreja contava com 27 membros. O primeiro número d'*O Jornal Batista* publicado em 10 de janeiro de 1901, traz a seguinte notícia do trabalho no Estado do Amazonas: "O nosso colega Eurico Nelson continua com sua ativa propaganda, vendendo exemplares das Escrituras aos milhares e pregando à viva voz a palavra da vida, por todo aquêle mundo a fora. Em fins do ano findo organizou-se em Manaus uma igreja batista com 20 membros. Pelo mesmo tempo, houve a notável conversão de um fabricante de imagens, que, ao saber o que ensina a Escritura a tal respeito, tratou imediatamente de liqüidar tão abominável tráfico, não obstante deixar-lhe êste avultado lucro todos os anos. Vendeu o negócio, porém depois arrependeu-se, e visto que a pessoa a

quem passara tal negócio não lhe havia pago, novamente se apossou do mesmo para pôr-lhe o têrmo ordenado pela Palavra do Senhor. Tendo aplicado uma dose de querosene a todos os *santos* (entre os quais se destacava um de valor de cêrca de mil cruzeiros) entregou-os às chamas."

1901 — PROGRESSO EM MANAUS — LUTAS EM BELÉM

A cidade de Manaus fica a 1.600 km da foz do Amazonas e à porta de entrada para uma grande parte da Bolívia. Peru, Equador, Colômbia, Venezuela e Guiana Inglêsa. A maior parte da superfície do Estado é coberta de matas, rios e lagos, tendo-se que viajar em lanchas e navios.

Atingiu-se o dôbro do número de membros da Igreja de Manaus em 1901, terminando o ano com 54 membros, 26 dos quais foram recebidos por batismo e 1 por carta. A cidade era rica nessa época devido ao negócio próspero da borracha.

O tesoureiro da igreja tinha um filho que era chefe brasileiro das linhas Lloyd Brasileiro e American Hamburg. Diversos outros membros representavam a mais distinta sociedade amazonense.

A Igreja de Belém era dirigida pelo Pastor Dr. Salomão Ginsburg, de Pernambuco e visitada de quando em quando pelo irmão Nelson de Manaus.

Quando o irmão Tomaz L. Costa chegou a Belém, em abril de 1901 achou a igreja num estado desolador por falta de idoneidade do dirigente, o ex-frade José Anzaloni di Marco. Dos 60 membros que havia no rol, o irmão Almeida Sobrinho se retirara com 16 dêstes e organizara uma igreja chamada cristã, sob sua direção, dizendo, entretanto, que se reunia sob a direção do Espírito Santo. Havia outros dentro da cidade que não freqüentavam a igreja por causa da má direção do "encarregado dos cultos".

O frade, suspenso pelo bispo, tinha-se revelado astuto interesseiro, havendo enganado a igreja que o aceitara como candidato ao batismo e convidara o missionário Nelson para administrar-lhe a ordenança. Eleito diácono, dirigia os trabalhos da igreja e morava na casa de culto. Tinha seus 50 e tantos anos e casara-se com uma filha de um dos membros da igreja, de 16 anos. A vida entre o casal era escandalosa devido aos ciúmes do velho ex-frade.

Em vista dêstes acontecimentos, o irmão T. L. Costa tomou a iniciativa, convidando o missionário Nelson para vir a Belém tomar providências e libertar a igreja daquela anomalia. O irmão Nelson por bons modos tentou induzir o Sr. Anzaloni a

mudar-se e deixar a casa da Missão, porém, êste recusou-se a sair. Tinha os recibos do aluguel da casa da Missão em nome dêle e o delegado nada pôde fazer.

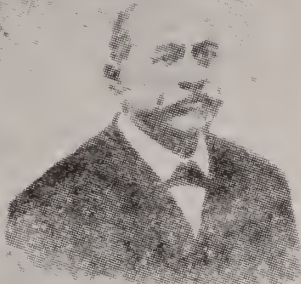
O irmão Tomaz Costa telegrafou ao Rev. Salomão Ginsburg no Recife para ir a Belém com urgência. Chegou o Sr. Salomão mas, não podendo convencer o Sr. Anzaloni a mudar-se, foi de parecer que a igreja devia ser dissolvida e reorganizada. Assim foi reorganizada na casa de D. Dulcina Alencar, no dia 14 de julho de 1901, com 21 membros, ficando fora da organização o Sr. Anzaloni e alguns de seus partidários.

Reorganizada a igreja, foram eleitos: para pastor, o missionário Salomão Ginsburg; e para diáconos, os irmãos Tomaz Lourenço da Costa (que também foi eleito tesoureiro) e João de Araújo Sampaio, e para secretário o irmão Firmino Alves. O diácono Tomaz foi eleito moderador da igreja e autorizado para oficiar na Ceia do Senhor. O irmão Emílio Kerr foi escolhido evangelista. Escreve o irmão Ginsburg: "Emílio W. Kerr está encarregado do trabalho no Pará e está prestando bom serviço. Durante êste ano eu tive que visitar o Pará e achei a igreja num estado desolador. Felizmente conseguimos reorganizar o trabalho e entregá-lo ao irmão Kerr, jovem aluno, mas cheio de zêlo e de amor pela Causa."

1902 — FARTAS MESSES PARA O SENHOR

No ano de 1902 o missionário Jefté Hamilton mudou-se para a cidade de Belém a fim de tomar conta da Missão no Est. do Pará. O Pastor Nelson visitou esta Missão até a vinda do missionário Hamilton nos princípios de dezembro. Mas antes de sua vinda à Igreja de Belém, depois de passar a prova severa de que já falamos, entrou num período de progresso. "São passados os dias amargos e com êsses coincide o aparecimento de farta messe para o Senhor. O nosso estimado irmão e agente, Sr. Tomaz L. da Costa participa-nos que 8 pessoas foram aceitas para o batismo e mais desejam apresentar-se." (2) Antes do fim do ano o irmão Kerr mudou-se para o sul, deixando o diácono Tomaz sòzinho para cuidar do trabalho.

O ano era de fato memorável pela prosperidade maravilhosa da Igreja de Manaus. Houve 23 batismos e mais 2 pessoas foram recebidas por carta, terminando assim o ano, com 54 membros em comunhão. Houve muita doença nas duas igrejas de Manaus e Belém. No seu relatório o Sr. Nelson queixa-se da crise, mas a julgar da atividade e da liberalidade da Igreja de Manaus

(2) **O Jornal Batista,** 10 de janeiro de 1902.

ESTADO DO AMAZONAS

não parece que a crise prejudicava tanto a igreja. A assistência média na escola dominical era de 55 pessoas e as contribuições de Cr$ 197,30.

A Sociedade A. de Senhoras com 28 sócias, contribuiu de outubro a dezembro com Cr$ 457,30. A Soc. A. de Môças, de 11 de outubro a 31 de dezembro, com Cr$ 89,10. A igreja ofertou para diversos fins, inclusive Cr$ 7.247,50 para o fundo da casa de culto, com a quantia de Cr$ 11.451,90 o que dá a média anual de Cr$ 212,75 por membro. Considerando-se o valor da moeda, naquele tempo, é admirável. O Coronel Araújo unira-se aos batistas e, muito generoso, contribuiu liberalmente para tôdas as necessidades da igreja. O capitalista Pompeion apresentou à igreja um terreno no subúrbio da cidade.

Os irmãos Teixeira, Augusto Lima e Jesuíno Alves ajudavam na pregação. O irmão Nelson viajou 8.960 km durante o ano e vendeu 2.000 exemplares das Escrituras.

1903 — NOVAS IGREJAS, NOVOS PASTÔRES, DEDICAÇÃO DA CASA DE CULTO EM MANAUS

Com a vinda do Pastor Hamilton para o Estado do Pará o trabalho começou um período de prosperidade. Principiou o ano com uma igreja de 42 membros e terminou com duas igrejas e 77 membros. Tinha 3 pontos de pregação que prometiam muito para o futuro. O diácono Tomaz da Costa, superintendente da escola dominical, era sempre zeloso e eficiente no serviço. Foi organizada uma escola dominical na casa de uma das irmãs em um dos pontos de pregação. A nova Igreja de Pinheiros manteve uma boa escola e começou a construção de uma casa de culto, recebendo para êste fim algum auxílio dos irmãos da Igreja de Belém.

Com o auxílio e cooperação da Sociedade Bíblica Britânica, a igreja conseguiu fazer muito quanto à distribuição das Escrituras. Considerando o número limitado de batistas, *O Jornal Batista* teve boa circulação no Estado.

O Sr. Samuel Silva, que acompanhou o missionário Hamilton na mudança para a cidade de Belém, escreveu em 5 de fevereiro: "Tenho o prazer de cientificar-lhe que a igreja de Cristo nesta cidade vai sempre bem e em paz; debaixo de uma harmonia admirável, fazendo bom trabalho, ainda que por enquanto nos pareça imperceptível. A igreja aqui inaugurou sua nova sede de cultos na Estrada de S. Jerônimo, nº 80." O obreiro João Jorge de Oliveira, que chegara do Rio, começou logo a trabalhar com os irmãos.

A Igreja de Belém abriu trabalho na cidade de Castanhal,

o qual progrediu animadamente, não obstante a perseguição tenaz que ali se desenrolou contra os evangélicos.

A Missão Batista de Manaus progrediu admiràvelmente, começando o ano com 97 membros e terminando com 3 igrejas e 122 membros. Organizou-se no interior do Amazonas a Igreja de Periquito com 7 membros, e a de Ajaratuba com 6 membros. Ao pastorado destas duas igrejas novas, foi chamado o irmão Manoel Gomes dos Santos, consagrado em 31 de dezembro de 1903.

Os membros da Igreja de Manaus acabaram a construção do seu templo que foi dedicado em 2 de agôsto. O Rev. Jefté Hamilton, do Pará, que assistiu à reunião e pregou o sermão oficial, escreveu a seguinte notícia para *O Jornal Batista* de 10 de setembro: "O terreno foi adquirido pela igreja para nêle construir um templo. O local é bom, terreno espaçoso e tem três faces. É tão amplo que daria para nêle se fazer ao menos três edifícios. A casa atual é de madeira, e provisória, mas é forte e vistosa, suficiente para comportar umas 250 a 300 pessoas.

"A Igreja de Manaus é robusta e possui elementos para um grande trabalho. O pastor e sua espôsa são obreiros dedicadíssimos, e têm sido muito abençoados no seu trabalho no vale do Amazonas. A igreja deve muito da sua prosperidade aos esforços, à fidelidade e à liberalidade do Coronel Araújo, que durante anos tem trabalhado e feito sacrifícios pelo evangelho naquela zona."

O missionário Nelson nunca deixou de ser colportor. Sempre gostou de viajar e vender as Escrituras. Subiu o rio até Iquitos, Peru, onde foi ricamente abençoado no serviço do Senhor. Também subiu uma grande extensão do Rio Negro e foi bem sucedido na venda das Escrituras. Viajou 9.928 km., vendendo 2.000 exemplares de Bíblias, Novos Testamentos e porções.

Alguns moços compraram uma pequena imprensa e publicaram um jornalzinho de duas em duas semanas que ajudava a evangelização.

1904 — A MORTE DO MISSIONÁRIO JEFTÉ HAMILTON

O trabalho no Estado do Pará continuou na mesma marcha de progresso. No princípio do ano, o Pastor Hamilton e sua espôsa passaram 12 dias na cidade de Santarém, onde êle pregou 11 vêzes e ela muito ajudou com a sua linda voz, no cântico dos hinos. No fim da série de conferências organizou-se a Igreja de Santarém, com 5 membros. O irmão Emygdio Bento Alves foi eleito pastor e o irmão Guilherme Wallace, secretário e tesoureiro. O irmão Alves foi consagrado ao ministério na mesma ocasião. Apesar das tentativas astuciosas do padre para impedir a marcha triunfante do evangelho, a igreja teve um ano de

progresso. Sofreu uma perseguição persistente e o pastor teve que apelar ao govêrno pela proteção que lhe fôra prometida. O perseguidor principal foi obrigado a deixar a cidade, e a igreja terminou o ano com perspectiva mais prometedora. A cidade fica a 800 km da foz do Amazonas, ocupando assim uma posição estratégica no Estado.

A pequena Igreja de Pinheiro, pastoreada pelo irmão Hamilton, teve um aumento em número e construiu uma boa casa de culto para o lugar.

Dois homens dedicaram todo o tempo à pregação do evangelho em Castanhal, Pinheiros e Mosqueiro, com ótimos resultados.

O colportor João Jorge de Oliveira e o diácono Tomaz L. Costa muito se esforçaram para o progresso da Igreja de Belém. Infelizmente para esta, o irmão Tomaz mudou-se para São Paulo antes do fim do ano. Foi comprado um terreno e quase foi concluída a casa de culto antes do fim do ano.

No dia 4 de dezembro chegou ao redator d'*O Jornal Batista* a triste notícia do falecimento do missionário Jefté Hamilton, vítima da febre amarela. Havia 5 anos que chegara ao Brasil. Fôra missionário dois anos no Estado de Alagoas, postoreando a Igreja de Maceió e organizando o trabalho do campo em bases sólidas, serviço que produziu ótimos resultados no progresso notável da obra batista daquele Estado. Enquanto trabalhava em Alagoas cooperava com o missionário Ginsburg, em Pernambuco, sendo instrutor de moços que se preparavam para o ministério. Por dois anos trabalhou no Pará, onde levantou uma obra florescente. Desenvolveu a Igreja de Belém e estendeu o trabalho em diversos lugares, organizando igrejas em Pinheiros e Santarém. Foi um trabalhador incansável, modesto, paciente, fervoroso e espiritual. Muito bem preparado, escrevia constantemente artigos de valor para *O Jornal Batista.*

O trabalho do campo de Manaus sofreu por causa da doença do missionário Nelson que não podia visitar as igrejas e fazer as longas viagens evangelísticas de costume. Subiu o Rio Madeira, trabalhando em várias cidades e vilas onde vendeu centenas de Bíblias e distribuiu milhares de folhetos. Dedicou no fim do ano algum tempo ao campo de Belém.

A Igreja de Manaus manteve trabalho em diversos subúrbios da cidade e ajudou no sustento do Pastor Manoel Gomes dos Santos.

Organizou-se em fevereiro a pequena Igreja de Poponha à margem do lago do mesmo nome. As pequenas igrejas de Eureka e Quem Diria, no Rio Solimões, eram fracas e pouco fizeram. O irmão Manoel Gomes dos Santos cuidava destas igrejas e

lutava com muitas dificuldades, pois a moral do povo é ali muito enfraquecida pelo uso de bebidas fortes e a planta *erythroxylon suberosum.*

1905 — ANO DE POUCO PROGRESSO

Sob o pastorado do Rev. E. B. Alves, a Igreja de Belém completou a sua casa de oração que foi dedicada no primeiro dia de março de 1905. Construíram depois um batistério e instalaram luz elétrica. A Igreja de Pinheiros ficou quase parada, por falta de obreiro. A atividade em Castanhal fazia prever que em breve o grupo de obreiros fiéis podia ser organizado numa igreja. A nova Igreja de Santarém foi muito perseguida, mas dedicou a sua casa de culto em 19 de novembro. Verificaram-se 34 batismos no Estado do Pará e 10 exclusões, terminando o ano com 92 membros.

As igrejas do Amazonas não progrediram como nos anos anteriores devido, em parte, ao mau estado de saúde do missionário Nelson. Embora a Igreja de Manaus não tivesse tantos batismos, continuou a crescer na graça do Senhor e no zêlo de trabalhar, treinando jovens ao serviço de anunciar o evangelho.

As 3 pequenas igrejas acima de Manaus foram prejudicadas na sua atividade pelas perseguições, mas continuaram a progredir, não obstante a oposição. O Pastor Manoel Gomes dos Santos foi muito mal tratado e espancado em sua própria casa. No lago de Anamã, 300 km acima de Manaus, o Pastor Manoel batizou 10 pessoas e naquela zona organizou uma nova igreja com 15 membros.

Continuaram a publicação do Jornal da Missão, distribuindo 1.500 exemplares por mês e persistiram na venda e distribuição das Escrituras e literatura evangélica.

1906 — CONVENÇÃO BATISTA DO VALE DO AMAZONAS

O Rev. Ira L. Parrack, do Estado do Texas, foi nomeado missionário pela Junta de Richmond, em 6 de fevereiro de 1906, e partiu para o seu campo de trabalho no vale do Amazonas, em maio do mesmo ano.

As igrejas dos estados do Amazonas e Pará avançaram no serviço do Senhor no ano de 1906, alcançando novas vitórias e sofrendo algumas provas e retrocessos. O Pastor Emygdio Alves, da Igreja de Belém, foi excluído da igreja. A casa de culto em Santarém caiu no primeiro dia de maio, e os católicos diziam que Santa Maria, ofendida, na sua ira derribara a casa no primeiro dia do mês a ela consagrado. Mas em pouco tempo a casa foi reconstruída e a igreja continuou seu trabalho.

No dia 7 de agôsto de 1906, por convocação do Rev. E.A. Nelson reuniram-se na Igreja de Manaus os pastôres E. A. Nelson, E. B. Alves, Almeida Sobrinho (reconciliado no ano anterior), Tomaz J. Aguiar, Manoel Gomes dos Santos, o recém-chegado missionário I. L. Parrack, pastôres E. A. Nelson, E. B. Alves, Almeida Sobrinho e diversos irmãos representando as igrejas do vale do Amazonas, e organizaram a "Convenção Batista do Vale do Amazonas".

A pedido da Igreja de Santarém, o irmão Almeida Sobrinho fôra consagrado ao ministério no dia 5 de agôsto. No dia 11 o Sr. Nelson foi exonerado do pastorado da Igreja de Manaus e eleito o irmão Almeida Sobrinho em seu lugar. O irmão Nelson mudou-se para Santarém.

No fim dêste período o vale do Amazonas tinha 7 igrejas e 251 membros. Teve, depois da exclusão de Alves, 3 pastôres nacionais e mais 2 obreiros. O missionário Nelson escreveu nesse ano que tinha perdido a saúde e que o trabalho dêle estava terminado, mas ainda continua em 1936 ativo no serviço do Mestre.

ESTADO DO PIAUÍ

CAPÍTULO XX

O CAMPO PIAUIENSE ATÉ 1906

Abrange êste campo, além do Estado do Piauí, partes do vasto interior dos estados da Bahia, Goiás e Maranhão. Mas o centro mais importante dessa zona tem sido a vila de Corrente, no sul do Piauí. Como se tornou essa vila um grande farol da luz evangélica para êsse imenso território é uma das histórias mais encantadoras que se encontra em todos os anais do movimento evangélico no Brasil.

OS GÊMEOS BENJAMIN E JOAQUIM NOGUEIRA PARANAGUÁ

O sul do Piauí foi povoado pelos impávidos bandeirantes. Achavam-se entre os primeiros pioneiros os antepassados da família Nogueira Paranaguá, cujos descendentes estabeleceram as suas fazendas no sul do Estado, na vizinhança da Vila de Corrente. Nasceram no ano de 1855, perto de Corrente, os gêmeos, Benjamin e Joaquim Nogueira Paranaguá, destinados a uma parte significativa na história da sua pátria.

Aos 14 anos de idade entrou o môço Benjamin no Seminário das Mercês, no Maranhão, estudando com muito proveito o curso de humanidades. Aos 18 anos voltou ao lar paterno como auxiliar do venerando pai, grande proprietário e eminente chefe político do sul do Piauí. Com a morte do pai assumiu a direção dos negócios locais, tornando-se fazendeiro progressista, conseguindo melhorar o gado *vacum* do seu Estado, por seleção e por introduzir alguns animais de raça. Era abolicionista de convicção e entusiasta, tendo libertado anos antes da Lei Áurea de 13 de Maio de 1888, os escravos que possuía. Era homem dedicado ao serviço da pátria, federalista e chefe republicano. Foi por algumas vêzes eleito deputado provincial e no regime republicano ocupou o elevado cargo de vice-governador do seu Estado. Mas o Coronel Benjamin Nogueira Paranaguá prestou o seu maior serviço à pátria como pioneiro da fé evangélica e pregador das Boas Novas de salvação aos seus patrícios.

Entrou também no Seminário das Mercês, de S. Luiz do Maranhão, o môço Joaquim Nogueira com o intuito de preparar-se para a carreira eclesiástica, mas convencendo-se de que

não eram aquêles ensinos os que Deus ordena, deixou a carreira, continuando os estudos no Liceu; findos êstes, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, tornando-se médico conceituado. Teve uma longa e brilhante carreira de médico, publicando algumas obras de valor sôbre higiene social, "O Fumo e Seus Efeitos", etc.

Como seu irmão, amava ardentemente a pátria e prestou-lhe o serviço de bom estadista. Na monarquia, foi delegado de Higiene e duas vêzes deputado provincial; uma vez como abolicionista e outra como republicano. No regime republicano foi escolhido vice-governador do Piauí, tornando-se governador quando se exonerou o chefe do Estado para servir o govêrno federal. Fêz parte do Congresso Constituinte e por duas legislaturas foi eleito deputado ao Congresso Federal e uma vez senador federal, não sendo candidato à reeleição. Terminado o seu mandato senatorial, voltou a Corrente e trabalhou como clínico e criador, contribuindo de muitas maneiras para o bem social do seu Estado. Regressando ao Rio, foi nomeado tesoureiro da Imprensa Nacional; e depois inspetor em comissão do Sanátorio Rural. Muito trabalhou, quer como deputado provincial, no antigo regime, quer como deputado e senador federal, para diversas reformas, como consta nos anais daquelas repartições. Fazia parte de várias sociedades, institutos, congressos, ligas e associações que visavam o progresso e o bem-estar do povo brasileiro. Mas o Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá prestou maior serviço ao seu povo como cristão sincero, fervoroso e consagrado. Enquanto se achava no Rio serviu fielmente como diácono da Primeira Igreja e com o mesmo denôdo e desvêlo serviu na mesma capacidade à Igreja de Corrente. Estava sempre pronto para todo serviço na Causa evangélica. Era um dos batistas mais conhecidos e mais amados da sua denominação. Foi eleito duas vêzes para presidente da Convenção Batista Brasileira.

O Cel. Benjamin e o Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá eram homens religiosos por natureza, mas não acharam no catolicismo a satisfação para as suas necessidades espirituais. Reconheceram, mesmo antes de conhecerem o evangelho, que os ensinos do Seminário não eram o que devem ser, porque nem satisfaziam à razão nem ao coração. O Dr. Joaquim escreveu-me uma carta particular de Corrente, a 20 de outubro de 1925: "O evolucionismo encheu-me de esperanças por algum tempo; mas, não me satisfazendo, procurei conhecer diversas religiões sem que me satisfizessem." Aqui temos o exemplo de um homem inteligente, com aspirações e anelos espirituais, que só o evangelho de Cristo podia satisfazer.

PRINCÍPIOS DO TRABALHO BATISTA NO ESTADO DO PIAUÍ

Antes, então, de conhecer o evangelho, êstes homens estavam trabalhando, pela providência divina, para trazer as bênçãos do evangelho ao seu povo. Voltando para Corrente em 1882 e notando o atraso da população, o Dr. Joaquim doou a melhor casa da vila para a escola pública, fazendo vir um bom professor e mandando preparar o necessário mobiliário para a referida escola, que deu ótimo resultado. Assim, sem saber, preparou o seu povo para aceitar em tempo oportuno os ensinos da Palavra de Deus. Foi justamente o seu interêsse naquela escola primária que trouxe o evangelho ao povo correntense. Numa visita a Corrente, notou a falta de livros na escola pública e prometeu ao seu irmão e ao professor da escola procurar achar livros para suprir a falta. Na referida carta de 1925 o Dr. Joaquim escreveu ao autor a seguinte história sôbre o encontro com o Dr. Z.C. Taylor e o famoso caixote de livros que tanto contribuiu para a evangelização do Estado do Piauí e as suas vizinhanças:

"Depois da promulgação da Constituição da República, ao chegar à cidade da Barra, do Rio Grande, de volta do Piauí para a Capital Federal, soube do atentado projetado contra a vida de Z. C. Taylor, pastor evangélico, destinado à voracidade das piranhas. Interessei-me quanto possível pela conservação da preciosa vida dêsse pastor, contra quem o fanático Padre Júlio, vigário daquela freguesia, havia sugestionado o povo ignorante de seu rebanho para lançarem-no às piranhas, na ocasião do embarque. Felizmente, por intermédio das autoridades locais, consegui impedir tão nefando crime. No dia seguinte embarquei com aquêle missionário, sem que êle soubesse o que haviam premeditado contra sua existência, tão útil à causa da nossa civilização! Fizemos boas relações durante a viagem; e ofereceu-me êle um volume do Nôvo Testamento, pedindo-me que o lêsse, ao separarmo-nos, o que fiz."

Encontrou-se depois com o colportor e dêle comprou um caixote de Bíblias e Novos Testamentos e os remeteu ao seu irmão com o pedido de que os examinasse para determinar se servia para alunos da escola correntense. O resto da história soube numa entrevista pessoal com o irmão mais môço do Dr. Paranaguá, o Sr. José Francisco, no Rio, em 1934. Havia no caixote cinco Bíblias da versão Figueiredo e uma porção dos Evangelhos de Mateus e Lucas. Examinaram os livros e julgaram que os Evangelhos podiam ser usados pelos alunos, porém as Bíblias, sendo pesadas para êsse fim, foram distribuídas entre as seguintes pessoas: Benjamin Nogueira Paranaguá, Numá Nogueira Paranaguá, Francisco Carvalho de Araújo, Francisco Alconforado e o Prof. Herculano Marques da Silva Costa.

Esta distribuição das Bíblias foi feita nos fins do ano de 1891. Com a leitura da sua Bíblia, o Cel. Benjamin foi o primeiro a se converter e em tempo todos os outros que receberam as Bíblias, com exceção do professor, converteram-se pelos estudos da Palavra de Deus e juntamente com êles diversos membros de suas respectivas famílias.

Vibrou largamente o som do evangelho por intermédio dêsses convertidos, que começaram a evangelizar seus vizinhos. Aumentou em seguida o combate ao analfabetismo, aos vícios, aos preconceitos e superstições como resultado da nova visão evangélica.

Numa carta escrita à Junta de Richmond em junho de 1896, o Dr. Z. C. Taylor disse que um irmão de um deputado federal tinha vindo recentemente do Estado do Piauí à Bahia, no desejo de fazer profissão de fé e batizar-se na presença de seu povo em Corrente. Depreende-se logo que foi o Cel. Benjamin. Falou ao Dr. Taylor do número avultado de pessoas convertidas em Corrente e que esperavam a vinda de um pastor para batizá-las numa igreja. Comprou e levou consigo uma grande quantidade de Bíblias e folhetos para distribuir entre o povo. Pediu ao Dr. Taylor que intercedesse a favor do seu povo e mandasse um casal de missionários para trabalhar no seu Estado, oferecendo êle e seu irmão, Dr. Joaquim (ainda não convertido), o salário para o mesmo.

OPOSIÇÃO

Pouco tempo depois desta visita do Cel. Benjamin à Bahia, no ano de 1897, a influência dos crentes começou a espantar os católicos e vieram os frades João e Henrique a Corrente para iniciarem uma campanha intransigente contra os protestantes e especialmente contra os livros, alegando que eram Bíblias protestantes e, portanto, falsificadas. Exigiram que o povo entregasse essas Bíblias juntamente com os Evangelhos para serem queimados. Ficaram admirados os crentes de que alguém pudesse exigir-lhes as suas Bíblias para a queima. Poucos entregaram os Evangelhos e o professor foi o único que partiu com a Bíblia. D. Margarida, prima do Cel. Benjamin, pediu ao padre local a Bíblia emprestada e os crentes, comparando as Bíblias com a do padre ficaram convencidos de que elas eram verdadeiras. Daquele tempo em diante a sociedade correntense ficou dividida em duas fileiras — católicos e protestantes.

Reuniam-se os crentes em casas particulares e continuavam o estudo da Palavra de Deus. Mais tarde o Cel. Benjamin e o Sr. Antônio Nogueira Paranaguá arranjaram uma casa na vila onde podiam pregar o evangelho pùblicamente e com regulari-

dade. O culto consistia principalmente no estudo bíblico. Usavam também como cantor os Psalmos e Hinos dos presbiterianos. Tudo isto se deu sem ser visitada a Vila de Corrente por qualquer evangelista, pastor ou missionário.

Fêz o irmão Jackson a sua primeira viagem evangelística pelo Vale do S. Francisco em 1901. Fêz uma boa série de conferências na cidade de Barra e batizou um môço. Pretendia visitar a Vila de Corrente, mas não conseguiu fazê-lo nesta ocasião.

Escreveu o Cel. Benjamin ao irmão Jackson, pedindo que êle fizesse uma visita a Corrente. Recebendo uma carta do missionário Jackson, marcando a data da viagem, o coronel escreveu aos seus parentes, pedindo que viessem para a reunião, trazendo seus amigos, mas completamente desarmados. Chegou o Sr. Jackson nos princípios de 1902 e estava realizando uma série de conferências, havendo batizado logo no segundo dia o Cel. Benjamin e depois mais 7 ou 8 candidatos, quando recebeu ordem do então delegado de Corrente que se "retirassem sem perda de tempo sob pena de serem postos fora a pau". Muita gente chorou em defesa dos seus direitos, mas o Sr. Jackson persuadiu a congregação a retirar-se a fim de evitar qualquer desavença. Retiraram-se para a casa do Cel. Benjamin, distante um quilômetro, onde o irmão Jackson continuou a pregar por três dias, batizando ainda mais 5 convertidos.

Nesta mesma viagem visitou o Sr. Jackson a cidade de Pôrto Nacional, a Vila do Bonfim e a Vila da Conceição, sendo bem recebido em tôda a parte e pregando a grandes congregações, não obstante a oposição forte dos jesuítas.

O Cel. Benjamin e o Sr. Antônio Nogueira Paranaguá continuaram a pregação do evangelho, e em 1903 começaram a construção de uma casa de culto que foi inaugurada por uma festa muito animada em 10 de janeiro de 1904.

ORGANIZAÇÃO DA IGREJA DE CORRENTE

Nos fins de 1903 o missionário Jackson regressou dos Estados Unidos ao seu trabalho com a sua espôsa D. Janette, estabelecendo residência em Santa Rita. Fêz uma nova visita a Corrente nos fins do ano, batizando 9 ou 10 crentes. No dia 10 de janeiro, por ocasião da festa de inauguração do nôvo templo, achou-se de nôvo em Corrente. Já tinha pregado uma semana e batizado diversas pessoas. Depois de pregar um sermão sôbre a missão da igreja, o irmão Antônio de Carvalho leu a declaração de fé das igrejas do Brasil. O Sr. Jackson leu então e explicou um lindo pacto que foi adotado pelos irmãos juntamente com a declaração de fé e o Nôvo Testamento como regra de fé

e prática da igreja. Assim se organizou a igreja com 25 membros. Foi nomeado e eleito para secretário o irmão Joaquim Nogueira de Carvalho e os irmãos Benjamin e Antônio Nogueira para diáconos. Joaquim de Oliveira foi escolhido para tesoureiro. No mesmo dia deu-se a inauguração do Colégio Correntino Piauiense sob a direção de Miss Juliete Barlow para as crianças de 4 a 10 anos. A professôra veio não sòmente a pedido, mas à custa daqueles irmãos.

Organizou-se uma boa escola dominical no mês de março. Fêz o irmão Jackson uma outra visita pelo Estado do Piauí e escreveu que tinha esperança de que a grande maioria do povo de Corrente se convertesse ao evangelho. Batizaram-se 46 pessoas no campo piauiense durante o ano de 1904. Ficaram animados não sòmente pelo número como também pela qualidade dos batistas sertanejos. Nos fins do ano, o irmão Benjamin fêz uma viagem evangelística em diversos lugares do Piauí, sendo bem recebido e levando um número avultado de pessoas ao conhecimento do bom Salvador.

Tornaram-se dizimistas muitos dos irmãos da Igreja de Corrente e no primeiro aniversário da organização da igreja tinham contribuído com oitocentos cruzeiros, uma boa quantia para uma igreja do interior, especialmente naquele tempo quando a moeda valia alguma coisa. O sermão oficial foi proferido pelo evangelista Benjamin e a festa foi bem concorrida, despertando o interêsse e ganhando o apoio do povo da vila.

No primeiro dia de 1905 organizou-se a Igreja de Santa Rita com 18 membros. Teve uma boa escola dominical com 50 membros e uma ativa sociedade auxiliadora de senhoras. O Pastor Jackson fiscalizou a construção do templo da Igreja de Santa Rita.

Fêz o missionário Jackson uma viagem evangelística pelo lado ocidental do Piauí, acompanhando por dois irmãos da Igreja de Corrente, pregando o evangelho em diversos lugares, vendendo muitas Bíblias e Testamentos. Visitou Barra, Campo Largo, Angico e vários outros lugares, evangelizando e batizando diversas pessoas. Disse no seu relatório que, se gastasse o ano inteiro viajando, podia apenas fazer uma visita ligeira aos lugares onde o trabalho já fôra aberto. O maior problema do campo era a vastidão do território e a escassez do povo.

No ano de 1906 o irmão Jackson viajou 1.920 km a cavalo e 1.200 km em vapor e de trem. Batizou 25 convertidos no seu território. Numa viagem a Goiás, pregou a auditórios de 500 ou mais pessoas, havendo mudado notàvelmente a atitude do povo para com o evangelho, devido ao trabalho eficaz do irmão Simeão Aires da Silva. Êste havia pregado em diversos lugares, à melhor assistência, composta das pessoas mais

cultas da sociedade. Visitou o missionário Jackson as cidades de Pôrto Nacional, Natividade, Prata, Duro e outros lugares, batizando 11 pessoas no Estado. Encontrou-se em Almas, com o Capitão José Lopes dos Santos, convertido pela leitura da Bíblia, sem ter visto um crente sequer. Deu um bom testemunho e recebeu o batismo.

Trabalhou assìduamente o pequeno grupo de senhoras crentes da cidade de Barra. A Igreja de Petrolina recebeu 9 membros e tinha muitos interessados.

Havia, no fim do ano, 130 crentes batistas no campo piauiense com 3 igrejas organizadas, muitos lugares abertos ao evangelho e diversas pessoas que pregavam a mensagem do evangelho com bons resultados.

CONVERSÃO DO DR. JOAQUIM NOGUEIRA PARANAGUÁ

Dou para a apreciação dos meus caros leitores mais um trecho da carta preciosa que recebi em 1925 do querido irmão Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá sôbre a sua conversão: "Tive oportunidade de ouvir o Sr. Jackson e de auxiliá-lo no combate à intemperança. A igreja prosperava. Ao terminar o meu mandato senatorial, com minha família fomos residir na fazenda Morros, muito isolada, pôsto que muito salubre. Eu e minha senhora, interessados em conhecer os ensinos de Jesus Cristo, iniciamos a leitura da Bíblia, muito cuidadosamente. Eu, até então, me considerava cristão ou católico romano. Minha mulher, sendo luterana, muito contribuiu para que estudássemos metòdicamente as Sagradas Escrituras. Depois de um ano de investigações, aproximadamente, observando a correção de proceder dos crentes, em Corrente, aproveitamos a vinda de Dr. E. A. Jackson a esta vila, para melhor nos esclarecermos sôbre o assunto, e alguns pontos em que não estávamos de acôrdo. O digno pastor nos fêz cair as cataratas que nos impediam de ver claramente a luz do evangelho, de sorte que, no mesmo dia, eu e minha espôsa nos convencemos dos erros em que laborávamos, e espiritualmente nos tornamos cristãos. O Dr. Jackson voltando ao Rio Prêto, Bahia, continuamos nós os nossos estudos e pouco tempo depois, em viagem para o Rio de Janeiro, fomos batizados nas águas do Rio Prêto, por aquêle pastor. Ao chegarmos à capital do Brasil, apresentamo-nos à Primeira Igreja Batista da qual era pastor o Pastor F. F. Soren, que muito tem trabalhado pela evangelização do Brasil.

"Pela transformação que se deu em meu ser, depois que me tornei sectário do cristianismo, posso afirmar que um nôvo homem me tornei, tal a modificação em mim realizada. Os sentimentos de ódio, inveja e cobiça desapareceram do meu cora-

ção; e um desejo intenso de melhorar as condições sociais e espirituais dos meus patrícios, em bem da dignificação de meu país, tornou-se predominante em meu coração."

PERSEGUIÇÃO

Levantou-se uma perseguição contra a igreja batista em Corrente, quando veio um cônego em caráter de bispo para destruir a obra evangélica. Fêz êle todo o possível para abafar o sentimento evangélico do povo, convidando o público para uma reunião na Igreja Católica, onde pregou violentamente contra os batistas e protestantes. Mandou ler na Igreja diante do auditório o capítulo 20 de Êxodo, de três versões diferentes da Bíblia, e com os seus sofismas dando prova da falsidade das Bíblias dos batistas. O coronel escreveu-lhe uma carta, pedindo oportunidade de discutir com êle a questão das Bíblias. O cônego respondeu com uma carta grosseira, mas dizendo que podia falar com êle na casa do vigário de Corrente. Ambos os irmãos Benjamin e Joaquim discutiram com êle a questão das Escrituras respondendo às perguntas do cônego. O padre usou de sarcasmo e falou com muita indelicadeza; seguiu-se uma discussão calorosa e havia presentes alguns padres embriagados dos quais alguns avançaram para agredir os batistas e o Dr. Joaquim Nogueira foi salvo de uma facada, por um amigo, Antônio Catingueiro, cuja espôsa o médico tratara. Terminou a discussão em grande desordem e terminaram também os esforços católicos de impedir o progresso do evangelho na Vila de Corrente. (1)

Distinguiram-se entre aquêle grupo de trabalhadores consagrados, pelo serviço fervoroso, perseverante e eficaz, os abnegados irmãos Coronel Benjamin Nogueira Paranaguá, Antônio Nogueira de Carvalho e José Francisco Paranaguá.

(1) Esta história da perseguição em Corrente, recebi dos lábios do prezado irmão José Francisco Nogueira Paranaguá.

CAPÍTULO XXI

O CAMPO PERNAMBUCANO – 1901 A 1906

Escreveu o Dr. Willingham da Junta de Richmond no princípio dêste período: "Tão ràpidamente progride a Causa no Brasil que os obreiros não podem acompanhar devidamente o movimento." Infelizmente, desde o princípio, os obreiros batistas eram poucos para a seara tão grande e tão branca para a ceifa. Em diversos lugares a Causa foi prejudicada pela abertura do trabalho prematuramente. Quando os obreiros não podiam cuidar de uma nova igreja, o seu fracasso era quase que inevitável, e em geral era mais difícil depois recomeçar o trabalho.

1901 — "UNIÃO BATISTA LEÃO DO NORTE"

O Dr. Ginsburg chegou a Recife em outubro de 1900. Entregou-se logo ao serviço evangélico e parecia competente para enfrentar a oposição que se levantava contra o campo pernambucano nesse período de prosperidade. Progredira a Missão sob os cuidados do missionário Entzminger e os inimigos estavam ficando incomodados com o progresso acelerado dos batistas. Continuavam a sua campanha encarniçada contra o evangelho, disputando a ferro e fogo cada palmo do terreno. O ano de 1901 se enchia de provas e impecilhos, mas foi assinalado por acontecimentos onde se podiam observar a bondade e a misericórdia divinas.

A boa Igreja do Recife, com 200 membros, era rica em obreiros zelosos e consagrados. O Rev. Pedro Falcão, consagrado em 7 de agôsto, era co-pastor da igreja e auxiliar do missionário, visitando, pregando e evangelizando em todo o campo. No seu relatório à Junta de Richmond o missionário louvou os diáconos Artur Lindoso, Major J. M. Falcão, Antônio Aristônico e José Pedro, pela consagração e atividade evangelística na igreja. D. Leonora era presidente da S. A. de Senhoras de Recife, que fêz um trabalho admirável, custeando as despesas do batistério que muito contribuiu para o interêsse e evangelização do povo.

O Sr. W. W. Robinson, um negociante do Estado de Alabama e sua distinta espôsa, cooperaram fielmente com a Igreja do Recife e na sua fábrica deram emprêgo a muitos irmãos perseguidos e boicotados por causa da sua crença. Ajudaram também na construção da nova casa de culto, presidindo a comissão de construção e contribuindo liberalmente para as despesas. Foi começado no princípio de novembro o nôvo templo.

A Igreja de Nazaré elegeu o obreiro João Borges da Rocha para pastoreá-la. Durante os momentos de descanso do seu trabalho num armazém de açúcar, o Pastor Borges dedicava-se ao estudo da Palavra de Deus, a fim de que pudesse pregar com aceitação o evangelho aos domingos. Embora ganhasse medíocre salário, tirava dêle o dízimo para ajudar no pagamento do aluguel da casa de culto em Timbaúba. Por alguns anos, dirigiu sàbiamente a Igreja de Nazaré, sendo chamado depois para o serviço de co-pastor da Primeira Igreja do Recife. Como escritor, polemista e pastor, o irmão Borges contribuiu fielmente para o desenvolvimento do trabalho em Pernambuco até à sua morte em 1922. Sua digníssima companheira de serviço, D. Maria, muito o ajudou no nobre ministério.

Mais de 30 pessoas foram batizadas na Igreja de Goiana, graças à atividade do diácono José Sabino Rodrigues "cuja vida sem mancha nem ruga e cuja consagração admirável o salientaram como verdadeiro herói da fé".

O diácono Joaquim Alves de Melo, de Timbaúba, Manoel Cavalcante, de Cachoeira, Inocêncio Frias, de Garanhus, trabalharam denodadamente para levar avante o trabalho nas respectivas igrejas.

O Rev. Lourival Câmara, pastor da Igreja de Natal, sofreu muita oposição dos inimigos, inclusive de alguns amigos antigos. Sendo professor público, não podia dar muito tempo ao ministério, mas permaneceu fiel em serviço abnegado à igreja.

Com êste grupo de trabalhadores consagrados e ativos, dirigido pelo missionário Salomão, a Missão prosperava cada vez mais. Começaram a deitar os alicerces de um trabalho maior. Nos dias 30 e 31 de dezembro de 1900 e 1 de janeiro de 1901, os pastôres e representantes das 9 igrejas do campo reuniram-se na primeira Igreja do Recife e organizaram a convenção *União Batista Leão do Norte*. Elegeram o missionário Salomão para a presidência; João Borges da Rocha, vice; J. M. Falcão, tes.; Emílio Kerr, 1º secr., e Artur Lindoso, 2º secretário. Pregou o sermão oficial o irmão Emílio Kerr. Esta organização despertou logo muito interêsse em tôdas as igrejas do campo. As igrejas contribuíram durante o mês de janeiro com Cr$ 144,00 para o auxílio de um seminarista e 90 e tantos cruzeiros para as viagens dos evangelistas do campo. Tal foi o entusiasmo da *União*, que se realizou a segunda reunião nos dias 4, 5 e 6 de abril, na igreja em Nazaré da Mata, apenas 3 meses depois da organização. A sociedade evangelizadora incumbiu-se da publicação do jornal *O Missionário*, escolhendo o Dr. Salomão como redator. Por alguns anos êste jornal contribuiu para manter o entusiasmo e a atividade missionária das igrejas. Fizeram um plano para penetrar cada vez mais no interior com o evangelho.

A Igreja do Recife projetou fundar um colégio batista e não tardou a executar o plano, pedindo auxílio da Junta de Richmond e fazendo propaganda para despertar o interêsse do povo.

A 16 de agôsto foi organizada a Igreja de Ilheitas com 35 membros, alguns dos quais pertenceram à Igreja de Cachoeira, desmembrada pela perseguição. Isto constituiu sinal de atividade para o inimigo, que no dia seguinte iniciou de nôvo a sua encarniçada perseguição, surrando os crentes e destruindo os seus haveres.

Em Garanhuns, a 12 de novembro, organizou-se uma nova igreja, sendo eleito pastor o Rev. Salomão Ginsburg. Ficou composta principalmente dos membros da família do incansável trabalhador, o irmão Inocêncio Frias. Poucos anos de vida teve esta igreja, mas ainda assim levou diversas pessoas a aceitarem o evangelho. Estas pequenas igrejas, de existência curta, não deixaram de contribuir para o progresso da Causa. Quando deixavam de existir, geralmente os membros mais ativos mudavam-se para outra igreja, como no caso de Cachoeira.

A 15 de novembro foi organizada a Igreja de Jaboatão, ato a que assistiram representantes das diversas igrejas do Estado e do Recife.

1902 — PERSEGUIÇÕES — SEMINÁRIO BATISTA

Os perseguidores continuaram a campanha de oposição, tentando impedir especialmente a propagação do trabalho em novos lugares. Com o avivamento da Igreja de Timbaúba, por uma série de conferências, e a atividade do Pastor Borges, os inimigos ficaram incomodados e recorreram ao seu modo principal de combater o evangelho. Na noite de 17 de abril, ao voltar para a casa de sua hospedagem, e ao atravessar um lugar tenebroso, o Pastor Borges foi traiçoeiramente assaltado por dois malfeitores, emissários do vigário. Perguntaram-lhe quem era e de onde vinha, e certos, pelas palavras do próprio Borges, que era pastor de Timbaúba, descarregaram suas pauladas na cabeça e nas costas dêle, deixando-o com muitas contusões e feridas.

Pediram os crentes que o govêrno tomasse providências e logo o vigário ficou responsável pelo que acontecesse e o Juiz de Direito deu garantias. O padre ficou com tanta raiva que foi acometido de um ataque de congestão, morrendo repentinamente em uma viagem para o Recife.

Poucos dias depois, em Iputinga, subúrbio de Recife, no início do culto, apareceu um grupo de perseguidores, alguns dos quais atrevidamente penetraram na sala. Um tinha na mão uma foice e com ela fêz um ferimento na cabeça do irmão Primo da Fonseca, que estava em pé na porta, prostrando-o em terra.

Outro, mascarado, trazia uma espada comprida com a qual deu no lampião, perto da cabeça do pregador Salomão, deixando a sala completamente escura. Ao acender um fósforo, o salão estava vazio, e o pobre Fonseca, caído na entrada da porta, gravemente ferido. A pedido do Pastor Dr. Salomão a política deu logo as garantias necessárias e o trabalho do ponto continuou com animação nas suas atividades.

Principiou auspiciosamente o ano de 1902. Em 25 lugares no Estado, pregava-se o evangelho com regularidade e na média de 50 pregações por semana. Realizavam-se os cultos em edifícios públicos, casas particulares e ao ar livre. As igrejas mantinham escolas dominicais, sociedades de senhoras e juvenis e os crentes zelosos trabalhavam assìduamente na evangelização pessoal.

A instalação do Seminário Batista (aula teológica) em Pernambuco, no primeiro dia de abril, foi um passo de grande alcance para o futuro. De fato foi o princípio do Seminário do Norte. A reunião foi realizada na residência do Rev. Salomão L. Ginsburg, no Caminho Nôvo, 106. Achavam-se presentes os missionários Salomão Ginsburg, Jefté E. Hamilton; o Rev. João Borges da Rocha, pastor da igreja em Nazaré; os diáconos Artur Lindoso, Antônio Aristônico e José Coelho da Silveira; os moços E. W. Kerr, Alfredo de Lima, Benevento Chaves, João dos Santos, Alcino Coelho, Nicodemos de Carvalho e demais membros da igreja no Recife. O Dr. Ginsburg presidiu a sessão e o irmão E. W. Kerr serviu de secretário. Depois do cântico de hinos apropriados, o missionário Hamilton fêz um discurso sôbre a chamada para o ministério. Falaram em seguida os irmãos Salomão, Lindoso, Aristônico e José Coelho. Foi evidentemente uma sessão jubilosa. O Pastor Dr. Salomão, que não ia falar, tomou da palavra a segunda vez e proferiu um discurso vibrante. Terminaram a reunião com o cântico do hino "Eis os milhões". [1]

Junto ao Seminário começou a funcionar um pequeno colégio para os filhos dos crentes. Foi esta aula literária o princípio do Colégio Americano, como a aula teológica o foi do Seminário.

Em março, foi realizada a reunião anual da convenção com a igreja no Recife, achando-se presentes 40 mensageiros, representantes das diversas igrejas. Ficou resolvido que se sustentasse um obreiro em Timbaúba, sendo escolhido para êste serviço o irmão Manoel Cupertino Sette.

A instalação do Seminário e o progresso dos arraiais batistas aparentemente despertaram a inveja dos presbiterianos e o Pastor Juventino Marinho publicou um folheto sôbre o batismo, referindo-se às "doutrinas diabólicas" e "satânicas" dos batistas. O Dr. Salomão replicou em têrmos e a discussão calorosa

---

(1) Ato da Instalação, **O Jornal Batista**, 25 de abril de 1902.

resultou na vinda de diversos crentes presbiterianos para a Primeira Igreja Batista.

A 15 de agôsto a Primeira Igreja celebrou o seu aniversário com uma festa jubilosa, na qual foi consagrado o irmão Jerônimo de Oliveira, ex-pastor da Igreja de Recife.

Nos fins do ano o Pastor Hamilton mudou para a cidade de Belém para tomar conta do trabalho no Estado do Pará e W. H. Canadá, um nôvo missionário, veio para ajudar no campo pernambucano e especialmente para tomar o lugar de Hamilton na direção dos destinos do nôvo Seminário. (2)

A 7 de outubro foi organizada no Recife *A Liga Contra os Protestantes,* cujo fim era aniquilar os crentes. Foi encarregado da funesta emprêsa o famigerado frei Celestino di Pedavoli. Levanta-se de nôvo o grito de "Bíblias Falsas". Alguns jornais da cidade abrem as colunas à discussão e o temeroso polemista Salomão aproveita o ensejo para defender a causa evangélica. O debate empolga tanto a católicos como a crentes e liberais que estão zelosos pela liberdade de pensamento e de crença. Aumenta grandemente a procura de Bíblias e em dois meses a Primeira Igreja recebe 39 membros.

1903 — QUEIMA DE BÍBLIAS

O ano de 1903 tornou-se o mais célebre, na história dos batistas pernambucanos, pelas discussões tempestuosas sôbre a queima de Bíblias, pelo Frei Celestino, no adro da Igreja da Penha. Os jornais da Capital Federal, do Recife e de outros lugares, entraram nas discussões e a questão chegou ao Congresso Federal. Notou-se então a maior manifestação da liberalidade do povo brasileiro desde a promulgação da liberdade religiosa na Constituição da República.

A atividade incansável do missionário Ginsburg provocou uma reação cada vez mais acentuada de seus oponentes. A passos largos os batistas ganhavam terreno e tornavam-se uma fôrça respeitável no Estado. À festa do sétimo aniversário da igreja em Nazaré concorreram o juiz de Direito, o promotor e outras autoridades, e muitas famílias de alta distinção.

A *Liga Contra os Protestantes,* dirigida pelo Padre Celestino iniciou a sua campanha vandálica pela queima de 214 Bíblias e porções bíblicas. O Dr. Ginsburg passou telegrama para o Rio e o assunto foi agitado no Congresso mas sem alarde. O padre ficou animado e continuou o movimento entre alguns católicos para não darem emprêgo aos evangélicos.

---

(2) Nada ou quase nada tinha feito Hamilton na direção do Nôvo Seminário, mas fôra nomeado diretor.

Escreveu o Dr. Salomão no seu relatório anual: "Foi um ano notável na história da nossa Missão. Começamos o ano com temor e tremor, enfrentando dilemas terríveis e não sabendo que desastre nos aconteceria de um dia para outro. A *Liga Contra os Protestantes* estava no auge da sua glória. E hoje contemplando as provas e conflitos, problemas e dilemas, dúvidas e dificuldades, podemos afirmar: *Até aqui nos ajudou o Senhor.*"

Apesar da oposição, o progresso foi notável. Houve 301 batismos nas igrejas da missão, que nesse tempo incluía o Estado de Alagoas. O missionário fêz três viagens ao interior animando as igrejas, evangelizando os incrédulos e batizando os crentes. Organizou novas igrejas no Estado de Alagoas. Mas a Igreja do Recife foi o centro de maior atividade. Mudaram para a nova casa, onde o Dr. Salomão pregou a congregações de 500 e 800 pessoas nos dias de batismo. A festa do décimo primeiro aniversário foi realizada na nova casa, embora ainda incompleta. Ficou parada a obra por algum tempo por falta de verba, mas mesmo assim a nova casa estimulou tôdas as atividades da igreja. A sociedade de senhoras esforçou-se com sacrifícios, para suprir as necessidades materiais da igreja. A sociedade juvenil continuou ativa e entusiasmada e a sociedade de moços manteve o trabalho de evangelização nos subúrbios da cidade. A igreja sustentou um evangelista no campo e uma professôra no colégio. Uniram-se à Igreja do Recife 85 pessoas durante o ano por batismo. As igrejas de Palmares, Cortês, Moganga e Pilar foram organizadas no correr do ano, mas os membros de Palmares mudaram-se para a Igreja de Cortês no mesmo ano, devido à oposição de outras denominações evangélicas que já ocupavam o lugar. Algumas das 14 igrejas do campo eram pequenas e fracas e pouco contribuíram para o progresso da Causa, mas êste número de igrejas com os seus 37 pontos de pregação, ofereceram aos pregadores zelosos e fiéis uma oportunidade excepcional de evangelizar o povo despertado e preparado pela discussão religiosa para ouvir a Palavra da vida eterna.

O missionário Canadá ainda lutava com o português quando tomou a direção do Seminário, mas seu progresso rápido na aquisição da língua, seu entusiasmo e amor ao trabalho do Seminário e a boa vontade dos alunos, bem como a cooperação das igrejas, contribuiu sensìvelmente para o bom sucesso da instituição. Os seminaristas aproveitavam as férias para trabalhar nas igrejas.

Animado com as organizações da *Liga Contra os Protestantes*, "santas missões" e com a complacência do povo liberal que tolerara com algum desgôsto a primeira queima de Bíblias, Frei Celestino di Pedavoli, incluiu no seu programa do segundo aniversário da *Liga,* marcado para o dia 27 de setembro, uma

nova queima de Bíblias. Mas, graças à discussão do assunto na imprensa, o povo estava melhor informado para compreender o atentado à liberdade de consciência, e à Constituição Brasileira que outorga direitos iguais a todos os credos, e houve uma reação valente contra a teimosia dos ultramontanos. A 20 de setembro, *A Província,* do Recife, publicou o programa ousado da *Liga* que "teve o efeito da mecha ao tocar o estopim". O povo ficou dividido em dois acampamentos, os ultramontanos e e os liberais. As discussões do assunto nas ruas, nos bondes e nos lugares públicos esclareceram para todos que estavam em dúvida, a afronta da *Liga anti-protestante* à Constituição do país. Assim muitas pessoas chegaram a compreender pela primeira vez que as denominações evangélicas têm os mesmos direitos constitucionais que os católicos.

O Dr. Ginsburg endereçou à imprensa do Rio e ao Congresso Federal o seguinte telegrama:

"Recife, 21 de setembro de 1903 — Domingo vindouro, Frei Celestino fará nova queima de Bíblias, presidindo bispo. Pedimos protestar ante a Nação selvageria indigna século e povo brasileiro atentaria pacto fundamental Nação."

A 22 o *Jornal do Recife* publicou o seguinte telegrama do Rio:

"Rio, 22 de setembro. — Na Câmara, o Sr. Germano Hasslocher ocupou-se do caso da queima de Bíblias na Igreja da Penha dessa capital estranhando que ainda se pratiquem tais atos de vandalismo, semelhantes atentados à liberdade de cultos e de crenças, custando a crer que isso se dê em Pernambuco.

"Confia, porém, que o govêrno local, entregue a um partido que se distingue por uma sábia e correta direção, evite a reprodução do vergonhoso fato.

"O Sr. Júlio de Melo, em nome da bancada pernambucana, respondeu ao deputado sul rio-grandense, dizendo que êle, bem como seus colegas de representação, não tinham conhecimento do fato senão pela leitura dum telegrama publicado na imprensa, garantindo, porém, que as autoridades de seu Estado saberiam cumprir seu dever diante do anunciado desrespeito à lei."

O Sr. Bispo de Olinda e Recife ficou incomodado com a publicação dêsse telegrama, e logo dirigiu ao *Jornal do Recife* uma carta explicativa, negando que tivesse ordenado a primeira queima de Bíblias e afirmando entre outras coisas:

"O programa da sessão da *Liga Contra o Protestantismo* diz que são presentes os exemplares falsos, destinados ao fogo, o qual será provàvelmente da cozinha."

Em resposta à carta do bispo o Dr. Salomão escreveu no *Jornal do Recife* uma réplica fulminante, citando-lhe o código

penal e dizendo: "Nós não exigimos mais de S. Excia. e dos outros jesuítas..." Imagine o desgôsto do bispo ao ler uma tal exigência do odiado pastor batista.

Depois de tudo isto no dia 25, proferiu o deputado pelo Rio G. do Sul, o Dr. Germano Hasslocher, um discurso vibrante sôbre a liberdade religiosa, falando tão precisamente como se fôsse pastor batista. O magnífico discurso reverberou em tôda a parte do país e naturalmente contribuiu para o esclarecimento das garantias da Constituição para a atividade livre dos evangélicos e as responsabilidades das autoridades públicas na proteção dêles da perseguição católica. Citamos apenas alguns trechos do discurso do Dr. Germano Hasslocher:

O DIREITO E O DEVER DE FALAR

"Não entro na apreciação, Sr. Presidente, dos têrmos em que se pronuncia o ilustre prelado de Olinda, apesar de estranhar a linguagem de S. Excia., linguagem que esperava fôsse mais consentânea com os princípios da religião que professa e prega.

"Mas, Sr. Presidente, se me levantei aqui, em nome dos princípios constitucionais que asseguram a plena liberdade religiosa, foi porque achava que era direito meu fazê-lo, tanto mais quanto a liberdade religiosa consagrada na nossa Constituição tem a plena garantia das nossas leis orgânicas.

"Nem seria possível a liberdade, se porventura o Estado, o Poder Público, não socorresse a todo momento essa mesma liberdade, quando ameaçada ou violentada."

ILUSTRANDO A NATUREZA DO CRIME DE QUEIMAR BÍBLIAS PÙBLICAMENTE

"Ninguém contesta, porém, que, se amanhã, em nome dessa mesma liberdade religiosa, eu praticasse o ato miserável e mesquinho de agarrar o símbolo da Igreja Católica, paramentos de um sacerdote e de com êles cobrir um boneco, que fôsse arrastar, em carola, através das ruas, para terminar por um *auto de fé,* ninguém deixaria de ver neste meu procedimento um atentado verdadeiramente revoltante contra princípios que a Constituição garantiu neste país."

O SR. BISPO DE OLINDA E A LIGA CONTRA O PROTESTANTISMO

"Estou quase a terminar o meu discurso, mas não o posso fazer, sem salientar o que afirma o ilustre bispo brasileiro, não porque tenha a preocupação de encontrar contradição na carta do Dr. Bispo de Olinda, mas para mostrar que, sem S. Excia. se aperceber, põe em evidência o grave perigo que denunciei,

denuncio agora e denunciarei a tôda a hora, de haver no seio da capital pernambucana se constituído um grêmio, um grupo, que tem por fim, não defender e trabalhar pela religião que professa, mas combater outras religiões dissidentes.

"Há, portanto, dentro dêste país uma liga contra o protestantismo.

"O SR. CELSO DE SOUZA — Há em Pernambuco.

"O SR. GERMANO HASSLOCHER — Há, segundo confirma o nobre deputado.

"Pergunto, porém, a todos os homens desapaixonados desta Câmara, em um país que diz: — tôdas as crenças religiosas são permitidas, o exercício de todos os cultos é garantido — pode-se permitir que se levante uma seita que se intitula *Liga Contra o Protestantismo,* para violar a Constituição, para combater aquilo que a Constituição garante?"

No dia seguinte o Sr. Celso de Souza, deputado de Pernambuco, respondeu ao discurso do Sr. Germano Hasslocher, ocupando-se principalmente na defesa com a eulogia do Sr. Bispo de Olinda e terminando o seu discurso com as seguintes palavras significativas:

"Não quero, Sr. Presidente, descer à análise de outras considerações feitas pelo honrado deputado a propósito dos negócios do Estado de que sou aqui representante; posso, entretanto, assegurar a S. Excia. que em Pernambuco sabe-se respeitar a lei e as autoridades sabem cumprir o seu dever."

Não obstante os protestos dos liberais e as promessas do nobre deputado, as Bíblias foram queimadas, não no adro da Igreja, mas na horta do convento. O Dr. Salomão endereçou para o Rio o seguinte telegrama:

"Congresso Nacional, Rio — Evangélicos Pernambucanos cordialmente agradecem protesto queima Bíblias. Domingo Frei Celestino queimou horta convento Penha 130 volumes bíblicos perante grande número pessoas, presidindo bispo."

A queima das Bíblias na horta do convento tècnicamente salvaguardou a Liga da violação do Código Penal, mas o povo pernambucano entendeu perfeitamente o desafôro e o insulto aos protestantes. João Barreto de Menezes e Sinfrônio Magalhães escreveram no *Jornal de Recife* um nobre protesto contra "a violação criminosa pelos ditos representantes do catolicismo". Tôda a imprensa do Recife tomou parte na discussão e diversos artigos de valor histórico foram publicados, entre os quais se salientaram os de João Barreto e Sinfrônio de Magalhães, Pedro D'Able e outros. A vitória dos batistas nessas discussões prolongadas, foi assinalada pelo aumento do seu prestígio e o seu progresso. Desde os discursos fulminantes de Rui Barbosa sôbre a questão religiosa de 1873 o ultramontanismo não sofreu maior

derrota que essa exposição, na Câmara dos Deputados, do seu espírito reacionário e desleal à Constituição Brasileira. A imprensa definiu-se, tomando o lado, em geral, da liberdade religiosa, e, portanto, o lado do evangelho que conquistou muitos amigos entre os liberais.

1904 — NOVA ÉPOCA DE PROSPERIDADE

Não resta dúvida nenhuma de que os excessos d'*A Liga Contra o Protestantismo* na queima de Bíblias contribuíram afinal de contas para o progresso da Causa do evangelho em Pernambuco. Pouco tempo depois a *Liga* morreu, mas os evangélicos, inspirados e animados pela grande manifestação da liberalidade dos pernambucanos, entraram numa nova época de prosperidade. Houve no campo, durante o ano de 1904, 250 batismos. A 1 de março reabriram-se as aulas do Seminário com um programa inspirativo. Depois da partida dos Ginsburg, no meio do ano, para os E.U., o Sr. Canadá adotou um plano sábio e prático para continuar as aulas do Seminário e ao mesmo tempo cuidar das igrejas do campo. Arranjou trabalho nas igrejas para os seminaristas; os irmãos Manoel da Paz, Cupertino Sette, Augusto Santiago, Gonçalo Freitas, Alcino Coelho e Eloi Correia. Êles trabalharam por um mês com as igrejas, e no fim do mês reuniram-se no Recife para uma semana de estudo. Assim o Seminário contribuiu para o desenvolvimento das igrejas, e a combinação de trabalho e estudo foi um treinamento ótimo para os seminaristas. Realizou-se a magna assembléia anual da *União Batista Leão do Norte* nos dias 12, 13 e 14 de maio, a qual entusiasmou as igrejas nas suas diversas atividades. Quase tôdas as igrejas do campo contribuíram durante o ano para o sustento do seu pastor, e nos quintos domingos ofereciam as coletas para o Seminário.

A Igreja de Ilheitas distinguiu-se pela sua atividade, zêlo e espiritualidade. Os membros, sem qualquer auxílio de fora, construíram uma boa casa de tijolos para os seus cultos. Houve na pequena igreja 24 batismos. O irmão Manoel G. Cavalcante trabalhou com as igrejas de Ilheitas, Outeiro e Moganga. Fêz um trabalho excelente e foi consagrado ao ministério a 20 de dezembro de 1905. Não sabia ler quando foi recomendado ao Seminário. Pela graça de Deus venceu muitos obstáculos e prestou um bom serviço às igrejas. Foi uma vez gravemente ferido numa severa perseguição na Igreja de Ilheitas.

Foram abertos novos trabalhos em Carpina, Jocara e Cabo, durante o ano. Apesar de muita oposição no princípio, uma igreja florescente foi organizada em Carpina nos princípios do ano e desde a organização os membros contribuíram com o dízimo. Um homem velho de Jocara convidou um dos pastôres

para o visitar e explicar-lhe o evangelho. Ao voltar, o pastor, algum tempo depois, o velho era crente fervoroso e tinha construído um batistério para o seu próprio batismo. Desde então prosperava o evangelho naquele lugar. Dois alunos de Timbaúba visitaram Cabo com a idéia de iniciar a pregação do evangelho no lugar. Ficaram desanimados e estavam saindo do lugar quando viram pela porta de uma casa um quadro na parede com um verso da Escritura, sinal de crentes. Quando se apresentaram à porta encontraram-se com batistas. Iniciaram a pregação do evangelho e no fim do ano havia 20 convertidos no lugar.

Assim se abriam de lugar em lugar novos pontos de pregação.

A saída do Dr. Salomão foi celebrada com muito júbilo entre os católicos que julgavam que êle tinha saído definitivamente do Estado. Encheram os seus jornais de hinos e canções de alegria. Mas esta alegria foi transformada, sem dúvida, em lamentação à volta do Judeu Errante a 5 de agôsto de 1905.

Nos fins do ano houve uma severa perseguição aos crentes em Cortês, chefiada pelo Padre Jerônimo d'Assumpção, cognominado "vagalume". Muitos dos membros foram dispersos e a igreja enfraquecida.

A perseguição persistente aos evangélicos levou o jovem Frade Piani, professor do Colégio Salesiano do Recife a investigar a causa da guerra aos protestantes. Adquiriu uma Bíblia e como resultado do seu estudo converteu-se e abjurou do catolicismo e na noite de 20 de outubro apresentou-se na igreja batista para fazer a sua profissão de fé em Cristo. Entrou logo no serviço evangélico e mais tarde fêz um curso brilhante no Seminário de Louisville, nos Estados Unidos, recebendo o grau de Dr. em Teologia. Ensinou por algum tempo a História Eclesiástica no Seminário do Rio, postoreando ao mesmo tempo a Igreja de Catumbi. Retornou mais tarde à América do Norte onde está trabalhando eficientemente entre os seus patrícios italianos como missionário da Junta de Missões Nacionais da *Southern Baptist Convention.*

A 20 de outubro organiza-se a Igreja de Gravatá com 17 crentes foragidos de Cortês sendo o Dr. Canadá eleito pastor. Há séries de conferências nas diversas congregações do Recife, acompanhadas de muito entusiasmo.

1905 — NOVAS IGREJAS — MAIS INFLUÊNCIA E PRESTÍGIO

Manifestaram-se, na cidade do Recife, em 1905, de maneira significativa para o futuro, os frutos de anos de atividade ingente e temerosa dos batistas pernambucanos. A 15 de novembro foi organizada a Igreja de Iputinga com 22 membros. Foi

eleito para pastoreá-la o pregador Antônio Marques, para secr. o irmão Artur Silva. Tomou depois nome de Igreja do Cordeiro. É a Segunda Igreja Batista do Recife. Antônio Marques, Manoel da Paz e Tiago de Araújo têm sido seus pastôres. A 8 de dezembro a Terceira Igreja do Recife, Gameleira, hoje Rua Imperial, foi organizada. Na festa magnífica tomaram parte além de muitos irmãos, o Dr. Canadá, os pastôres Borges e Sandes, e os seminaristas Tiago de Araújo, Manoel da Paz e o Prof. Piani. Manoel da Paz foi escolhido para pastorear a novel igreja. A Igreja da Rua Imperial possui um dos melhores templos do Norte, o qual foi construído durante o pastorado do Dr. A. N. Mesquita. Tem sido uma das mais prósperas igrejas no Brasil, dando origem a várias outras igrejas batistas. A Causa Batista no Recife com estas novas igrejas começou a manifestar mais influência, prestígio e poder.

Quatro dos seminaristas entraram no serviço pastoral: Manoel da Paz, Eloi Correia Cavalcante, Manoel Cavalcante e Augusto Santiago.

1906 — O COLÉGIO AMERICANO GILREATH

Deram-se durante o ano de 1906 diversos eventos importantes na história dos batistas pernambucanos. O campo abrangeu nesse tempo os estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco e Alagoas. Houve 15 igrejas e 18 pontos de pregação com 1.104 membros. Cinco pastôres consagrados receberam a maior parte do sustento das igrejas que pastoreavam. Realizaram-se 254 batismos durante o ano. O progresso fôra lento e gradual, mas firme e sólido. A causa batista ficou enraizada nas capitais de Natal, Recife e Maceió. Cada uma das três missões, Pernambuco, Bahia e Campos, já contava com mais de mil membros e a Missão Pernambucana estava na vanguarda; Bahia tinha maior número de pastôres e a Missão do Rio de Janeiro, com os seus 700 membros, venceu nas contribuições.

A par da atividade evangélica continua a perseguição. Na Freguesia do Ó, perto de Goiana, o irmão Manoel C. Lima foi brutalmente espancado pelos guarda-costas do chefe político local, e "dois chefes de família tiveram de abandonar seus lares, um com oito filhos menores, e outros crentes acham-se foragidos", diz uma notícia d'*O Jornal Batista.*

Desde 1902 o Dr. Canadá tinha dirigido uma escola literária junto ao Seminário para educação dos crentes e tinha havido muita propaganda para o estabelecimento de um educandário nos moldes evangélicos em condições de melhor servir à denominação. Neste ano foi fundado *o Colégio Americano Gilreath* no prédio da esquina da Rua Visconde de Goiana com o Parque Amorim, hoje dedicado ao Curso Primário do Colégio. O Dr.

Canadá foi o primeiro diretor, e o colégio ofereceu os cursos primário e secundário para os dois sexos, recebendo internos, semi-internos e externos. Aquela grande instituição, dirigida durante a maior parte da sua história pelo Dr. H. H. Muirhead e copiosamente abençoada por Deus, é geralmente reconhecida como um dos melhores colégios do Norte do Brasil. É incalculável o valor da sua contribuição à Causa evangélica.

A 19 de julho, o pastor da Igreja de Goiana, Eloi Correia, visitou o Engenho de Jardim, onde o Dr. Salomão havia batizado uma dúzia de crentes. Pelas suas atividades evangélicas já ganharam mais 22 pessoas, que devidamente examinadas, foram batizadas pelo Pastor Eloi. Manifestando o desejo ardente e boa vontade de trabalhar na Causa do Mestre, constituíram-se numa igreja e elegeram a sua diretoria, sendo Eloi Correia escolhido para pastor. Esta Igreja de Jardim, hoje Igreja de Lajedo, chegou a ser uma das melhores igrejas do interior do Estado.

O grande estadista brasileiro, Joaquim Nabuco, que tanto trabalhou para estreitar as relações de amizade entre o Brasil e os Estados Unidos, e era um dos principais fundadores do Congresso Pan-Americano, convidou o seu célebre amigo e grande estadista, Elihu Root, a visitar o Brasil. Era uma visita de interêsse ao Congresso que tanto empolgou os norte-americanos como os brasileiros. O Dr. Ginsburg aproveitou a ocasião para apresentar o Secretário do Estado aos evangélicos, como estadista e cristão. O fato de um homem como Elihu Root ser crente impressionou até àqueles que tinham a tendência de desprezar os evangélicos.

Vieram ao Brasil, como novos missionários, o Dr. J. W. Shepard e sua espôsa D. Rena Groover Shepard, chegando ao Recife no princípio de agôsto. O Dr. Shepard veio dedicar-se à educação e pouco tempo depois dirigiu-sse para o sul a fim de fundar o Colégio e Seminário Batista do Rio. Pelos seus escritos e discursos contribuiu muito para despertar o interêsse dos batistas na educação cristã, e seus elevados ideais de um grande educandário, embora não inteiramente realizados, tiveram uma influência transformadora no programa de educação dos batistas brasileiros.

O ano de 1906 foi caracterizado por uma atividade extraordinária na evangelização. Eloi Correia, Manoel da Paz, Manoel C. Cavalcante, Augusto Santiago, Antônio Marques, Canadá e Ginsburg, pastôres e pregadores do campo, imbuídos do espírito evangelístico, ficaram ainda mais animados com o entusiasmo evangélico do Dr. John R. Mott que visitou o Recife. Pregava naquele tempo *a evangelização do mundo nesta geração* e parece que os pioneiros de Pernambuco resolveram fazer a sua parte para atingir êste alvo.

CAPÍTULO XXII

O CAMPO ALAGOANO – 1901 A 1906

Fascinante é a história dos batistas alagoanos. A terceira igreja batista brasileira, na cidade de Maceió, foi pastoreada por alguns anos, pelo primeiro batista brasileiro, o ex-Padre Antônio Albuquerque. Ao escrever estas linhas, em 1936, é decorrido meio século da fundação da obra batista na metrópole alagoana. Não progrediu tão notàvelmente nas plagas alagoanas como em alguns outros estados do Brasil, mas a sua história, como já verificamos, encanta pelas aventuras e vitórias dos heróis da fé, as quais assinalam as bênçãos e a misericórdia de Deus.

Por alguns anos o trabalho sofreu, pela mudança freqüente de diretores. Foi dirigido no princípio, pelo Dr. Z. C. Taylor, da Bahia. Tornou-se depois independente, sendo dirigido por pouco tempo pelo Rev. José Aden. O Dr. Entzminger incluiu no seu campo de atividade diversos estados do norte, abrangendo Alagoas. Durante os anos de 1901 e 1902, o missionário Jefté Hamilton fixou residência em Maceió e dirigiu o campo independentemente de Pernambuco, com brilhante êxito. Com sua mudança para o Estado do Pará, Alagoas foi entregue novamente aos cuidados dos missionários Canadá e Ginsburg, de Pernambuco. A questão maçônica quase destruiu o trabalho e prejudicou a Causa por mais de uma década, e além destas dificuldades o pequeno grupo de batistas sofreu perseguições e a mesma qualidade de lutas travadas em outros arraias batistas.

1901 — NOVA VIDA

No início dêste período o missionário Jefté Hamilton dirigiu o campo e continuou na direção até dezembro de 1902, mudando-se para a cidade de Belém para ajudar a evangelização no grande Vale do Amazonas. Devido à independência do campo no princípio dêste período e as atividades extraordinárias sob a direção do Pastor Hamilton apresentamos a história num capítulo em separado, embora dirigido em Pernambuco, de 1902 a 1906.

O missionário Hamilton transferiu a sua residência para Maceió, em agôsto de 1900, aceitando o pastorado da única igreja então existente no Estado. Em setembro do mesmo ano, foi organizada a segunda igreja alagoana, em Rio Largo. O Pastor Antônio Marques fôra transferido da Bahia, em 1900,

para ajudar o dr. Entzminger, em Alagoas, e já se achava em Maceió, quando o missionário chegou . O Pastor Antônio Marques mudou-se em junho para Penedo, a segunda cidade do Estado e, em 15 de dezembro de 1901, organizou-se aí uma igreja com 8 membros, na casa da irmã Maria da Glória Hora. Nota-se, então, que a vinda dêstes dois irmãos iniciou um período de progresso.

Durante o ano de 1901, dezenove pessoas foram batizadas na Igreja de Maceió. A imprensa manteve uma campanha constante contra os evangélicos. Deduz-se dos relatórios dos missionários, que a guerra dos Estados Unidos com a Espanha teve o seu eco no Brasil e por algum tempo houve um receio, entre os brasileiros, do imperialismo ianque. Aproveitando êste sentimento, alguns jornais deram a perceber que os missionários eram emissários do govêrno norte-americano que assim se estava preparando para tomar o território brasileiro. Relativamente poucos brasileiros acreditaram nesta propaganda, mas a oposição ao trabalho em Alagoas tornou-se tão intensa e violenta, que o Sr. Hamilton publicou *O Cristão Brasileiro* para combatê-la. A distribuição era gratuita, sendo a tiragem de 3.600 exemplares. O jornal foi sàbiamente editado e teve efeito salutar, conseguindo o fim desejado. Apesar desta luta, houve um desenvolvimento geral no trabalho. A Sociedade Auxiliadora das Senhoras começou a crescer constantemente em fôrça e eficiência.

A Igreja de Maceió manteve uma escola anexa durante o ano, oferecendo ensino gratuito a todos os seus membros. Em julho organizou-se uma escola dominical que foi bem freqüentada. Depositaram no banco as ofertas da escola para serem usadas mais tarde na construção de uma casa de culto em Maceió. O missionário Hamilton publicou e distribuiu três folhetos. Todos os obreiros do campo reconheciam o valor da distribuição da literatura evangélica e se esforçavam nesta campanha. Diversos membros da igreja estudaram a fim de se tornarem aptos a melhor anunciar o evangelho. Houve 35 batismos no Estado, que contava com 126 batistas.

O trabalho progrediu nas novas igrejas de Rio Largo e Penedo. Em Rio Largo, uma senhora amiga da Causa, ofereceu um terreno à Missão e nêle foi construído o templo. Havia um grupo de 13 crentes em Atalaia, mas por motivo de prudência, não foi organizada igreja. Desenvolveu-se em liberalidade, zêlo, fervor evangelístico e espiritualidade.

1902 — PROGRESSO E PERSEGUIÇÃO

O missionário Hamilton mandou para a Junta de Richmond um animador relatório de Alagoas, para o ano de 1902. Verifica-

ram-se 94 batismos e, no fim do ano, as igrejas contavam 215 membros. Em comparação a outros campos, o progresso foi de fato maravilhoso, demonstrando a direção sábia e eficiente do Pastor Hamilton. Os batistas cresceram não sòmente em número, mas em graça, conhecimento e entusiasmo. A igreja sustentou a pregação do evangelho em diversos subúrbios de Maceió e em alguns pontos fora da cidade.

Em fevereiro, o Rev. Pedro Falcão mudou-se de Pernambuco para Maceió, a fim de trabalhar no norte de Alagoas. Esperava residir em uma das cidades do interior, mas quando o Sr. Hamilton fêz os planos para mudar-se para Recife por um período de 6 meses, (1) ia ficar Falcão como pastor da Igreja de Maceió e obreiro principal no norte do Estado. Em julho, a Igreja de Maceió escolheu o diácono Francisco Sandes para seu missionário, para trabalhar na cidade de Atalaia no interior. Deus abençoou os esforços no nôvo obreiro e três homens foram batizados, mas a perseguição que acompanhava as atividades batistas em Atalaia desde o princípio tornou-se cada vez mais violenta. Um grupo de mascarados entrou na casa durante o culto e quebrou todos os bancos, cadeiras e lâmpadas, proibindo a continuação dos cultos, sob pena de morte. Foi paralisado o trabalho e o irmão Sandes voltou a Maceió.

O Pastor Antônio Marques continuou o seu serviço fiel à Igreja de Penedo; batizou 9 convertidos, terminando o ano com 19 membros. Visitou e pregou o evangelho em diversos povoados do Vale do São Francisco.

A Igreja do Rio Largo quase acabou o seu templo começado no ano anterior. Contava 35 membros, 6 dos quais foram batizados no correr do ano.

A Igreja de Maceió continuou, com ótimos resultados, o sustento da escola anexa; a escola dominical foi ativa e eficiente; tôdas as reuniões da igreja foram bem freqüentadas e ela cooperava com as sociedades bíblicas para semear a boa literatura em tôda parte do Estado.

A 4 de dezembro, o Dr. Hamilton retirou-se definitivamente de Alagoas para tomar a direção do trabalho no Vale do Amazonas, chegando a Belém a 12 do mesmo mês. Como já vimos no estudo dêsse campo, êle mostrou-se um trabalhador destemido tanto no Pará como em Alagoas. Dois anos após sua retirada de Alagoas, a 4 de dezembro, morreu na cidade de Belém, vítima da febre amarela.

---

(1) **O Jornal Batista,** 28 de março. Depreende-se do conjunto de várias notícias do J.B. que a mudança de Hamilton para Recife não foi realizada.

1903 — ORGANIZAÇÃO DA IGREJA DE PILAR

Desde 1903 até o final do nosso período, o campo alagoano ficou aos cuidados dos irmãos de Pernambuco, que tiveram uma luta terrível com *A Liga Contra o Protestantismo* e ao mesmo tempo tiveram que lidar com a questão anti-maçônica dentro dos seus próprios arraiais. Mas o campo alagoano não foi inteiramente negligenciado. Era visitado 4 vêzes, pelo Dr. Salomão, durante o ano de 1903.

Foi organizada pelo Pastor Pedro Falcão, no dia 25 de dezembro, a Igreja de Pilar com 16 membros demissoriados da Igreja de Maceió. O Rev. Pedro Falcão foi eleito pastor da nova igreja e o Sr. Martins Ferreira Lemos, em cuja casa foi realizada a organização, foi consagrado diácono. O missionário Salomão escreveu no seu relatório que conhecia todos os irmãos e que eram sinceros e fiéis e, portanto, tinha muita esperança no trabalho em Pilar.

Diversas influências estavam se operando em prol da liberdade, segundo o relatório do Dr. Salomão, e o campo todo tornava-se cada vez mais favorável ao evangelho. O redator de um dos jornais de Maceió era batista e publicava tôdas as notícias que lhe enviavam.

As igrejas de Rio Largo e Penedo, continuavam firmes e prósperas. A Igreja de Penedo, situada à foz do Rio São Francisco, na segunda cidade do Estado, era considerada importante na evangelização do interior. Parece, todavia, que não correspondeu à alta expectativa dos obreiros do campo.

1904 — PRINCÍPIOS DE DISSENÇÕES

Segundo o relatório do missionário W. H. Canadá para o ano de 1904, o Estado de Alagoas estava aberto ao evangelho, mas havia apenas dois pastôres e dois evangelistas para aproveitarem a seara branca para a ceifa. A Igreja de Maceió estava bem organizada para trabalhar com sua boa escola dominical, sociedade ativa de senhoras e comissão zelosa de evangelização. Houve 50 batismos durante o ano. A nova Igreja de Pilar, sob os cuidados do Rev. Pedro Falcão, progrediu admiràvelmente. Era muito espiritual, sendo todos os seus membros dizimistas. Houve muitas contendas na pequena Igreja de Penedo e, como resultado, a minoria excluiu a maioria e o Pastor Antônio Marques exonerou-se, mudando-se para Maceió. A pequena Igreja de Rio Largo, entusiasmada no serviço do Mestre, estava prosperando e esforçando-se para construir uma casa de culto.

1905-1906 — A QUESTÃO MAÇÔNICA

No seu relatório do ano de 1905, escreveu o missionário Ginsburg: "No Estado de Alagoas o trabalho estava prosperando de um modo maravilhoso, prometendo para breve, seu sustento próprio. Infelizmente um pastor presbiteriano anti-maçônico visitou Maceió, deixando aí plantada a semente do espírito jesuíta e farisaico, de forma que o trabalho foi dividido, em dezembro, e está sofrendo bastante."

O movimento anti-maçônico iniciou-se no Recife em 1900, dirigido por um grupo de outra denominação. Depois de um período agitado, o grupo tornou-se tão barulhento, que foi excluído da Primeira Igreja do Recife e assim o problema para os batistas pernambucanos ficou resolvido. A questão maçônica havia dividido a denominação presbiteriana em 1903, ficando, assim, o grupo anti-maçônico inteiramente independente de qualquer auxílio da Missão Presbiteriana da América do Norte. Não há dúvida, portanto, que o espírito de nacionalismo muito agravou a situação nos arraiais batistas também. Os próprios missionários contribuíram para isto quando decidiram retirar o auxílio, caso a igreja recusasse revogar o que deliberara relativamente à maçonaria. Era natural, então, que a igreja respondesse com o agradecimento pelo auxílio que tinha recebido da Missão. É fácil compreender como o trabalho batista alagoano quase ficara naufragado por êste movimento.

Pela limitação de espaço não podemos historiar o movimento nos seus pormenores. Basta dizer que apenas 17 dos 240 membros da Igreja de Maceió e mais ou menos metade dos membros das outras igrejas ficaram com a Missão. A Causa evangélica perdeu o seu prestígio e o povo a confiança na religião protestante. Êste estado de coisas permaneceu por alguns anos. O missionário R. E. Pettigrew e o Pastor Almeida Sobrinho conseguiram estabelecer, em 1909, bases de confraternização entre os dois grupos de igrejas. Seguiu-se um período de cooperação harmoniosa que resultou na fusão completa das igrejas, em janeiro de 1910.

Apesar do prejuízo causado pela divisão, o movimento salientou para os batistas o valor da sua democracia e a independência da igreja local. Nem tôdas as igrejas batistas brasileiras reconhecem o alcance da independência da Igreja Batista. Acontece às vêzes que, quando uma igreja, ou grupo de igrejas batistas, deixa de cooperar com a denominação adota o título de *independente* quando de fato é sempre independente. Estas são de fato igrejas *dissidentes* e só podem manter a sua *dissidência* na base de *desfraternização.*

Apesar dos problemas que surgiram do ambiente católico, tem sido maravilhoso o progresso das igrejas batistas brasileiras quanto à compreensão e a aplicação dos princípios democráticos do Nôvo Testamento. Não é a democracia batista que contribui para a dissidência, como dizem, mas sim a falta de compreensão desta democracia é que causa as dificuldades. É difícil entre os batistas evitar êsses movimentos dissidentes que sempre prejudicam a Causa, mas depois de passar a tempestade, fica mais profundamente arraigado o espírito de democracia.

O trabalho que progredira tão ràpidamente em tôda a parte do campo no princípio de 1905, segundo as notícias do Pastor Pedro Falcão n'*O Jornal Batista,* ficou paralisado pelo movimento anti-maçônico e resta pouco a relatar dos anos de 1905 e 1906. Mas a pequena igreja de 17 membros que ficou aos cuidados do Pastor Pedro Falcão, continuou a crescer, segundo as notícias *n'O Jornal Batista e,* no fim do ano de 1908, chegou a 62 membros.

CAPÍTULO XXIII

CAMPO BAIANO, 1901 A 1906

Eram poucos os trabalhadores para tomar conta do trabalho florescente no Estado da Bahia durante êste período. Com as 9 igrejas e 516 membros em 1901, havia apenas três pastôres nacionais. No princípio do ano, o Rev. T. C. Joyce mudou-se para a cidade do Salvador e foi convidado para pastor da Primeira Igreja.

O campo entrou num período de progresso espantoso, especialmente do ponto de vista da evangelização. Lutava heròicamente com o problema do sustento próprio e do desenvolvimento de obreiros. As igrejas sofriam por falta de cuidado pastoral. Empolgados pelo trabalho de evangelizar, semearam além do que podiam ceifar e evangelizaram mais do que podiam treinar. Aberto o trabalho no Estado do Espírito Santo, sob os cuidados da Missão Baiana, o campo tornou-se mais vasto e a perspectiva mais brilhante.

1901 — NÔVO PLANO DE COOPERAÇÃO

A Primeira Igreja progredia sob o cuidado pastoral do Sr. Joyce, realizando batismos quase todos os domingos. Êle tomou o lugar do Dr. Otoni no Colégio Americano Egydio e como professor serviu profìcuamente. O Rev. E. A. Jackson residia na cidade de Alagoinha, visitando o interior da Bahia e penetrando nos estados de Piauí, Maranhão e Goiás. Estava fora de casa quase todo o tempo, levando três ou quatro meses em cada uma destas longas viagens, ficando dias em casa antes de partir de nôvo. Muitas cidades e povoados do vasto interior ouviram o evangelho pela primeira vez, por meio do pioneiro Jackson. Batizou 20 pessoas durante o ano.

Continuou o irmão Domingues no serviço de colportor, e até maio o Pastor João Batista dirigiu a Igreja de Canavieiras. Mudou-se então para a cidade da Bahia, onde trabalhava no seu ofício de funileiro e evangelizava aos domingos. As outras igrejas foram servidas por um dos seus membros com a orientação e auxílio do Dr. Taylor. O Pastor Queirós pela sua desenvoltura e abnegação tinha levado avante o trabalho em Conquista desde o princípio, com admirável sucesso. Recebia todo o seu ordenado da igreja. Organizou a Igreja de Jequié, perto de Conquista, com 18 membros e foi escolhido para seu pastor.

O nôvo plano adotado pelo Dr. Taylor de deixar de empregar ou pagar qualquer pastor nacional, estava em operação.

Assim procurava responsabilizar os brasileiros pelo trabalho pastoral das igrejas, e evitar os problemas que surgiam do emprêgo de pastôres pela Missão. O ideal do plano era bom e com certas modificações necessárias foi em parte realizado e contribuiu para o progresso da Causa. Aprendeu-se pela experiência que é perigoso adotar qualquer plano que porventura possa impedir a orientação do Espírito Santo; que nem tôdas as igrejas têm pessoas idôneas entre os seus membros para o serviço pastoral; que pastôres experimentados teriam que passar necessidades se dependessem sòmente das igrejas novas para o seu sustento. O Pastor João Batista, por exemplo, teve que deixar o pastorado da Igreja de Canavieiras, onde prestara bom serviço, a fim de ganhar a vida na Bahia pelo trabalho de funileiro. Era também quase impossível manter uma escola bíblica para o treinamento dêsses pastôres.

Felizmente, reconhecendo o Dr. Taylor os piores defeitos nos seus planos, não hesitou em fazer algumas modificações. A própria convicção da chamada para o ministério era mais relevante para o serviço pastoral do que a escolha pela igreja. A Missão não podia deixar de contribuir com alguma coisa para ajudar aos pastôres abnegados que não recebiam o suficiente das igrejas que pastoreavam. Não obstante tudo isto, a propaganda da idéia de que os brasileiros tinham que aceitar a incumbência de evangelizar a pátria, que deviam orar a Deus que enviasse obreiros para a seara e que as igrejas não podiam recuar diante da responsabilidade de sustentar os seus pastôres, contribuiu notàvelmente para o progresso da Causa.

Era de fato o princípio de uma nova época para o campo. Um movimento semelhante manifestava-se em todos os campos mais desenvolvidos. Os missionários, nas suas cartas e nas suas reuniões, acentuavam a necessidade de tomarem os brasileiros maior parte na evangelização da pátria.

A Sociedade Missionária continuou o sustento de um evangelista durante o ano todo. Cooperou também na evangelização pela imprensa, publicando artigos nos diários e distribuindo literatura evangélica.

O Colégio Americano Egydio matriculou 125 alunos de diversas classes sociais e pagava a 7 dos seus professôres. Contribuiu muito para a evangelização e ganhou prestígio para os batistas. Três môças do colégio foram batizadas e dedicaram a vida ao serviço do Mestre. O Colégio mantinha as mais cordiais relações com o govêrno. O superintendente da instrução pública mandava ao diretor do colégio notícias das reuniões dos professôres públicos, das leis do departamento e pedia informações

e relatórios do colégio. Não houve nenhuma perturbação do culto na Igreja da Bahia desde o estabelecimento do Colégio. O poder e a influência desta instituição cristã, estabelecida por um brasileiro, acentuava para os batistas o grande valor e a necessidade imprescindível de um bom programa de educação cristã. Escreveu o Dr. Taylor: "Estamos orando para que Deus nos envie um educador cristão para dirigir o colégio e fazer dêle um grande poder para o reino de Deus."

O colégio cristão desenvolve o caráter e engrandece a personalidade do indivíduo, despertando o sentimento de responsabilidade pessoal e tornando os alunos aptos a tomar o seu lugar no govêrno e na sociedade. Os colégios batistas brasileiros têm, portanto, uma grande missão. O seu auxílio na evangelização do povo e o treinamento de obreiros cristãos justificam amplamente a sua razão de ser. Mas os ideais cristãos que os nossos colégios transmitem pelo seu ambiente e pelo caráter do seu ensino, têm uma influência de valor incalculável no desenvolvimento da individualidade e independência dos alunos que nêles estudam. A independência no pensar é por natureza favorável ao evangelho.

Um incidente significativo no desenvolvimento do trabalho foi um convite recebido pelo Dr. Taylor para visitar um povoado no interior do Espírito Santo e batizar umas vinte pessoas. Não podendo aceitar imediatamente o convite, três ou quatro dos crentes foram desviados por um pregador herético.

1902 — PROGRESSO NO INTERIOR

Por causa do seu precário estado de saúde, os irmãos Z. C. Taylor e espôsa retiraram-se nos fins do ano, voltando à terra natal para um período de descanso, assumindo o Pastor Joyce a direção do campo durante a ausência dêles. Continuou o trabalho na marcha acelerada de progresso, com 197 batismos, aumento de 57 sôbre o ano anterior.

A 9 de março foi organizada uma nova igreja na cidade do Salvador, no lugar denominado Cruz do Cosme, pelos pastôres João Gualberto Batista e T.C. Joyce. O Pastor João Batista presidiu a sessão e Joyce pregou o sermão oficial. Com cartas demissórias da Primeira Igreja, 23 pessoas entraram como fundadoras da Segunda Igreja da cidade, escolhendo para pastor o Pastor João Batista. Até o fim do ano entraram mais 8 pessoas por batismo.

Dirigida pelo pastor ativo e zeloso, Antônio T. Queirós, a Igreja de Conquista aumentou a sua casa de culto e no fim do ano contava 105 membros e a igreja filha, de Jequié, contava uns 20 membros. Além do seu trabalho pastoral, o Pastor Queirós

dirigiu uma escola anexa para os filhos dos crentes. Havia apenas três anos que êste pioneiro da fé tinha viajado cem léguas do interior para a cidade da Bahia, a fim de se batizar, e 6 meses depois voltou à mesma cidade para ser ordenado ao ministério. Lá no interior, onde nenhum pregador estrangeiro tinha penetrado, êste soldado do Senhor desenvolveu neste curto espaço de tempo, duas igrejas e uma escola para a educação do povo.

O missionário Jackson continuou seu trabalho no vasto interior da Bahia, Goiás e Piauí, recebendo a maior parte das despesas da sua viagem dos irmãos que batizou, tendo assim sustento próprio, desde o princípio.

Um grande herói da fé, Francisco José da Silva, tinha trabalhado no Estado do Espírito Santo por algum tempo, e um grupo de crentes clamava por um pastor para ministrar-lhes a ordenança do batismo. O Rev. E. A. Jackson acedeu ao pedido e ficou dois meses pregando, evangelizando e batizando, recebendo do alto copiosas chuvas de bênçãos. Batizou 76 pessoas. Houve uma grande bênção do Espírito Santo e homens e mulheres foram convertidos a despeito da constante perseguição.

1903 — SEIS NOVAS IGREJAS, TRÊS NOVOS PASTÔRES, DUAS NOVAS CASAS DE CULTO

No ano de 1903 a causa batista no campo baiano manifestou novos aspectos de poder e influência. Até o início dêste último período, as igrejas dependiam muito da Missão. Quando lhes foi cortada a maior parte do auxílio da Missão, era natural que elas ficassem desanimadas no princípio, mas gradualmente aprenderam pela experiência e prática, a relevância do govêrno e sustento próprio. As igrejas achavam-se mais alegres e ativas na sua maior independência. Consagraram três pastôres durante o ano e construíram duas casas de culto. Receberam um pouco de auxílio para construção em Sto. Antônio, mas muito pouco para o sustento de pastôres. Às vêzes, depois de consagrado um pastor, a igreja atrasava com o seu sustento e o pobre pastor tinha que ocupar-se em outros misteres ou mudar-se. Notando esta fraqueza no seu plano, o Dr. Taylor resolveu socorrer tais igrejas em vez de contribuir diretamente para o sustento do pastor e assim fazia para chamar a atenção ao dever das igrejas para com o seu pastor. Estas ficaram incumbidas também da evangelização do seu próprio distrito, para que o missionário e os evangelistas da Sociedade Missionária ficassem livres para abrir trabalhos em novos campos.

Voltou o casal Taylor para o seu trabalho no princípio do ano, disposto e animadc com a perspectiva prometedora das

igrejas do seu campo. O Pastor Jackson fêz uma viagem de uns seis meses ao seu torrão natal, tendo bons resultados não só para o trabalho, como também para a sua própria felicidade. Casou-se com a distinta e consagrada Sra. D. Janette Beasley, uma companheira idônea e preparada para ajudá-lo no trabalho árduo da evangelização no interior, onde gastaram a maior parte da sua vida de serviço. O missionário Jackson levantou uns setecentos dólares nos EE. UU. e comprou uma lancha a vapor para o trabalho no São Francisco. Na sua volta com a espôsa, o trabalho do interior entrou num período de desenvolvimento que infelizmente durou poucos anos, devido à mudança dos Jackson para o Estado do Espírito Santo.

Seis novas igrejas foram organizadas durante o ano, sendo três destas no Estado do Espírito Santo. A 29 de março organizou-se no interior da Bahia a Igreja de Nova Laje, com 13 membros, pelos pastôres André Corsino de S. Batista e Z. C. Taylor. Um dos membros, João Isídoro, foi convidado para pastor da nova igreja e ao mesmo tempo consagrado ao ministério. A Igreja de Castro Alves foi organizada a 20 de setembro pelo Pastor André Corsino, com 18 membros, unindo-se, logo depois, mais 8. No mês de dezembro foi organizada a Igreja de Genebra, pelo Pastor Taylor, com 12 membros, um dos quais foi eleito *dirigente de cultos*. O irmão Laurindo Mota foi eleito e consagrado pastor da Igreja do Pé da Serra.

Matriculou, o Colégio Americano Egydio, 140 alunos, das melhores famílias da cidade, entre os quais se achavam filhos do chefe de Polícia, de um ex-ministro do Império, dos professôres da escola de medicina e outros empregados públicos. Apenas três dos oito professôres recebiam auxílio da Missão. Mrs. Taylor e Miss Goolsby trabalharam àrduamente e com muito sacrifício para o colégio, pois deve-se o progresso desta boa instituição principalmente ao amor, interêsse, capacidade e eficiência destas duas consagradas senhoras.

Visitou o Dr. Taylor o Estado do Espírito Santo, onde o evangelista Francisco José da Silva tinha trabalhado por alguns anos e o Pastor Jackson batizara 76 pessoas. Dêstes batizados, o Dr. Taylor, Dr. Dunstan e Francisco José da Silva organizaram três igrejas.

Numa noite escura, na viagem para o interior, o cavalo em que o Dr. Taylor montava caiu de uma ponte de cinco metros de altura. O Dr. Taylor recebeu um grande ferimento na cabeça e perdeu muito sangue. Depois de chegarem ao destino o companheiro Dunstan, teve de se levantar diversas vêzes durante o resto da noite, a fim de dar-lhe água para estancar a sêde, causada pela perda de sangue. Levou um mês para sarar o ferimento. Numa viagem anterior, um burro que carregava dois

caixotes de Bíblias escorregou e caiu de uma altura de dez metros. O viajar por alguns dêstes caminhos escabrosos era perigoso.

O Dr. Taylor fêz cinco viagens ao interior num período de cinco meses. Penetrou numa região longínqua do Estado, onde ninguém tinha anunciado o evangelho. Foi bem recebido e teve o privilégio de pregar em teatros, edifícios públicos, hotéis e casas particulares. Terminou o ano com 18 igrejas sob a direção da Missão, 8 pastôres, 201 batismos e 964 membros.

1904 — PRIMEIROS PROBLEMAS DE GOVÊRNO E INDEPENDÊNCIA

Diminuiu o número de batismos, no ano de 1904, para 163, devido em parte ao fato de o missionário Taylor ter estado 4 meses no Rio, editando *O Jornal Batista* e não podia visitar diversas igrejas que não tinham pastôres. Construíram três novas casas de culto. Por alguns anos o missionário deu ênfase à construção de templos para as igrejas do seu campo. O trabalho se desenvolvia tão ràpidamente que o pequeno grupo de pastôres não podia dar conta do serviço. A condição espiritual das igrejas estava longe do que devia ser, devido à pouca atenção que um missionário podia dar às 21 igrejas, segundo o relatório do Dr. Taylor. Alguns dos irmãos consagrados pelas igrejas evidentemente tinham que abandonar o serviço pastoral depois de algum tempo, não evidenciando, assim, os predicados de pastor. Seria fácil censurar a orientação do trabalho, nesta época, se o historiador estivesse disposto a fazê-lo, mas, considerando o trabalho árduo do missionário, suas muitas responsabilidades, seu amor e sacrifício pelo trabalho e o fato de que os problemas surgiram principalmente do próprio progresso da Causa, não podemos afirmar que qualquer outra orientação tivesse logrado melhores resultados.

É admirável o serviço de alguns dos pastôres sem preparo e treinamento. "A maioria dos nossos pastôres e obreiros brasileiros estão se esforçando e lutando com os primeiros problemas de govêrno e independência", escreveu o Dr. Taylor no seu relatório para 1904. Pouco podiam contribuir as igrejas para o sustento dos pastôres. Portanto, tinham que ganhar a vida durante a semana e pregar o evangelho aos domingos. Um pastor era funileiro, outro lavrador, outro sapateiro e assim por diante. Não obstante os obstáculos e problemas, o campo contava com 21 igrejas, 9 casas de culto e 1.071 membros.

O trabalho do Colégio foi prejudicado pela peste bubônica, em conseqüência matriculando apenas 114 alunos. Ganhava prestígio todos os anos para o nome batista. Mrs. Taylor e Miss

Goolsby continuavam a servir com o mesmo carinho e desvêlo, mas com algum sacrifício de suas fôrças físicas.

O Rev. E. A. Jackson visitou diversas cidades, por intermédio de sua nova lancha a vapor e outras a cavalo. Batizou 46 pessoas. O trabalho progredia entre os sertanejos. Alguns membros das igrejas do interior se distinguiram pela qualidade e eficiência do seu serviço na pregação do evangelho.

A florescente Igreja de Conquista, dirigida pelo arrojado Pastor Queirós, construiu um templo espaçoso para os cultos e outra para o pastor. Houve uma transformação espiritual na vida dos 150 membros daquela boa igreja.

A sociedade missionária empregou um trabalhador no Estado do Espírito Santo por seis meses; um, no sudoeste da Bahia, por dois meses e outro, na cidade da Bahia, por quatro meses; todos três fizeram um serviço consoante ao esfôrço e à confiança da sociedade.

1905 — CISMAS, PROBLEMAS, PROGRESSO

Batizaram-se, no correr do ano de 1905, 211 pessoas no campo baiano. Organizaram-se 4 igrejas, consagraram-se 2 pastôres e construíram-se 2 casas de culto. As 24 igrejas do campo contavam com 1.009 membros. Cem membros da Primeira Igreja da Bahia acompanharam o Pastor Joyce numa divisão daquele grêmio, deixando a minoria com o nome da Primeira Igreja. Saíram 70 membros duma igreja no Espírito Santo para unirem-se aos darbistas. Os presbiterianos tomaram conta de um campo onde os batistas tinham um trabalho prometedor. Devido a estas três causas houve diminuição no número dos batistas do campo, não obstante o número avultado de batismos.

O Rev. D. L. Hamilton chegou em fevereiro. Os Jackson moravam em Santa Rita e organizavam o seu campo. Os Reno se estabeleciam na cidade de Vitória e o Pastor Pettigrew dirigia uma das congregações no subúrbio da Bahia.

Houve um avivamento espiritual na Igreja da Bahia, iniciado por uma série de conferências dirigidas pelo Dr. Deter. Batizaram-se 34 pessoas num período de 8 meses. Dezesseis membros levaram cartas demissórias da Bahia para organizar a Igreja de Petrolina.

Os trabalhadores da Sociedade Missionária, A. T. de Queirós, F. José da Silva e Horácio d'Almeida, fizeram um trabalho brilhante. Um batizou 31 pessoas e o outro 43. Os irmãos Reno, Taylor, Jackson e Pettigrew, Isídoro Cândido Pereira, André Corsino de Souza Batista e Manoel Celestino de Carvalho, fizeram viagens proveitosas durante o ano. Estabeleceram pontos de pregação no sul de Pernambuco e no norte de Minas.

O campo era grande e os trabalhadores poucos para as 24 igrejas e muitas congregações. Fervoroso como era o Dr. Taylor no trabalho de evangelização, ficou desanimado com os problemas que surgiram entre os membros pouco treinados. Escreveu no seu relatório: "Ganharíamos muito, se nutríssemos o primeiro amor e entusiasmo dos novos convertidos, guiando-os em novos campos de serviço ao seu alcance. Em outras palavras, não basta plantar. Precisamos cultivar. Estamos precisando agora de pessoas idôneas para ensinar os membros das nossas igrejas. Um ministério preparado é um poder. Uma classe treinada nos traria muito prestígio e progresso. Nós, batistas, não devemos ser os últimos a reconhecer o poder desta alavanca. Por esta razão pedimos que a Junta nos envie quatro ou cinco professôras para ensinar e evangelizar."

Por sete anos o missionário Taylor tinha evangelizado na zona de Canavieiras, com ótimos resultados. Havendo entrado num acôrdo com os presbiterianos, na divisão do Estado, êle ficou profundamente entristecido pela violação dêste acôrdo pelo pastor presbiteriano, o Rev. W. A. Waddell. Escreveu n'*O Jornal Batista* de 20 de abril de 1905: "Durante o ano passado entraram aí alguns presbiterianos e foram à pista dos trabalhos batistas, chamando pastôres presbiterianos para ali, um após outro, até o número de três, aspergindo homens e crianças até 29, e tal foi o zêlo de aspergir as crianças que chegaram a pedir filhos de crentes batistas, dizendo aos interessados que batistas e presbiterianos era tudo o mesmo, e o Pastor Waddel, para provar sua asserção, ofereceu submergir no Rio Pardo qualquer que assim o preferisse, e na minha volta à Bahia, soube que o pastor presbiteriano, Marinho, procurava aqui refutar a imersão. Êste proselitismo tem causado grandes dissabores aos crentes e amigos dos batistas, visto que há anos trabalhamos naquele campo quando tão perto, ao norte e ao sul, há cidades em que nunca alguém pregou.

"Por 20 anos, com os pastôres Blackford e Kolb vivi em perfeita paz, sem divisão do campo; mas, com a chegada do Pastor Waddell, foi proposta a divisão e em pouco violado o acôrdo, como acima se vê, sendo o mesmo dissolvido, trabalhando cada um onde quer; portanto, pode-se esperar que se trave em todo o Estado da Bahia discussões sôbre o que é batismo. Pode ser que traga luz e bem, afinal."

Não nos traz nenhum prazer registrar êste infeliz incidente. Por outro lado, é motivo de satisfação o encontrarmos raramente tais incidentes em nossa história. É verdade que os batistas são pouco dispostos a entrar em acôrdos de cooperação com outras denominações. Isto é devido, em parte, às convicções inabaláveis das doutrinas que os distinguem e que êles devem

pregar, porque Cristo os incumbiu desta responsabilidade, e porque o mundo precisa saber das doutrinas puras do Nôvo Testamento do ponto de vista dos batistas. Mas têm aprendido por muitas experiências o inconveniente de tentar cooperar oficialmente com outras denominações. Com a independência absoluta da igreja batista local, é bastante difícil conseguir a cooperação que almejamos, mesmo entre os próprios batistas.

Em 2 de outubro foi organizada a igreja na Fazenda de Felícia, perto de Canavieiras, pelo Pastor A. T. Queirós.

1906 — AGITAÇÃO RELIGIOSA — INTERÊSSE NO EVANGELHO

Ano após ano, alargava-se o campo baiano e aumentava a responsabilidade do trabalho. Não obstante o aumento do número de missionários e obreiros nacionais, êstes não podiam cuidar das muitas igrejas espalhadas no grande território. Verificaram-se quase 300 batismos no ano de 1906, a organização de 6 novas igrejas e a consagração de 2 pastôres, dando um total de 30 igrejas e 1.300 membros.

A igreja organizada pelo Pastor T. C. Joyce, em 1905, conseguiu construir sua casa de culto, graças à irmã Elinore Mueller Assis que lhe emprestou 12 mil cruzeiros para êste fim. Mais tarde esta consagrada professôra fêz uma contribuição à igreja, de 3 mil cruzeiros.

O Brasil atravessava um período de agitação religiosa. Nunca houve oportunidade tão áurea para evangelizar o povo brasileiro. Com o progresso dos evangélicos, os padres perdiam o prestígio e influência e em tôda a parte o povo ouvia com interêsse o evangelho. Infelizmente, êste espírito de agitação e revolta penetrava nas denominações evangélicas. Os presbiterianos, não podendo conseguir coesão das duas denominações unidas, dividiram-se oficialmente sôbre a maçonaria, e a mesma questão perturbava os batistas, especialmente no campo alagoano.

Batizaram-se 75 pessoas na cidade de Salvador, organizaram-se duas novas igrejas nos subúrbios e foi aberto um ponto de pregação em outro bairro da cidade.

O Pastor João Izídoro foi chamado do interior depois da morte de João Batista. O Rev. A. Marques veio de Pernambuco em setembro e foi empregado pela Missão até o fim do ano. O obreiro Manoel Ignácio Sampaio foi consagrado ao ministério a pedido da Igreja de Sto. Antônio. O missionário Pettigrew morava em Belmonte e cuidava das igrejas naquela zona, fazendo uma viagem ao Estado de Minas. Também substituiu o Rev. A. B. Deter no Rio enquanto êste visitou a Bahia e Pernambuco no interêsse d'*O Jornal Batista*. O Sr. Jackson continuou o seu

trabalho no interior e o Pastor D. L. Hamilton tomava conta do Colégio e Escola Bíblica. Chegou à Bahia uma nova missionária, Miss Genevieve Voorheis.

As Igrejas de Valença, Alagoinhas, Areia, Amargosa, Petrolina e Vargem Grande ficaram sem pastôres e pouco ou nenhum progresso fizeram. A Igreja de Conquista dividiu-se, chamando a maioria outro pastor. Jequié fêz algum progresso. Casca ficou sem pastor e decresceu. Rio Salsa sofreu a invasão dos presbiterianos. Genebra consagrou o seu pastor, Vitorino Pereira.

O trabalho em Olhos d'Água progrediu ràpidamente. O evangelista Alexandre de Freitas, sustentado pela Sociedade Missionária, batizou 88 convertidos e organizou 2 igrejas. No dia 10 de junho foi organizada a igreja em Olhos d'Água como 16 membros, sendo convidado para pastor o Rev. Alexandre de Freitas. A 19 de agôsto foi organizada a Igreja do Arroz Nôvo, com 42 membros, sendo escolhido pastor o irmão Alexandre.

Foi fundada neste ano uma organização de grande alcance, a U.M.B. Prepararam-se distintivos em côres e emblemas brasileiros e uma abundância de literatura apropriada.

Encontra-se n'*O Jornal Batista* de 30 de março a seguinte notícia:

"Do irmão Henrique do Nascimento Gonçalves recebemos comunicação de ter sido organizada em 11 do p.p. a *União da Mocidade Batista* da Bahia, para a qual foi eleita a seguinte diretoria: Pres., João Ferreira de Matos; vice-pres., Ismênia Moreira Costa; 1º secr., Isaías Pereira de Almeida e secr.-correspondente, Henrique do Nascimento Gonçalves. Esta sociedade é moldada pelas congêneres bem conhecidas nos Estados Unidos, e tem por fim desenvolver a mocidade cristã de nossas igrejas na fé e trabalho cristãos, proporcionando-lhes estudos bíblicos, cultivo de música, especialmente sacra, e preparo para o ministério. Para isso vai tratar de arranjar uma biblioteca, que forneça bons livros e jornais, organizar reuniões religiosas e pregações ao ar livre, e também efetuar reuniões sociais compatíveis com os princípios cristãos. Para atingir o máximo de utilidade conta e pede à sociedade adesão de tôdas as igrejas batistas do Brasil, as quais poderão eleger representantes com os quais o secretário-correspondente se possa corresponder no interêsse comum. Deseja-se que a sociedade exista em tôda a parte com o mesmo nome, constituição e distintivos. A constituição e os distintivos serão em breve vulgarizados. Os interessados deverão dirigir-se ao secretário-correspondente, Henrique do Nascimento Gonçalves, Rua do Colégio, 32, Bahia."

Como se vê, o trabalho da Missão sofreu por falta de pastôres e missionários para cuidar das igrejas organizadas, mas houve muito progresso na evangelização. Era mais empolgante o

trabalho nôvo do que o cuidado das igrejas antigas, especialmente quando estas ficaram desanimadas e enfrentavam problemas internos que prejudicavam a sua espiritualidade e progresso. Quantas igrejas batistas no Brasil progrediram admiràvelmente no princípio da sua história para mais tarde ficarem sem pastor ou com pastor incapaz de manter a unidade e progresso da igreja! Alguém disse que a solução de todo o grande problema é uma pessoa. A maior necessidade do trabalho evangélico não só no Brasil como em todo o mundo e em todo o tempo é: trabalhadores idôneos e preparados para o serviço.

No dia 29 de junho faleceu na cidade da Bahia, com 54 anos de idade, o querido irmão Rev. João Gualberto Batista. Foi o primeiro homem batista convertido na Bahia. Tinha pastoreado diversas igrejas e viajado muito como evangelista. Era pastor da Igreja da Bahia e presidente da Sociedade de Missões quando faleceu. Escreveu o Dr. Taylor: "Deus me honrou em tê-lo guiado a Cristo; batizei-o, consagrei-o ao ministério, casei-o, trabalhei com êle 23 anos e por fim enterrei-o. Graças a Deus por sua vida, e graças a Deus por uma morte tão bela."

É quase incrível o progresso do campo baiano durante os anos de 1901 a 1906. Principiou o ano de 1901 com 9 igrejas, 3 pastôres nacionais e 516 membros. Terminou o período com 31 igrejas, 1.300 membros e 11 pastôres nacionais, incluindo o trabalho do campo espírito-santense, recentemente organizado em campo separado. Na Bahia houve 24 igrejas, dez pastôres e 1.161 membros. No período de cinco anos dobrou-se o número das igrejas e o número de membros. Cresceu de 160 por cento o número das igrejas e o número dos membros 180 por cento.

CAPÍTULO XXIV

O CAMPO VITORIENSE ATÉ 1906

PRIMEIRAS TENTATIVAS

Quando assistiu à reunião dos missionários em casa do Dr. W. B. Bagby no Rio, no ano de 1892, o Dr. Salomão foi incumbido de visitar a capital do Estado do Espírito Santo, tendo em vista o plano de mais tarde, logo que o tempo parecesse oportuno, abrir trabalho no Estado. Aceitou logo a incumbência e chegou a Vitória no tempo de carnaval e distribuiu às multidões nas ruas muitos folhetos, mas o povo tomou o seu trabalho como brincadeira de carnaval, pedindo mais alguma coisa dêle. Chegando numa praça, o incansável pregador Salomão aproveitou a ocasião para anunciar o evangelho a uma grande multidão que a princípio ouviu com respeito e interêsse. Mas alguém envenenou a mente dos ouvintes que começaram a mudar de atitude. O pregador continuou com a sua mensagem, sem dar atenção à atitude hostil. Finalmente alguém atirou um punhado de lama que lhe atingiu exatamente o rosto. Êste ato provocou o riso de todos e daí houve grande confusão. Felizmente naquele momento o chefe de Polícia, que o Dr. Salomão em viagem encontrara no vapor, veio ao seu encontro e o conduziu ao hotel, onde ficou durante a noite. No dia seguinte vendeu muitas Bíblias e outros livros, sendo que a melhor classe da população lamentou o ocorrido do dia anterior. O missionário Salomão deu o parecer de que o evangelho seria bem recebido no Estado.

Naquele mesmo ano de 1892 a Missão do Rio mandou o obreiro José Alves para abrir o trabalho na cidade de Vitória. Segundo os relatórios anuais do Dr. Bagby, êste irmão pregou com êxito o evangelho a muitas pessoas na cidade e diversas famílias ficaram interessadas na *nova religião*. Trabalhou durante o resto do ano de 1892 e 8 meses do ano seguinte. Se houve alguns convertidos, não consta nos relatórios da época.

Mas os batistas não se esqueceram do campo. Em 1898 o Dr. Bagby fêz uma visita à cidade de Vitória, pregando o evangelho na casa de um batista norte-americano, do Estado de Geórgia, o Sr. Meriwether. Era um daqueles raros negociantes no estrangeiro que não se esquecia das responsabilidades cristãs. Muitos brasileiros distintos ouviram o evangelho nessa ocasião. Recebeu o Dr. Bagby dos irmãos Meriwether e amigos do evangelho mais que o suficiente para pagar as despesas da sua viagem do Rio.

O Sr. Frederico Glass, batista independente e colportor de uma das sociedades bíblicas, fêz uma viagem prolongada de Ouro Prêto a Vitória. Não conseguimos saber ao certo a data dessa viagem, mas foi feita antes da chegada do pioneiro Francisco José da Silva. Nessa viagem o Sr. Glass foi roubado em seus animais de carga que trazia, sofrendo ainda outros prejuízos no caminho. Apesar disso êle distribuiu Bíblias, Novos Testamentos e outra literatura às pessoas com quem se relacionava.

FRANCISCO JOSÉ DA SILVA

No ano de 1894, veio à cidade da Bahia, de uma distância de 150 km do interior, um môço modesto, para ser batizado pelo Dr. Z. C. Taylor. Êle ouvira o evangelho dos lábios daquela heroína batista, D. Archimínia Barreto, que naquele tempo era professôra no lugar. Mais tarde foi à cidade de Vitória onde trabalhava durante a semana como modesto artista-alfaiate, dedicando os domingos ao serviço de Jesus, pregando o evangelho, distribuindo literatura e solicitando assinantes para o jornal, *O Eco da Verdade,* publicado pelo Dr. Taylor, na Bahia.

Foi empregado mais tarde para trabalhar no interior do Espírito Santo com um grupo de agrimensores. O primeiro grupo acabou o seu serviço e veio outro. O superintendente precisava de um secretário e o Sr. Francisco foi recomendado como trabalhador competente e fiel, mas era *protestante devoto*. O nôvo engenheiro aceitou o môço e em pouco tempo êle e tôda a família eram crentes em Jesus. Aparentemente calado e tímido, Francisco persistia no serviço modesto e heróico de anunciar aos amigos, vizinhos e conhecidos a bênção da salvação que tinha recebido de Deus.

Quando terminou o serviço de funcionário público, tinha economizado dinheiro suficiente para comprar um animal e pagar por algum tempo as suas despesas de viajar e trabalhar como colportor e pregador do evangelho. Viajava muito, falando, pregando e ensinando, apesar de não ser homem de letras. No ano de 1901 escreveu ao Dr. Taylor, pedindo que viesse ao campo para batizar 8 candidatos.

Quando o Dr. Taylor ia comprar bilhete para a viagem recebeu telegrama aconselhando que adiasse a viagem devido à perseguição que os crentes estavam sofrendo.

Enquanto se deu esta demora, um dos candidatos para o batismo uniu-se aos espiritistas, e outro veio ao irmão Francisco, pedindo fervorosamente que lhe administrasse a ordenança. No princípio o evangelista recusou, porque não era consagrado ao ministério. Voltou o crente depois de ter examinado a Bíblia e, insistindo em que não tinha achado coisa alguma em o Nôvo Tes-

L. M. Reno e esposa

Francisco José da Silva

[illegible] Fernando V Drummond e esposa

tamento que proibisse o leigo de administrar a ordenança, o irmão Francisco imergiu o homem e então escreveu ao Dr. Taylor, confessando que tinha errado contra a própria vontade. O incidente revelou o êxito do trabalho do irmão Francisco como evangelista e a necessidade urgente de ajudá-lo na organização do trabalho.

A VISITA DO MISSIONÁRIO JACKSON

No mês de maio de 1902 veio o missionário Ernesto Jackson, do Estado da Bahia para batizar as pessoas evangelizadas pelo irmão Silva. Reconheceu logo a verdadeira grandeza do trabalho que o obreiro Francisco tinha feito. O pioneiro da fé dedicado ao serviço do amado Salvador não tinha cessado as suas atividades ingentes, cujos frutos demonstravam o carinho e desvêlo do seu espírito. Não se desanimava e não se cansava quando poucos frutos colhia dos seus muitos esforços. No Baixo Guandu trabalhou três anos, vendo apenas a conversão de uma família. Enquanto estêve empregado na Vila Afonso Cláudio, sempre pregava aos domingos o grande amor de Jesus, visitando também o Firme e ali anunciando as Boas Novas de salvação. Quando se converteram, no lugar, umas 20 pessoas, levantou-se contra êle uma cruel perseguição. Tinha semeado a palavra em diversos lugares e ela já estava dando muito fruto. Em Santa Joana o pioneiro missionário Jackson batizou 4 pessoas, vindas do Firme, de uma distância de 10 léguas, porque recearam que o missionário se retirasse sem ir ao Firme. Ficou 9 dias para uma série de conferências evangelísticas e batizou mais 5 pessoas, uma delas, o irmão Antônio Alves Rangel com a espôsa e 2 filhos. Chegando ao Firme examinou e batizou 24 pessoas em um dia. Dirigiu diversas conferências evangelísticas tão bem concorridas que em Santa Joana, Firme e Vila Afonso Cláudio, batizou 71 crentes professos. O irmão Francisco plantou, o missionário Jackson regou e Deus deu o crescimento. Consta que o Pastor Jackson batizou 5 pessoas nessa viagem, em Argolas ou Vitória, mas não foi possível verificar esta conclusão dos documentos, a não ser pela declaração de que batizou 76 pessoas na viagem e que 71 destas foram batizadas nos outros lugares. Escreveu no seu relatório: "Ainda não me foi permitido presenciar tais cenas de regozijo no Brasil. Fiquei com uma afeição tão entranhável por êstes irmãos, que tinha pena de apartarme dêles sem lhes dar mais instrução."

Embora vilipendiado e perseguido, o esforçado obreiro Francisco José da Silva continuou fielmente o seu trabalho de evangelização, visitando diversos lugares novos e encontrando em tôda parte amigos do evangelho. Em Vila e em Firme conti-

nuaram as pregações e em outubro êle deu a notícia n'*O Jornal Batista* de 10 pessoas preparadas para o batismo nesses lugares. Na cidade de Vitória, o colportor Odilon A. de Farias pregava ao pequeno número de crentes que ali existia. Veio, enviado da Sociedade Missionária da Bahia, no mês de novembro, o Pastor Alexandre de Freitas, para trabalhar três meses no Estado do Espírito Santo, mas dirigiu 6 conferências e batizou 2 pessoas em Vitória e voltou à Bahia pelo Rio, não podendo arranjar passagem diretamente para o norte por causa da peste bubônica. O irmão Manoel Rodrigues Trindade Júnior, que depois de aceitar o evangelho mudou o nome para Manoel Rodrigues Ramos, trabalhou também nesse tempo como colportor. Com a data de 7 de agôsto deu o Dr. Z. C. Taylor notícia *n'O Jornal Batista,* de 7 batismos em Vitória e a boa perspectiva do trabalho, havendo concorrido para isso o bom serviço do irmão José Claro. O trabalho em geral se foi estendendo em muitos lugares. Além das pessoas já mencionadas, os colportores Bento de Souza e Silva, João Jorge de Oliveira, Pedro Sebastião Barbosa e o evangelista Horácio Almeida, fizeram visitas ao campo e semearam a palavra da Vida em diversos lugares.

ORGANIZAÇÃO DE IGREJAS E CONSAGRAÇÃO DO PRIMEIRO PASTOR

Vieram ao Estado do Espírito Santo no mês de agôsto de 1903 os missionários Z. C. Taylor e A. L. Dunstan a fim de organizar os recém-batizados em igrejas do Senhor para continuar a boa obra de evangelização. Foram gentilmente hospedados por alguns dias em casa do Coronel Ramiro de Barros, em Vila Afonso Cláudio. O Rev. Z.C. Taylor pregou uma noite, estando presente o Dr. Juiz de Direito, Promotor, Delegado e mais pessoas da vila. Graças à prudência do Coronel Ramiro, o evangelho estava gozando liberdade e até aceitação.

Em Firme pregaram 3 dias e noites e batizaram 9 pessoas, sendo rebatizado o homem que no seu zêlo constrangeu o evangelista Francisco a batizá-lo em 1901. A Igreja do Firme foi organizada pelos missionários Taylor e Dunstan, com 60 membros. Na mesma ocasião êles consagraram o dedicado obreiro Francisco José da Silva ao ministério e o irmão José da Silva ao diaconato.

Saudosos, saíram para Santa Joana, onde ficaram 5 dias pregando e evangelizando. Ali batizaram 8 pessoas e organizaram a igreja com 17 membros. Foram hospedados em casa do irmão Manoel Gonçalves e visitados por muitas pessoas da vizinhança e tudo correu com perfeita tranqüilidade. O Rev. Francisco da Silva foi escolhido para pastor dessas duas igrejas.

Chegando a Vitória, pregaram o evangelho em casa do irmão José Claro, batizando na ocasião 5 crentes. Dois dias depois, a 2 de setembro, organizaram a Igreja de Vitória com 13 membros. Assim, nos meses de agôsto e setembro de 1903, foram organizadas as 3 primeiras igrejas batistas no Estado do Espírito Santo com 90 membros, e o primeiro pastor brasileiro foi consagrado ao ministério.

Nos princípios de novembro de 1903 o Pastor Francisco recebeu e batizou 9 convertidos em José Pedro, Ipanema. O subdelegado procurou impedir a pregação do pastor, porém, foi feita, não obstante as artimanhas dos diversos inimigos da Causa.

O trabalho batista no Estado do Espírito Santo foi iniciado e desenvolvido por irmãos vindos do Estado da Bahia, com uma visita ou auxílio de quando em quando do Rio. Por isso o campo ficou agregado à Missão Baiana até à vinda do missionário L. M. Reno e espôsa D. Alice, e por alguns meses depois.

OBREIROS OBSCUROS

Nota-se no estudo da história do trabalho batista brasileiro o valor inestimável do serviço dos irmãos e das irmãs das igrejas na evangelização, na abertura do trabalho em lugares novos e nas suas muitas atividades no desenvolvimento das igrejas. Alguns dêstes irmãos era analfabetos, pobres e modestos, como a irmã Felicidade, de Pernambuco, ou a irmã D. Januária Costa, da Igreja da Tijuca, no Rio, mas inteligentes e distintas, sabendo testificar do poder do evangelho e levar almas ao conhecimento de Cristo. Outros tinham mais preparo, que dedicavam completamente ao serviço do Salvador, pregando, evangelizando, ensinando, viajando e escrevendo, dedicando-se ao glorioso mister de estabelecer o reino de Cristo no Brasil. Outros ainda dedicavam o seu dinheiro, a sua posição de influência na sociedade ou dons intelectuais ao serviço do Mestre. Os nomes de diversas destas pessoas se encontram nesta história, com algumas notícias da sua atividade, mas é impossível contar a história do serviço de todos ou estimar o valor da sua contribuição. A saudação do Apóstolo Paulo na carta aos Romanos, dirigida a Pérside pode servir de biografia de muitos dos nossos irmãos cujos nomes não aparecem neste livro: "Saudai à estimada Pérside, que muito trabalhou no Senhor."

Desde o princípio até o presente destacou-se um número avultado de obreiros no Estado do Espírito Santo. O Dr. Reno no seu livro, *Reminiscences 25 Years in Vitória, Brazil* menciona os nomes de muitos dêles. Um dêsses irmãos que deu muitas notícias do trabalho n'*O Jornal Batista,* foi o Sr. Manoel Rodrigues Ramos. Foi um dos pioneiros que muito trabalharam no Senhor.

Entre os obreiros e evangelistas voluntários, nesses primeiros anos, é de justiça mencionar o dedicado irmão José Gonçalves Aguiar, que veio mais tarde a ser consagrado ao ministério e que ainda serve a algumas igrejas como pastor.

O APÓSTOLO DO ESPÍRITO SANTO

O Rev. Francisco José da Silva, depois da sua consagração ao ministério, alcançou grande sucesso como pastor e evangelista, fazendo novos discípulos, batizando e ensinando e abrindo trabalho em novos lugares. A 21 de março de 1904 deu notícia n'*O Jornal Batista* de 15 batismos desde o princípio do ano. Em abril visitou a Vila de Rio Nôvo e foi bem recebido, dirigindo 5 conferências, no salão de um hotel, que foram bem concorridas, assistindo representantes da sociedade seleta do lugar, ficando diversos interessados. Não poupou esforços e continuou estas viagens de evangelização, sendo geralmente bem recebido, em tôda a parte, sabendo conquistar a simpatia e a boa vontade do povo pela gentileza, abnegação e amor. Chegou a ser conhecido como *o apóstolo do Espírito Santo.*

A ORGANIZAÇÃO DA IGREJA DE RIO NÔVO

A 20 de novembro de 1904 foi organizada a Igreja de Rio Nôvo pelo Pastor Francisco José da Silva. Chegou o Pastor Silva no dia 16, tendo viajado 3 horas debaixo de chuva incessante. No dia 18 batizou 8 candidatos que entraram na organização com os irmãos Manoel Rocha, Luiz Barbosa de Almeida e Fernando Drummond, fazendo um total de 11 membros. Ao ato assistiu o nôvo missionário L. M. Reno. O Sr. Francisco foi eleito pastor; o irmão Fernando Drummond, tesoureiro e o irmão Luiz Barbosa de Almeida, secretário. Assim esta boa igreja entrou na sua bem-aventurada carreira, tornando-se mais tarde uma das igrejas mais fortes do Brasil. Talvez não haja em todo o Brasil uma igreja que tenha exercido mais influência cristã na sua vizinhança imediata que esta Igreja de Rio Nôvo. Transformou o ambiente daquela zona e forneceu ao Estado do Espírito Santo e ao Brasil um bom número de obreiros e pastôres distintos que vêm prestando um serviço de valor inestimável a Deus e à pátria. O pranteado Pastor José Drummond, filho da igreja, deu alguns anos de serviço eficiente à Causa Batista antes de ser chamado para a sua eterna recompensa. Os talentosos e bem preparados pastôres, Vitorino Moreira e Samuel Scheidegger, jovens que honram o ministério batista são filhos queridos desta boa igreja. O Dr. Almir Gonçalves converteu-se na Igreja de Rio Nôvo e batizou-se em Cachoeiros. É um dos

obreiros mais proeminentes não só do Estado do Espírito Santo como de todo o Brasil, redator e escritor de várias obras importantes, pastor esmerado, professor de nomeada, trabalhador prodigioso, espírito apurado e nobre, homem de conceito na Denominação.

O diácono Drummond tornou-se tão eficiente na pregação do evangelho que depois de pouco tempo foi ocupado pela Igreja de Rio Nôvo, 15 dias por mês, no serviço de evangelização. Mais tarde foi-lhe oferecida posição com a Companhia da Estrada de Ferro com o ordenado de quinhentos cruzeiros por mês, bom dinheiro naquele tempo. Preferiu aceitar o cargo de evangelista no seu Estado, recebendo no princípio apenas cento e vinte cruzeiros. Foi consagrado pela Igreja de Rio Nôvo e dedicou-se ao serviço de evangelizar os seus patrícios. Por 37 anos êle e sua dedicada espôsa, D. Altina, uma verdadeira heroína da fé, têm trabalhado no serviço do Senhor. Êste nobre casal deu à Denominação uma família de filhos distintos que honram o seu nome e a sociedade batista brasileira.

No dia 25 chegou o ex-vigário, o Rev. Hipólito de Campos, a Rio Nôvo para dirigir uma série de conferências evangelísticas. Os inimigos dos batistas dirigidos pelo Padre *Salvador de Vita*, fizeram um esfôrço extraordinário para impedir o trabalho do Sr. Hipólito. Cêrca de 50 pessoas invadiram a casa do Sr. Manoel Rocha, onde se hospedava o ilustre visitante, e intimaram-no a retirar-se da cidade dentro de 24 horas. Protegido pelas autoridades do lugar, o Sr. Hipólito dirigiu as conferências que despertaram muito interêsse no evangelho.

Não encontramos notícia da organização da Igreja de José Pedro, mas depreende-se de outras informações que esta igreja foi organizada pelo Pastor Francisco nos fins do ano de 1904.

L. M. RENO E D. ALICE

Loren M. Reno nasceu em 17 de junho de 1872 em New Castle, Pennsylvania. Educou-se no Edinboro Normal School, Universidade de Bucknell e no Seminário Teológico de Crozer. Foi nomeado missionário da Junta de Richmond em 5 de maio de 1904, partindo de Nova York para o Brasil a 5 de setembro do mesmo ano.

A mãe do Sr. Reno, quando era môça, tinha um desejo ardente de dedicar a vida ao serviço missionário na China, e não podendo realizar êste santo desejo, transmitiu ao seu filho Loren o fervor do seu espírito e o amor ao trabalho missionário. Na misteriosa providência de Deus ela serviu a Causa de Missões melhor do que pensava. Desde a mocidade o filho teve um desejo intenso de levar almas ao Salvador. Recebeu um bom

treinamento na U.M.B. da sua igreja e teve a felicidade de manter relações com alguns espíritos nobres durante a vida estudantina, os quais tiveram influências benéficas na formação do caráter do jovem, justamente no período de vida quando estas relações pessoais têm mais valor.

Terminado o seu curso no Colégio e Seminário, o jovem Reno tinha a convicção de que devia dedicar a vida ao serviço de Deus nos lugares mais necessitados. Apresentou-se perante a Junta de Missões Estrangeiras da Convenção dos Batistas do Norte dos E.U.A. na cidade de Boston. Tinha feito um trabalho tão eficiente em prol de missões entre as igrejas onde trabalhara que a Junta julgou que ao invés de ir para o estrangeiro, o Sr. Reno podia prestar melhor serviço à causa de missões, trabalhando na sua terra natal. Mais tarde foi induzido pelo amigo E. L. Atwood a apresentar o seu pedido à Junta de Richmond. Foi aceito e designado para o serviço no Brasil.

Casara-se em 1902 com Alice Wymer de Butler County, Pennsylvania. Ela foi aceita com êle para a Missão no Brasil. Formara-se no Colégio Normal de Edinboro onde se encontrou com o jovem Reno. Trabalhou como missionária no seu Estado de Pennsylvania entre os *mormons*, um serviço difícil e exigente, mas sempre esperando a oportunidade de dedicar-se às missões estrangeiras. Havendo contratado casamento com o Sr. Reno ela entrou para o Seminário de Crozer, fazendo um curso teológico de dois anos, a fim de preparar-se para o seu futuro trabalho. Foi a primeira môça aceita para êste curso na instituição. Um espírito fervoroso, consagrado, cheio de coragem e fé, esta serva do Senhor, por mais de 30 anos vem prestando, no Estado do Espírito Santo, nos trabalhos árduos de evangelizar, escrever e ensinar, um serviço verdadeiramente maravilhoso.

A 6 de outubro, um lindo dia de primavera, entrou na baía de Vitória o vapor *Brasil*, trazendo os missionários Reno, para tomar a frente do trabalho batista do Estado, tão auspiciosamente principiado e dirigido até então. Diz o Dr. Reno que uma santa alegria reinava no coração e resplandecia na fisionomia dos cinco irmãos que os esperavam no pôrto: os irmãos Estanislau Lemos e José Claro, encarregados da maior responsabilidade do trabalho, ajudados pelo irmão Jovino Cunha e as irmãs Maria Joaquina e Adelaide Gomes, estas duas representando a fôrça e a atividade das mulheres.

A igreja se reunia numa casa coberta de sapê, paredes e chão de barro, tendo o valor de seiscentos a oitocentos cruzeiros, o patrimônio dos batistas do Estado naquele tempo. Havia mais duas igrejas: Santa Joana e Firme, sendo organizadas José Pedro e Rio Nôvo poucas semanas depois da chegada dos missionários. Havia um total de 150 batistas no Estado. Mas os pequenos

grupos eram compostos de zelosos, consagrados e intrépidos espíritos que tinham o desejo ardente de trabalhar. Não tinham mêdo de perseguição e não recuavam ante ameaças e dificuldades. Foi uma grande felicidade para os batistas a chegada dos seus impávidos missionários, o Rev. Loren M. Reno e D. Alice. Foi também uma grande felicidade para êstes missionários o encontro com um povo amável que possuía o desejo santo de servir, dirigido e orientado na conquista do seu Estado para o amado Salvador. Que Deus seja eternamente louvado pela fé chamejante, o zêlo abrasador, o amor ardente, a fraternidade preciosa e a luz resplandecente que guiavam os pioneiros da fé, não sòmente do Estado do Espírito Santo, como também do Brasil todo, no estabelecimento do reino de Deus entre os brasileiros!

1905 — LUTAS E VITÓRIAS

Deus abençoou copiosamente a sua gloriosa Causa no Estado do Espírito Santo durante o ano de 1905. Fêz o Dr. Reno o relatório com o coração transbordante de gratidão e esperança. Na Igreja de Argolas (Vitória) êle organizou uma boa escola dominical e uma classe bíblica. Fêz uma visita ao sul do Estado, batizando 20 pessoas e organizando a Igreja de Esperança. Houve um total de 52 batismos durante o ano.

O trabalho sofreu por falta de verba para sustento do Pastor Francisco, que por esta razão não pôde trabalhar senão por dois meses. Fêz uma viagem ao norte do Espírito Santo, anunciando o evangelho com bons resultados a pessoas que nunca tiveram o privilégio de ouvi-lo.

No dia 10 de setembro de 1905, o Dr. Reno organizou a Sociedade Missionária entre as igrejas do campo. Aparentemente insignificante, foi, no entanto, um trabalho de grande alcance. A idéia foi bem recebida entre as poucas igrejas que começaram logo a contribuir para o sustento do evangelista. Com o crescimento das igrejas cresciam também as atividades da Sociedade Missionária e não há dúvida de que o progresso da Causa no Espírito Santo é devido, em grande parte, à eficiência desta sociedade e ao espírito missionário que ela cultivou nas igrejas desde o princípio da sua atividade.

Na cidade de Vitória alugaram uma casa na praça para a pregação do evangelho. Quando iniciaram o trabalho começou também uma oposição organizada. Distribuíam um folheto intitulado *O Vilão Reno,* atacando o missionário em linguagem forte e grosseira, declarando que era criminoso que tinha fugido dos Estados Unidos. Mandaram grupos de barulhentos para perturbarem os cultos. Quando o ruído ficava insuportável, D. Alice

começava a cantar um hino que acalmava por alguns minutos a congregação e o destemido Reno recomeçava a sua pregação. Assim pregava em prestações, mas antes de terminar a série de 105 conferências consecutivas, a ordem perfeita reinou entre as congregações. Ganhara prestígio e respeito pela persistência, mas isso custou sacrifício, paciência e muito trabalho.

No mesmo ano ganhou uma vitória significativa na compra de um cemitério do govêrno. Havia um cemitério público, em condições péssimas, para as vítimas da febre amarela e varíola e para os protestantes. Depois de 11 meses de pedidos e súplicas, foi finalmente deferida a petição e foi concedido aos protestantes um terreno de 100 x 100 metros para o seu cemitério. O povo ficou impressionado pela vitória, porque foi o primeiro cemitério concedido aos protestantes e isto em face de muita oposição. Exigiu do govêrno o reconhecimento de um direito, e por causa da insistência conseguiu o direito que até então foi negado.

Em outubro de 1905 o Dr. F. Miranda Pinto, membro da Igreja de Niterói, onde residia, foi à cidade de Cach. do Itapemirim a serviço da *Leopoldina Railway* e encontrou-se com o Sr. José Landeiro, mestre da linha na E. F. Cachoeiros a Castelo. Já tinha recebido informação de que o Sr. Landeiro era homem caridoso e parecia ser protestante. O Dr. Miranda Pinto foi à casa do Sr. Landeiro e conversou ìntimamente com êle sôbre o evangelho, ficando convencido de que êle era crente em Jesus Cristo, convertido pela leitura da Bíblia e d'*O Jornal Batista.* Na volta para o Rio o Dr. Miranda Pinto levou consigo memórias preciosas das horas deleitosas de conversa e oração que passara com o amável Landeiro. Sendo obreiro assíduo e reconhecendo o valor do seu nôvo amigo, o Dr. Miranda Pinto escreveu um bilhete. O Dr. Reno pediu ao Pastor Francisco da Silva que fôsse o Sr. Landeiro era crente e queria batizar-se. O Dr. Entzminger escreveu ao missionário Reno, em Vitória, enviando-lhe o dito bilhete. O Dr. Reno pediu ao Pastor Francisco da Silva que fôsse a Cachoeiros fazer o serviço. Na chegada ao hotel o pioneiro Francisco da Silva teve a felicidade de encontrar-se pela primeira vez e por acaso com o pioneiro Pastor Joaquim Lessa, de Campos. Depois de saudações afetuosas os dois pastôres procuraram o irmão Landeiro e ouviram a sua profissão de fé.

Chegara às mãos do Sr. Landeiro uma Bíblia e o padre lhe dissera que era um livro ruim e devia ser queimado. Nesse tempo era católico fiel e obedeceu à sugestão de seu padre. Mas não se esquecera de algumas coisas que tinha lido naquela Bíblia e na providência divina recebeu mais tarde de um môço outra Bíblia. O môço lhe disse que esta pertencera a um padre que tinha morrido e disso concluiu Landeiro que o livro não podia ser ruim e resolveu estudá-lo em segrêdo. Gostou imensamente

dos ensinos bíblicos e entregou-se a Cristo Jesus como Salvador. Com as instruções do Dr. Miranda Pinto já estava preparado para o batismo.

Depois de receber o batismo ministrado pelo Pastor Francisco, o irmão Landeiro dedicou-se fervorosamente ao serviço do Mestre, construindo uma casa de culto na cidade de Cachoeiros, abrindo o trabalho batista e dirigindo séries de conferências e desenvolvendo o trabalho tão eficientemente que em breve foi organizada uma boa igreja no lugar. Tem sido por muitos anos um baluarte forte na Causa do Senhor.

O Sr. Manoel Nolasco D. Carvalho é um caso semelhante ao de Landeiro. Foi convertido pela leitura da Bíblia sem qualquer instrução pessoal e cuja conversão resultou na fundação de uma igreja.

1906 — PROGRESSO E EXPANSÃO

Houve muito progresso em tôdas as atividades das igrejas durante o ano de 1906. Os irmãos Reno tiveram um nôvo motivo de gratidão pelo cemitério adquirido do govêrno, quando perderam o seu filhinho, pois já estava de posse da escritura, tinha assim lugar decente para sepultar o corpinho do ente querido.

Receberam mil dólares da Junta de Richmond para ajudar na construção de uma casa de culto em Vitória. O pai do Dr. Reno também contribuiu com quinhentos dólares para o mesmo fim.

O Rev. Francisco José da Silva pregou o evangelho com êxito em diversos lugares novos. Em Caratinga, Minas, 50 pessoas pediram batismo. O evangelista batizou 5, esperando até que os outros recebessem mais instruções. Era lugar muito prometedor. Em Bugre, Estado de Minas, organizou-se uma nova igreja de 11 membros como perspectiva futurosa. O irmão Antônio Demétrio de Amorim tomou conta do trabalho naquela zona. Era nôvo e não tinha muito preparo, mas era zeloso, tinha o dom de falar e o espírito de servir. Em julho empregaram o irmão Severino Lira para o trabalho de colportagem. Êste dedicado e ativo servo de Deus tinha feito muito sacrifício para seguir o seu Salvador. Era um trabalhador arrojado e eficiente e teve algumas aventuras interessantes nas suas atividades.

Fêz uma viagem à Serra, três horas de Vitória, com duas caixas de Bíblias e Novos Testamentos. No mesmo dia um homicida de Vitória fugiu na mesma direção. A polícia telegrafou a descrição do criminoso à polícia da Serra. O Sr. Lira estava visitando de casa em casa, trabalhando com a sua costumeira habilidade na venda de Bíblias. Notou que alguém estava sempre no seu encalço. À tarde, um delegado da polícia veio perguntar-lhe quem era, que estava fazendo, onde ia passar

a noite, etc. Mostrou-lhe o telegrama que descrevia precisamente o Lira. Com um bom humor o môço lhe disse que era colportor, empregado do Rev. Loren M. Reno e não sabia nada do criminoso. Não foi encarcerado, mas guardado no hotel até que recebessem ordem de Vitória. Circulou o boato de que o criminoso fôra prêso e todo o povo da cidade procurava satisfazer à curiosidade de vê-lo. O colportor não se deitou durante a noite. Ficando assentado a uma mesa pregava o evangelho e vendia Bíblias e Testamentos. As autoridades telegrafaram ao chefe de polícia de Vitória, amigo do Dr. Reno, que prenderam o homem que lhes parecia ser o criminoso, mas que vendia Bíblias e dizia que era empregado do Sr. Reno. Receberam imediatamente a resposta: "Solta êste obreiro do Sr. Reno." Na manhã seguinte o colportor Lira se achava em Vitória à procura de mais Bíblias. Vendeu as duas caixas naquela noite.

A Igreja do Firme foi muito enfraquecida pelas atividades dos darbistas. Em Santa Joana a igreja perdeu também muitos dos seus membros. A Igreja de José Pedro comprou uma casa para os seus cultos e seus membros pregaram fielmente o evangelho em diversos lugares novos. Era notável o progresso da igreja ativa e consagrada de Rio Nôvo. Tinha 10 batizados e mais 20 pessoas esperavam o batismo. Compraram um terreno e angariaram uma boa soma de dinheiro para a casa de oração. A Igreja de Esperança estava justificando o seu nome pela atividade e progresso. A Igreja de Vitória perdeu um bom número dos seus membros e interessados, mas os interessados batizaram-se em outros lugares e os membros abriram trabalho em outras cidades. O Dr. Reno estava em correspondência com os irmãos em 12 lugares e por intermédio dêles distribuiu muita literatura evangélica. Um obreiro militante trabalhava em Barra do Itapemirim. O campo já tinha 7 igrejas, 19 pontos de pregação e trabalho iniciado em mais 12 lugares. Realizaram-se 50 batismos e no fim do ano as igrejas da Missão contavam um total de 211 membros.

Escreveu o Dr. Reno no seu relatório anual:

"A estatística não pode demonstrar, nem a minha pena descrever, as oportunidades que se deparam em tôda a parte. Acima de tudo, meus prezados irmãos, Deus nos ensina diàriamente que Êle está usando as coisas inesperadas e insignificantes como instrumentos do Espírito Santo para trazer homens ao conhecimento do evangelho. Fazemos um apêlo ardente, afetuoso, urgente, que orem, esperem e supliquem aos pés do nosso Senhor, que as nossas vidas sejam preparadas para o uso completo do Espírito Santo no trabalho do Senhor e para a sua glória."

CAPÍTULO XXV

O ENTÃO CAMPO FEDERAL DE 1901 A 1906

Entrou o então Campo Federal, nesse período de grande prosperidade, apenas com 3 igrejas e 223 membros. Terminou o ano de 1906 com 9 igrejas e 701 membros. O aumento foi mais de cem por cento em 6 anos.

Na então Capital Federal o povo é mais indiferente ao evangelho, devido às muitas diversões e outros interêsses. O som de evangelho não desperta tanto interêsse como no interior e os poucos crentes no meio das multidões da grande cidade são geralmente ignorados ou considerados insignificantes. Não obstante o indiferentismo do povo em geral, há vantagens. Uma vez atraído e convertido ao evangelho tem o mesmo fervor evangelístico e o mesmo interêsse na pregação do evangelho. Tem mais facilidade em reunir-se para os cultos e para o estudo da Palavra de Deus nas escolas dominicais. Os pastôres põem-se em contato com os membros mais freqüentemente e têm melhores oportunidades para ensiná-los no serviço do Mestre. No meio de muitos incrédulos os crentes sabem avaliar e apreciar a fraternidade dos irmãos ao mesmo tempo que se lhes desperta a noção da responsabilidade de evangelizar os amigos e conhecidos com os quais estão diàriamente lidando. Têm também melhores oportunidades para educar e treinar os seus filhos. Em geral o trabalho na cidade vai mais devagar, porém é mais sólido, permanente e contribui materialmente mais para o desenvolvimento da denominação.

1901 — ORGANIZAÇÃO DA IGREJA DE ENGENHO DE DENTRO E PERSEGUIÇÃO DA IGREJA DE NITERÓI

A Primeira Igreja do Rio principiou o ano de 1901 com um cisma dirigido por dois diáconos que impugnaram a eleição do Dr. Soren para pastor, porque não era casado (I Tim. 3:2). Tornaram-se tão ativos na oposição que foi necessário excluí-los com 13 dos seus aderentes. Entrou então a igreja num período de paz e prosperidade.

Aumentavam as congregações, crescia a escola dominical, florescia a Sociedade de Senhoras e a Sociedade de Homens, pregava-se o evangelho em diversos lugares da cidade. Trinta e sete membros foram recebidos por batismo.

A 12 de junho de 1901 organizou-se a Igreja de Engenho de Dentro com 21 membros demissoriados de outras igrejas,

sendo a maioria da Primeira Igreja do Rio. Achavam-se presentes representantes das igrejas da capital e de Niterói. Os pastôres Soren e Florentino da Silva eram os oradores da ocasião. Os cultos em Madureira e Santa Cruz ficaram sob a direção da nova igreja cuja perspectiva parecia muito auspiciosa. Dois dias depois reuniu-se a nova igreja para a eleição de oficiais. O Rev. W. E. Entzminger foi eleito pastor; o irmão Joaquim Paulo Miranda, secretário; e o irmão Julião Magalhães Passos, tesoureiro. No dia 28 de agôsto foi organizada uma sociedade de senhoras, que prestou um serviço excelente na evangelização. A escola dominical era ativa e a freqüência nos cultos chegou às vêzes a 300 pessoas. Mais 10 convertidos foram aceitos por batismo e 7 por carta, tendo a igreja, no fim do ano, 38 membros.

Graças ao zêlo evangelístico e aos sacrifícios materiais da consagrada irmã D. Manoela Rosa Rodrigues, a Igreja de Paraíba do Sul continuou na marcha de progresso com 16 batismos e um total de 31 membros no fim do ano. A igreja realizava os cultos na fazenda da irmã Manoela, a alguns quilômetros da estação, a 5 horas do Rio, viajando-se de trem. Passou por uma luta financeira e foi salva pelo sacrifício extraordinário dessa irmã que vendeu uma vaca e um bezerro, dando o lucro monetário à igreja.

Alugou a Missão uma casa em Sapucaia e abriu um ponto de pregação sob a direção de Pedro Barbosa. O povo da zona estava clamando pelo evangelho.

A 20 de dezembro de 1900 foi reorganizada a Igreja de Niterói e principiou o ano de 1901 com muito júbilo e esperança. Surgiu, porém, aos 14 de abril uma infrene perseguição que durou alguns dias e muito prejudicou os interêsses e o progresso da igreja. Fizeram os perseguidores o primeiro ataque no domingo à noite na ocasião do culto, esbordoando e espalhando os membros aos quatro ventos.

A seguinte reportagem do incidente foi publicada nas edições de 16 e 17 d'*O País*:

"Agita-se a cidade, mormente no 4º distrito, condensando a ação perturbadora da ordem em S. Lourenço, pondo em risco a vida de pacíficos cidadãos e atacando a liberdade de consciência, garantida pela Constituição.

"No dia 10 do corrente, quarta-feira passada, o ex-Padre Hipólito de Campos, ex-vigário da cidade de Juiz de Fora, realizou uma conferência, prèviamente anunciada, a fim de explicar os motivos pelos quais renegou a Igreja Romana e abraçou o evangelho.

"Essa conferência, que causou grande sensação, e mesmo escândalo, atraindo violentamente a atenção pública, efetuou-se em um templo protestante, à rua Visconde do Rio Branco, e o

seu assunto foi conversa obrigada em tôdas as rodas, comentando-se o fato com divergência de opiniões.

"Constou, mesmo, que o nôvo protestante fizera alusões a um notável eclesiástico que abusou de uma sua confessada para obter-lhe a posse de uma ilha da nossa baía, ilha essa que foi vendida pelo confessor por mais de cem mil cruzeiros.

"Dessas discussões nasceu profundo desacôrdo, notando-se, porém, que não tomaram parte nelas os filiados às igrejas evangélicas.

"Por coincidência, a Capela de Santo Antônio foi, logo no dia imediato, assaltada por malfeitores, que destruíram vários objetos do culto religioso, quebraram a mão da imagem e desrespeitaram o altar, onde depositaram gramíneas com fim injurioso.

"Essa brutalidade sem nome foi injustamente atribuída aos sectários da igreja evangélica, mas atribuída a todos os *"Bíblias"*, como diz o povo, quando isso não podia ser senão procedimento de poucos indivíduos mal educados sem aquiescência dos diretores dessas igrejas, nem aplausos de seus irmãos.

"O cidadão João Cipriano de Castro, mestre das oficinas da marcenaria do Liceu de Artes e Ofícios desta cidade, tentando serenar os ânimos, advogando a causa da liberdade de cultos e os hábitos pacíficos dêsses crentes, foi apontado como *"Bíblia"* e violentamente esbordoado.

"Conseguindo colocar-se fora de ação dos cacetes, fugiu; mas, sempre perseguido pela escuridão da noite.

"Já então era enorme a massa popular em frente à igreja batista, cujo prédio foi atacado a pedradas. Os fiéis se trancaram, mas todos os vidros foram quebrados e as venezianas destruídas.

"O Pastor Florentino da Silva, vendo que as portas podiam ceder à violência e temendo o desacato pessoal às suas ovelhas, saiu da igreja a fim de ir em busca de socorro policial; mas, sendo reconhecido, foi apedrejado, ao tomar um bonde que do Barreto se dirigia para a ponte das barcas...

"Tiveram ainda lamentável prosseguimento os fatos que ante-ontem, como noticíamos, ocorreram nessa cidade.

"Um magote de cêrca de 800 populares, às 22 horas postou-se em frente à igreja evangélica batista e, destacando-se do grupo 8 homens, subiram pela Travessa Indígena, o morro em que ela termina, conseguindo chegar aos fundos da referida casa, situada na Rua S. Lourenço, 60, onde arrombaram com facilidade a porta, entrando precipitadamente, e arrombaram em seguida a porta que dá para aquela rua, facilitando assim a entrada à horda dos assaltantes.

"Foi então indescritível o que de bárbaro se passou.

"Atiradas para a rua cêrca de 60 cadeiras que estavam no interior da casa, untaram-nas de querosene e atearam fogo, fazendo uma grande fogueira, em cujas altas labaredas atiraram o relógio, uma tribuna para preleções, livros e o orgão que servia nas festas do culto, que ali se celebrava. Por cúmulo de perversidade os assaltantes lançavam vivas, às chamas, tôdas as muitas galinhas que encontravam no quintal.

"Feito isto voltaram de nôvo ao interior da casa, que estava abandonada desde que se deram os primeiros conflitos, e quebraram a mesa do pastor, uma cama, dilaceraram os colchões e, derramando querosene pelos cantos do prédio, tentaram incendiá-lo.

"Impediu a consumação dessa selvageria um aluno da Escola Militar que conseguiu suasòriamente obstar o atentado."

A imprensa liberal e criteriosa, tomando sem demora, o lado da justiça, defendeu a causa dos perseguidos e injuriados, com brilho e intrepidez. Esta violação intolerante da liberdade de cultos, praticada à plena vista da Capital da nação, o seu mais influente foco de civilização, chocou o povo liberal e calou nêle uma profunda indignação. Receava-se que tivessem repercussão, na Capital os sucessos de Niterói, mas ao contrário, os cultos da Primeira Igreja atraíram maiores congregações que ouviam com reverência e interêsse a pregação do evangelho. Por intermédio do embaixador norte-americano, Sr. Page Bryan, o Dr. Entzminger pediu do govêrno do E. do Rio, uma indenização módica que lhe foi concedida sem demora. Depois de algumas semanas abriu-se novamente o trabalho da Igreja de Niterói em outra casa.

1902 — A IGREJA DE ANTA

Houve no ano de 1902 uma crise financeira no Brasil que impediu o progresso do evangelho. Não houve meios para abrir o trabalho em novos lugares e algumas atividades das missões ficaram paralisadas.

Divulgou-se a idéia de que os missionários eram emissários do govêrno norte-americano que estava, por meio dêles, preparando o terreno para tomar o território brasileiro. Naturalmente os padres tomaram a *liderança* na propaganda desta *fobia.*

Fizeram os pedo-batistas uma crítica pesada e constante contra "o exclusivismo batista", como se vê pela leitura dos jornais evangélicos dêsse período. O procedimento dos batistas constituiu para êles um delito grave e causou-lhes tremendo escândalo. Pelas discussões prolongadas e às vêzes calorosas, foi esclarecido gradualmente que *a Ceia restrita* era para os

batistas um princípio e não meramente a manifestação de arrogância.

Apesar de tôdas estas dificuldades o progresso batista continou. Aumentaram as congregações da Primeira Igreja e as reuniões de oração concorreram para o desenvolvimento espiritual dos membros. A Escola Dominical e a Sociedade de Senhoras continuaram ativas e contribuíram para o treinamento dos obreiros da igreja. A classe bíblica com 100 alunos era dirigida pelo pastor após a reunião de oração. Alguns pregadores eficientes começaram os seus estudos bíblicos nessa classe e os professôres e obreiros da igreja encontravam nela inspiração e instrução para o serviço nas diversas atividades da igreja.

Por causa dos muitos afazeres do Pastor Entzminger, a Igreja do Engenho de Dentro não progrediu como se esperava, mas 12 pessoas foram recebidas por batismo e 8 por carta. A igreja contribuiu liberalmente para a construção do seu templo e para a evangelização do povo.

Os membros da Igreja de Niterói ficaram desanimados com as inúmeras dificuldades surgidas. Entregaram a casa alugada e cooperaram com a Primeira Igreja do Rio; continuaram o serviço de evangelização e 5 pessoas foram batizadas, como resultado dêsses esforços.

O trabalho nas diversas cidades ligadas ao Rio pela Central foi copiosamente abençoado. Alugaram uma boa casa em Paraíba do Sul e construíram um batistério onde se batizaram 13 pessoas durante o ano. Grandes congregações assistiram aos cultos e especialmente aos batismos.

Foi organizada, a 17 de dezembro, a nova Igreja de Anta, com 49 membros, 2 dos quais foram batizados na ocasião. O Dr. Soren foi eleito pastor; o irmão Alonso F. Silva, tesoureiro e o irmão Augusto Magro, secretário. Uma dúzia dos membros de Anta morava em Sapucaia e trabalhou com tanto entusiasmo para a evangelização da cidade que esperava em breve organizar ali uma nova igreja. Verificaram-se em tôdas as igrejas da Missão 124 batismos.

1903 — A VINDA DO DR. DETER — PROGRESSO EM TÔDAS AS IGREJAS

Em 1903 o missionário Deter veio de S. Paulo cooperar com a Missão Federal, para que o Dr. Entzminger pudesse dar mais tempo às publicações. Houve algumas perseguições e muita oposição, mas Deus continuou a abençoar os esforços dos seus servos. Quarenta e três membros entraram por batismo na Primeira Igreja. A escola dominical e a reunião de oração eram muito freqüentadas e concorreram para o desenvolvimento es-

piritual da igreja. A classe bíblica dirigida pelo pastor abundantemente justificava êste ramo de serviço. Assim preparou obreiros que pregavam e ensinavam na igreja e nos pontos de pregação.

Assim também a Igreja de Engenho de Dentro foi ricamente abençoada nas suas diversas atividades. Recebeu 41 membros por batismo e levantou muito dinheiro para a evangelização e para as despesas da igreja, incluindo o fundo do templo. A classe bíblica dirigida pelo Dr. Deter foi muito freqüentada e desenvolveu os obreiros consagrados nas suas diversas atividades. A sociedade de môças foi zelosa e ativa, dirigindo semanalmente a pregação do evangelho em casa de um dos seus membros. A sociedade de senhoras, dirigida pela Sra. May Deter, esforçou-se na evangelização e no desenvolvimento espiritual dos seus membros.

A nova Igreja de Anta cresceu prodigiosamente, batizando 82 convertidos e atingindo o número de 141 membros. Manteve 5 pontos de pregação naquela zona montanhosa. O incansável obreiro, Pedro Barbosa, dirigiu as atividades batistas sob a orientação do Pastor Soren. Os crentes nas Terras Frias receberam o apelido honroso de *boas vidas*. A igreja construiu a sua casa de oração.

Depois de duas tentativas e várias perseguições, realizou-se a organização definitiva da Igreja Batista de Niterói em 18 de julho de 1903.

As igrejas de Paraiba do Sul, Santa Cruz e Niterói lutavam com dificuldades, mas alcançaram algumas vitórias. Batizaram-se, em tôdas as igrejas da Missão, 169 pessoas; e tôdas contribuíram liberalmente e cooperaram na pregação do evangelho em novos lugares.

1904 — A CONVERSÃO DO DR. F. DE MIRANDA PINTO TRÊS NOVAS IGREJAS

O ano de 1904 no então Distrito Federal foi assinalado pelo espírito de harmonia e cooperação entre as igrejas e obreiros. A Primeira Igreja quase dobrou as suas contribuições e os cultos de pregação eram muito bem freqüentados. Os obreiros treinados na classe bíblica do Dr. Soren mantiveram o trabalho de pregação em 4 lugares fora da cidade, pagando, muitos dêstes, as despesas da sua viagem. Houve 40 batismos. Tôdas as igrejas do campo apresentaram relatórios dos seus sucessos no serviço do Senhor. Houve progresso na organização de sociedades em várias igrejas, interêsse na escola dominical e nas classes de estudo e treinamento de obreiros, especialmente na Primeira Igreja e na Igreja de Engenho de Dentro.

A Igreja de Niterói, que havia lutado com muitas dificuldades, alcançou uma gloriosa vitória que garantia o êxito dos seus esforços para o futuro. No mês de abril de 1904 batizou-se o Dr. F. de Miranda Pinto, engenheiro da Cia. Leopoldina. O Dr. Miranda Pinto tinha-se formado na Escola de Engenharia de Boston, Mass., nos Estados Unidos da América do Norte. Diz o Dr. Deter no seu relatório: "O trabalho extraordinário feito por esta igreja durante o ano foi devido à paciência, às orações e à energia dêste irmão e de sua família que se uniu à igreja poucos meses depois dêle." A igreja começou logo a pagar o aluguel da casa de oração, aumentou as contribuições para as missões e foi levantada uma boa quantia para o fundo do templo. Aquêles que têm a felicidade de conhecer o Dr. Miranda Pinto sabem apreciar o relatório da atividade dêste homem de Deus no primeiro ano do seu serviço, pois a sua experiência e consagração têm enriquecido seu serviço ano após ano. Homem culto, de bom critério e nobres ideais, puro e consagrado, crente fervoroso, amigo sincero e abnegado de tôda a boa obra e de todos os obreiros de Cristo, êle vem prestando um serviço de valor incalculável à Denominação Batista e à Causa de Cristo. Homem de largos conhecimentos da lei e da jurisprudência tem dado os seus conselhos sábios às nossas Juntas e às nossas instituições, pela simpatia e interêsse na Causa, que muitas vêzes são mais valiosos do que os conselhos profissionais de advogados. Tem servido brilhantemente à Associação Evangélica, à Casa Publicadora, ao Colégio Batista, à Junta Patrimonial e a diversas outras organizações. Estudante reverente da Bíblia, tem servido com muita eficiência como diácono, superintendente de escola dominical, professor e pregador do evangelho em diversas igrejas. O seu lar cristão e a sua distinta família têm sido uma grande bênção para a sociedade batista.

O trabalho do distrito que se estende pelo Estado do Rio e o sul de Minas, apesar das perseguições, demonstrou seu progresso, pela organização de 3 novas igrejas. A Igreja de Anta teve 117 batismos. Êstes novos membros vieram de muito longe.

A Igreja de Sapucaia foi organizada em 13 de março com 34 membros demissoriados da Igreja de Anta. Foi muito perseguida no lugar desde o princípio da evangelização. Um grupo de perseguidores veio com paus e facões quebrando os lampeões, os bancos e o púlpito, deixando tudo completamente estragado. Apesar da perseguição, a influência e o prestígio da igreja continuaram a crescer.

A Igreja de Barão de Aquino foi organizada com 60 membros, no dia 18 de dezembro. Uns 18 km além de Barão de Aquino, organizou-se no dia 2 do mesmo mês, a Igreja de Pião, com 57 membros. Nesta zona montanhosa de terras frias eram

mais numerosos os batistas que os católicos. O evangelista Pedro Barbosa, revelou sua idoneidade e sua capacidade para o trabalho pioneiro. Não tinha muito preparo, mas tinha o dom de evangelizar. Corajoso diante dos perseguidores e amigo manso e meigo entre os irmãos, êle ganhou prestígio e a simpatia do povo. O evangelho demonstrou o seu poder na transformação da vida dos convertidos.

Um passo significativo para o progresso do campo foi a organização de uma sociedade missionária entre as igrejas. O missionário, Dr. Deter, deixou de empregar os obreiros, entregando à sociedade missionária esta prerrogativa. As igrejas revelaram o seu interêsse pelas contribuições liberais e o seu amor ao trabalho de evangelização. Esta nova organização estimulou as atividades evangelísticas de tôdas as igrejas.

1905 — ANO DE TRANSIÇÃO

Nos primeiros anos da obra missionária em qualquer país os missionários têm necessàriamente que arcar com as responsabilidades de fundar e desenvolver igrejas autônomas. Do ponto de vista da administração, há quatro graus de desenvolvimento de uma denominação no campo missionário com sustento próprio e govêrno inteiramente autônomo. No princípio a Missão é inteiramente responsável pela fundação e princípio das atividades missionárias e evangelísticas; no segundo, a Missão e as igrejas nacionais cooperam na promoção da obra missionária; no terceiro, as igrejas nacionais e a Missão continuam a cooperar, aceitando, as igrejas, maiores responsabilidades até que no quarto período, a Missão afasta-se inteiramente do campo, deixando tôda a responsabilidade nas mãos das igrejas nacionais. Cumpre fazer duas observações sôbre êste processo normal de extensão do reino de Deus em países novos. Primeiro, a distinção entre êstes períodos de desenvolvimento não é definitivamente marcada. O processo é gradual e num campo vasto como o Brasil encontram-se simultâneamente todos os graus de desenvolvimento da Denominação, conforme as oportunidades do lugar em aprêço. Segundo, a Denominação Batista com o seu govêrno democrata favorece a transferência da responsabilidade da Missão para as igrejas nacionais tão ràpidamente quanto possam aceitá-la. Qualquer igreja batista é autônoma desde o dia da sua organização e êste princípio vai muito longe. O espaço ao nosso dispor não permite a discussão de tôdas as suas ramificações, mas é um princípio básico e operativo em tôdas as atividades batistas.

Existiram desde o princípio até agora as mais cordiais relações entre os missionários e os brasileiros. Os missionários

esforçam-se por aprender a língua e a adaptar-se às leis e costumes do povo tanto quanto possível, cultivando a simpatia, cordialidade e amizade do povo em geral e especialmente do povo batista. Com zêlo e ardor dedicam-se ao trabalho e, com raras exceções, ficam sempre sobrecarregados de serviço. Os batistas brasileiros, generosos e acolhedores, sempre abrigam e acatam com tanta cordialidade e apreciação os missionários, que êstes se sentem felizes com o privilégio de trabalhar entre os brasileiros.

Atritos verificavam-se, não há dúvida, mas dissidências e lutas manifestam-se entre os batistas em todos os países, sem exceção. Duvido que tenha havido mais conflitos entre missionários e batistas brasileiros que os verificados, no mesmo espaço de tempo, entre os batistas que mandam os missionários para o Brasil. De fato, um dos maiores conflitos no Brasil foi agravado e promovido pelos batistas dissidentes da América do Norte.

Não queremos negar que temos os nossos problemas, nem queremos justificar os nossos erros do passado. Quando há conflitos de interêsse, naturalmente manifestam-se as desinteligências e as dificuldades de trabalharem em cooperação e harmonia.

Foi o ano de 1905 um período de transição para o Campo Federal. Com o progresso do trabalho surgiu a necessidade de aceitarem as igrejas maior responsabilidade quanto ao sustento próprio. Com o aumento das igrejas e dos obreiros, aumentam as expensas das atividades pastorais e evangelísticas. A posição do missionário torna-se mais difícil. O dinheiro que recebe da Junta não dá para satisfazer a tôdas as necessidades do trabalho. Tem que instruir e organizar as igrejas para que tomem maior responsabilidade de sustentar os pastôres e evangelistas do campo. Naturalmente não pode mais empregar pessoalmente êstes obreiros quando as igrejas começam a contribuir para o seu sustento. Com o aumento das suas contribuições, as igrejas têm que assumir responsabilidades na direção do campo.

Para atender a estas necessidades, organizou-se em 1904 a Sociedade Missionária do Campo Federal que se desenvolveu mais tarde em Junta Missionária. Verificaram-se neste período certas rivalidades e desinteligências. Com dificuldade as igrejas contribuíram suficientemente para cuidar dos seus obreiros. Era natural que os obreiros preferissem receber os seus vencimentos da Missão, especialmente quando as igrejas lutavam com dificuldades financeiras e não podiam garantir um ordenado fixo para todos os seus evangelistas.

A Junta Missionária do Campo Federal assumiu maior direção das atividades evangelísticas do campo e o missionário Deter deixou de empregar os obreiros, entregando esta incum-

bência à Junta. O pastor da Primeira Igreja foi o único dos obreiros que recebeu auxílio da Missão. No princípio, tudo correu normalmente. Aumentaram as contribuições das igrejas e a Junta empregou 3 obreiros, pagando o ordenado a todos, das contribuições das igrejas. Nos fins do ano um dos trabalhadores da Junta ficou desempregado por falta de verba e tornou-se um elemento perturbador por algum tempo. Outras dificuldades agravaram êstes problemas, perturbando assim o campo por 2 ou 3 anos.

Não obstante estas desinteligências, o ano foi assinalado pelas bênçãos do Altíssimo. O pastor da Primeira Igreja fêz uma visita de 5 meses aos Estados Unidos e em 12 de junho consorciou-se com Miss Jane T. Filson, de Louisville, Kentucky. Êste casamento foi uma felicidade não só para o consagrado casal como para a Causa do Mestre no Brasil. D. Jane adaptou-se à sua nova posição, conquistando a simpatia e o amor dos membros da Primeira Igreja e de todos que chegaram a conhecê-la. Entrou no serviço com o seu marido no espírito de simpatia, fidelidade, desvêlo e amor à Causa, contribuindo admiràvelmente para o grande êxito do marido no pastorado da Primeira Igreja e *líder* da Denominação Batista do Brasil. O casal simpático angariou nos Estados Unidos bons amigos da Causa no Cruzeiro do Sul. Não foi sòmente como auxiliar de seu marido que D. Jane serviu ao Mestre. A sua direção no Departamento Feminino do Colégio Batista revela o seu amor para com a mocidade brasileira. Com o conselho e a ajuda do marido, e ainda como viúva, prestou um serviço eficiente e valioso no preparo de môças para obreiras de Cristo.

Devido, em parte, à ausência de cinco meses, do Pastor Soren, de sua igreja, e em parte por causa das perturbações nas igrejas de Sapucaia, Pião e Barão de Aquino, batizaram-se apenas 114 pessoas no campo, enquanto que no ano anterior foram batizados 211. Verificou-se progresso no desenvolvimento do espírito missionário das igrejas e as contribuições aumentaram vinte por cento. Os obreiros que militaram no campo foram os seguintes: A. B. Deter, F. F. Soren, José Nigro, Manuel F. Tiago e Pedro Barbosa.

1906 — ANOS DE LUTAS

Chegou ao Rio um nôvo casal de missionários: O. P. Maddox e D. Efigênia Roe.

O Sr. Maddox nasceu em Rockport, Kentucky. Estudou em Bethel College e formou-se no Seminário de Louisville com o grau de Th. M. em 1905. Casou-se com D. Efigênia Roe, de Springfield, Tenn., em 21 de setembro de 1904 e foram no-

meados missionários em junho de 1905. O Dr. Maddox serviu como missionário evangelista do então Campo Federal por 12 anos. Sempre fervoroso e consagrado ao serviço do Mestre, tomou a posição de líder entre os missionários e na Denominação Batista. Não era menos consagrada a sua companheira, D. Efigênia, muito esforçada no serviço do Senhor.

Passaram as igrejas do então Campo Federal por muitas lutas. Continuou a revolta contra a Junta Missionária. Houve uma divisão na Igreja de Engenho de Dentro que perturbou a ordem e o progresso do campo por algum tempo. As igrejas de Pião e Santa Cruz aderiram aos dissidentes e o cisma diminuiu o número de batistas que colaboravam com a Junta Missionária, de 701 para 476. Batizaram-se apenas 64 pessoas nas igrejas que cooperavam com a Junta. Estas igrejas se acrisolaram na prova e firmaram-se na obra de cooperação com a Junta do campo. Escreveu o missionário Deter no seu relatório anual: "O período de transição foi muito difícil, mas os resultados serão gloriosos para o futuro. Estamos construindo para gerações futuras e virá o tempo em que o Brasil terá que ser evangelizado pelos brasileiros."

A Igreja do Engenho de Dentro excluiu 43 membros e ficou com 53. A Sociedade de Jovens manteve pregação em 5 lugares na Central. A igreja contribuiu liberalmente para a evangelização do campo. O Pastor Soren era o secretário da Junta e visitou com certa regularidade as igrejas do campo. O evangelista Pedro Barbosa fêz um bom trabalho nas igrejas de Anta e Sapucaia. A Igreja de Barão de Aquino sofreu o cisma que começou na Igreja do Engenho de Dentro. Cinqüenta membros foram excluídos. O trabalho prosperou em Cataguazes e Valença e esperava-se para breve a organização de igrejas nesses lugares. Mas o maior progresso do campo manifestou-se na Primeira Igreja e na Igreja de Niterói. O Dr. Soren justificava a esperança dos seus muitos amigos, revelando-se um pregador eficiente e um bom organizador. Deu ênfase às missões e trabalhou intrèpidamente para orientar as igrejas do campo no serviço missionário e evangelístico. A Igreja de Niterói progrediu admiràvelmente sob o pastorado do novel missionário O. P. Maddox que aceitou o pastorado da igreja poucos dias após sua chegada ao Brasil. Pregava em inglês e o Dr. F. de Miranda Pinto interpretava os seus sermões. Muitas pessoas freqüentavam os cultos e realizavam-se os batismos quase tôdas as semanas. O Dr. Miranda Pinto era superintendente da Escola Dominical e fêz um trabalho magnífico no desenvolvimento da Escola e da Igreja. Inspirada pelo nobre exemplo do Dr. Miranda Pinto, a igreja contribuiu liberalmente para a manutenção dos obreiros do campo.

CAPÍTULO XXVI

ESTADO DO RIO 1901 A 1906

Nos curtos anos de existência da Missão Campista verificou-se nela um progresso admirável e as igrejas manifestaram as virtudes e as fraquezas de tal crescimento. O ambiente era excelente e o tempo propício para lançar a semente da Palavra de Deus; os crentes fervorosos iam por tôda a parte contando quão grandes coisas lhes fizera o Senhor. Existiam, pois, em princípios de 1901, 5 igrejas ativas com uns 500 batistas. Achavam-se, entre êstes, 2 pastôres, um bom grupo de pregadores voluntários e grande número de membros cheios de entusiasmo e boa vontade. Seria difícil achar um grupo de obreiros mais imbuídos do espírito de evangelização e mais ativos no serviço do Senhor.

Podemos enumerar as fraquezas do trabalho com o espírito de simpatia e até de admiração pelo triunfo gradual obtido por aquêles heróis da fé, sôbre tantas dificuldades. Todos os crentes eram novos e faltava-lhes a experiência necessária para enfrentar as provas de perseguição de tantos inimigos e as dissenções que surgem nas suas próprias fileiras. Não havia número suficiente de pastôres e obreiros para visitar, ensinar e treinar os novos crentes nas doutrinas do Nôvo Testamento e nos princípios de disciplina cristã. Os pregadores naturalmente deram tôda a ênfase à evangelização. Afeitos à linguagem violenta e polêmica, tinham infelizmente, alguns, o conceito de que a religião batista consistia, em grande parte, em protestar contra os erros da religião de outros.

Relativamente à educação quase nada existia na Missão Batista do Estado do Rio assim como nos outros campos batistas. Não havia nenhum educandário para treinar obreiros e firmar os alicerces da denominação. Além do colégio de D. Ema Ginsburg, que funcionou por pouco tempo, e principalmente para crianças, nenhum outro esfôrço foi feito a favor da educação.

Ressentia-se também da falta de uma literatura evangélica sã e doutrinadora. Além do jornal *As Boas Novas* publicavam-se apenas alguns folhetos de propaganda e de controvérsia.

Não existia no campo nenhuma organização para unir e consolidar as igrejas nas atividades e nas doutrinas do Senhor. A união das igrejas do sul do Brasil abrangeu as igrejas do campo por algum tempo, inspirando-as na obra de evangeliza-

ção, mas em 1900 as igrejas da então Missão Federal deixaram de enviar seus representantes à convenção em São Fidélis devido à atitude contenciosa do Pastor A. Campos. Sob a orientação dêsse pastor, as igrejas campistas organizaram-se em União Batista Fluminense, independente da União do Sul do Brasil. Organizada no espírito cismático, morreu no seu estado embrionário.

Estas fraquezas naturais num trabalho nascente fornecem só em parte a razão da instabilidade do trabalho campista por alguns anos. Todos os campos enfrentavam êstes mesmos problemas e os batistas do Estado do Rio podiam ter vencido em menos tempo, com frente única, tôdas estas fraquezas, se não houvesse a dissidência de A. F. Campos. Não quer isto dizer que não houve nenhum êrro por parte de outros, mas não resta dúvida de que foi êle o mais responsável pelo conflito que surgiu e muito prejudicou o progresso da obra batista.

Felizmente o epílogo de 1903 definiu e estabeleceu as posições e as responsabilidades de todos que tomaram parte na luta, mas, infelizmente, já tinha sido prejudicado o trabalho por 3 ou 4 anos.

1901 — MUDANÇA DE OBREIROS

A 3 de julho de 1901 chegou ao Brasil o nôvo missionário A. L. Dunstan e espôsa, D. Sallie Sílvia. O Sr. Dunstan formou-se na Universidade de Furman e estudou no Seminário Teológico de Louisville. Os irmãos Dunstan foram nomeados para o Brasil, pela Junta de Richmond, em 28 de junho de 1900, e designados para o Estado do Rio. Serviram por alguns anos no Campo Fluminense e abriram o trabalho batista no Estado do Rio Grande do Sul, onde passaram a trabalhar na evangelização.

Retiraram-se para outros campos os môços Emílio Kerr e Manoel F. Tiago com a mudança do missionário Ginsburg. Até à vinda do missionário A. L. Dunstan, no princípio de 1902, para assumir a direção do trabalho, o Dr. Entzminger visitou as igrejas do campo algumas vêzes para aconselhar e inspirar os membros nas suas atividades. O Pastor F. F. Soren também prestou bons auxílios às igrejas do campo, visitando-as, de quando em quando, e animando-as com excelentes sermões e bons conselhos. Foi êle um inspirador do jovem Pastor Lessa nos princípios da sua abençoada carreira.

Aos 15 de maio de 1901 faleceu o Pastor José Rodrigues Peixoto, obreiro consagrado e fiel. Era de nacionalidade portuguêsa, comerciante de São Fidélis, quando se converteu. Homem de poucas letras, mas de caráter irrepreensível, zeloso e dedicado ao serviço do Mestre, tornou-se um dos mais abnegados

e mais úteis daqueles heróicos pioneiros que tanto merecem a gratidão batista. Consagrado pela Igreja de São Fidélis, transferiu-se para a estação de Ernesto Machado, onde exerceu o pastorado gratuitamente. A sua generosidade, infelizmente, contribuiu de certo modo, para a negligência nas contribuições da igreja em que serviu.

"O Sr. A. Campos é novamente convidado a pastorear a Igreja de Campos, o que veio, de certo modo, atenuar a esquerda posição em que êle se achava pelas questões anteriores." (1)

O Rev. Herman Gartner, pastor metodista, depois de algumas polêmicas sôbre doutrinas batistas converteu-se e aderiu aos batistas, sendo consagrado ao ministério no Rio de Janeiro, em 28 de fevereiro de 1901. Aceitou o pastorado da Igreja de Macaé para onde transferiu a sua residência.

Entre os militantes do campo destacou-se o destemido obreiro J. Lessa pelo desvêlo do seu espírito e desenvoltura da sua atividade. Em suas viagens evangelísticas iniciou, em 4 de agôsto, reuniões ao ar livre em Cambuci, perto da estação. Alugada uma casa na vila para a pregação do evangelho, houve, na noite de 27 de outubro, uma forte perseguição contra os irmãos Campos e Lessa. As autoridades viram-se sem fôrça para dominar os amotinadores. Mais tarde o Pastor Lessa conseguiu reencetar as pregações ao ar livre em Cambuci e levar avante a evangelização do lugar.

Verificou-se, no fim do ano de 1901, escassez de obreiros para o trabalho florescente, mas com a vinda do missionário Dunstan e a conversão do irmão Cap. Antônio Corindiba de Carvalho, os campistas entraram no ano de 1902 com novas esperanças animadoras nas bênçãos do Senhor.

1902 — NOVAS IGREJAS E NOVAS PERSEGUIÇÕES

A 6 de janeiro, organizou-se a Igreja de Aperibé com 25 membros. Achavam-se presentes representantes das igrejas de Campos, S. Fidélis, Macaé, Paciência, Ernesto Machado e Rio Prêto. O concílio foi presidido pelo Pastor Campos e secretáriado pelos irmãos J. Lessa e Alberto Dunstan. Foram eleitos os seguintes oficiais da novel igreja: o Rev. Joaquim Lessa, pastor; Antônio Teixeira Barbosa, diácono; Gastão Jaccoud, Therme Ney, secretários; Alfredo Reis e Guilherme Ludolf, tesoureiros. No fim do ano contou a igreja 52 membros, graças à eficiência do Pastor Lessa.

Aumenta o espírito fervoroso de evangelização. Levantam-se em diversos lugares moços zelosos e cheios de boa vontade,

(1) «Subsídios para a História dos Batistas do Campo Fluminense», pág. 33.

impulsionados pelo amor de Jesus e imbuídos do desejo de pregar o evangelho de salvação por tôda a parte. O Rev. José Nigro, batizado na Primeira Igreja do Rio, em companhia do obreiro voluntário, Corindiba de Carvalho, visitou Macaé, Rio Bonito e Indaiassú, pregando com êxito a mensagem do Senhor. A voz maviosa do incansável Lessa anunciou as Boas Novas em Palmital, Monte Alto, Itaocara, Laranjeiras e outros lugares.

Foi organizada, em 20 de abril de 1902, a Igreja Batista de Conceição de Macabú, mas devido a certos documentos internos que perturbavam a sua atividade, foi mais tarde dissolvida. Muito prometia a nova igreja para o futuro, e embora extinta, não deixou de ser uma bênção, pois mais tarde foi reorganizada em bases firmes e seguras. O irmão Corindiba fêz um trabalho magnífico no estabelecimento e direção da igreja.

Retirou-se do campo o Pastor Gartner, mudando-se para São Paulo e o Sr. Dunstan aceitou o pastorado da Igreja de Macaé, transferindo a sua residência para Campos, em abril, como centro do seu trabalho missionário.

O Sr. José Nigro continuou ativo na evangelização e reconhecendo a Igreja de Macaé os seus predicados, consagrou-o ao ministério em 13 de maio, data do aniversário da igreja. O concílio foi composto do Pastor Dunstan e o diácono Saturnino Nominário dos Santos.

Com tôda a atividade evangelística dos pastôres e outros obreiros houve também perseguições de fora e dissensões de dentro. Alguns irmãos do Campo, partidários do Sr. Campos, tinham saudades intensas do missionário Ginsburg e não deixaram de manifestar a sua antipatia para com o missionário Dunstan. O Sr. Campos fêz uma viagem ao norte, recebendo, infelizmente, de certo modo, o apoio e a colaboração do missionário Ginsburg. Tendo pedido exoneração do pastorado da Igreja de Campos, fixou residência provisória em Friburgo, aparentemente com a esperança de transferir a sua residência para Pernambuco e trabalhar com o seu amigo Ginsburg. No mesmo mês retirou-se o missionário Dunstan de Campos para S. João da Barra. Já começavam os esforços para expulsar o missionário do campo e conseguir a volta do Dr. Ginsburg. Era o início das grandes perturbações que já repercutia em todos os arraiais batistas do Brasil.

Graças à providência de Deus em deparar autoridades que sabiam desempenhar-se dos seus deveres, a Igreja de Aperibé foi salva de uma cilada dos perseguidores. Visto propalar-se que os inimigos pretendiam atirar dinamite dentro da sala, o digno subdelegado de polícia, o Sr. Deodoro Sardenberg, mandou guardar a entrada para não consentir a passagem de pessoas suspeitas. Quase ao terminar a reunião, veio um portador do

Município de Pádua, trazendo uma carta do amigo Sr. Otávio Diniz para o subdelegado, prevenindo-o dos planos dos inimigos a fim de que tomasse as providências que o caso exigia. Mandou, o subdelegado, mensageiros a Pádua, requisitando fôrças embaladas para garantir os crentes. No expresso de 22, chegou uma fôrça de 8 soldados que ficou à disposição do prestigiado subdelegado local, sendo assim completamente desmoronados os planos dos inimigos. Não foram poucas as vêzes em que as autoridades fluminenses protegeram os batistas no exercício da sua liberdade religiosa.

Organizou-se a Igreja de Rio Negro, em 23 de novembro, com 11 membros, sendo 7 demissoriados de Campos e 3 de Aperibé e 1 batizado na ocasião. Floresceu por algum tempo e foi extinta mais tarde.

A exoneração do Pastor A. Campos, concedida em fins de novembro, com grandes demonstrações de pesar, pela Igreja de Campos, agravou a discórdia entre os partidários dêle e os outros. Deu como motivo de sua exoneração, o pretender trabalhar com o Rev. Salomão Ginsburg em Pernambuco, mas ficou em Campos, tornando-se um elemento de discórdia para o trabalho do campo.

1903 — A CÉLEBRE QUESTÃO DE A. CAMPOS

É profunda a relação que existe entre o Sr. Campos e o missionário Dunstan nos princípios de 1903. Ressalta ao estudante das circunstâncias que faltava entre as igrejas o conhecimento das responsabilidades mútuas e os deveres para com o trabalho em geral, falta esta que determinou as grandes perturbações de 1903.

Radicou-se a incompatibilidade entre o Sr. Campos e os missionários, desde a publicação do protesto, aliás digno, do Dr. Bagby, contra a linguagem cáustica do Sr. Campos na polêmica publicada n'*As Boas Novas* em discussão com *O Expositor Cristão*. Sem saber coisa alguma da publicação do protesto do Dr. Bagby, o Sr. Campos, reconhecendo a inconveniência da linguagem da sua polêmica, publicou n'*As Boas Novas,* uma carta aberta dirigida ao Rev. Álvaro Reis, procurando dar como liqüidadas as questões, e pedindo que vivessem em paz. Apreciando o Dr. Bagby, o espírito pacífico do Sr. Campos revelado no documento, escreveu-lhe uma carta felicitando-o e louvando a pacatez que acabara de revelar. O motivo da carta do Dr. Bagby era claramente suavizar o ânimo que porventura o seu protesto despertasse no Sr. Campos. Mas a carta do Dr. Bagby, ao invés de seguir de Friburgo para Campos, foi a Nova York, chegando às mãos do Sr. Campos três meses depois. Foi no intervalo que

o pastor Campos rompeu por completo com o Dr. Bagby, publicando n'*As Boas Novas* artigos acrimoniosos que de certo modo o incompatibilizaram de se reabilitar na estima e consideração dos missionários no Brasil. O Dr. Ginsburg era o único dos missionários de inteira confiança do Sr. Campos.

Diz o bom amigo do Sr. Campos, o Rev. Joaquim Lessa, na sua história:

"O Sr. Campos, apesar de bom amigo e cavalheiro, sempre deixou transparecer a instabilidade das suas convicções religiosas, e com as suas constantes arremetidas contra quem lhe desagradasse, assinalava traços bem pronunciados de dúvidas sôbre os motivos por que entrara no ministério evangélico. Extremado em suas idéias e impulsivo nas suas resoluções, não lhe era difícil sugestionar a Igreja de Campos e seus amigos a lhe atenderem nas suas mal simuladas pretensões. Cabem-lhe, portanto, a responsabilidade quase que exclusiva de todos os erros e arbitrariedades praticadas pela Igreja de Campos nos acontecimentos de 1903. O que extraímos das atas das sessões da referida igreja atestarão a verdade de nossas proposições." (2)

O Sr. Campos induziu a igreja a reelegê-lo pastor depois de se ter exonerado a fim de se mudar para Pernambuco. Mudou-se de nôvo para Campos, aceitando o cargo interinamente em sessão de 5 de janeiro. Conseguiu, em seguida, a reforma dos estatutos e a exaltação do ânimo da igreja em preparo para a execução dos seus planos de combate.

Citamos agora o criterioso historiador, o Pastor Joaquim Lessa:

"Em sessão extraordinária de 9 de janeiro, o Sr. Campos informou à igreja de que em conferência com os diáconos resolvera chamar por telegrama o Rev. A. L. Dunstan e o aconselhar a trocar o campo missionário, para que com a sua retirada tudo se harmonizasse, mas que êste missionário se negara a fazê-lo. O Sr. Campos induziu então a igreja a declarar que o missionário Sr. Dunstan era incompetente para dirigir o trabalho. Feitas outras acusações contra o Sr. Dunstan, foi proposta a sua exclusão de membro da igreja, votando 4 contra, e ficando 4 neutros. Nessa mesma sessão, a igreja, sem pedido algum, votou demissoriar a todos os que se mostravam em atitude pacífica, para se organizarem em igreja em Santa Rosa (do outro lado do rio Paraíba); foi igualmente resolvido darem cartas aos dissidentes, isto é, aos que eram simpáticos ao missionário Dunstan. Mais uma proposta feita foi que se chamasse, por intermédio da Junta de Missões de Richmond, o missionário Ginsburg, de

(2) **Ibid.** pág. 42.

Pernambuco, para assumir de nôvo a direção do trabalho do campo." ([3])

Tais, medidas tomadas pela igreja, naturalmente deram à questão um caráter mais grave. A convite do Sr. Campos, o Pastor Soren assistiu à sessão extraordinária, em 15 de janeiro. O Dr. Soren condenou em palavras bastante duras a exclusão do missionário Dunstan. Foi uma sessão tempestuosa, sendo excluídos alguns membros que se mostraram simpáticos ao missionário Dunstan. Depois de muitas considerações o Sr. Campos pediu mais uma vez a sua exoneração do cargo pastoral, declarando que dali em diante nenhuma relação mais queria com os batistas da Junta Missionária que sustentava as igrejas no Brasil.

Em abril o Sr. Campos achava-se em Pernambuco, aparentemente com o intuito de trabalhar com o missionário Ginsburg. Foi assim interpretado pelos missionários do sul e no mês de abril foi publicado n'*O Diário Popular,* de Campos, uma declaração e protesto que terminou nas seguintes palavras: "Outrossim, protestamos: contra a reintegração em tempo algum, do mesmo Sr. Campos como pregador ou de qualquer forma empregado da Denominação Batista em qualquer parte do Brasil ou do mundo." Esta declaração foi assinada por quatro missionários e quatro pastôres: W. E. Entzminger, Francisco Fulgêncio Soren, Florentino Rodrigues da Silva, W. B. Bagby, A. B. Deter, Herman Gartner, José Nigro e Alberto Dunstan.

Esta medida bastante severa, aliás justa e necessária nas circunstâncias, despertou alguma simpatia entre diversas igrejas do campo para com a Igreja de Campos. Aderiram ao movimento sem entender tudo que se havia passado, e pareceu por pouco tempo, que a questão se tornava ainda mais grave.

Chegou a Campos, em 10 de maio, de regresso de Pernambuco, o Sr. Campos. Iniciou em agôsto a publicação de um jornal, *O Diário Evangélico,* com o qual pretendia sustentar-se no trabalho. Saíram apenas 18 números com bastante onus para os responsáveis a fim de convencer o Sr. Campos da impossibilidade de sustentar-se no trabalho evangélico ou reabilitar-se de qualquer maneira na Denominação. Portanto, a 25 de novembro, publicou, n'*A Gazeta do Povo,* jornal de Campos, a declaração de ter abandonado o protestantismo e de se ter filiado ao catolicismo romano. Dirigiu à igreja uma carta na mesma ocasião, incluindo uma cópia da declaração publicada n'*A Gazeta.*

Na sessão de 26 de novembro a igreja destituiu o Sr. Campos do cargo pastoral e o excluiu do rol dos seus membros. A igreja achava-se numa situação vexatória, mas as suas delibera-

(3) **Ibid.** pág. 42.

ções daí em diante, sôbre as últimas questões, revelam o espírito cristão e o desejo nobre de salvar a igreja do "desfalecimento", para impulsionar o serviço do Senhor. Votou a seguinte moção: "Que se anule a eliminação do irmão Rev. Alberto Dunstan e dos demais eliminados pelo motivo destas últimas questões, considerando nulas também as demissórias concedidas e, finalmente, que se destrua a publicação feita n'*O Monitor Campista* de 10 de setembro que diz assim: *Que esta igreja se declare independente; que dispense qualquer auxílio da Missão de Richmond; que não aceite missionário batista, etc.*" [4]

Foi nomeada uma comissão para convidar o missionário Dunstan a reassumir a direção do campo. Havendo recebido a comissão, ficou satisfeito, e indo à sessão da Igreja de Campos, em 7 de dezembro, foi unânimemente eleito pastor por escrutínio secreto. Assim foi resolvida a célebre questão A. Campos que por alguns anos tanto perturbara os trabalhos da Missão. Não obstante os dissabôres que deu aos batistas, contribuiu para firmar a solidariedade das igrejas e salientar as suas responsabilidades mútuas na defesa da Causa do Mestre.

Ficou por conta do Pastor José Nigro a evangelização da Baixada Fluminense e também da parte montanhosa do Sana e Campos Elíseos. Pela linha de Cantagalo o Pastor Joaquim Lessa, com bons auxiliares e voluntários, levaram avante a Causa do Mestre. Um dos obreiros que se destacou pelo êxito da sua pregação, foi o diácono Corindiba de Carvalho.

Notava-se ainda uma fraqueza no trabalho que era, aliás, natural nos princípios. As igrejas não primavam no sustento financeiro, dependendo do auxílio que vinha de Richmond para o salário dos pastôres, aluguéis, etc. O missionário Dunstan iniciou a campanha de ensinar às igrejas o dever de contribuir para o sustento dos pastôres e das missões, a qual produziu ótimos resultados, estabelecendo bases mais firmes à Missão Campista.

Em 3 de maio de 1903 organizou-se a Igreja de Lavras do Rio Bonito, como resultado do trabalho ingente do pastor-evangelista José Nigro.

A 23 de junho, foi organizada a Igreja de Alto Macabú, com 21 membros, formando o concílio, os irmãos: Alberto Dunstan, Corindiba de Carvalho e Luís Ovídio Firmo.

A despeito de tôda a perturbação, batizaram-se no correr do ano, 209 pessoas e as 11 igrejas contavam com 842 membros.

---

(4) **Ibid.** pág. 45.

1904 — ANO DE PROGRESSO

O Pastor Nigro mudou-se para o Estado de São Paulo, em novembro de 1903, deixando o missionário Dunstan, os pastôres Lessa e Florentino da Silva e os diáconos Corindiba e Pedro de Andrade como obreiros do campo, em 1904. Trabalhou também no campo o abnegado colportor da S. B. Americana, o irmão Bento de Souza e Silva. No mês de março veio como auxiliar o irmão Carlos de Mendonça. Em setembro uniu-se às fileiras dos obreiros do campo o arrojado servo Manoel Nunes Saraiva.

Intensificaram-se as atividades evangelísticas, graças ao serviço voluntário de um bom número de obreiros que deixaram os seus trabalhos e faziam viagens evangelísticas, pagando as suas próprias despesas, a fim de gozar do privilégio de anunciar a mensagem de salvação. Batizaram-se 154 candidatos, fazendo um total de 943 membros no fim do ano. O trabalho foi aberto em muitos novos lugares.

O missionário Dunstan dedicou-se principalmente ao trabalho de desenvolver as igrejas e notou progresso espiritual, aumento nas congregações e mais liberalidade no sustento do trabalho.

A Igreja de Ernesto Machado construiu a sua casa de cultos em terreno doado pela dedicada irmã Maria Madalena de Almeida Sampaio. Esta proprietária generosa foi uma das primeiras pessoas convertidas no lugar e desde o princípio muito fêz pela construção da casa de oração e pelo trabalho do Mestre que amava e honrava. A Igreja de Aperibé comprou uma casa para o culto e 3 outras igrejas angariaram dinheiro para a construção de casas de oração. Foi organizada a Igreja de Gururí, distante umas 4 léguas de Campos, em 26 de julho, com 20 membros. Mais tarde transferiu a sede da igreja 3 léguas para o interior, devido à mudança de alguns dos seus membros. Anos depois, foi dissolvida, passando os seus membros a pertencer a outras igrejas. Foi declarada extinta também a Igreja de Guandú.

Os irmãos da Igreja de Lavras do Rio Bonito, sofriam uma constante perseguição e muitos mudaram-se do lugar para onde pudessem gozar de paz.

1905 — NOVOS OBREIROS — ATIVIDADE EVANGÉLICA

Começou o ano de 1905 com muita animação e uma brilhante perspectiva para o campo campista. O Sr. Kleber Martins, um môço de Cantagalo que se tornou mais tarde um obreiro eficiente na pregação do evangelho, converteu-se nos fins do

ano de 1904, dando por intermédio d'*O Jornal Batista* de 20 de janeiro, testemunho da sua grande alegria de ter abraçado Cristo Jesus como seu Salvador. Veio, em 15 de maio, o missionário Daniel F. Crossland, para trabalhar no Estado do Rio, juntamente com o Dr. Dunstan. O irmão Crossland militava com zêlo e consagração, contribuindo para o desenvolvimento da Causa durante os anos em que ficou no Estado do Rio. Orestes de Andrade, de Macaé, e Leonel Eyer, de Cantagalo entraram nas fileiras dos obreiros do Campo, tornando-se elementos de grande valor.

Cresceu admiràvelmente a igreja em Rio Prêto sob os cuidados do pastor e evangelista J. Lessa. Aconteceu um incidente interessante que demonstrou o poder do evangelho na conquista até dos inimigos; incidente que, de algum modo, foi repetido em tôdas as missões do Brasil. Uma noite, quando o Pastor Lessa estava pregando, o perseguidor Francisco Nunes entrou e começou a insultar o pastor em plena pregação. O irmão carnal do Sr. Francisco, que era membro da igreja, entrou numa forte discussão com êle. O pastor tinha marcado o dia seguinte para administrar a ordenança do batismo a 11 pessoas. O Sr. Francisco mandou avisar que na hora dos batismos êle pretendia matar o Pastor Lessa. Na hora marcada para os batismos, chegou o inimigo, justamente ao entrarem os candidatos com o Pastor Lessa, na cachoeira. Levava na mão um grosso cacête e durante o batismo ficou de cócoras sôbre uma pedra a uns dois metros do Pastor Lessa, observando-o como se estivesse hipnotizado. Na visita seguinte do Pastor Lessa, àquela igreja, apresentou-se o Sr. Francisco Nunes, não para perseguir, mas sim, para fazer a sua profissão de fé e consagrar a sua vida ao serviço de seu Salvador.

A 28 de setembro foi organizada, pelo Pastor Lessa, a igreja na fazenda de Córrego sem Ponte, propriedade do irmão João Emerick. O Sr. Dunstan foi eleito pastor e o irmão Joaquim Coelho dos Santos diácono, tornando-se êste mais tarde um dos mais consagrados pastôres do campo.

O nôvo missionário, Daniel Crossland, progrediu ràpidamente no estudo do português e nos fins do ano, dirigiu diversos institutos, nas igrejas, o que contribuiu notàvelmente para animar e desenvolver os batistas nas suas diversas atividades.

O ano foi de grande atividade evangelística, verificando-se viagens de missionários, pastôres e demais auxiliares em tôda a parte do campo, abrindo-se novos pontos de pregação que mais tarde foram organizados em igrejas. No fim do ano, existia uma congregação de 40 crentes em Pádua.

1906 — LUTAS E DIFICULDADES, EXPANSÃO E PROGRESSO

Os irmãos campistas enfrentaram diversas lutas e dificuldades durante o ano de 1906. Chuvas torrenciais e inundações impediram as visitas pastorais e prejudicaram o trabalho. Algumas igrejas passaram 5 meses sem o privilégio de ouvir o evangelho. O Sr. Crossland sofreu no princípio do ano a fratura de uma perna, o que o incapacitou de trabalhar durante 6 semanas, e mais tarde ficou de cama 3 semanas, com febre. No mês de abril, o Dr. Dunstan quase morreu de febre amarela.

A 2 de agôsto, faleceu o irmão Manoel Nunes Saraiva, um dos mais arrojados evangelistas do Brasil. Era tão abnegado que não cuidava devidamente da saúde, estudando a Bíblia e passando noites quase inteiras no chão duro, tendo apenas um lençol para o proteger das intempéries do tempo. Não escutava os conselhos dos amigos. Diversas vêzes foi perseguido. Em Cesário Alvim foi amarrado em cima dum cavalo num percurso de 3 léguas, acompanhando-o os cruéis inimigos que lhe metiam a vara, até que ficou horrìvelmente machucado. Deixou o seu campo sem obreiro por algum tempo, mas deixou também um exemplo de zêlo, sacrifício e consagração que impressionou profundamente os seus amigos e colegas.

Foi o ano de 1906 de grande atividade, expansão e progresso, apesar das dificuldades. Em tôdas as direções, o evangelho conquistava corações e despertava consciências. Lavantaram-se, portanto, contra os mensageiros da paz, muitas perseguições, especialmente na zona da baixada. Em Lavras do Rio Bonito, desde o princípio não cessou a oposição, pois o ódio se arraigava cada vez mais contra os servos de Cristo.

Em Dores de Macabú, em 18 de outubro, teve o Pastor Lessa uma experiência engraçada que ao mesmo tempo revela o espírito interesseiro do chefe dos perseguidores e o jeito do Pastor Lessa em captar a simpatia do povo. A multidão perturbadora foi capitaneada por um árabe, o Sr. José Betat, que tinha como guarda-costa um tal de Sr. Ataíde. O Sr. Francisco Barbosa Pais, subdelegado do lugar, tinha tomado medidas para proteger o Pastor Lessa. Deixemos o irmão Lessa contar a história:

"O tal *'orador'* árabe toma a palavra e começa dizendo: 'Se senhor qué vir aqui b'ra combrá e vendi, nós está bronto recebe senhor. Mas b'ra bregar religião brodestante miserria, de bêsta e de braga o senhor não bóde. Meu bôvo que tá qui,' gritou êle, 'não é católico romano? Viva nossa Senhora das Dores!', gritou êle. 'Vivooôô...' respondeu a multidão!" Como o Pastor Lessa estivesse sempre com o riso nos lábios, o árabe gritou: "O senhor não serri não!... Brotestante bensa que êste bôvo é burro, é

verdade que tem alguns burros, mas não tudo!" Dada a palavra ao Pastor Lessa, êle começou dizendo ser brasileiro, estar no meio do seu povo em quem podia confiar, e que se o orador que lhe precedera, como estrangeiro que era, negociava e gozava de tôdas as regalias, era exatamente pela bondade e tolerância dos brasileiros; que como brasileiro protestava contra a asserção do Sr. Betat quando disse que ali havia alguns burros.

Por fim o Pastor Lessa pregou o evangelho que foi recebido com simpatia e interêsse.

O missionário Dunstan voltou aos E.U.A. logo que ficou em condições de viajar, levando em sua companhia o Sr. Orestes Andrade que foi estudar num seminário batista. O Pastor Florentino mudou-se para o Rio. Militavam no campo o pastor Crossland, superintendente da Missão; o Pastor J. Lessa, que pastoreava a Igreja de Campos; o Pastor Carlos de Mendonça, consagrado em 3 de julho, na zona de Cantagalo; o Pastor Alfredo Reis em São Fidelis; o Pastor Kleber Martins, em Aperibé, e Julião Martins Viana, em Macaé.

No dia 18 de julho foi organizada em igreja a congregação da Vargem da Mata, com 47 membros demissoriados de Aperibé. Mais tarde foi transferida a sua sede para a cidade de Pádua e a igreja de costume batista tomou o nome do lugar. Foram dissolvidas as igrejas de Lavras e a de Conceição de Macabú. Existiam no fim do ano de 1906 as Igrejas de Campos, S. Fidelis, Pádua, Macaé, Ernesto Machado, Rio Prêto, Aperibé, Rio Negro, Alto Macabú, Gururí e Córrego sem Ponte, com o total de 977 membros. Tinham realizado 207 batismos durante o ano.

Manifestara-se mais interêsse no sustento próprio, sustentando duas igrejas, dois evangelistas e tôdas quase dobrando as suas contribuições. Havia em 1901 apenas cinco igrejas ativas, mal organizadas e mal disciplinadas, com o total de uns 500 membros. Acrisoladas pelas perseguições de fora e as dissenções de dentro, as igrejas do Estado do Rio acharam-se preparadas para tomar a vanguarda entre tôdas as missões na evangelização do seu campo.

CAPÍTULO XXVII

O CAMPO PAULISTANO ATÉ 1906

Foi organizada a primeira igreja batista, na terra do Cruzeiro do Sul, na província de São Paulo, em Santa Bárbara, em 10 de setembro de 1871. Organizou-se, em novembro de 1879, a Igreja de Station, com 12 membros demissoriados de Santa Bárbara. Estas duas igrejas foram compostas de forasteiros norte-americanos e seus cultos eram dirigidos em inglês. Em 1879, a Igreja de Santa Bárbara foi recebida como igreja missionária pela Junta de Missões Estrangeiras de Richmond e o pastor, Rev. E. H. Quillen, foi aceito como representante da Junta, sob a condição de a igreja sustentá-lo. A igreja e o pastor não chegaram a combinar, com a Junta, planos missionários como esta naturalmente esperava, mas não obstante êste fato, a Igreja de Santa Bárbara, como já vimos, foi usada pela providência de Deus para induzir a Junta de Richmond a iniciar suas atividades missionárias no Brasil. A igreja foi pastoreada por Ratcliffe, Quillen, Thomas e diversos outros missionários. Teve períodos de animação e prosperidade por muitos anos, deixando de existir, em 1910, pouco mais ou menos. Prestou um serviço valioso no seu ministério espiritual aos forasteiros, fornecendo um bom número dos seus filhos escolhidos para trabalhar na vinha do Mestre em outros lugares. O Rev. R. P. Thomas, de Santa Bárbara, batizou o primeiro batista brasileiro, o ex-Padre Antônio Teixeira de Albuquerque.

Em dezembro de 1891, organizou-se uma igreja batista na cidade de São Paulo e outra em Campinas, ambas compostas de europeus. A primeira desapareceu pouco tempo depois com a emigração e mudança dos membros. A Igreja de Campinas foi destruída, em 1892, pela febre amarela que vitimou todos os seus membros, exceto um.

PRIMEIRA TENTATIVA DE FUNDAR A OBRA BATISTA ENTRE OS BRASILEIROS

Depois de uma visita pastoral à Igreja de Santa Bárbara, em agôsto de 1888, o missionário E. H. Soper e espôsa retiraram-se para a cidade de São Paulo. Tiveram a infelicidade de perder o filho único, mas consolaram-se no Senhor, entrando logo no serviço do Mestre, organizando uma escola dominical, visitando o povo, distribuindo literatura e pregando o evan-

gelho. Ficaram animados pelo interêsse do povo e com a perspectiva de estabelecer em breve uma igreja, quando receberam um apêlo dos obreiros da então Capital Federal para ajudá-los a cuidar do trabalho florescente na metrópole. Foi esta a primeira tentativa de fundar a obra batista na província de São Paulo entre os brasileiros. Houve outra tentativa no ano seguinte pelo Rev. Carlos Daniel, mas sem êxito.

1899 — ORGANIZAÇÃO DA PRIMEIRA IGREJA BATISTA DE SÃO PAULO

Foi em 1899, que os missionários Dr. J. J. Taylor e espôsa, Dr. J. L. Downing e espôsa, Miss Berta Stenger e Miss Mary Wilcox aportaram às plagas dos bandeirantes e lançaram os alicerces da Denominação batista. Chegaram em maio, alugaram e mobiliaram um salão no centro da cidade e aos 6 de julho organizaram a Primeira Igreja Batista de São Paulo com 18 membros. O trabalho prosperou desde o princípio. Quatro membros foram recebidos poucos dias depois da organização. Foi constituída a Missão no mês de setembro, com auxílio garantido pela Junta de Richmond, independente das outras missões, e a residência permanente de missionários na cidade. Ao convite de alguns *Obreiros Cristãos,* aparentemente do *Exército da Salvação,* os batistas abriram dois pontos de pregação na cidade. Assumiram também a direção da igreja em Santa Bárbara, estabelecendo entre seus diversos grupos de membros espalhados, 5 pontos de pregação, sendo um dêstes para brasileiros, onde diversos foram recebidos para o batismo. A Igreja de Santa Bárbara mantinha 2 escolas dominicais em cooperação com outras denominações evangélicas. A escola da Igreja de São Paulo foi bem freqüentada. Desde o princípio usaram um catecismo preparado pelo Dr. Entzminger para doutrinar os batistas novos e instruir os interessados. Do depósito de literatura distribuíram muitas bíblias, porções, livros e folhetos.

O Dr. J. J. Taylor era homem culto e espiritual, obreiro criterioso, paciente e fiel, reconhecendo sempre a necessidade de assentar alicerces firmes para o futuro. Não tinha a energia física e o entusiasmo otimista de alguns outros obreiros. Humilde e modesto, não obstante o seu preparo extrordinário, não se impressionava muito com os aspectos dramáticos dos seus labôres, mas tinha uma convicção inabalável da sua vocação e uma visão celestial da grandeza do reino de Deus na terra e especialmente no Brasil. Não foi desobediente àquela nobre visão que lhe exigia consagração, esfôrço e sacrifício.

Não é tão dramática a primeira parte da história dos batistas paulistanos como a de alguns outros campos, porque o

fundador da Missão sabia evitar conflitos e perseguições que, às vêzes, contribuem para a propaganda do evangelho e, às vêzes, para uma certa superficialidade dos crentes que entendem que a sua missão principal é a de combater o catolicismo. Mas desde o princípio o progresso dos batistas paulistanos foi lento, constante e sólido.

1900 — A IGREJA DE CAMPINAS

Durante o ano de 1900, 11 membros foram recebidos pela Igreja de São Paulo, por batismo. A igreja contava com 38 membros no fim do ano e um bom grupo de interessados esperava o batismo. Dois moços, Tiago e Carneiro, aspirantes ao ministério, ajudaram no desenvolvimento da escola dominical e nas atividades evangelísticas da igreja. Outro membro dedicou-se assìduamente ao serviço de colportagem, resultando disso o aumento das congregações e grande interêsse no evangelho. Um irmão francês dirigiu um trabalho evangelístico entre um grupo de seus patrícios num dos subúrbios da cidade.

Nos fins do ano, organizou-se a Igreja de Campinas, com 5 membros. A igreja manteve uma escola dominical e um ponto de pregação na Vila de Valinhos.

Foi reorganizada a Igreja de Belo Horizonte, no mês de agôsto, com 18 membros, recebendo mais 10 até o fim do ano. O obreiro que tinha dirigido a Igreja em Belo Horizonte excluíra os melhores membros e abandonara até os poucos partidários dêle. Depois da reorganização pelos missionários Bagby e Taylor, a nova Igreja de Belo Horizonte ficou aos cuidados da Missão Paulistana até o ano de 1903.

Voltaram aos E. Unidos, no ano de 1900, Miss Berta Stenger e Miss Mary Wilcox. O Dr. Downing aceitou a incumbência de médico de uma companhia em S. Paulo e depois de um ano de serviço retirou-se com a espôsa para os Estados Unidos. O irmão Taylor sofreu por alguns meses de uma moléstia da garganta e não podia pregar. O Rev. Florentino da Silva veio ajudar na pregação em S. Paulo, por algum tempo, conquistando a simpatia de todos os irmãos.

1901 — NOVOS OBREIROS — ESCOLA DE TREINAMENTO

A 24 de julho de 1901, chegaram a São Paulo o Rev. A. B. Deter e espôsa, D. May. O Sr. Deter foi condiscípulo do Sr. Soren no William Jewel College e formou-se no Seminário de Rochester quando o famoso Dr. Strong era catedrático de Teologia do Seminário. O progresso rápido no estudo de português, o gôsto e prazer no trabalho do Senhor, a energia e o entusiasmo dos

seus esforços, a simpatia e o amor dos seus colegas, a idoneidade e preparo para tôdas as atividades evangelísticas, eram prenúncios da longa e feliz carreira dêste abnegado mensageiro do evangelho no Brasil. Depois de 5 meses de estudo da língua, o missionário Deter mudou-se com a família para Campinas e assumiu a direção do trabalho evangelístico naquela zona. A sua talentosa companheira, D. May, servia galhardamente com êle na Causa do Mestre.

Chegaram em outubro, dos Estados Unidos, o Dr. W. B. Bagby e espôsa que mudaram seu campo de trabalho da então Capital Federal para a Missão Paulistana. Por muito tempo sonhara êste pioneiro com o estabelecimento da denominação batista no grande Estado de S. Paulo, onde êle e sua espôsa tiveram afinal a felicidade de contribuir eficientemente para a realização do seu sonho.

As quatro igrejas da Missão, Santa Bárbara, Campinas, São Paulo e Belo Horizonte, receberam 39 membros por batismo e terminaram o ano com 151 membros. Não obstante diversas dificuldades, tôdas as igrejas fizeram progresso e muito prometiam para o futuro.

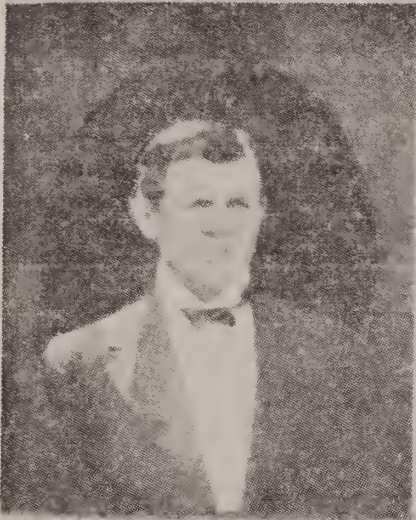
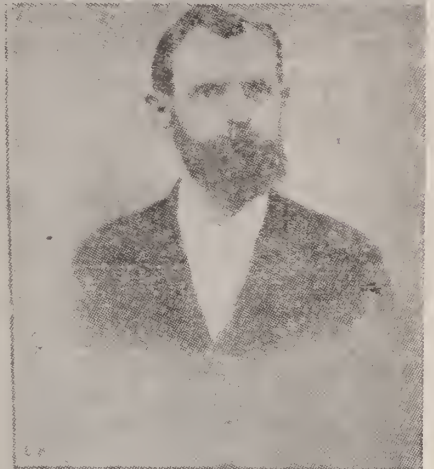
A Escola de Treinamento para os obreiros matriculou 5 alunos. Dois afastaram-se do caminho, mas os outros três progrediram nos seus estudos e ajudaram nas atividades da igreja. Não estando bem preparados para os estudos teológicos, matricularam-se no Mackenzie College, onde fizeram grande progresso.

1902 — FUNDAÇÃO DO COLÉGIO BATISTA

A constância e a fidelidade dos obreiros paulistanos deram fruto no aumento do número de crentes, desde o princípio; mas o progresso durante o ano de 1902 foi assinalado pela organização de duas novas igrejas, o batismo de 66 membros, e a fundação do Colégio Batista por D. Ana Bagby.

A Primeira Igreja de São Paulo recebeu 27 membros, 19 dêstes por batismo. Cresceram tão ràpidamente as congregações, que a igreja teve que aumentar no fim do ano o salão de culto que não acomodava tôdas as pessoas que vinham famintas, receber o Pão da Vida. Muitos ouviam o evangelho das ruas e pelas janelas. Reconhecendo a necessidade de um bom templo para a cidade progressista então de 250.000 habitantes, esforçou-se a Igreja em levantar dinheiro para o fundo do templo. A pregação do evangelho nos subúrbios e ao ar livre despertou o interêsse do povo e contribuiu para a maior freqüência aos cultos da igreja.

A 13 de janeiro D. Ana Bagby fundou o Colégio Batista. Antes da abertura, tinha matriculado mais de 60 alunos de famílias importantes da cidade. Muitos católicos confiavam a

ESTADO DE SÃO PAULO

educação dos seus filhos aos batistas, sabendo que ensinavam a boa moral evangélica, e que nas escolas públicas encontravam-se como professôres jesuítas fanáticos ou materialistas pedantes. O colégio de D. Ana produziu bons resultados desde o princípio e ganhou prestígio para os batistas na cidade e em todo o campo.

A Igreja de Campinas enfrentou diversos problemas difíceis no princípio do ano, mas com o trabalho árduo do Pastor Deter e a boa cooperação de alguns obreiros, como os irmãos Ramiro de S. Falque, Manoel Martins e outros, a igreja alcançou algumas vitórias importantes. Pela disciplina estrita, foram excluídos alguns membros inativos e incorretos e a igreja se desenvolveu na espiritualidade e na concepção do seu mister.

Com o pastorado do Rev. A. B. Deter, a Igreja de Santa Bárbara tornou-se mais ativa e mais animada, pregando o evangelho com mais ou menos regularidade em diversos pontos e aumentando as suas contribuições para ajudar nas despesas das visitas pastorais. Recebeu 5 membros por batismo.

No mês de fevereiro, foi iniciada a pregação do evangelho na cidade de Jundiaí, pelos batistas. Os presbiterianos tinham mantido trabalho na cidade por alguns anos, mas com dificuldade, e, neste período, estava quase moribundo. É grato registrar aqui que, ao se iniciarem as atividades batistas, os presbiterianos retiraram-se, tendo o nobre gesto de entregar àqueles o seu mobiliário. Muitas pessoas freqüentaram os cultos desde o princípio e no mês de abril o Pastor Herman Gartner mudou-se para Jundiaí, a fim de tomar conta do serviço. A 14 de maio, foi organizada a igreja com 10 membros. Ceifando onde tinham semeado os presbiterianos, a igreja batista progrediu mais ràpidamente em Jundiaí do que em qualquer outro lugar no Estado, e no fim do ano contava com 29 membros. O Pastor Herman Gartner era um obreiro excelente, idôneo, preparado e dedicado ao serviço.

Mudou-se de São Paulo o irmão Pasquale Giuliani, alfaiate, membro da Igreja de São Paulo, para a cidade de Piracicaba. Praticava o seu ofício e, ao mesmo tempo, pregava o evangelho com eficiência. D. Sara Gooda, membro da Igreja de Santa Bárbara morava em Piracicaba e também trabalhava fielmente como mensageira do Senhor. Sabendo do interêsse do povo por intermédio dêstes trabalhadores, o irmão Manoel Tiago foi enviado pela Missão para dirigir o trabalho. Escreveu n'*O Jornal Batista* de 28 de novembro: "Cheguei no dia 5 de setembro e encontrei 2 crentes em Jesus, membros de igrejas batistas. A dedicação que encontrei nestes dois servos de Cristo não me é possível explicar. De comum acôrdo com êstes dois irmãos dei comêço, nesta cidade, ao trabalho do Senhor.

"Não têm sido vãos os nossos esforços. Deus nos tem abençoado de modo que dentro do pequeno espaço de três meses já temos uma igreja regularmente organizada." Organizou-se a igreja, aos 23 de novembro, com 10 membros. "A nossa igreja manifesta-se fervorosa, alegre e esperançosa de chuvas de bênçãos do Senhor no desempenho das suas responsabilidades."

A Igreja de Belo Horizonte pouco ou nenhum progresso fêz, não recebendo nenhuma visita da Missão Paulistana. O obreiro que tomava conta não tinha preparo e por não poder a Missão ajudá-lo, não deu conta do serviço. Ficou decidido, portanto, entregar-se a Igreja de Belo Horizonte aos cuidados da então Missão Federal.

A Escola Teológica enfrentava duas dificuldades quase invencíveis: os alunos que queriam estudar não tinham preparo necessário e o Prof. Dr. Deter tinha pouco tempo disponível para instruí-los. Mas a classe mantinha os seus estudos bíblicos com o Dr. Deter, ajudando, ao mesmo tempo, na pregação do evangelho.

1903 — A PERDA DE OBREIROS E O AUMENTO DE MEMBROS

Nos princípios do ano de 1903, a Missão Paulistana perdeu 2 dos seus obreiros. O missionário Deter deixou as igrejas de Campinas e Santa Bárbara para ajudar o trabalho na então Capital Federal. O Pastor Manoel Tiago mudou-se da Igreja de Piracicaba para trabalhar em Paraíba do Sul. O Pastor Herman Gartner deixou a igreja em Jundiaí, e o Rev. José Nigro veio do Estado do Rio para tomar o seu lugar.

No mês de junho, a Igreja de São Paulo foi obrigada a mudar a sede duas vêzes. Não obstante a perda de obreiros e outras interrupções, as 5 igrejas do campo receberam copiosas bênçãos do Senhor. Houve um aumento no número de batismos de 66 para 71. Aos 19 de fevereiro foi organizada a Igreja de Santos, com 6 membros. No dia 18 de junho, o Dr. Bagby dirigiu uma sessão da Igreja de Santos, em que foi encerrada, oficialmente a igreja, por falta de obreiros, concedendo cartas aos 16 membros para unirem-se com outras igrejas batistas. Porém aquêles irmãos fervorosos e ativos não permitiram o encerramento do trabalho batista na sua cidade, em que não havia nenhuma outra igreja evangélica. Numa carta do irmão José Azevedo Botelho, datada em 3 de setembro, fala do batismo de 4 pessoas, em S. Vicente, no dia 27 de agôsto, que se uniram à Igreja de Santos e de outros interessados quase preparados para o batismo. No fim do ano, a igreja tinha a sua sede na Rua Amador Bueno, 20, e estava mantendo trabalho em S. Vicente

e Pôrto de Campos. Foi organizada uma sociedade de esfôrço cristão na Igreja de Jundiaí o que contribuiu para o desenvolvimento de pregadores. Diversos irmãos se esforçaram na pregação do evangelho em tôdas as igrejas do campo. Alguns tiveram o desejo ardente de estudar e preparar-se melhor para servir o Mestre. Alguns fizeram um estudo sistemático com o Dr. Taylor e outros estudaram os livros que puderam arranjar.

O Colégio de São Paulo fêz um trabalho magnífico, não sòmente do ponto de vista da boa instrução que proporcionava aos seus alunos, como também do ambiente cristão que mantinha nos seus cultos freqüentados por quase todos os alunos, voluntàriamente.

O Pastor Gartner mudou-se para Limeira, onde iniciou um trabalho que floresceu desde o princípio. No fim do ano havia diversas pessoas interessadas e algumas já se haviam batizado. Em todo o campo foi prometedora a perspectiva para o nôvo ano.

1904 — A UNIÃO BATISTA PAULISTANA

Vai ganhando terreno a Causa do Mestre no grande Estado dos bandeirantes, sob a bandeira batista. Os militantes que hastearam o pendão real nas plagas paulistanas, durante o ano de 1904, eram poucos, porém assíduos nas suas atividades. Os missionários W. B. Bagby e J. J. Taylor e os dedicados pastôres Herman Gartner e José Nigro, alguns seminaristas e um número de consagrados obreiros voluntários, em tôdas as igrejas, fizeram um magnífico trabalho de evangelização. D. Ana Bagby e sua filha Ermine prestaram um serviço de alcance na direção do Colégio Progresso Brasileiro. Terminou o ano com 7 igrejas, 61 batismos e 280 membros. Mantiveram 11 pontos de pregação e 5 escolas dominicais.

A Igreja de São Paulo, composta de membros de diversas nacionalidades, enfrentou muitas dificuldades, mas alcançou algumas vitórias. A falta de uma boa casa de culto naturalmente impediu o seu progresso. A igreja foi pastoreada, por alguns meses, pelo Rev. José Nigro, começando a contribuir para o sustento pastoral. Os membros contribuíram com sacrifício, para o fundo do templo. O seminarista Geo. D. W. Schneider era o auxiliar do Pastor J.J. Taylor. Recebeu 15 membros por batismo e 20 por carta.

As igrejas de Jundiaí, Campinas, Piracicaba e Santa Bárbara ficaram sem pastor, na maior parte do ano. Eram visitadas, de quando em quando, pelos missionários e pastôres e tiveram alguns bons obreiros como: Oliveira, Martins e outros, mas nenhuma igreja pôde fazer muito progresso sem um pastor para dirigir as suas atividades.

A Igreja de Santos organizou as suas fôrças para militar contra o inimigo e ganhou algumas vitórias. Recebeu 14 membros por batismo e manteve atividades evangélicas em diversos lugares.

O irmão Berto Germano, membro ativo da Igreja de Santos e que morava no Alto da Serra de Cubatão, pregou o evangelho aos seus vizinhos e, havendo despertado o interêsse de alguns, convidou o dedicado irmão, A. C. Oliveira, para visitar o lugar e ajudar na evangelização do povo. Êste visitou o lugar três vêzes, pregando o evangelho com animada concorrência. Começaram então os missionários a visitar e evangelizar a zona. O superintendente da estrada de ferro Sr. Cristiniano, inglês, franqueava a sua boa casa para as pregações e hospedava os pregadores. O prestígio dêle entre os vizinhos e sua prestimosa cooperação contribuíram para o desenvolvimento rápido do trabalho batista no lugar; e no fim do ano os irmãos reclamavam a organização da igreja. O irmão Berto Germano não poupou esforços nem dinheiro para que fôssem mantidos os cultos regulares.

Os batistas, metodistas e presbiterianos de Santa Bárbara dedicaram uma linda casa de culto às denominações. Entre as pessoas que fizeram sacrifícios para construir a casa, destacou-se a Sra. Norris. O Dr. Bagby pregava uma vez por mês, na nova casa, a boas congregações. O irmão Hall trabalhou denodadamente em Santa Bárbara, sempre hospedando os pregadores, convidando o povo a ouvir o evangelho e fazendo tudo quanto lhe fôsse possível para que a Causa de Cristo prosperasse. Tinha duas filhas missionárias; uma ficou viúva do Pastor Carlos Morton e a outra era espôsa do missionário Hardy, de Minas Gerais. Desta colônia saíram engenheiros, dentistas, médicos, pregadores, pastôres e missionários. As igrejas evangélicas daquela colônia contribuíram para a evangelização do Brasil mais do que muitos pensam.

A 17 de março organizou-se a Igreja de Limeira com 13 membros, pregando o Dr. Bagby o sermão oficial. O Rev. Herman Gartner, que auxiliou na organização, foi convidado para pastor. Êle dividiu seu tempo entre Limeira e outros lugares. No fim do ano a igreja tinha 22 membros.

O Colégio Progresso Brasileiro justificou o seu nome, aumentando a matrícula e pagando tôdas as despesas, sem qualquer auxílio da Junta de Richmond, exceto o ordenado dos dois missionários. Tinha que abrir um departamento para meninos noutro edifício. Noventa alunos foram matriculados e o colégio cresceu e aumentou a sua influência e poder. Três alunos foram convertidos e batizados.

A livraria evangélica, estabelecida nos princípios do ano,

prosperou na distribuição de literatura evangélica, vendendo exemplares das Escrituras, cantores, bons livros e folhetos em uma dúzia de estados da República.

A 16 de dezembro, foi organizada *A União Batista Paulistana,* de mensageiros das igrejas do Estado de São Paulo. Foi eleita a seguinte diretoria: Pres., o Rev. José Nigro; vice-pres., Prof. Pedro Duarte; 1º secr., Onofre dos Santos; 2º secr., Manoel Guimarães; tes., A. C. Oliveira. Realizaram as suas reuniões na Igreja de Jundiaí, nos dias 16, 17 e 18 de dezembro. Discutiam a necessidade de cooperação entre as igrejas, a fim de tomarem maiores responsabilidades no sustento próprio e na evangelização do Estado.

1905 — PROGRESSO ESPIRITUAL

É difícil escrever história, especialmente de atividades religiosas. A estatística e os fatos concretos não podem apresentar todos os conflitos, tôdas as artimanhas de Satanás, tôdas as decepções e aborrecimentos, nem tôdas as vitórias exultantes e tôdas as bênçãos preciosas que animam e orientam os obreiros na vinha do Senhor. Nem se pode apresentar, na história, o progresso espiritual dos servos do Senhor, o seu crescimento na graça divina, o aumento do seu valor pessoal para a sociedade e sua contribuição permanente para o estabelecimento do reino de Deus na terra. É difícil escolher os fatos mais relevantes e interpretar a sua significação.

Do ponto de vista da estatística, o ano de 1905 não foi assinalado por muito progresso. Houve apenas 48 batismos em tôdas as 9 igrejas e no fim do ano, havia 272 membros. Os missionários, o Pastor Herman Gartner e os 9 obreiros, que deram uma parte do seu tempo ao trabalho, eram zelosos e fiéis no desempenho de suas responsabilidades. As igrejas contribuíram mais liberalmente para o sustento do seu trabalho e para as missões. Cresceram também na vida espiritual e no zêlo evangelístico.

A Igreja de São Paulo mantinha o trabalho em 4 lugares da cidade. Os irmãos nestes respectivos lugares faziam a maior parte da pregação, pagavam o aluguel das casas de culto, a luz e outras despesas. Caminhou a Igreja de Santos na marcha do progresso, batizando 16 pessoas e mantendo pregação em 3 lugares. Um jovem pregador presbiteriano, José Vieira Montenegro, uniu-se à Igreja para satisfazer à sua consciência na questão de batismo. Foi escolhido como pastor-evangelista da igreja. A pequena Igreja do Alto da Serra, organizada no princípio do ano, enfrentou muita oposição, mas era uma igreja espiritual e sua fidelidade foi recompensada por um prestígio cada

vez maior, crescendo em número de membros e em espiritualidade. Fizeram pouco progresso as igrejas de Jundiaí e Limeira quanto ao crescimento em membros, mas continuaram fervorosas e ativas na evangelização. A 26 de dezembro organizou-se a pequena Igreja de Rocinha, com 8 membros, recentemente batizados pelo Dr. Bagby. O irmão Odilon Farias foi escolhido para pastor-evangelista, Ludgério do Nascimento para secretário.

A União Paulistana realizou sua sessão anual com a Igreja de São Paulo. Discutiram com entusiasmo a evangelização, o sustento próprio, a literatura e outros assuntos relevantes, dando assim um nôvo impulso ao trabalho em geral, em tôdas as igrejas.

Continuou o irmão A. C. Oliveira na direção da Livraria Moralizadora. Êle era um dos melhores obreiros da Missão em todos os departamentos do trabalho e a livraria prosperou nas suas mãos, contribuindo largamente para a semeadura da Palavra de Deus.

Os irmãos A. C. Oliveira e T. L. Costa, de São Paulo; Onofre A. dos Santos, de Jundiaí; Pedro Duarte, de Limeira; Manoel Guimarães, de Santos; e Berto Germano, do Alto da Serra, distinguiram-se entre outros irmãos, pelo seu amor e dedicação ao serviço do Mestre nas suas respectivas igrejas e nos trabalhos cooperativos.

1906 — A LIVRARIA E O COLÉGIO

No ano de 1906, houve apenas 26 batismos no conjunto de tôdas as 10 igrejas do grande Estado de São Paulo, contando um total de 303 membros para evangelizar os milhões espalhados no vasto território paulistano. A capital tinha 300.000 habitantes e diversas cidades contavam de 50 a 100 mil pessoas. Centenas de cidades menores espalhadas no interior precisavam do evangelho. O pequeno grupo de obreiros batistas trabalhava nas cidades de São Paulo, Campinas, Santos, Jundiaí, Piracicaba, Limeira, Mogi, Sabaúna, Vila Americana, Tambaú, com mais ou menos regularidade. A população de S. Paulo crescia ràpidamente pelo influxo de imigrantes. Os evangélicos no seu conjunto eram poucos para a grande missão de evangelizar o seu vasto território.

Parecia insignificante o grupo de batistas, mas êste não desprezava o dia de coisas pequenas. Estava animado. Trabalhava assìduamente. Confiava no poder do evangelho e na promessa de Deus. Enfrentava com coragem e desvêlo o desdém, a oposição e a perseguição dos inimigos. As igrejas foram desenvolvidas e fortalecidas de várias maneiras. Um número crescente de membros esforçou-se na pregação do evangelho. Tôdas as igrejas que

tinham pastôres contribuíam liberalmente. A Missão manteve uma das melhores livrarias evangélicas no Brasil e recebeu encomendas do norte, do interior e do sul, estendendo assim sua utilidade muito além das plagas paulistanas.

Matriculou, o Colégio Progresso Brasileiro, 130 alunos. Cresceu de ano em ano, não sòmente em número, como também em influência e prestígio; semeava o evangelho entre os alunos, desenvolvia o sentido da responsabilidade pessoal e outros princípios evangélicos, ganhando a simpatia e a boa vontade do povo.

Entre o grande número de forasteiros russos que entrava anualmente no Estado de S. Paulo, foi organizada, na cidade de São Paulo, uma boa igreja, com 55 membros, que muito prometia para o futuro.

O campo ressentia-se da falta de pastôres. Havia apenas um pastor brasileiro. No mês de outubro, o missionário Taylor e espôsa retiraram-se do campo para um ano de descanso. Entre os obreiros que muito ajudavam no trabalho, contavam-se os irmãos A. C. Oliveira e Tomás da Costa, de São Paulo; Odilon Farias, de Tambaú; José Montenegro e Manoel Guimarães, de Santos; M. J. Martins, de Campinas; Pedro Duarte, de Limeira, e outros.

PARTE VII

BATISTAS ALEMÃES E LETOS

CAPÍTULO XXVIII

RESUMO DA HISTÓRIA DOS BATISTAS ALEMÃES NO BRASIL

(*Fornecido por R. Pitrowsky*) (1)

A 15 de outubro de 1881, chegou às plagas do Rio Grande do Sul um casal de batistas, destinado a fundar entre os seus patrícios um trabalho espiritual de grande alcance. O irmão Carlos Feuerharmel e a espôsa D. Frederica, com 9 filhos, vieram de Pomerânia, Alemanha, onde o casal tinha feito parte da Igreja Batista de Retz. A filha mais velha dêste casal, que foi a progenitôra do Pastor R. Pitrowsky, tinha apenas 17 anos quando vieram para o Brasil. A 17 de março de 1882, mudaram-se para o vale denominado Linha Formosa, onde esta e mais algumas famílias estabeleceram uma colônia que crescia e prosperava ràpidamente.

Mas êstes colonizadores não se esqueceram da sua missão espiritual de anunciar as Boas Novas de Cristo aos seus patrícios. Salientou-se especialmente, nesta obra de evangelizar, a espôsa do irmão Carlos, D. Frederica, devido às oportunidades que se lhe deparavam no exercício de sua profissão de parteira.

Deus abençoou os esforços dos seus servos na conversão de D. Guilhermina Neitzke, em 3 de setembro de 1884, e no mesmo dia também a do seu marido Germano Neitzke. No dia 29 de setembro converteram-se os quatro filhos: Emma, Alberto, Emília e Ida, da família Feuerharmel. Pouco mais tarde achavam-se entre os convertidos as famílias Boetcher e Waldow, Ricardo Reinke e Elisa e Gustavo Pitrowsky, pais do Pastor Ricardo.

Não sabendo de nenhum pastor batista no Brasil, o irmão Carlos Feuerharmel se dirigiu ao seu Pastor. J. Wienler, na Alemanha, pedindo-lhe que providenciasse a fim de que alguém viesse realizar os batismos. O Pastor Wienler deu-lhe o enderêço

(1) Devido ao limite do espaço, tive que resumir muito os dados do Pastor Pitrowsky.

de Paulo Besson, em Buenos Aires. Êste também respondeu que não podia vir e que em tais circunstâncias qualquer crente batizado e membro de uma igreja batista poderia administrar a ordenança.

Enquanto se passava o tempo, as constantes reuniões dos novos crentes fervorosos e as suas atividades evangelísticas despertaram contra êles uma severa perseguição dirigida pelo Pastor Falk da Igreja Luterana, na Linha Ferraz. Além de incitar os membros da sua igreja a perseguirem e maltratarem os crentes, fêz queixa dêles perante as autoridades civis da cidade de Santa Cruz, dizendo que êste movimento dos crentes era um levante político-religioso, semelhante ao de Canudos. Afirmava que os crentes estavam entrincheirados com armas e munições bélicas; que não trabalhavam, mas viviam de roubos e saques e praticavam as maiores imoralidades.

Sem saber coisa alguma a respeito do que se tramava contra êles, os irmãos Augusto Strei, Guilherme Waldow, Carlos Waldow e Frederico Mueller, se achavam em Santa Cruz para tratar de seus negócios, quando foram presos e conduzidos à cadeia pelas autoridades, que ficaram apreensivas diante de tantas acusações. Argüidos no dia seguinte pelo Delegado Pedro José Coelzer, êste mandou chamar os irmãos Calos Feuerharmel e Germano Neitzke, dirigentes do trabalho. Êstes dois foram levados também à prisão, sem direito a qualquer palavra de defesa. Correndo a notícia, pela cidade, do encarceramento dêstes, levantou-se uma grande massa popular, protestando contra a injustiça da prisão de homens tão conhecidos e respeitados. Devido à indignação popular os cinco presos foram libertos, mas os "cabeças" foram despachados como "presos perigosos" para a capital do Estado, Pôrto Alegre, e foram maltratados na viagem de 6 léguas a cavalo e 7 horas de trem. Depois de 5 dias de prisão foram chamados a prestar contas perante o júri sendo então defendidos por um advogado voluntário, von Koseritz, redator de um jornal na cidade. Depois de seis semanas de incertezas e diversos incômodos foram postos em liberdade.

Apesar de todo o sofrimento acarretado pelas calúnias e perseguições, alcançou o irmão Carlos uma vitória não insignificante: a firmeza de sua fé foi abençoada com a conversão de todos os seus filhos ainda não crentes.

Com o número crescente de conversões, surgiu de nôvo, o problema de batismo. Os únicos batizados entre os crentes eram Carlos Feuerharmel e Frederico Mueller. O irmão Carlos recusou-se a batizar porque tinha dito impensadamente diante do juiz, em Pôrto Alegre, que não o faria, e não quis violar sua palavra. O encargo caiu sôbre o irmão Frederico Mueller que, sendo de pequena estatura e fraco, batizou o primeiro convertido, irmão Germano Neitzke, e êste então lhe ajudou no batismo de outros.

Resolvido o problema do batismo, surgiu logo a questão da organização da igreja. Não havendo nenhum pregador na colônia, os batizados continuaram por algum tempo como uma congregação. Nesse ínterim vieram outros crentes da Europa, os quais recomendaram o seu irmão na Alemanha, Augusto Matschulat, jovem pregador, para dirigir o rebanho. Êste aceitou o convite da congregação e chegou com a sua numerosa família à Linha Formosa, em setembro de 1893. Foi eleito pastor da congregação em 28 de setembro e organizou a igreja a 5 de novembro de 1893, com 45 membros. Logo em seguida a igreja consagrou o o irmão Matschulat ao pastorado e os irmãos Carlos Feuerharmel e Germano Neitzke ao diaconato.

Passou a nova igreja por muitas lutas e dificuldades, em grande parte por causa da inexperiência do pastor e da igreja. Venceram fàcilmente a perseguição de fora, mas as rivalidades, os ciúmes, os mal-entendidos e o amor próprio constituíram um poderoso inimigo interno. Depois de alguns anos de lutas durante a direção da igreja, o Rev. Augusto Matschulat deixou o pastorado e dedicou-se à lavoura, ficando a igreja sem pastor até março de 1906. Mas havia pregado e evangelizado em Pôrto Alegre e outros lugares e batizado diversos irmãos.

Não obstante as lutas que prejudicaram o desenvolvimento espiritual da igreja, esta não deixou de dar fruto. Em março de 1903 converteu-se o jovem Ricardo Pitrowsky, destinado a consagrar a vida ao ministério entre os brasileiros. Foi batizado pelo Pastor Carlos Roth. Em maio de 1894 batizou-se o primogênito do Pastor Frederico Matschulat. Êle estudou nos Estados Unidos e foi, em 1936, um dos obreiros mais consagrados e mais eficientes na direção daquele campo.

Em 1902 foi construída a casa de oração num grande terreno oferecido à igreja pelo irmão Carlos Feuerharmel.

Em março de 1895 organizou-se na Linha 10, em Ijuí, uma igreja batista composta de 30 crentes de nacionalidade leta, vindos do Estado de Sta. Catarina, por onde haviam chegado da Rússia. O Sr. Makewitz foi o seu primeiro pastor e a igreja cooperou por muitos anos com as igrejas alemãs e assim contribuiu para o estabelecimento de outras igrejas da mesma nacionalidade. Em 1899 a igreja foi visitada e orientada no serviço pelo Pastor João Inke, representante da Junta de Missões dos letos na Báltia. Recebeu visitas pastorais também da Missão Alemã e teve alguns pastôres da sua nacionalidade, entre os quais se distinguem o Rev. Alexandre Klawin.

Durante o pastorado de Guilherme Leimann a igreja começou a evangelizar os brasileiros natos. Resultou destas atividades a organização de várias igrejas brasileiras, entre as quais se contam a das Invernadas e a do Alto Uruguai.

A Igreja Batista de Pôrto Alegre era a segunda igreja batista alemã e a terceira organizada no Estado. Crescia gradualmente o número dos imigrantes na cidade. Recebeu algumas visitas do pastor da Igreja de Linha Formosa e, em 1899, foi organizada com 8 membros. Lutou ela heròicamente, e no período de 10 anos adquiriu um terreno, construiu sua casa de culto, organizou uma escola, adquiriu uma casa pastoral e um cemitério. Tornou-se o centro de operações do trabalho do campo por alguns anos.

RIO GRANDE DO SUL COMO CAMPO MISSIONÁRIO

Sentindo-se fraco e isolado, o Pastor Augusto Matschulat, de Linha Formosa e da Igreja de Pôrto Alegre, apelaram as igrejas aos irmãos em várias partes do mundo, por amparo para as suas lutas. *The German Baptist Missionary Society of Phil., Pa. North America* atendeu ao apêlo, enviando o seu evangelista geral, o Pastor H. Schwendener para estudar o campo, suas possibilidades, necessidades e perspectivas. Chegando em 1900, visitou as 3 igrejas, fazendo nelas conferências, confortando e confirmando a fé dos irmãos.

Como resultado desta visita, a Junta de Filadélfia resolveu incluir o sul do Brasil nos seus campos missionários e, em 1901, mandou o seu primeiro missionário, o Rev. Carlos Roth. Estêve no Rio de Janeiro, de passagem na ocasião da consagração dos pastôres F.F. Soren e Herman Gartner e assistiu àquela solenidade, saudando os irmãos e pedindo as orações dos brasileiros a favor do trabalho no Rio Grande do Sul. Êle deu, por algum tempo, n'*O Jornal Batista* notícias das suas atividades missionárias.

Fixou residência em Pôrto Alegre, tomando o pastorado da igreja local e cuidando do trabalho geral. Visitava periòdicamente as outras igrejas, fazendo séries de conferências e batizando grande número de pessoas.

A Igreja Batista de Nova Württemberg, uma das mais fortes atualmente, (2) foi organizada em 1906. Achavam-se na pequena cidade, desde 1901, alguns crentes vindos de Pôrto Alegre. O missionário Carlos Roth visitou êsses irmãos, em 1901, batizando duas pessoas na ocasião. Aumentou o número de crentes e a igreja prosperava desde o princípio.

Florescia o trabalho em diversos lugares e o missionário não podia mais satisfazer às necessidades urgentes da seara em todos os lugares. Abriu aulas teológicas em Pôrto Alegre a fim de preparar moços para a pregação do evangelho. Essas

---

(2) Em 1936.

aulas funcionavam 6 meses por ano em conexão com a igreja local e isto ocorreu de 1903 a 1908. Estudaram com êle os irmãos João Nettenberg, Ricardo J. Inke, Alexandre Klawin, Frederico e Guilherme Leimann e Pedro Salit, todos de nacionalidade leta, vindos da Igreja Leta de Rio Nôvo, no Estado de Santa Catarina. Paulo Malaquias da Mancha, brasileiro, e Ricardo Pitrowsky, por pouco tempo estudaram também com o Sr. Roth, mas êste trabalho tão frutífero foi interrompido pela retirada definitiva do missionário Roth do Brasil, em 1908.

PERÍODO DE TRANSIÇÃO, 1909 A 1915

Diversas causas contribuíram para a retirada do missionário Roth, mas segundo a informação que temos, a principal foi o precário estado de sua saúde. Dos seus alunos, F. Leimann havia assumido a direção da igreja em Linha Formosa. R. J. Inke era pastor ativo e eficiente por 6 anos da Igreja Batista Alemã em Ramirez, na Argentina, e Alexandre Klawin era pastor da igreja Leta em Ijuí. G. Leimann tomou o pastorado da Igreja de Ijuí, em 1908.

Não obstante a retirada do seu missionário, a Junta de Filadélfia começou a subvencionar, desde 1909, os dois irmãos Frederico e Guilherme Leimann. Voltou dos Estados Unidos, no mesmo ano, o Rev. Frederico Matschulat como missionário da dita junta. Fixou residência em Pôrto Alegre e assumiu o pastorado da igreja da cidade, a qual pastoreou por muitos anos com animada concorrência.

Foi restringido, por alguns anos, na sua atividade, o nôvo missionário, devido à liderança de F. Leimann. O Pastor Leimann efetuou, neste mesmo ano, a organização da Convenção Batista Alemã do Rio Grande do Sul, deixando fora a Igreja de Pôrto Alegre. Continuou por alguns anos o espírito de rivalidades que certamente não concorreu para o desenvolvimento das igrejas. O Pastor F. Leimann dispensou em pouco tempo o auxílio da Junta, e dominou mais ou menos a Convenção até à sua retirada, em 1914, para pastorear a Igreja de Ramirez, na Argentina.

A Junta de Filadélfia deseja transferir o Pastor Guilherme da Igreja Leta de Ijuí para a igreja em Linha Formosa, pedido êste que tanto êle como a sua igreja recusam. A Igreja de Ijuí depois se desliga da Convenção Alemã, e em 1916 manda o seu pastor à Convenção Batista Brasileira, reunida em São Paulo, pedindo admissão à mesma.

Nesse período foram organizadas as igrejas de Guaraní, em 1911, e Caporé, em 1913.

PERÍODO DE COESÃO E PROGRESSO, 1915 EM DIANTE

Com a retirada dos dois irmãos Leimann, da Convenção Alemã, ficaram como missionários da Junta de Filadélfia os pastôres Frederico Matschulat e seu cunhado Henrique Landenberger. Êste havia sido enviado à Igreja Batista em Ramirez, Argentina, da qual pouco tempo depois se exonerou e veio tomar conta da Igreja em Nova Württenberg, no ano de 1914. Surgiu um jornalzinho, órgão da Convenção, com o nome "Gruess Gott" (Saudação de Deus), que mais tarde tomou o nome de "Missionsbote", (Mensageiro Missionário). Êsse jornal contribuiu para a união, harmonia e cooperação entre as igrejas do campo.

A Junta de Filadélfia, devido às suas dificuldades financeiras e pouco progresso do trabalho, comunicou aos seus missionários a sua deliberação de abandonar o campo, aconselhando-os a levar avante a obra como melhor pudessem. Isto causou um certo reboliço entre as igrejas, que começaram a pensar mais no cumprimento dos seus deveres e responsabilidades. A Convenção organizou, em 1921, um fundo para missões, "Missionsfond", que em 1937 já atingira bom número de milhares de cruzeiros como fundo de empréstimos às igrejas para a construção das suas casas de culto e outros fins da Causa. Êste despertamento das igrejas resultou em maior progresso do campo e a Junta de Filadélfia resolveu continuar o auxílio para o campo sem compromisso de mandar mais missionários.

As igrejas do campo dirigiram apelos aos batistas da Alemanha, Polônia e Rússia, pedindo que mandassem obreiros para ajudá-las. Vários obreiros ouviram êsses apelos e vieram cooperar com os missionários da Junta de Filadélfia. O Pastor Gustavo Henke chegou da Polônia, em 1923, e em 1937 trabalhava com êxito entre as igrejas, exercendo o seu dom especial de evangelista, fazendo séries de conferências que resultaram na conversão de muitas pessoas e no aumento do número de membros de várias igrejas.

Outro obreiro, Georg Ziegler, veio da Alemanha e foi consagrado ao ministério, em 1925, para tomar o pastorado da Igreja Batista em Santa Rosa, a maior do campo, onde fêz um trabalho magnífico, construindo uma boa casa de culto, que foi inaugurada em 1928.

Chegou da Polônia, em 1928, o Pastor Ludovigo Horn para tomar conta da Igreja de Guaraní. Esta igreja tem mais de 250 membros e dos membros desta formaram-se mais três igrejas que fazem parte da Missão Suéca.

As igrejas da Convenção Alemã contribuíram, em 1928, com a soma de Cr$ 62.278,00. Tôdas possuíam a sua própria casa

de oração e seis delas incluíam residência para o pastor. Possuíam propriedades no valor de Cr$ 300.000,00.

As igrejas alemãs se distinguem pelo zêlo no treinamento da mocidade e no ensino da música, tanto coral como instrumental. Já tiveram reuniões gerais da U.M.B. para a instrução e inspiração dos jovens. É rara a igreja que não tenha uma, duas e até três orquestras, além de um bom côro.

Sendo os alemães muito conservadores, o trabalho de evangelização, bem como o treinamento das igrejas na mordomia cristã, é difícil. Apesar de tôdas as dificuldades, a perspectiva das 8 igrejas com 1.028 membros (1928) é melhor do que em qualquer tempo anterior.

CAPÍTULO XXIX

OS BATISTAS LETOS NO BRASIL

Ricardo J. Inke. (1)

No Brasil há maior número de batistas letos do que em qualquer outro país, excetuando-se a Letônia. Há atualmente uns 2.200 membros, pertencentes às 11 igrejas, situadas nos 3 grandes estados do Sul do país: Rio Grande do Sul, Sta. Catarina e São Paulo. O número total dos batistas letos no mundo inteiro sobe a 15.000, dos quais uns 12.000 estão na Letônia.

Os primeiros imigrantes letos, quer crentes batistas quer de outras denominações evangélicas, vindos de Riga (Letônia), chegaram ao Brasil em 1890 e fundaram a sua primeira colônia numa região denominada Rio Nôvo, perto da pequena cidade de Orleans do Sul, no Estado de Sta. Catarina, sendo a maior parte dos colonos crentes batistas. No mesmo ano foi organizada também a Primeira Igreja Batista Leta no Brasil. Lutando contra inúmeras dificuldades na nova vida e num país estranho, cercados de altas montanhas e densas matas virginais, os crentes não se esqueceram do seu Criador. Logo construíram uma casa tôsca para oração, cujas paredes e teto eram cobertos de fôlhas de palmeira, aí realizando os seus cultos com a máxima regularidade. Dois coros, bem ensaiados, entoavam os seus belos hinos alternadamente, todos os domingos. A maior falta que sentiam era a de um pastor idôneo para dirigir os destinos da novel igreja. Para realizar os batismos, escolheram um irmão que tinha sido diácono na velha pátria. Durante uns 10 anos, mais ou menos, a igreja trabalhou sem auxílio de pastor. Apesar desta falta, conseguiu construir um nôvo edifício, com amplo salão para cultos, outro para escola diária e também diversos recintos para a residência do pastor, tudo debaixo do mesmo teto. A escola diária, anexa à igreja, ministrava instrução em língua leta e portuguêsa, de sorte que a mocidade leta do Rio Nôvo sabia o português perfeitamente. Essa igreja ainda existia e trabalhava com vigor pela extensão do Reino de Deus naquela zona em 1937. O número de membros era então muito reduzido; isto por motivo da mudança de muitas famílias daquele lugar montanhoso e isolado, para o próspero Estado de S. Paulo. Os pastôres e obreiros que serviram a essa igreja durante períodos

---

(1) Limitado o espaço, tinha que resumir um pouco a história do Dr. Inke.

mais longos foram: o Prof. Guilherme Butler, Alexandre Klavin e Carlos Anderman.

A Segunda Igreja Batista Leta foi organizada em 1892 na próspera Colônia de Ijuí (Rio Grande do Sul), com imigrantes batistas, vindos de Riga (Letônia) e de outras partes como da antiga Rússia. Essa igreja seguiu os passos de sua irmã mais velha, do Rio Nôvo. Em pouco tempo construiu a casa de oração que lhes servia de templo e de edifício para escola diária, anexa à igreja, onde as crianças recebiam instrução em língua leta e portuguêsa. Mais tarde a igreja adquiriu um terreno, onde foi construída a residência do pastor e um belo templo para os trabalhos religiosos. Entre os pastôres que a serviram, podemos mencionar os seguintes: Alexandre Klavin, e os dois irmãos Leiman: Frederico e Guilherme.

Na Colônia Mãe Luzia (Sta. Catarina), foi organizada uma pequena igreja leta, em 1896, aproximadamente. O veterano Pastor Hans Araium, que ainda vivia em 1936 os seus últimos dias em Nova Odessa, serviu à Igreja de Mãe Luzia por alguns anos, até à sua mudança para a nova colônia leta em Jacuassú, no Município de Blumenau. Aquela igrejinha ainda existe, porém com um número de membros muito reduzido, por motivo da transladação de muitas famílias para o Estado de S. Paulo. Em 1898 organizou-se uma florescente igreja leta nova e próspera na Colônia de Jacuassú, em Blumenau, sob a direção do jovem Pastor Pedro Graudin, e com o auxílio dos dois pastôres veteranos: Jacob Inke e Hans Araium. A igreja foi organizada em tôdas as fases dos seus trabalhos, segundo os moldes e a orientação das igrejas batistas européias. A igreja estabeleceu diversas congregações e pontos de pregação, tais como: Guaraní, Ponto Comprido (mais tarde Rio Branco), Linha Telegráfica e Schroederstrasse. Começou em 1906 e continuou durante anos o êxodo de muitas famílias batistas para o Estado de São Paulo, ficando o número de membros daquela igreja grandemente reduzido, sendo a sede transferida para Rio Branco, onde ainda existia e trabalhava, em 1937, pela glória de Deus e para a extensão do seu reino naquela zona.

Um acontecimento auspicioso para as igrejas batistas letas no Brasil foi a visita do Pastor João Inke (o irmão mais velho do Prof. Ricardo J. Inke). Em 1897, êsse irmão foi enviado pelas igrejas batistas da velha pátria, Letônia, aos batistas letos no Brasil como mensageiro especial. A Igreja do Rio Nôvo (Sta. Catarina), serviu ao Pastor Inke como centro das suas operações, onde trabalhou quase um ano e donde visitou tôdas as outras igrejas no Sul do país. Trabalhou também entre os alemães com grande dedicação, batizando diversos novos convertidos. A Igreja do Rio Nôvo foi grandemente beneficiada com essa visita. O

Pastor Inke serviu àquele povo como pastor, evangelista, professor, advogado, médico e juiz, pois naquela época havia completa falta de todos êsses elementos na nova colônia.

Antes da sua volta para a velha pátria, o Pastor Inke aguardou a chegada dum numeroso contingente de imigrandes letos da Rússia entre os quais se achavam também os pais e irmão dêle. Com êsses imigrantes êle fundou a nova Colônia de Ponto Comprido, que mais tarde recebeu o nome de Rio Branco. Aí foi organizada uma congregação batista e, mais tarde, uma igreja.

Em 1899, chega ao Brasil o Prof. Guilherme Butler, e torna-se o diretor de instrução pública da colônia e da Igreja do Rio Nôvo (Sta. Catarina). Trabalha com grande dedicação no colégio e também na igreja, até à chegada do seu cunhado, Pastor Alexandre Klavin. Sentindo necessidade de preparar-se melhor ainda, o Prof. Butler vai aos Estados Unidos estudar. De volta, trabalha durante um breve período no Colégio e Seminário Batista do Rio e, em 1915 mais ou menos, vai para Curitiba, onde se estabelece como obreiro cristão e lente catedrático do ginásio do Estado.

Neste ínterim vem ao Brasil um missionário alemão, Carlos Roth, enviado pela Convenção Alemã dos Estados Unidos. Além dos seus trabalhos de pastor da igreja alemã em Pôrto Alegre, (Rio Grande do Sul), e das muitas e freqüentes viagens evangelísticas pelo Sul do país, êsse ativo servo de Deus abre uma escola bíblica ou missionária em Pôrto Alegre, servindo a sua própria residência de internato para os quatro primeiros estudantes, *todos de nacionalidade leta.* Após um curso de três anos, três dêles ocuparam importantes campos de trabalho na seara do Senhor. Alexandre Klavin, que também era um dos estudantes, assumiu o pastorado da igreja leta em Ijuí (Rio Grande do Sul); Frederico Leiman, o da igreja alemã na Linha Formosa, no mesmo Estado; e Ricardo J. Inke foi enviado à República Argentina, (província de Entre Rios), como missionário entre os alemães, onde trabalhou sob visível bênção de Deus durante 5 anos. Da Argentina, o Pastor Ricardo J. Inke foi aos Estados Unidos, em 1910, onde estudou até 1915, encontrando lá sua futura espôsa. Aceitando o urgente convite da Igreja de Nova Odessa, voltou para o Brasil, em 1915. Assumiu também o pastorado da igreja brasileira em Campinas, S. Paulo, e pastoreou as duas igrejas apenas um ano. Em 1917 o diretor do Colégio e Seminário Batista do Rio, Dr. J. W. Shepard, o convidou para assumir o professorado naquela instituição, onde ainda trabalhou até 1936. (2)

A grande e próspera Igreja Leta de Nova Odessa foi orga-

(2) Faleceu, no Rio de Janeiro, em 20 de novembro de 1936.

nizada em 1906, no dia de Natal, com a presença do nosso veterano missionário Dr. W.B. Bagby, e o Pastor H. Gartner. O fundador da Colônia de Nova Odessa é o irmão Júlio Malves, atual diretor da Colônia Leta, no Estado de São Paulo. Sob os cuidados dêsse irmão e com o valioso auxílio do Secretário da Agricultura do Estado de São Paulo, Dr. Carlos Botelho, os letos afluíam constantemente para a nova colônia e a igreja crescia em número e em atividade. A congregação desta igreja em Areias já se organizou em igreja independente, contando com mais de cem membros em 1937. A Igreja de Nova Odessa atualmente conta com mais de 450 membros; possui dois belos templos próprios; um na Fazenda Velha e outro na estação de Nova Odessa. O trabalho está bem organizado em tôdas as suas fases, distinguindo-se a numerosa e bem organizada União da Mocidade e a música sacra, cantada por dois grandes coros e tocada por uma orquestra bem ensaiada. No comêço da sua existência, esta igreja lutou muito por falta de pastôres. Durante a sua existência, de quase trinta anos, os seguintes irmãos pastorearam esta igreja: Hans Araium, Ricardo J. Inke, André Leekning, João Inke, Carlos Kraul e ùltimamente, A. Pintcher. Entre os destemidos e sábios guias desta igreja distinguiu-se o falecido e muito pranteado diácono Ernesto Araium, que durante a maior parte da sua vida foi o esteio forte da igreja, servindo-lhe durante muitos anos, quer na capacidade de diretor do côro, quer na de fiel tesoureiro, secretário, quer na de sábio conselheiro a todos os pastôres nas questões espirituais ou econômicas.

Entre 1921 e 1923 grandes contingentes de imigrantes batistas letos vieram para o Estado de São Paulo. Êste notável êxodo da velha pátria Letônia foi um resultado direto e natural da Grande Guerra e dum reavivamento espiritual. Uma florescente colônia leta, denominada Varpa, foi fundada nas margens do Rio do Peixe, no longínquo interior da zona Sorocabana. Como a maior parte dos imigrantes fôsse batista, uma grande igreja foi organizada, com uns 800 membros; era, portanto, a maior igreja batista da América do Sul. O Pastor A. Pintcher, formado pelo seminário batista de Hamburgo, Alemanha, foi eleito pastor efetivo, auxiliado por três co-pastôres: João Inke, Arvido e Alberto Eichman, e por muitos outros obreiros e evangelistas idôneos, que vieram da velha pátria. Esta numerosa e muito ativa igreja começou um extenso e abençoado trabalho missionário entre diversos povos naquela vasta zona do longínquo interior. Além de inúmeros pontos de pregação e diversas congregações desta igreja, foram organizadas mais duas: uma russa e outra brasileira. Por motivo da grande distância, que torna difícil a reunião de todos os membros num só centro, foram

organizadas, há bem pouco, mais duas igrejas letas na mesma Colônia Varpa, uma em Picadona, outra em Pitangueira. Tôdas as três possuem belos e espaçosos templos próprios, dos quais o maior é o da igreja-mãe, no centro da colônia, com capacidade para mais de mil pessoas. Três coros, bem treinados, entoam os seus belos hinos todos os domingos, e uma grande orquestra beneficia tôdas as ocasiões festivas da igreja. Os pastôres, que em 1937 serviam àquelas igrejas, são os seguintes: Carlos Kraul, no centro, Alberto Eichman, da Igreja de Pitangueira e Arvido Eichman, João Inke e Carlos Grigorowitch, da Igreja em Picadona.

Em 1935 foi fundada uma escola missionária em Varpa, a fim de preparar novos obreiros para o vasto campo missionário, que se acha sob os cuidados da colônia.

Além da escola, há no mesmo centro uma pequena casa publicadora, que consegue publicar dois jornais ou mensários, um em língua leta, outro em russo. Muitos folhetos e até livros já foram publicados por esta casa.

Há também uma pequena igreja leta na Colônia Urubicí (Sta. Catarina), com uns trinta ou quarenta membros, que atualmente não tem pastor.

Na capital de São Paulo também há uma produtiva e numerosa igreja leta, cujo pastor, [3] Rodolfo Anderman, é homem de inesgotável bondade e paciência e de grande capacidade administrativa. Em 1937 a igreja contava com uns 200 membros e realizava os seus cultos no templo duma igreja presbiteriana. Esta igreja foi organizada em conexão com a de Varpa, pois que daquela colônia muitos vieram para a cidade de São Paulo em busca de trabalho, ficando aí domiciliados.

Dois característicos, que sempre acompanham os irmãos letos e suas igrejas, são: o fino gôsto e notável capacidade pela música sacra, e o interêsse vivo que manifestam pela educação, e especialmente pelo preparo da sua mocidade para o magistério e ministério. O nosso Colégio e Seminário do Rio tem tido sempre um bom número de estudantes letos; às vêzes a quarta parte de todos os seminaristas tem sido composta de letos. Quanto à música, nota-se que, onde há uma igreja leta, aí há também um côro bem ensaiado. Muitos coros têm sido ensaiados e dirigidos, tanto em São Paulo, como no Rio, pelos irmãos letos.

Como tôdas as outras igrejas batistas no Brasil, as igrejas letas têm sofrido bastante pelas invasões de doutrinas falsas, tais como o pentecostismo e o adventismo ou sabatismo; a verdade, porém, tem sempre triunfado e prevalecido contra os erros de tôdas elas. A constituição ou organização das igrejas batistas letas no Brasil tem seguido a orientação européia e não a norte-americana, como acontece com as igrejas brasileiras; no entanto, as diferenças são tão insignificantes que é de fato difícil percebê-las.

(3) Em 1936.

CONCLUSÃO

CAPÍTULO XXX

PERSPECTIVA

As vitórias batistas do primeiro quarto de século da nossa história constituem um monumento imperecível à memória dos heróis da fé que não tinham a sua vida como coisa preciosa a si mesmos, contanto que completassem o seu ministério ao povo brasileiro que na visão celestial receberam do Senhor Jesus. Quase todos aquêles pioneiros intrépidos já acabaram a sua carreira e estão descansando da sua labuta e gozando a eterna recompensa da sua fidelidade, mas o movimento que iniciaram continua na marcha de vitórias e conquistas. Com entendimento espiritual, dedicação fervorosa, confiança invencível, enfrentaram o escárnio e o desdém, o vilipêndio e a perseguição, a tristeza e a morte, e, pelo trabalho infatigável, sacrifício desmedido, amor compassivo, espancaram as trevas, proclamaram a verdade e fundaram igrejas de Cristo, cujos raios benéficos da luz divina penetram os cantos e recantos das plagas brasileiras.

VITÓRIAS ALCANÇADAS

Dos 50 e tantos anos da história dos batistas brasileiros, o período dos primeiros 6 anos do século XX talvez seja o mais encantador do esfôrço batista, porque assinalou indubitàvelmente o êxito da sua missão. De todos os pontos de vista, êsse curto período é especialmente interessante. No fim do século XIX os batistas ficaram enraizados na sociedade brasileira e pela influência dos seus elevados ideais tinham firmado a sua razão de existir e de propagar a sua fé. Já passara a época de dúvidas, quanto à possibilidade de fundar permanentemente o grêmio batista no Brasil; mas ainda não foram demonstradas as potencialidades batistas brasileiras. A prosperidade espantosa no princípio do século era uma revelação do poder dinâmico da mensagem batista para o povo brasileiro.

No fim do ano de 1900, 19 anos depois da chegada dos primeiros missionários, havia apenas 35 igrejas e 1.932 membros no país todo. Com a nossa curta história de meio século é difícil para esta geração compreender as lutas daquele período pioneiro do século passado.

O progresso fôra tão lento que os missionários e obreiros mais otimistas nem ousavam esperar a prosperidade que tiveram mais tarde o privilégio de testemunhar. No fim de 1906, havia

83 igrejas e 4.276 batistas no país, um aumento no curto período de 6 anos de 137 por cento no número de igrejas e de 120 por cento de membros. O número de membros é ainda insignificante, mas essas porcentagens vislumbram o êxito futuro.

Êsse progresso era tão notável que despertou o ódio dos católicos e a inveja dos outros evangélicos. Os católicos, ainda no princípio do século, perseguiram desapiedadamente os batistas e alguns pedobatistas, pelos seus jornais, atacaram os nossos princípios. Mas tôda essa oposição era apenas indício de que as condições sociais eram propícias para os batistas. Depois de alguns anos, estava sendo demonstrada a futilidade da perseguição, a oposição gradualmente cessava e os batistas alcançavam o reconhecimento geral de constituírem uma parte integrante da sociedade brasileira com os seus direitos adquiridos pelo valor dos seus princípios e do serviço social das suas instituições. A organização da Convenção Batista Brasileira em 1907 assinalou as bênçãos e as vitórias do passado, como indicou a perspectiva e a promessa do futuro.

O período de perseguição sistemática estava terminando. A queima de Bíblias em Pernambuco, em 1903, e o poderoso discurso do arrojado Deputado Germano Hasslocher, no Congresso Nacional, em defesa da liberdade religiosa, acordou o povo brasileiro para compreender o perigo d'*A Liga Contra os Protestantes.* O nobre deputado mostrou com os seus argumentos irrefutáveis que *A Liga Contra os Protestantes* estava em oposição à liberdade de consciência e, portanto, contra a Constituição do país. Como resultado das discussões calorosas na imprensa em tôda parte do país, a liga morreu, convencendo-se os próprios perseguidores, da inconveniência de uma perseguição organizada contra um povo que zelava pela liberdade garantida pelo govêrno. Era uma vitória gloriosa, repetição em certos pontos, de experiências batistas em outros países. Mereceram os batistas o auxílio de alguns representantes liberais do govêrno e da imprensa para protestar contra a violação da Carta Magna do país e para reclamar o direito civil de adorar a Deus segundo os ditames da consciência.

Conquanto a oposição não cessasse completamente, tinha contudo de mudar os seus métodos. Não podendo perseguir tão aberta e sistemàticamente como em outros tempos, combatia pela imprensa sectária e de quando em quando por ciladas astuciosamente planejadas. Mas entre o povo liberal, os métodos violentos eram geralmente contraproducentes.

PODER DA OPOSIÇÃO

A mudança das condições políticas e sociais que resultaram no estabelecimento da República ajudou no preparo do espírito

do povo para ouvir a mensagem evangélica de uma denominação que proclamava a mais pura democracia. Reconhecemos também com gratidão que os outros evangélicos que chegaram ao Brasil antes dos batistas, já haviam conseguido muito pelas influências benéficas das suas igrejas para amenizar o espírito de hostilidade contra os protestantes.

Mas os batistas tinham que aprender os melhores métodos de apresentar ao povo católico a sua mensagem distintiva. É bem reconhecido que o povo batista está mais longe dos católicos nos seus princípios fundamentais do que qualquer outro grupo evangélico. Portanto, os católicos tinham mais receio dos batistas e lhes votaram a sua maior oposição. Nesse quarto de século, os batistas aprenderam alguma coisa do poder do catolicismo e dos métodos mais eficazes de apresentar ao povo o evangelho.

Por longos séculos o sistema católico dominava completamente a sociedade brasileira. Os seus ideais religiosos, a imprensa e a literatura, os hábitos e costumes sociais do povo, a riqueza e a pompa da igreja, sua influência na política e nas instituições político-sociais de caridade, como sejam hospitais, educandários, orfanatos e asilos, proporcionavam ao romanismo o poder dominante na vida social.

Do ponto de vista negativo, o romanismo tinha erguido barreiras quase intransponíveis para os evangélicos, obscurecendo a autoridade da Palavra de Deus e a graça divina no plano de salvação, apelando sistemàticamente à solidariedade nacional e taxando os missionários estrangeiros de emissários do govêrno norte-americano. De várias outras maneiras havia fortalecido a resistência do povo contra a mensagem evangélica.

A maior influência de Roma de um lado é a adaptação da sua religião ao homem natural, com as doutrinas da salvação pelas boas obras, culto às imagens, intercessão aos santos, confissão auricular, autoridade eclesiástica, a doutrina da missa e o sistema de indulgências e sacramentos. Precisavam os batistas de coragem e fé, mas compreendendo mais claramente o poder e a fraqueza da oposição, ficaram melhor preparados para desempenhar-se da sua grande missão.

PRINCÍPIOS INTEGRANTES DOS BATISTAS

Por algum tempo os evangélicos confiaram muito na polêmica e atacaram fortemente os erros católicos. Aprenderam, gradualmente, os batistas, mais depressa que os outros evangélicos, que a melhor apologia evangélica não é atacar o catolicismo, mas apenas apresentar o evangelho na sua simplicidade. Quando o sol resplandecente da revelação divina brilha no coração do

crente, êle não tem mais necessidade da luz pálida refletida no sistema católico.

É motivo de gratidão que os católicos aceitam alguns preceitos do Nôvo Testamento e que há outros que proclamam o princípio fundamental da salvação pela graça divina e algumas outras doutrinas que nos são preciosas. Os católicos, porém, anulam a autoridade da Bíblia e o evangelho da graça com o sistema de sacramentos e formalidades que não satisfazem às necessidades do povo. Os pedobatistas trazem do catolicismo o êrro do batismo infantil que é inteiramente irreconciliável com a graça salvadora de Cristo mediante a fé pessoal. Têm também os seus credos autoritários, côrtes eclesiásticas com autoridade clerical para dominar as igrejas e julgar hereges. Para os batistas, estas doutrinas são incompatíveis com a autoridade absoluta de Jesus Cristo e a democracia pura do Nôvo Testamento. Regozijamo-nos pelas verdades proclamadas por outros evangélicos e pelas influências poderosas e benéficas das suas denominações, mas a nossa fidelidade a Cristo não nos permite negligenciar o ensino dos nossos princípios distintivos, que são do Nôvo Testamento, o nosso único credo autoritário.

Os princípios evangélicos operam poderosamente no meio católico para integrar a personalidade e a sociedade. "Pelos frutos os conhecereis."

Apesar de todos os problemas e dificuldades o evangelho de Cristo continua na sua marcha conquistadora, porque é o poder de Deus para todo aquêle que crê. O futuro do evangelho não depende exclusivamente dos seus mensageiros, porque o próprio Jesus está eternamente empenhado na evangelização dos perdidos. Muitos crentes brasileiros podem testificar de que foram buscados e achados pelo Salvador e entraram nas fileiras batistas depois de anos de luta contra o espírito evangélico.

Os fatos da experiência da salvação pela graça não podem ser negados, não podem ser refutados, nem podem ser abafados, porque são fatos reais como quaisquer outras experiências humanas. Jesus Cristo apresenta-se nas Escrituras como o único e suficiente Salvador dos pecadores. Todo crente sabe que a mensagem de salvação pela graça é de Deus e conhece esta verdade pela experiência de Cristo no coração. Não obstante o fato de que a Igreja Católica obscurece esta doutrina, alguns católicos chegaram a compreendê-la suficientemente para aceitar a graça salvadora de Cristo como sua única esperança. D. Joaquim Arcoverde, em 1937, o primeiro cardeal da América do Sul, declarou, no seu último testamento, que foi salvo pela graça infinita de Cristo e não pelas suas obras.

Para o crente, Cristo é tudo. Não é mais escravo do pecado, porque o Senhor o libertou. A certeza de salvação baseia-se e firma-se na promessa infalível do Senhor Jesus Cristo. Êle é

salvador perfeito e não pode haver na nova vida do crente lugar para qualquer forma de culto às imagens ou adoração aos santos. Cristo é suficiente e os sacramentos são desnecessários e a missa e purgatório são anomalias. A mudança na atitude do católico convertido para com o catolicismo é secundária. É grande e significativa, mas é secundária porque é o resultado da mudança ética e espiritual na vida.

O perdão do pecado e a comunhão espiritual com Deus são realidades para o homem regenerado pela graça de Deus. A consciência não fica mais perturbada pelo sentimento de culpa e condenação. Os salvos podem afirmar com o apóstolo Paulo: "Gloriamo-nos em Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo."

Outra realidade para o homem salvo é o nôvo sentimento ético e espiritual no coração. Êle recebe o Espírito de Cristo (Rom. 8:9), tem um verdadeiro amor à justiça e sabe orar de coração sincero: "Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra, como no céu." Recebe de Cristo uma nova qualidade de vida, a vida eterna, a vida espiritual, a vida abundante, a vida rica, alegre e preciosa.

Regozija-se na liberdade da alma em comunhão com Cristo. Entra numa nova esfera de vida, onde a liberdade é determinada pelo princípio da direção própria. A autoridade para os seus atos e hábitos, a orientação da vida, não é de fora, é de dentro, é de Cristo Jesus que nêle vive. Não é mais u'a mera criatura do seu ambiente social, porque tem um nôvo poder dentro de si para transformar o seu ambiente. Êle é conquistador de circunstâncias, o mestre da sua sorte, o capitão da sua alma. Cristo aumenta-lhe a liberdade, dando-lhe novos motivos. Em vez de vingança, inveja e ódio, os motivos são gratidão, amor e o desejo de servir no espírito do Mestre. Êste nôvo poder é o que fortalece a vontade, transforma o caráter e dá um nôvo rumo à vida. É o poder do alto que opera diretamente no coração sem qualquer intermediário entre o crente e Deus. Tão certo está, o regenerado, da origem e da realidade dêste poder espiritual que opera na personalidade, que êle pode declarar com o cego que tinha recebido a vista: "Uma coisa sei: eu era cego e agora vejo."

O testemunho do poder da graça de Deus na transformação da vida moral e espiritual dos crentes evangélicos impressionava profundamente à sociedade brasileira nos anos de 1900 a 1906 e preparava o ambiente social para a mais larga aceitação do evangelho nos anos subseqüentes. O efeito dinâmico de Cristo na vida pessoal manifesta-se no aumento do valor da pessoa, diante de si, diante da sociedade e diante de Deus.

Além dos princípios ensinados pelos evangélicos em comum, as doutrinas distintivas dos batistas contribuem muito para aumentar o seu prestígio na sociedade brasileira.

Como declarou o grande teólogo batista, o Dr. E. Y. Mullins: "A significação bíblica dos batistas é o direito de interpretação particular das Escrituras e de obediência às mesmas. A significação dos batistas em relação ao indivíduo é a liberdade da alma. A significação eclesiástica dos batistas é a regeneração dos membros da igreja e a igualdade e o sacerdócio dos crentes. A significação política dos batistas é a separação entre a Igreja e o Estado." (1)

Todos êstes princípios contribuem para esclarecer e reforçar a pureza do evangelho de salvação pela graça e esta breve análise serve para mostrar que os batistas são os verdadeiros católicos apostólicos. São católicos no sentido de que a sua mensagem é universal, suficiente para a satisfação das necessidades de todos os homens. São apostólicos no sentido de que o seu único credo é o Nôvo Testamento e que nêle e só nêle encontramos as doutrinas puras ensinadas por Cristo e seus apóstolos.

MÉTODOS DE TRABALHO

No primeiro quarto de século os batistas dedicavam-se quase que exclusivamente à evangelização. Pela palavra oral ou impressa, proclamavam a mensagem de Boas Novas. Era o método lógico e natural no princípio, quando havia poucas igrejas que exigiam pastôres e número reduzido de batistas que necessitavam de treinamento. Ficando imbuídos da paixão de evangelizar, os obreiros sonhavam principalmente com planos de alcançar o maior número possível de pecadores com a sua mensagem. Fizeram uma obra gigantesca, fazendo longas e penosas viagens para pregar o evangelho e semear vastos territórios com a literatura evangélica.

Sempre ensinavam a responsabilidade de evangelização pessoal, insistindo em que todos os membros de uma igreja estão espiritualmente incumbidos de anunciar. É um princípio reforçado pela prática apostólica e tem sido uma das fôrças poderosíssimas no progresso dos batistas.

Muitos pregadores voluntários revelaram e desenvolveram habilidade no serviço de evangelizar quando o evangelho era pouco conhecido e o anúncio dos fatos mais simples do plano de salvação era recebido como uma pregação encantadora e poderosa. Nunca nos devemos esquecer daqueles pioneiros abalizados que, com poucas letras mas com grande desprendimento e amor ardente, despertaram as almas perdidas e levaram muitas à salvação. Reconheceram a sêde e fome do povo pelo evangelho e com galhardia procuraram por todos os meios ao seu dispor repartir-lhe o pão da vida.

---

(1) **Os Axiomas da Religião**, pág. 76 seg.

Como no caráter pessoal, uma virtude exagerada pode se tornar uma fraqueza da personalidade, assim também uma boa doutrina operando desenfreadamente pode tornar-se impecilho para o progresso da Causa. Esta preocupação de evangelizar, juntamente com o próprio êxito do evangelismo, criou nesse período certos problemas que levaram os batistas a reconhecer a necessidade imperiosa de melhorar e aprofundar os seus métodos de trabalho.

Depois de passar o primeiro período de uma nova igreja vem o tempo de provas e surgem os problemas. Diversas igrejas foram abandonadas nessas circunstâncias, porque os obreiros ficaram empolgados com o serviço de evangelizar, julgando que o grande número de batismos que conseguiram fazer amplamente justificava o seu método. Na Parábola do Semeador, o Mestre nos admoesta que não podemos contar com a perseverança de todos aquêles que com grande entusiasmo aceitam a verdade do evangelho. O serviço de ensinar, treinar e cuidar dos evangelizados exige paciência e longanimidade, simpatia, amor e o mais profundo conhecimento possível dos princípios evangélicos. Bem cedo se verificou a necessidade de pastôres idôneos, preparados e cheios do Espírito Santo. Aprenderam pela experiência que não convinha evangelizar sem ensinar e treinar para o serviço. O estabelecimento dos dois seminários teológicos nos princípios do século demonstra que os batistas chegaram a compreender a necessidade de pastôres cultos e bem preparados para interpretar os mais profundos ensinos das Escrituras e levar as igrejas ao maior nível de cultura espiritual; de evangelistas que saibam apresentar as Boas Novas às pessoas mais cultas e de profetas capazes de falar à consciência da sociedade.

A fundação da Casa Publicadora para a publicação de uma literatura mais ampla e mais adequada também visava a construção da obra batista em bases mais sólidas e o desempenho da missão de fundar igrejas ativas e poderosas em condições de satisfazerem às exigências do povo brasileiro.

Impulsionados pela visão celestial despertada pela vinda do Espírito Santo, no dia de Pentecostes, os batistas zelam pela evangelização de tôdas as classes sociais do povo. Não se envergonham de ter anunciado fielmente o evangelho aos pobres e iletrados. Devido ao êxito na evangelização dos mais necessitados, os batistas têm sofrido desprêzo e zombaria em várias épocas da História e em muitos países do mundo. Há denominações que zelam pela cultura até ao ponto de negligenciar as classes menos privilegiadas da sociedade e olham para os batistas com certo desdém, não perdendo ensejo de insinuar que êstes são um grupo socialmente inferior. É largamente reconhecido que a Igreja Católica zela pelas suas regalias do clero e os favorecidos

da sociedade política e pouco se incomoda com a cultura do povo em massa.

O método batista é o de evangelizar, educar e treinar para o serviço de Cristo. A história abundantemente justifica o valor dêste método bíblico. Quantas vêzes os filhos pobres de uma geração tornam-se os ricos da geração seguinte, e os filhos dos analfabetos educam-se e preparam-se para ocupar lugares de distinção na liderança do povo. Quantos batistas iletrados ficaram acordados e inspirados pela graça de Deus para entrar numa carreira brilhante de serviço a Deus e à humanidade. William Carey, o sapateiro pobre, tornou-se erudito de grande renome e pela sua compreensão mais profunda das Escrituras Sagradas, pelo seu trabalho missionário e pela sua obra literária na tradução da Bíblia para vários dialetos, levou as denominações evangélicas a reconhecer a responsabilidade de obedecer às ordens de Cristo na evangelização do mundo.

Não resta dúvida de que é mais difícil para os analfabetos entrarem no estudo da Palavra de Deus e no desenvolvimento de todos os ramos de serviço cristão, mas muitos analfabetos cheios da graça de Deus e dirigidos pelo Espírito Santo, prestam um serviço glorioso ao Mestre e muitos dos mais felizes em outros privilégios pouco ou nada fazem para o progresso da Causa.

Os batistas brasileiros reconhecem com gratidão a graça que Deus lhes concedeu. Afirmam, com alegria, que esta graça salvadora se destina a todos os homens, sejam quais forem as suas afiliações religiosas, na mesma condição de arrependimento e fé no único Salvador Jesus Cristo. Confessam humildemente as suas imperfeições e seus pecados, mas crêem que Deus os incumbiu de um testemunho distintivo. "Todo aquêle a quem muito foi dado, muito lhe será pedido." A responsabilidade dos batistas brasileiros é grande e estupenda, porque são herdeiros de grandes princípios e de preciosos privilégios.

Bem podemos homenagear os nossos antecessores e honrar-lhes o nome, nutrindo a herança que êles nos legaram e zelando pelos princípios que por meio dêles havemos recebido. Cuidemos, portanto, com solicitude, em nos apresentar a Deus, dignos de sua aprovação, como obreiros que não têm de que se envergonhar, que manejam bem a palavra da verdade; como servos do reino da justiça, alegria e paz no Espírito Santo. Labutemos para entronizar o Senhor Jesus Cristo na vida de todos os homens, pela obediência voluntária e o amor espontâneo, despertados pela mensagem do amor de Deus. Proclamemos que não há outro Salvador para o ente pessoal, para a sociedade e para o mundo, e que as relações pessoais, cívicas, nacionais e internacionais devem ser sujeitas ao Senhor dos senhores e ao Rei dos reis.